

# Travessias

20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP

Livro I



Elni Elisa Willms  
Rogério de Almeida  
Michel Riaudel (orgs.)

· FE USP

Travessias:

20 anos da Oficina de Leitura

Guimarães Rosa IEB-USP

Livro I

## Conselho Editorial:

Alberto Filipe Araújo, Universidade do Minho, Portugal  
Alessandra Carbonero Lima, USP, Brasil  
Ana Guedes Ferreira, Universidade do Porto, Portugal  
Ana Mae Barbosa, USP, Brasil  
Anderson Zalewski Vargas, UFRGS, Brasil  
Antonio Joaquim Severino, USP, Brasil  
Aquiles Yañez, Universidad del Maule, Chile  
Belmiro Pereira, Universidade do Porto, Portugal  
Breno Battistin Sebastiani, USP, Brasil  
Carlos Bernardo Skliar, FLASCO Buenos Aires, Argentina  
Cláudia Sperb, Atelier Caminho das Serpentes, Morro Reuter/RS, Brasil  
Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, UFABC, Brasil  
Daniele Loro, Università degli Studi di Verona, Itália  
Elaine Sartorelli, USP, Brasil  
Danielle Perin Rocha Pitta, Associação Ylê Seti do Imaginário, Brasil  
Edesmin Wilfrido P. Palacios, Un. Politecnica Salesiana, Ecuador  
Gabriele Cornelli, Universidade de Brasília, Brasil  
Gerardo Ramírez Vidal, Universidad Nacional Autónoma de México  
Jorge Larossa Bondía, Universidade de Barcelona, Espanha  
Ikunori Sumida, Universidade de Kyoto, Japão  
Ionel Buse, C. E. Mircea Eliade, Unicersidade de Craiova, Romênia  
Isabella Tardin Cardoso, UNICAMP, Brasil  
Jean-Jacques Wunnenberger, Université Jean Moulin de Lyon 3, França  
João de Jesus Paes Loureiro, UFPA, Belém, Brasil  
João Francisco Duarte Junior, UNICAMP, Campinas/SP, Brasil  
Linda Napolitano, Università degli Studi di Verona, Itália  
Luiz Jean Lauand, USP, Brasil  
Marcos Antonio Lorieri, UNINOVE, Brasil  
Marcos Ferreira-Santos, USP, Brasil  
Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio, USP, Brasil  
Marian Cao, Universidad Complutense de Madrid, España  
Mario Miranda, USP, Brasil  
Patrícia P. Morales, Universidad Pedagógica Nacional, Ecuador  
Pilar Peres Camarero, Universidad Autónoma de Madrid, España  
Rainer Guggenberger, UFRJ, Brasil  
Regina Machado, USP, Brasil  
Roberto Bolzani Júnior, USP, Brasil  
Rogério de Almeida, USP, Brasil  
Soraia Chung Saura, USP, Brasil  
Walter Kohan, UERJ, Brasil

Elni Elisa Willms  
Rogério de Almeida  
Michel Riaudel  
(orgs.)

**Travessias:**  
20 anos da Oficina de Leitura  
Guimarães Rosa IEB-USP  
Livro I

DOI: 10.11606/

·FEUSP

SÃO PAULO, SP  
2023

© 2023 by Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo  
Coordenação editorial: Elni Elisa Willms, Rogério de Almeida e Michel Riaudel  
Projeto Gráfico e Editoração: Rogério de Almeida e Marcos Beccari  
Capa: Nádia da Silva  
Revisão: Regina Pereira



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Celso de Rui Beisiegel  
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

---

T781 Travessias: 20 anos da oficina de leitura Guimarães Rosa IEB-USP:  
Livro I / Organizado por Elni Elisa Willms, Rogério de Almeida,  
Michel Riaudel. -- São Paulo: FEUSP, 2023.  
6.213 Kb ; PDF.

ISBN 978-65-87047-55-3 (E-book)  
DOI: 10.11606/9786587047553

1. Rosa, Guimarães (1908-1967) 2. Oficina de leitura 3. Literatura  
4. Estudos brasileiros I. Willms, Elni Elisa II. Almeida, Rogério de III.  
Riaudel, Michel IV. Título

CDD 22<sup>a</sup> ed. 375.101

---

Ficha elaborada por: Nicolly Leite – CRB-8/8204

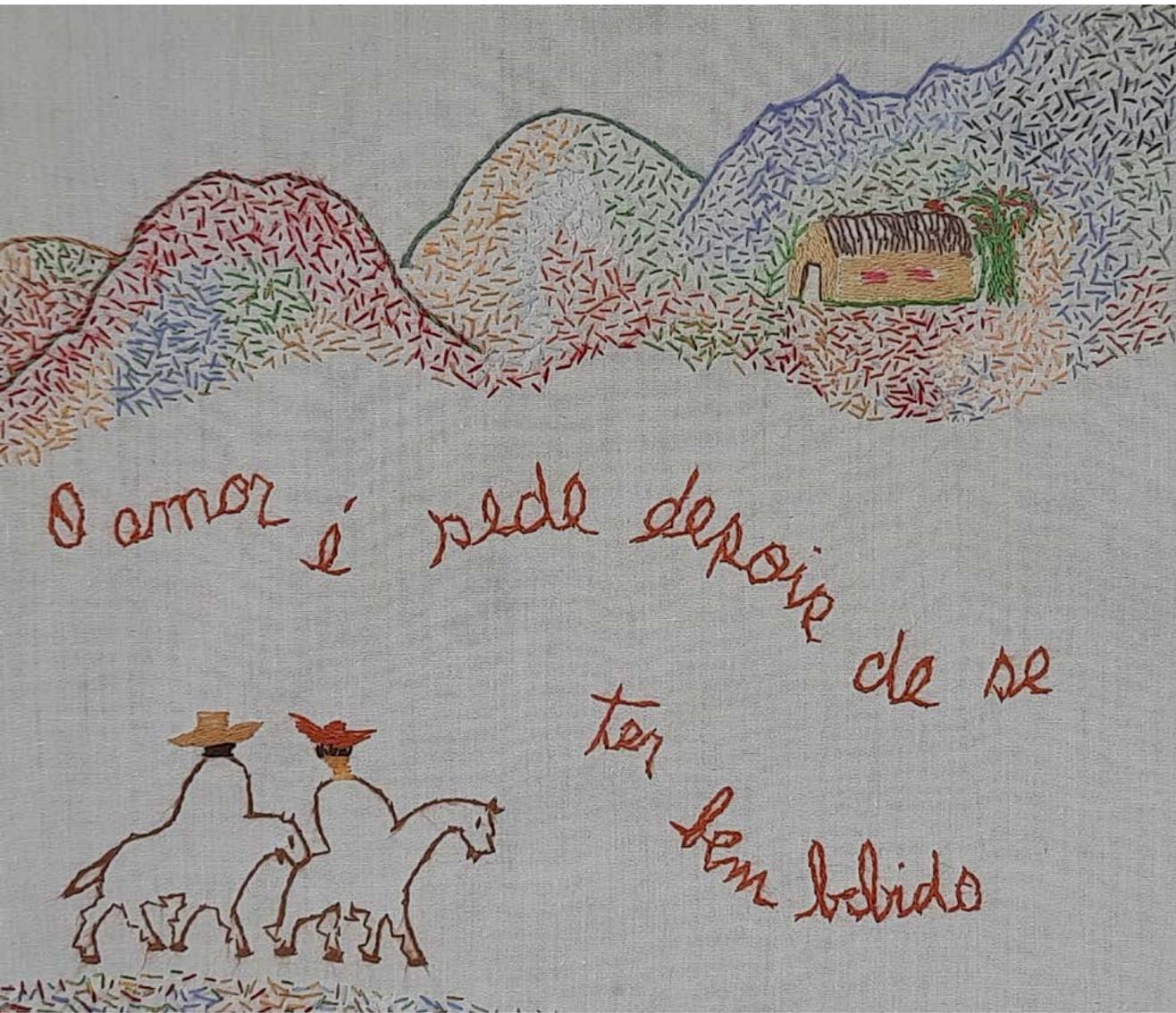
### **Universidade de São Paulo**

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior  
Vice-Reitora: Profa. Dra. Maria Armanda Nascimento Arruda

### **Faculdade de Educação**

Diretora: Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto  
Vice-Diretor: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto  
Avenida da Universidade, 308 - Cidade Universitária - 05508-040 – São Paulo – Brasil  
E-mail: spdfe@usp.br / <http://www4.fe.usp.br/>

FEUSP



Bordado de Cleisa Moreno Maffei Rosa  
Foto de Alderon Costa

## SUMÁRIO

<i>Nota Introdutória</i> Elni Elisa Willms	13
<i>Prefácio</i> Dieter Heidemann e Mônica Gama	21
<b>TRAVESSIA I – Palavras dos organizadores</b>	25
<i>Apresentação</i> Michel Riaudel, Rogério de Almeida, Elni Elisa Willms	26
<i>Os primórdios da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa IEB-USP</i> Elni Elisa Willms	37
<i>Poetagem ou sobre os que sabem ler e escrever</i> Elni Elisa Willms	52
<b>TRAVESSIA II – Um livro e a cidade natal de Rosa em três línguas</b>	74
<i>Cordisburgo</i> Cristina Maria Mira	75
<i>Cordisburgo – em Espanhol</i> Cristina Maria Mira	94
<i>Cordisburgo – em Inglês</i> Cristina Maria Mira	112

<b>TRAVESSIA III – Ensaio acadêmicos</b>	<b>134</b>
<i>A roda de mão dupla de Guimarães Rosa, do IEB, do mundo</i>	<b>135</b>
<b>Celina Ramos Couri</b>	
<i>A encenação de múltiplas vozes na produção e recepção da obra de Rosa – experiências de uma participante da Roda de Leitura/IEB (2020/2022)</i>	<b>145</b>
<b>Márcia Marques de Moraes</b>	
<i>Mulheres-da-cozinha: o coro do teatro grego na novela “Buriti”, de Guimarães Rosa</i>	<b>161</b>
<b>Alfredina Nery</b>	
<i>O olhar sensível de uma leitora iniciante na Oficina de Leitura</i>	<b>170</b>
<i>Guimarães Rosa</i>	
<b>Luciene Teodoro das Chagas Passos</b>	
<i>Há um jeito de se escapar dali, a gente, a salvos? As matanças...</i>	<b>185</b>
<b>Maria Neli Defensor Sant’Ana Martins</b>	
<i>De como a infância de Dito e Miguilim conversa com a infância do leitor</i>	<b>190</b>
<b>Eulina Pacheco Lutfi</b>	
<i>“Cara-de-Bronze”: poesia em voz de vaqueiros</i>	<b>199</b>
<b>Eulina Pacheco Lutfi</b>	
<i>Ponderações sobre onomatopeia a partir da novela “Buriti”, de Guimarães Rosa</i>	<b>206</b>
<b>Eulina Pacheco Lutfi</b>	

<i>Novas janelas e a roda de mãos dadas</i>	213
Marília Oliveira da Silveira Santos Montel	
<i>Os 51 podcasts produzidos pela Oficina de Leitura em 15 meses</i>	229
Elni Elisa Willms	
<b>TRAVESSIA IV – Ensaios ficcionais</b>	243
<i>A viagem do sertão aflora</i>	244
Silvia De Ambrosis Pinheiro Machado	
<i>A metafísica no sertão: o ontem encontrando o hoje</i>	259
Maria Neli Defensor Martins	
<i>Oficina da roda</i>	276
Miriam Lazarotti	
<i>Carta de Miguel</i>	278
Daniel Krasucki, Miriam Lazarotti	
<i>Sempre alegre, Miguilim</i>	284
Maria Neli Defensor Martins	
<i>Revista: Sempre alegre, Miguilim!</i>	296
Maria Neli Defensor Martins	
<b>TRAVESSIA V: Cartas e outros recados</b>	310
<i>A roda em espiral</i>	311
Mônica Meyer	

<i>Roda de Leitura de Guimarães Rosa</i>	323
<b>Cleide Rovai Castellan</b>	
<i>Corpo coletivo que acolhe e que alimenta</i>	325
<b>Élida Marques</b>	
<i>Viva a Roda de Leitura Guimarães Rosa!</i>	330
<b>Gilson de Barros</b>	
<i>Minha roda, minha história – mas é tudo verdade!</i>	333
<b>Maria Cecilia Marks</b>	
<i>Ler com solidariedade na Roda de Leitura Guimarães Rosa</i>	340
<b>Maria das Graças Vieira Lins</b>	
<i>Carta de uma leitora e professora de piano</i>	346
<b>Maria Rita Costa Bertolaccini</b>	
<i>O gosto pela leitura e pela obra de Guimarães Rosa</i>	349
<b>Moisés Sales do Nascimento</b>	
<i>RODA, roda, RODA, roda, ROSA...</i>	352
<b>Paulo Sérgio da Silva</b>	
<i>Nossa Roda de Leitura, um perdurável era uma vez</i>	359
<b>Eulina Pacheco Lutfi</b>	
<i>Nunca es tarde...</i>	365
<b>Susana Hughes Supervielle</b>	

<i>Do espírito da palavra: haiku, haikai, haiga – aproximações</i>	374
Rosa Haruco Tane, Susumu Yamaguchi, Rioco Kayano, Elni Elisa Willms	
<i>Três graças do Rosa</i>	385
Cecilia Marks	
<i>Eu entrei na roda</i>	387
José Antonio Braga Barros	
<i>A certa roda</i>	391
Susumu Yamaguchi	
<i>Do pó após boiada</i>	399
Susumu Yamaguchi	
<i>A roda engendra</i>	403
Jean Garfunkel	
Haikais para “Buriti”	405
Rioco Kayano	
Haikais para “Burrinho pedrês”	406
Rioco Kayano	
Haikais para a Roda de Leitura	407
Rioco Kayano	
Homenagem infinita em forma de versos	408
Susumu Yamaguchi	
Organizadores	412



Bordado de Cleisa Moreno Maffei Rosa  
Foto de Alderon Costa

# Nota introdutória

Elni Elisa Willms<sup>1</sup>

## **No movimento das palavras: Oficina de Leitura e Roda de Leitura, rosiano e roseano, estórias e histórias, confraria e devotos...**

Mas o cabedal é um só, do misturado viver de todos, que mal varêia, e as coisas cumprem norma. João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. (ROSA, 2017, p. 1162).

Oficina de Leitura João Guimarães Rosa. Assim figura no site do IEB<sup>2</sup> – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – USP. Entre os participantes o costume é Oficina de Leitura Guimarães Rosa – como está grafado no logo da camiseta comemorativa aos 20 anos. Oficina: lugar de experimentação, de fazer reparos, de fazer a manutenção de veículos ou equipamentos. Oficina de Leitura: lugar para experimentar, onde se pode reparar, no sentido de fazer algum conserto ou reparação a respeito de alguma palavra ou até mesmo do sentido de algum trecho de literatura.

Também se evoca outro sentido da palavra reparo: prestar atenção, vigiar, olhar com mais vagar tudo que nos envolve. Reparar no singular azul do céu, no movimento do vento nas palhas dos buritis, nas cores e nos modos de vida dos pássaros e de tantos outros seres que compõem conosco. Ler Guimarães Rosa é aprender a reparar na grandeza da vida – das plantas e dos animais, dos rios e do ar, do céu e da terra, da

---

1 Professora da UFMT e do PPGEDU da Universidade Federal de Rondonópolis.

2 Conforme consta em <https://www.ieb.usp.br/ofrosa/> Acesso em: 19/5/2023.

noite e do dia, do visível e invisível, do fogo e também das pessoas – com todos os percalços, perigos e belezas, além dos sentimentos de que se revestem os personagens, tão humanos como cada um de nós, ambíguos, contraditórios, incertos e maravilhosos. Está tudo lá na literatura de João Guimarães Rosa. Tudo misturado. Tudo é e não é, e nós, na Oficina de Leitura, aos poucos aprendemos a pôr reparo nisso tudo, nas tantas travessias de leituras compartilhadas no grupo e em voz alta.

É Oficina de Leitura e é Roda de Leitura. Oficina e Roda. Porque quando ela acontecia presencialmente as pessoas sentavam-se em círculo para melhor ler, ouvir, olhar-se, escutar, dialogar, fazer circular, na roda, toda a estética roseana. Oficina e Roda de Leitura. O leitor terá que se familiarizar com o movimento de oscilação entre estas duas palavras: Oficina de Leitura e Roda de Leitura, dois nomes para a mesma experiência de encontro com a literatura roseana. Neste livro seguimos a lógica da convivência com as ambiguidades (GALVÃO, 1972) e acolhemos esses dois nomes, além daquele que consta no site do IEB, como mencionado acima.

O uso das palavras rosiano e roseano também foi objeto de algumas discussões e trocas de mensagens no grupo do WhatsApp dos Amigos da Roda. Cecília Marks afirma fazer uso do termo rosiano com base no Dicionário Houaiss:

terminação em que se inclui (no masc. e no fem.) o suf. -ano (ver) e, eventualmente, a term. -ano; us. nas formas de adj. ou subst.; no âmbito da língua de cultura, vem impondo-se uma regra segundo a qual só se escreverá -eano quando a sílaba tônica do derivante for um -e- tônico ou ditongo tônico com base -e- ou, por fim, em que, mesmo átono, o -e- for seguido de vogal átona: arqueano (Arqueu), cuneano (Cuneo/Cúneo), daomeano (Daomé), egeano (Egeu), galileano (Galileu), lineano (Lineu); os demais, mesmo que as palavras de que tenham derivado se grafem com e, serão sempre em -iano: acriano (Acre), camiliano, ciceroniano, eciano, freudiano, zwingliano etc.; em conexão, veja-se que se faz hugoano (Victor Hugo), mas peruano (Peru); exemplos esses que podem servir de padrão para ocorrências morfológicas acaso semelhantes.

Cecília comentou que na época do doutorado<sup>3</sup> conversou com o seu orientador,

---

3 MARKS, Maria Cecília. A voz das vozes: uma leitura bakhtiniana de Grande sertão: veredas. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo,

Marcus Vinicius Mazzari – FFLCH-USP, a respeito do uso da palavra roseano ou rosiano e acabaram pesquisando outros termos também. Optaram pela norma – rosiano – em função do caráter do trabalho, mas lembra que, como roseanos raiz, podemos usar qualquer um e até os dois. Informa que em suas pesquisas encontrou em ensaios acadêmicos, inclusive recentes, ambas as formas.

A professora Márcia Morais, da PUC-MG, esclarece que, depois de uma conversa com o seu orientador do doutorado, Davi Arrigucci, ele trocou, no seu texto da tese<sup>4</sup>, todos os seus “roseano(a)” por “rosiano(a)”. Afirma que ficou bem frustrada, até porque, no seu “modelo imaginário”, estava o genitivo “*rosae*” (de rosa-*rosae*), em que o “*rosae*” se leria “rose”, daí, roseano(a), ou seja, do Rosa (genitivo). Mas, como diz o ditado popular: “quem pode manda e quem tem juízo obedece”, afirma, e acabou por adotar em sua tese o termo rosiano.

Elisa Almeida nos conta que na sua tese<sup>5</sup> ficou roseano e roseana mesmo e, além disso, esclarece que talvez nem tenha ocorrido à sua orientadora da Escola de Belas Artes da UFMG discutir a especificidade desses termos. Portanto, caro leitor, seguiremos com as pessoas e as suas formas rosiana(s) e roseana(s) também nos textos a seguir. Embora o termo rosiano conste da norma, respeita-se o costume do termo roseano, e assim, bem de acordo com a literatura de Guimarães Rosa, cumprimos norma.

Entre outros pares de palavras, vamos encontrar muito mais a palavra estória do que história. Neste sentido, evoco os argumentos de Fabiana de Pontes Rubira, uma contadora de histórias da tradição oral que também faz a opção pela palavra estória:

Abstendo-me da discussão de uma eventual exclusão desse termo **estórias** da nossa língua portuguesa e de uma aceção de que não designar os contos tradicionais de origem popular como **histórias** seria negar-lhes uma maior veracidade e importância perante a História da humanidade, optei

---

2017. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-26062018-101804/pt-br.php> Acesso em: 18/3/2023.

4 MORAIS, Márcia Marques de. A travessia dos fantasmas. Literatura e psicanálise em Grande sertão: veredas. Tese defendida em 1999, também disponível em livro editado em Belo Horizonte pela Editora Autêntica, em 2001, com 175 p.

5 ALMEIDA, Maria Elisa Pereira de. O acontecimento da narração oral de Guimarães Rosa: o Grupo Miguilim de Cordisburgo. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2020. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/47132> Acesso em: 18/3/2023.

pela grafia **estórias** para essa dissertação de mestrado com a intenção de marcar o caráter atemporal que os contos, principalmente os da tradição oral, possuem. Abdiquei do “h” das horas, do tempo cronológico linear que nos devora, em favor do “e”, da eternidade que nos imortaliza (RUBIRA, 2006, p. 36, grifos da autora).

João Guimarães Rosa igualmente valoriza a oralidade e prefere a palavra estórias, inclusive nos títulos de alguns de seus livros. Amadou Hampaté Bâ nos legou um texto fabuloso no qual defende o valor da oralidade no âmbito das culturas originárias da África:

Para alguns estudiosos o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata de testemunho de fatos passados. No meu entender não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais do que testemunho humano, e vale o que vale o homem (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168).

O geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, importante climatologista brasileiro e estudioso da obra de João Guimarães Rosa, aponta para a necessária compreensão desse tempo outro que se experimenta no sertão e, portanto, na leitura da obra rosiana: “Assim, a ‘História’ possível (em escolha deliberada na criação artística) é aquela que se tece a partir das inúmeras “estórias”, emanadas da oralidade dos “causos”, da música das cantigas, do imaginário popular, reveladora dos arquétipos, do inconsciente coletivo” (MONTEIRO, 2006, p. 56). Assim, por essas razões, fundamentadas em escolhas teóricas, se fez a opção pelo termo estórias em alguns dos textos que recheiam este livro. São testemunhos humanos de experiências que, de alguma forma, eternizaram instantes e valem o que vale ser humano.

Rosa Haruco Tane, uma das coordenadoras da Oficina de Leitura que participa deste o início da sua criação, assim como outros componentes, considera-se da Confraria Roseana. Regina Pereira, outra coordenadora, costuma referir-se a si e a outros membros como Devotos do Rosa. E é nesta convivência literária e respeitosa da diversidade de modos de ser e de se expressar que a Oficina segue há 20 anos. Bem se veja como as coisas “cumprem norma”, como anunciado na epígrafe desta seção, bem ao gosto da literatura roseana.

Não busque neste livro o tipo de conhecimento clássico científico, único, objetivo, linear. O que o leitor vai encontrar aqui são narrativas de vozes de muitas pessoas que, por um lado, “mal varêia” nos elogios e no reconhecimento do quanto tem sido valorosa a experiência de ler a literatura de Guimarães Rosa em roda e em voz alta e, por outro lado, aceitaram o convite para escrever sobre essa experiência.

Entre um ensaio e outro há diálogos e espaços vazios. Nos movimentos das vozes e das palavras escritas desfiam-se narrativas das ricas experiências de contato com a literatura de João Guimarães Rosa. Nomes de pessoas se repetem como se fossem refrões, nomes que são evocados da memória, mas principalmente pelos sentimentos de algo vivido num grupo que tem nos afetos uma potente força que mantém as pessoas juntas e em movimento.

Há um trânsito dos saberes da cidade – da universidade, da USP, do IEB, de São Paulo e de outras localidades brasileiras – para o sertão de Minas Gerais – para Cordisburgo, Morro da Garça, Andrequicé e demais cidades do circuito roseano. E vai e vem e volta. Há trocas. Há trânsito entre as pessoas e os seus conhecimentos e saberes, transitam os afetos, os gestos, as materialidades do bordado, dos textos narrados, das fotografias, do teatro, do cinema e dos documentários, das danças, dos cantos e das cantigas, das músicas e de tudo aquilo que compõe a literatura de Rosa. Leva-se algo, oferta-se algo, recebe-se algo, retribui-se algo, e o circuito da dádiva se realimenta, como fizeram muitos povos nos seus movimentos de dar, receber e retribuir, conforme lemos em Marcel Mauss no seu *Ensaio sobre a dádiva* (2013). Este autor enfatiza, a partir de estudos dos fenômenos de trocas entre os povos da Polinésia, da Melanésia e de indígenas da América do Norte, que a dádiva sempre tem valor social; que dar implica receber e em seguida retribuir; que essas trocas incitam os homens a ser generosos; e que “as oferendas aos homens e aos deuses têm também por objetivo obter a paz com uns e outros” (MAUSS, 2013, p. 33).

Com alegria recebemos os bordados que ilustram este livro. Na capa temos o trabalho primoroso de Nádia Maria da Silva, participante da Oficina de Leitura, professora aposentada da rede municipal de São José dos Campos, SP. Ela conseguiu sintetizar em imagens bordadas as novelas do livro *Corpo de baile* e, além disso, bordou a frase: “O redemunho da pandemia nos arremessou para a Roda de Leitura”. Traduz com poesia o movimento turbulento das dores de tantas perdas de vidas ocasionada pela

Covid-19 no Brasil e no mundo, e, ao mesmo tempo, o movimento prazeroso rodando na leitura compartilhada em voz alta no grupo.

Os outros bordados que ilustram as seções do livro foram doados por Cleisa Moreno Maffei Rosa, nascida em Guararapes, SP, em 1941, colega de profissão – assistente social – e amiga de Rosa Haruco Tane, por meio da qual começou a participar da Oficina de Leitura no formato online, durante a pandemia. Ela assim escreveu: “A acolhida calorosa das coordenadoras e dos participantes da Oficina, a leitura das novelas do *Corpo de baile* feita em voz alta, sem pressa, a reflexão cuidadosa e o debate competente sobre a obra deste extraordinário autor ensinaram-me tanto o gosto e o aprendizado como o interesse em bordar as suas novelas: duas oportunidades valiosas de enfrentar de forma saudável um momento de angústia e luta pela vida. ***À Oficina de Leitura pertencem estes bordados.*** Sou imensamente grata à Roda de Leitura, às amigas bordadeiras do grupo Teia de Aranha e às do Papo de Bordado, em particular, pela convivência amorosa, nesse período. São Paulo, março de 2013”.

Este chama-se LIVRO I porque ainda teremos o LIVRO II e o LIVRO III. O Livro II é um registro fotográfico – e escrito – da maioria das atividades que aconteceram na Roda de Leitura em seu trânsito com o sertão rosiano, organizado por Regina Pereira, uma das coordenadoras da Roda de Leitura. O Livro III é fruto de 20 entrevistas realizadas por Elni Elisa Willms em seu estágio pós-doutoral com cinco grupos de pessoas da Oficina de Leitura: a) os precursores; b) as coordenadoras; c) os parceiros; d) os participantes e, finalmente, e) a equipe técnica. Tanto o Livro II quanto o III estão no prelo e logo estarão disponíveis no Portal de Livros Abertos da USP. ***São como vozes do coletivo e no conjunto dos três livros ficamos sabendo um pouco do muito que aconteceu nesses 20 anos na Oficina de Leitura.***

Com essas palavras iniciais delinea-se o sentido de organizar num livro as narrativas que, com variadas vozes, formas e estilos, consiga dar conta de uma parte da travessia da Oficina de Leitura Guimarães Rosa desde 2004 até este ano de 2023.

Desejamos que todas as pessoas possam fazer da leitura deste livro um motivo para conhecer mais e melhor a obra de João Guimarães Rosa.

Boa leitura!

## Referências

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

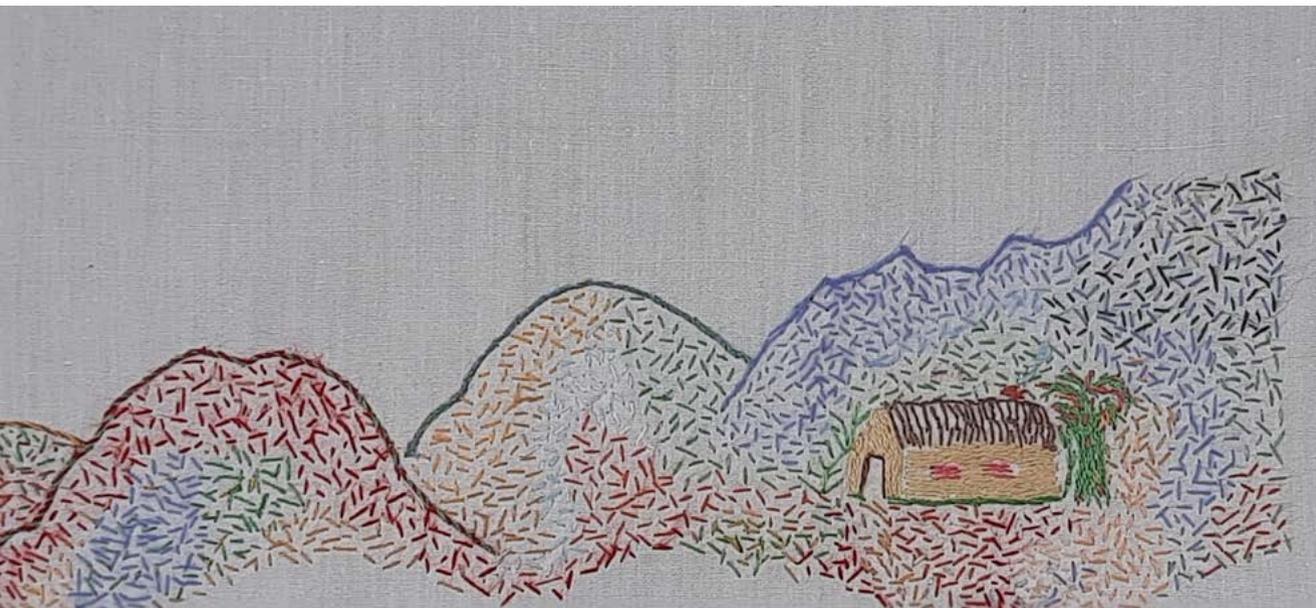
HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. *In: História geral da África I: metodologia e pré-história da África*. 2.ed – Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-214.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas). **Estudos Avançados**. N. 20 (58), p. 47-64, 2006. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/3JwQhymkR59hQZSdr5pq6tp/abstract/?lang=pt#> Acesso em 1/9/2023.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. 1. ed. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão. Volume 2: Grande sertão: veredas; Primeiras estórias; Tutameia (Terceiras estórias); Estas estórias; Ave, palavra! Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

RUBIRA, Fabiana de P. **Contar e ouvir estórias: um diálogo de coração para coração acordando imagens**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2006. 241 p.



Bordado de Cleisa Moreno Maffei Rosa  
Foto de Alderon Costa

# Prefácio

## Literatura e afeto

Na literatura a humanidade encontrou uma forma de transmitir as suas representações de mundo. Variável, segundo a época ou as condições sociais, cada produção literária contém uma leitura do mundo. Ler literatura torna-se, então, uma forma de acessar um registro da memória de uma sociedade.

Antonio Candido, no famoso texto-manifesto “O direito à literatura”, retoma o papel humanizador do literário para concluir sobre a sua importância social. Não se trata, contudo, de uma humanização no sentido positivado e ingênuo – não é que nos tornamos necessariamente melhores com a literatura, mas nos humanizamos porque entramos em contato com o outro, com as memórias e os repertórios sócio-históricos de uma ampla comunidade. A partir deste encontro com o outro nos vemos, nos reconhecemos, nos estranhamos, deliberamos para nós mesmos novas atitudes ou formas de pensar que devemos incorporar à nossa identidade, passamos a rejeitar costumes ou a acolher o que parecia impensável.

Mas como acessar todo esse repertório? E se estivermos falando de uma literatura como a de João Guimarães Rosa? Trata-se de uma obra conhecida por uma dificuldade de leitura, descrita por muitos como “texto para iniciados”. Esta imagem ligada à dificuldade foi criada por críticos profissionais, atentos a tantas estratégias complexas construídas pelo autor, entre elas o rico repertório que encontramos nas linhas sobre o sertão brasileiro. O escritor era comparado, já na primeira recepção, a nomes como Rudyard Kipling, Gustave Flaubert e James Joyce; entre os brasileiros, os parâmetros de comparação estavam em torno de Euclides da Cunha, Afonso Arinos, Mário de Andrade e Monteiro Lobato.

Parece mesmo difícil adentrar essa literatura. Mas Guimarães Rosa, assim como todo grande escritor, ensina a ler Guimarães Rosa. Em sua última obra, *Tutaméia – Terceiras estórias*, lemos nas epígrafes de Schopenhauer o pedido de releitura: “Daí, pois, como já se disse, exigir à primeira leitura paciência, fundada em certeza de que, na segunda, muita coisa, ou tudo, se entenderá sob luz inteiramente outra”. O pedido pela paciência, ao mesmo tempo em que convida à releitura, afirma a precariedade de apreensão do texto à primeira leitura. Como se não bastasse, na segunda epígrafe, afirma: “Já a construção, orgânica e não emendada, do conjunto, terá feito necessário por vezes ler-se duas vezes a mesma passagem”. Não parece mais um aviso, mas uma constatação: em vários momentos relemos os textos para tentar configurar uma nova percepção capaz de tecer linhas interpretativas. Assim, ler é ter, como ponto de partida, a paciência de saber que não se compreenderá tudo; ler é saber que é necessário revisitar o texto, como fazemos a um amigo sábio que pode contar sempre a mesma história, mas que, cada vez que conta, percebemos algo diferente.

Há mais um elemento essencial para iniciarmos a nossa experiência de leitura de Guimarães Rosa: ler em voz alta. Não é, evidentemente, a única forma, não é um texto que só funcione com a performance oral, mas estamos diante de um autor que estava radicalmente investido da percepção de que estávamos, em meados do século 20, em um momento de virada rumo a uma modernização que silencia a narrativa que nasce de uma cultura coletiva, que se apoia na oralidade e na memória do narrador, e que é acionada para aconselhar o ouvinte. Walter Benjamin já anunciara essa morte do contador tradicional após a experiência da Primeira Guerra Mundial. Mas não se trata só do silenciamento da experiência traumática, pois o *aedo*, que tinha todo o tempo do mundo para lembrar e narrar, não pode mais existir em um mundo em que “tempo é dinheiro”, em que o tempo da narração está submetido a uma lógica do tempo contabilizado pelo capital.

O romance é este gênero moderno que é aberto em sua forma, mas que nasce da solidão do autor e deve ser lido na solidão do leitor. O romance é um dos índices da morte do contador tradicional. Mas, sendo essa forma aberta, ou seja, não cumprindo nenhum roteiro do que deve ou não ser de antemão, o romance pode fazer a crítica ao que o romance constrói. É aí que vemos a genialidade do que é feito em *Grande sertão: veredas*, por exemplo. No romance, o ex-jagunço e atual proprietário de terras, vive o

dilema de não saber se fez ou não o pacto com o diabo. Saber a verdade é ter clareza sobre suas ações e suas consequências, é saber o rumo da sua alma. Não pode, contudo, chegar a essa resposta sozinho, contando somente com a reflexão. É com a visita de alguém que representa a cultura letrada, que vem de longe (nós, leitores), que ele vai se despir e contar tudo o que é e tudo o que viveu. Quem ouve a sua história, assim como nós, não tem a resposta, mas sabe agora fazer boas perguntas para o mundo.

O narrador roseano está na interface entre o narrador tradicional e o do romance moderno. Benjamin descreve a arte de narrar em oposição ao romance, trabalhando sempre a tese de que aquela está tornando-se extinta e suplantada por esta. O narrador retira o seu contar da experiência (dele mesmo ou de outros) e sempre procede da tradição oral. Além disso, ele incorpora o narrado às experiências dos seus ouvintes. Já o romance “nem procede da tradição oral, nem a alimenta (...) [sua] origem é o indivíduo isolado”<sup>1</sup>. Afirma também que a narrativa desse contador tem uma “dimensão utilitária” já que “é o homem que sabe dar conselhos”. Mas acusa a falta de comunicabilidade moderna para anunciar a morte do fornecimento de conselhos. Entenda-se que “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada [...] a arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”<sup>2</sup>.

Encontramos em Rosa outra característica descrita por Benjamin, a presença da narração do saber que vem de longe em oposição ao acúmulo de informações; em nosso caso temos o sertão como esse longe desconhecido e o homem urbano como representante de uma literatura que aspira as informações e organiza as ideias para um leitor que não é mais aquele preparado para todo tipo de narração.

Narrador moderno que encena o narrador tradicional, Riobaldo tematiza o tempo necessário para compreender a si e o outro, o poder do divino e do demoníaco, da palavra e das ações etc. Pede o nosso conselho, mas nos aconselha no que é mais importante: saber sentar e ouvir, dispor-se a compreender o incompreensível, entender o valor do medo e da coragem.

E foi com *Grande sertão: veredas* que começou a aventura da Oficina de Leitura no Instituto de Estudos Brasileiros. Se ler em voz alta é prática interessante para perfor-

---

1 BENJAMIN, Walter. “O narrador” In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1993, p. 201.

2 Idem, p. 200.

mar essa literatura que expõe a potencialidade de uma língua cunhada na mistura, nas sonoridades díspares e carregadas de história de encontros entre povos e tempos, nos lançamos a uma aventura maior: ler coletivamente.

Reencontrando o prazer de ler junto que remete à nossa vida literária na infância, todos ali envolvidos estavam subvertendo o “tempo é dinheiro”, reunindo-se “apenas” para ler em voz alta e conversar sobre o depoimento de Riobaldo. Mas, quando falamos de uma roda de leitura, não é o consumo do livro que está em jogo, mais que ler, o prazer está em parar de ler. Barthes certa vez descreveu a boa literatura como aquela que nos faz parar de ler: é essa expulsão do texto que nos permite olhar para nós mesmos e para o mundo de forma questionadora que definiria uma literatura complexa e interessante que permanece no tempo. Fomos aprendendo, na Roda de Leitura, a parar e perguntar, a parar e nos emocionar, a parar de ler só para ouvir.

A literatura, nesta performance coletiva, volta a ser texto que aconselha, torna-se uma espécie de goma que vai unindo pessoas e experiências. Se literatura e afeto são indissociáveis, literatura lida coletivamente confere outras redes de afetividade, daí, acreditamos, a longevidade do projeto da Oficina de Leitura.

Essa roda de leitura ganha o nome de Oficina e, poeticamente, ressalta o aspecto artesanal do que estávamos cunhando ali, apontando criticamente para a universalização do “tempo é dinheiro”, ao fugir, com afeto e amor, da loucura da concorrência (inclusive do mundo acadêmico). Como veremos nos relatos deste livro sobre a Oficina, cada reunião de leitura é uma forma de amor no encontro com o texto e, como disse Riobaldo, “Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura”.

Profa. Dra. Mônica Gama (UFOP)

Prof. Dr. Dieter Heidemann (USP)

1º de setembro de 2023.

# TRAVESSIA I - Palavras dos organizadores



Bordado de Cleisa Moreno Maffei Rosa

Foto de Alderon Costa

# Apresentação

## **Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP – Livro I**

### **Travessia I – Palavras dos organizadores**

Há escritores que são verdadeiros demiurgos, que criam mundos e nos instalam dentro deles, como se lá pudéssemos viver. E, de certo modo, podemos. Ou, mesmo sem poder, vivemos. O termo *demiurgo* aparece pela primeira vez no *Timeu* de Platão e designa uma divindade artífice que cria o mundo à semelhança da realidade ideal, a partir de uma matéria informe. A matéria à qual Guimarães Rosa dá forma é a palavra. Unidas umas às outras, ganham vida e, como aves, voam. Saem do sertão imaginário de Rosa e invadem o nosso mundo. No fim das contas, o demiurgo não cria um mundo para se opor ou contrapor a este mundo, como se pudéssemos para lá fugir e ficar, mas para dialogar com este mundo, para torná-lo mais habitável, ainda que para isso tenhamos que fugir para este outro mundo e, lá, aprender como viver neste.

Como demiurgo, Guimarães Rosa não criou apenas um mundo – o seu sertão imaginário, como outro Brasil dentro do Brasil –, mas criou também uma língua dentro da língua, uma língua brasileira jamais falada, mas que se entende perfeitamente como português literariamente esculpido. Assim, a linguagem rosiana é o passaporte para entrar em seu território literário. Uma vez encharcados dessa linguagem, já não há mais como esquecer o seu mundo. Daí o diálogo infundável ao qual a obra de Guimarães Rosa convida.

Este livro, *Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP – Livro I*, é um dos frutos do estágio pós-doutoral da professora Elni Elisa Willms, da

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), realizado de 15 de agosto de 2022 a 16 de agosto de 2023, sob supervisão do Professor Michel Riaudel, junto à UFR d'Études ibériques et latino-américaines da Sorbonne Université.

Além de celebrar os 20 anos da Oficina, é uma obra que dialoga intensamente, de um lado, com a obra de Guimarães Rosa, e, de outro, com a própria dinâmica da Oficina, com as suas criações e recriações, como memórias desses viajantes que atravessaram a fina folha que nos separa do mundo rosiano, o seu sertão imaginário que vive como um pedaço de Brasil, entre tantos Brasis possíveis.

**Elni Elisa Willms** inicia com dois ensaios. No primeiro, “Os primórdios da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa IEB-USP”, delineiam-se os passos iniciais, nos idos de 2003, do professor Dieter Heidemann, do curso de Geografia da USP, na organização das primeiras atividades da Oficina para ler João Guimarães Rosa. Brevemente abordam-se a história da leitura, a metodologia que ampara a escrita dos textos deste livro, sob a forma de ensaios, e o papel da memória na constituição dos leitores roseanos. Segue-se o segundo ensaio, denominado “Poetagem ou sobre os que sabem ler e escrever”, em que a autora explora o conceito de *firasa*, do italiano Carlo Ginzburg, como uma atitude possível para ler João Guimarães Rosa. Aborda os saberes que se constroem na leitura em voz alta e compartilhada no grupo da Oficina de Leitura, como se a leitura fosse uma viagem e os leitores aqueles que percorrem os espaços do texto com curiosidade e admiração. Ou seja, estar na Roda de Leitura significa que cada pessoa deixa “vazar” as suas linhas, estender os fios da sua compreensão, que por sua vez poderão encontrar-se com as linhas de outra e mais outra pessoa enquanto se movem, pelas vozes e sons, pela escrita, pelos gestos e produções de sentido de cada um, forma-se um texto ou tecido vivo, interligado e em movimento, trama e feixe que flui por toda a teia, tecida em comunhão.

## **Travessia II – Um livro e a cidade natal de Rosa em três línguas**

**Cristina Maria Mira** comparece com um livro da sua autoria, publicado em 2005 de maneira independente, e, sendo detentora dos direitos autorais, apresenta-o aqui, como homenagem à Oficina de Leitura e relato poético sobre a terra natal do

escritor Guimarães Rosa. É um trabalho delicado com narrativas de viagens até chegar a Cordisburgo e os seus mistérios, os seus habitantes e as suas crônicas. Como leitores fazemos a travessia para o universo vivo de Guimarães Rosa: o encontro com Brasinha, as entrevistas e histórias de Dona Quita, João da Cruz, Zito e outras pessoas parecem nos devolver para os personagens do autor. Pronto: chegamos à cidade do coração, no trânsito entre o real e a ficção. Estamos preparados para ler os outros textos que seguem!

### **Travessia III – Ensaios acadêmicos**

**Celina Ramos Couri** compôs o ensaio “A roda de mão dupla de Guimarães Rosa, do IEB, do mundo”, percurso elegante em que dá as mãos a autores e críticos consagrados da literatura brasileira e reflete sobre o caráter de mão dupla, as idas e voltas, espécie de frequência recíproca, que tem lugar na Roda de Leitura e no circuito de cidades roseanas, e se converte em um dispositivo quase terapêutico, inclusivo, decolonial, e abriga um caráter de afinação e profilaxia psíquica para os seus participantes.

**Márcia Marques de Moraes**, em seu percurso de leitora rosiana, escreve a respeito da “Encenação de múltiplas vozes na produção e recepção da obra de Rosa – Experiências de uma participante da Roda de Leitura/IEB (2020/2022)”. A partir do conto “As margens da alegria” faz um exercício de escuta das muitas vozes do texto de Guimarães Rosa, magistralmente construídas pelo escritor na produção do conto e ouvidas pelos leitores na sua recepção. Evidencia-se a polifonia dos textos literários e aponta que “o nosso escritor, como sabemos, para além da sensibilidade gigante, dedicava-se a observar e registrar a experiência empírica, na escuta da voz da natureza e dos sertanejos, seus contrerrâneos, valendo-se delas e das suas intuições cruzadas com o conhecimento buscado na ciência, tudo isso presente e amalgamado na sua linguagem”.

**Alfredina Nery** nos apresenta as “Mulheres-da-cozinha: o coro do teatro grego na novela ‘Buriti’, de Guimarães Rosa”. Nesta novela, ouvimos as vozes das mulheres que escutam as vozes daqueles que percorrem a casa. As mulheres não apenas ouvem, mas comentam e analisam as ações dos personagens e o desenvolvimento do drama entre si, na cozinha. Trazem elementos das culturas populares, especialmente o misticismo, a religiosidade, o machismo e a questão do amor. Fazem uso de comentários astuciosos

e esparsos, e assim, entre uma lida e outra, revelam a sua sabedoria, ou seja, elas leem o mundo da Fazenda Buriti, como ensinou Paulo Freire, sendo que essas vozes ecoam pelo conto como se fossem o coro da tragédia grega.

**Luciene Teodoro das Chagas Passos** narra em primeira pessoa como se deu a sua entrada na Oficina de Leitura e nos apresenta desde o e-mail enviado pela coordenação, além das suas narrativas dos primeiros encontros no texto intitulado “O olhar sensível de uma leitora iniciante na Oficina de Leitura João Guimarães Rosa”. Ficamos sabendo o quanto essa participação trouxe mudanças para Luciene, alterando inclusive os rumos dos seus estudos no mestrado a partir da leitura do “Caso do negrinho” no conto “O burrinho pedrês”.

**Maria Neli Defensor Martins** parte de um episódio presente em *Grande sertão: veredas*, em que Guimarães Rosa aborda o caso da matança dos cavalos, abatidos de forma covarde e impiedosa nos currais da fazenda dos Tucanos. Em um paralelo com os dramas da pandemia da Covid-19 no Brasil, o texto de Neli, intitulado “Há um jeito de se escapar dali, a gente, a salvos?”, é uma indagação e revela a sua indignação: “Pessoas esbarrando umas nas outras: nas ruas; nos transportes coletivos por necessitarem trabalhar; em moradias apertadas desproporcionais ao número de habitantes; em corredores de prontos-socorros e de hospitais sem leitos; filas de seres humanos batendo desesperadamente nas portas de vidro fechadas de hospitais, com inocentes úteis a dizer: ‘Desculpem, estamos esperando alguém morrer para ter vaga”.

**Eulina Pacheco Lutfi** nos brinda com três textos, todos apresentados na Oficina de Leitura como fruto de suas pesquisas voluntárias e como forma de contribuir com os demais participantes. No primeiro texto ficamos sabendo “De como a infância de Dito e Miguilim conversa com a infância do leitor” e nos convida a refletir, ainda que brevemente, sobre alguns temas: Infância de Miguilim e relação paterna; Gênese e genealogia da representação de paternidade: Zeus e o poder paterno; O poder paterno na literatura: Máximo Gorki, Graciliano Ramos e José Lins do Rego; O pai de Miguilim; O poeta e o homem brutalizado; Miguilim e Dito em representação de criança e da criança que fomos e que somos.

No segundo texto, a mesma autora trata de “Cara-de-Bronze: Poesia em voz de vaqueiros” e então aprendemos a apreciar a beleza do “quem das coisas” que estes homens sabem tão bem definir, segundo Eulina: “Poesia de quem vê o invisível”.

No terceiro texto, a autora nos traz “Ponderações sobre onomatopeia a partir da novela *Buriti*, de Guimarães Rosa”. A autora afirma que as onomatopeias são recursos de expressão, inclusive bastante usados por poetas e escritores, e são um auxiliar estilístico importante, devido ao seu poder expressivo e sinestésico. Evocando Bakhtin, Vygotsky e Lefebvre, Eulina lembra que “Embora [as onomatopeias] tenham sido as primeiras manifestações orais na história humana, não desapareceram, o que reafirma o aspecto histórico-social da linguagem com o seu sentido dialógico e a força da oralidade. Estudiosos da linguagem, defensores deste ponto de vista, nos alertam para a importância da linguagem oral no fluxo violador de normas e que vai transformando e atualizando idiomas, em tempos e espaços”.

**Marília Oliveira da Silveira Santos Montel** revela em seu texto o seu percurso iniciático na Oficina de Leitura e como foi fundamental a sua presença no início das atividades online. Com o título “Novas janelas e a roda de mãos dadas” ficamos por dentro de muitos processos em que ela se envolveu: “Em pouco tempo, à coordenação de Regina Pereira, Rosa Haruco Tane e Linda Yazbek Rivitti, juntamo-nos eu, Moisés Sales do Nascimento, Renata Ribeiro, Gabriella Radoll e Paula Felice, estas três mais jovens e mais familiarizadas com a tecnologia, para dar um apoio técnico a quem não conhecia as plataformas de reunião, a quem tinha dificuldade para se conectar e manejar os meios eletrônicos, a administrar e cadastrar os e-mails dos participantes de forma a facilitar as autorizações e centralizar o envio do link de reunião, a gravar e editar os vídeos dos participantes-palestrantes que generosamente aceitavam os convites para falar sobre os seus estudos e trabalhos em torno da obra rosiana”. No seu texto podemos conferir que Marília fez muito mais!

**Elni Elisa Willms** fez um levantamento e nos apresenta num quadro “Os 51 podcasts produzidos pela Oficina de Leitura em 15 meses”, um trabalho gigantesco realizado a convite de Pedro Bolle, do IEB, envolvendo participantes da Oficina de Leitura e parceiros do sertão, com o apoio voluntário das “meninas da técnica” Renata Ribeiro, Gabriella Radoll e Paula Felice, junto com as coordenadoras da Roda de Leitura Rosa Haruco Tane e Regina Pereira, que pautavam os temas. Em 15 meses foram editadas mais de 7 horas de áudios que demonstram a efetiva contribuição dos muitos parceiros e participantes da Oficina de Leitura e seu envolvimento com a obra rosiana.

## Travessia IV – Ensaios ficcionais

**Silvia De Ambrosis Pinheiro Machado** nos eleva para o mundo da imaginação bem real com o seu texto-poético-cantado-versado: “A viagem do sertão aflora”. A autora nos revela: “A Roda de Leitura Guimarães Rosa é expressão de um grande giro cultural que segue por mil sertões. À flora. [...] Em São Paulo, tudo isso brotou nos meados da década de 1990, mais ou menos 30 anos após a morte do grande escritor, partindo de viagens de gente paulistana ao encontro do sertão rosiano: pessoas, lugares, paisagens, histórias e estórias”. A partir desses pontos adentramos nalgumas estórias, todas regadas por cantigas de roda, versinhos e expressões de sabedoria popular que afloram outros sentidos.

**Maria Neli Defensor Martins** construiu uma narrativa quase fantástica, se não fosse real: “A metafísica no sertão: o ontem encontrando o hoje”, um caso vivido por ela e o encontro inusitado com bonecas despedaçadas numa certa travessia pelo sertão. Como num misterioso jogo de vai e vem uma das bonecas retoma a sua vida própria, refeita, bonita, bem-vestida e em seu devido lugar.

**Miriam Lazarotti** narra rapidamente como, em 2008, chegou à 20ª Semana Rosiana, e a partir daí tomou conhecimento da “Oficina da roda”. Num projeto, e em parceria com o colega e escritor Daniel Krasucki, escreveram a quatro mãos alguns textos ficcionais inspirados em Guimarães Rosa.

**Miriam Lazarotti e Daniel Krasucki**, com as liberdades da ficção, escrevem uma “Carta de Miguel”, espécie de memorial das horas passadas longe da amada Glorinha a quem Miguel deseja voltar: “Quem sabe um dia conseguiremos ter um ou mais filhos e eu possa ser um pai melhor que aquele que já tive. Enquanto vou chegando, sonho acordado que te beijo. Teu em todos os sentidos, Miguel”.

**Maria Neli Defensor Martins**, emocionada, escreve “Sempre alegre, Miguilim”, pois “À medida que ia prosseguindo na compreensão da novela, ficava cada vez mais e mais comovida e inconformada com as situações de perdas e desamparo do pequenino. No período de doença de Dito, Miguilim, para distrair o irmão, inventava várias estórias compridas, e o irmãozinho mesmo pedia para ele continuar a fabulação. Nos momentos derradeiros da sua curta existência, Ditinho pede a Miguilim para contar sobre a Cuca Pingo-de-Ouro. A leitura é envolta em lágrimas. Pura emoção!” Envolveida

por esta emoção Maria Neli, livremente, faz “uso da ficção como maneira de auxiliar o personagem na elaboração de algumas lacunas afetivas e sociais, a exemplo da resultante da partida precoce do seu irmãozinho querido”.

**Maria Neli Defensor Martins**, motivada pela comovente estória de Miguilim, também cria uma “Revista em quadrinhos: Sempre alegre, Miguilim!”, com texto inspirado e adaptado da obra de João Guimarães Rosa, ilustrações da capa, dos textos e diagramação de Isadora Almeida Simões, tendo como orientadora da estruturação do texto Elisa Almeida.

### **Travessia V: Cartas e outros recados**

**Mônica Meyer** nos apresenta um texto-carta intitulado “A roda em espiral”, dividido em três partes: como ela deu as mãos na Roda, como as leituras e os comentários rodam, e os desdobramentos da Roda de Leitura. Assim, ficamos sabendo que “O encantamento pela obra rosiana, especialmente pela natureza exuberante tão estudada, anotada, conhecida, descrita, detalhada, valorizada e respeitada pelo escritor, me abriu outras perspectivas acadêmicas. Como bióloga a identidade se fez ponte, e a travessia era reaprender o mundo natural entrelaçando natureza, cultura e saber popular”.

**Cleide Rovai Castellan** escreve o texto “Roda de Leitura Guimarães Rosa” e faz uma comparação da Roda de Leitura com as danças circulares, evocando inclusive a maneira como Rosa escrevia a palavra *dansa*, com a letra “s” e seus movimentos sinuosos: “Como uma ciranda, onde se *dansa* de mãos dadas, em um movimento conjunto. Onde cada um completa o outro, conduz e é conduzido. Onde um ensina, outro aprende, todos *dansam*. Onde as diferenças se harmonizam e a música orienta, aponta o ritmo e a vida se alegra”.

**Élida Marques** ressalta, em seu texto, o “Corpo coletivo que acolhe e que alimenta” e conta uma série de experiências artísticas que ela teve a partir do contato com a Roda de Leitura: “Então, participar da Roda de Leitura é como se eu estivesse sempre me alimentando deste universo fantástico do senhor João Guimarães Rosa e, claro, também de quem está em torno dele, que tem um pouco dessa mistura no sangue e se identifica muito rapidamente e sente necessidade de estar perto dessas pessoas. Essa comunidade de convivência e afinidade é fundamental para a gente se sentir um corpo coletivo”.

**Gilson de Barros** passou a participar da Roda de Leitura em plena pandemia, em 2020. Como ator de teatro ele enaltece essa participação no seu texto “Viva a Roda de Leitura Guimarães Rosa!”, pois foi no contato com tanta gente lendo junto e em voz alta que ele conseguiu aprimorar as suas apresentações teatrais justamente sobre *Grande sertão: veredas* e seu personagem Riobaldo. Gilson aponta para um aspecto da Roda de Leitura que é o fato de ela funcionar como uma fonte de divulgação cultural.

**Maria Cecilia Marks** é uma das estudiosas da Oficina de Leitura que muito contribuem na compreensão das obras rosianas, é também a criadora da Roda Rosa, e por causa das suas pesquisas quase sempre no início das leituras apresenta o livro ou a novela que será lida. É uma das professoras! E ela conta um pouco dessa sua experiência no texto “Minha roda, minha estória – mas é tudo verdade!” de onde retiramos este excerto: “A dedicação integral aos estudos rosianos para preparar os encontros da Roda Rosa vem contribuindo para aumentar e aprofundar o meu conhecimento, o qual tenho o maior prazer em compartilhar com os amigos da Oficina de Leitura, com quem também aprendo muito. São trocas e afetos riquíssimos, em que carinho e respeito mútuo alimentam o giro dessa roda virtuosa”.

**Maria das Graças Vieira Lins** conta a sua experiência de como “Ler com solidariedade na Roda de Leitura Guimarães Rosa”. Ela participa de outros grupos de leitura em sua cidade natal, Recife, e aponta o diferencial da Roda de Leitura Guimarães Rosa: “Então não é aquela leitura enfadonha, que você vai apenas ler e ficar parado! Não! Você lê e em seguida ouve pessoas que têm o nível da professora e bióloga Mônica Meyer, ouvimos as contribuições da professora e pesquisadora Cecilia Marks, uma especialista em Guimarães Rosa, e tem uma leitora como eu, professora de Literatura Brasileira, que apenas admira profundamente a obra, ou seja, eu não tenho a titulação que elas têm, eu tenho apenas uma compreensão sensível e amorosa da grandeza da obra de Guimarães. Esta oportunidade que a Roda de Leitura nos dá eu acho fantástica!”

**Maria Rita Costa Bertolaccini** apresenta com sensibilidade a sua “Carta de uma leitora e professora de piano” e nos revela aspectos da sua trajetória de professora do interior do Brasil: “Tive a formação típica das faculdades privadas do interior do Brasil que se espalharam na década de 80 por todo o território nacional. E, sendo portadora de trechos copiados de seus livros, tinha o sentimento de um encontro adiado com Rosa. Ensinei o que pouco sabia, mas ensinei com paixão. Só agora, com tempo e com livros,

estou podendo, por meio da Roda de Leitura do IEB-USP, aprender e desfrutar de João Guimarães Rosa e da sua obra, que esperei por tanto tempo”. Ela até já criou uma outra Roda de Leitura com pessoas da sua cidade, Borda da Mata, MG, que se reúnem de segunda a quinta-feira, das 21h às 21h30.

**Moisés Sales do Nascimento** explica o seu “O gosto pela leitura e pela obra de Guimarães Rosa” contando que em 2008 viajou pela primeira vez para Cordisburgo para participar da Semana Rosiana. A partir daí começou a ler toda a obra do autor, iniciando por *Sagarana* e terminando com *Estas estórias*, póstumo. A partir de 2009 começa, então, a frequentar a Roda de Leitura, presencialmente. Entre outras estórias, Moisés relata que “O gosto pela leitura e pela obra de Guimarães Rosa só fez crescer. E me levou ao ponto de eu me dedicar a construir uma ‘rosiana’ particular que conta hoje com mais de 200 títulos”.

**Paulo Sérgio da Silva** conta um caso acontecido, no real, tirado do duro do pau da peroba no seu texto “RODA, roda, RODA, roda, ROSA...” Ele assim prossegue: “Conheci Guimarães Rosa numa manhã ensolarada do ano de 2019, quando ainda nada se sabia do aparecimento de um vírus que faria resultar, nos anos que se seguiram, numa das maiores pandemias que já assolaram a humanidade. Foi então que se deu um fato curioso, ganhei de presente o livro *Primeiras estórias* de minha esposa e companheira, que é sabida das coisas e das aflições dos humanos, e comecei a ler, aleatoriamente, o conto ‘A terceira margem do rio’”. E aí a gente precisa ler o texto dele para conhecer o desfecho desses começos!

**Eulina Pacheco Lutfi** interroga as razões de uma existência tão longa de um grupo de leitura numa sociedade do efêmero no seu texto intitulado: “Nossa roda de leitura, um perdurável era uma vez”. Ela confessa: “Desde o ingresso, em 2011, o que me envolve, me causa um desejo de permanência sem término, de raras e belas descobertas, nas leituras e nos comentários; com uma espécie de encantamento e mãos entrelaçadas que curam o meu coração muitas vezes aflito, é a espontaneidade na solidariedade, no atender quem pede ajuda intelectual ou não, a gentileza em divergências, a transversalidade das relações que me lembra sonhos de sociedades igualitárias, concebidas pelos anarquistas e a luz do afeto que perpassa as presenças no grupo”.

**Susana Hughes Supervielle**, inicia por contar que é “uruguaya de nacimiento, brasileira de corazón, caí perdidamente apaixonada por Guimarães Rosa” e assim, com 85 anos, ela intitula o seu texto: “Nunca es tarde...”. Ficamos sabendo da sua experiência

em grupos de estudos de Guimarães Rosa, da sua viagem para Cordisburgo para participar do Colóquio Primeiras Estórias e muito mais! “Voy caminando despacito pero sin perder la fé en la riqueza de esa literatura que tanto me ha enriquecido. Pienso en el Montevideo que me vió nacer en 1938 y lo comparo con el mismo año en que Guimarães Rosa fue enviado a Alemania. ¡Qué mundo diferente estamos viviendo hoy! Me sigue impresionando la actualidad de sus escritos, sólo una mente privilegiada pudo producir esa “literatura de primera grandeza.”

## **Travessia VI – Produções poéticas**

**Rosa Haruco Tane, Rioco Kayano, Susumu Yamaguchi e Elni Elisa Willms** são participantes da Oficina de Leitura Guimarães. O texto “Do espírito da palavra: haiku, haikai, haiga – aproximações” foi escrito a oito mãos e alguns olhares, na viagem de áudios e textos de WhatsApp, trocados sensorialmente entre os autores, sendo que três deles têm ascendência japonesa. Nenhum é especialista em haiku, haiga ou haikai, mas três vivenciam a língua japonesa como língua materna e/ou dos antepassados, além de terem feito alguns cursos ou assistido a palestras com diferentes mestres sobre diferentes artes orientais. Portanto, o que se apresenta são olhares, percepções e algumas compreensões sobre a arte japonesa de representar os fenômenos do mundo de forma poética, ou seja, por meio de haikais, além de algumas aproximações com a literatura rosiana.

**Maria Cecilia Marks** homenageia as três coordenadoras da Oficina de Leitura com um poema intitulado “Três graças do Rosa”.

**José Antonio Braga Barros** narra no texto “Eu entrei na Roda” como a partir da leitura de *Sagarana* foi invadido por imagens que se transformaram, com muita dedicação, nos poemas concretos inéditos, que ilustram a narrativa.

**Susumu Yamaguchi** comparece com produções poéticas que são fruto da sua leitura e da elaboração a partir de diferentes textos rosianos. Recomendamos que o leitor preste atenção às palavras usadas por Susumu, pois do jogo criativo com elas emanam sentidos que nos convidam a perceber os textos de Guimarães Rosa sob um outro prisma. Além dos silêncios. Convidamos o leitor para entrar neste universo poético e se encantar com os poemas “A certa roda” e “Do pó após boiada”, além da homenagem para alguns integrantes da Roda de Leitura, forma que ele encontrou de homenagear a todos de maneira infinita.

**Jean Garfunkel** foi provocado e fez uma poesia chamada “A Roda engendra”. As palavras bailam e se transformaram, posteriormente, numa ciranda, e assim, “Enquanto lemos e relemos / de mãos dadas / Com nossos remos / Nos rendemos ao mistério”.

**Rioco Kayano**, envolvida pela criatividade cultivada desde o seio de sua cultura oriental nos apresenta três conjuntos de haikais. Ela teria muito mais, mas para este livro compôs a partir da novela “Buriti”, do conto “O burrinho pedrês” e encerra com três haikais em forma de homenagem, com honra e alegria, às leituras realizadas na Roda de Leitura.

Finalmente, o que resulta deste conjunto tem ar de colcha de retalhos, cada um contribuindo com uma ou várias peças de tecido, refletindo a heterogeneidade e a multiplicidade da textura rosiana. Esta capacidade dos textos de Guimarães Rosa suscitarem tão diversas leituras demonstra as suas potencialidades e a sua potência. Fecunda poesias, reflexões e condutas, já que muitas das contribuições aqui reunidas entram pela via de uma prática e pragmática que combina o silêncio e a voz alta, a interiorização e a performance. As palavras “alimentam” como uma fruta solta na boca e no corpo os seus sabores, as suas fibras, o seu suco. A materialidade da letra, sonora e gráfica, deslança ações e reações.

Há infinitas maneiras de ler Guimarães Rosa. Umam lembram o gesto oriental de erguer pequenos montículos de pedras, amparado em diversas crenças. Ao lado do Jizo japonês elevam-se modestas pirâmides ajudando transeuntes e crianças a cumprir tarefas nos limbos. Em outras partes da Ásia essas torres lembram a proveniência celeste das rochas que os homens têm o dever de juntar de novo em direção ao firmamento. Desta forma cada um une-se ao universo, manifesta ser parte e partícula dele, ao mesmo tempo que a sua contribuição concretiza uma meditação em ato. Aqui também, neste livro-montanha, cada contribuição pode representar uma comunhão espiritual, uma dádiva à comunidade dos homens e, especificamente, da Roda, arquitetando sentidos, erigindo pequenas lições e experiências de vida.

Elni Elisa Willms  
Rogério de Almeida  
Michel Riaudel

# Os primórdios da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa IEB-USP

Elni Elisa Willms<sup>1</sup>

## Os primórdios da Oficina Guimarães Rosa, com Dieter Heidemann

Mas, primeiro, antes, teve o começo. E aí teve o antes-do-começo; que o que era – a gente vindo, vindo. E vindo bem! (ROSA, 1986, p. 484).

Ler em voz alta as obras de João Guimarães Rosa, escritor nacional reconhecido internacionalmente, mas talvez um pouco desconhecido da maioria dos brasileiros. Ler os textos desse autor em grupo, à maneira de uma confraria de amigos que se reúne pelo prazer de estar junto e compartilhar leituras. Eis, se assim pode-se dizer, os princípios e os objetivos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, que começou as suas atividades, mais ou menos formalmente, em 2004.

Segundo relatos orais de pessoas que participam desde o início da Oficina – ou Roda de Leitura, como também é chamada –, o nome do professor Heinz Dieter Heidemann merece ser lembrado para esses primórdios como aquele que deu uma primeira forma ao desejo de aproximar a obra do escritor João Guimarães Rosa de um público maior. À época (2002-2006), o professor Dieter era vice-diretor do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), instituição onde

---

<sup>1</sup> Professora da UFMT e do PPGEDU da Universidade Federal de Rondonópolis.

também atuava como professor no curso de Geografia. Em sua carreira, já havia passado pelas universidades federais de Pernambuco e Sergipe. Alemão naturalizado brasileiro, a sua produção acadêmica focaliza-se na metodologia dos estudos em geografia e aborda temas como o território, a economia e o desenvolvimento regional com o suporte da literatura, principalmente a de João Guimarães Rosa.

Consta no Podcast número “025 – Oficina de Leitura Guimarães Rosa: a formação da Oficina”, em que Renata Ribeiro (2020) lê um texto de Dieter Heidemann, que esse professor esteve desde o início na organização das primeiras atividades da Oficina, em 2004. Por este relato ficamos a saber que a incorporação do arquivo pessoal e da biblioteca particular do escritor João Guimarães Rosa ao acervo do IEB-USP, em 1972, passou a gerar muitas consultas de pesquisadores nacionais e internacionais interessados em diversos aspectos da obra roseana. Nesta tradição nasce a Oficina Guimarães Rosa:

Plenamente aberta a pesquisadores, docentes e estudantes da USP e de outras universidades como também a demais interessados, a “**Oficina**”, visando uma reflexão ampla e crítica, organiza, em torno do acervo e da obra do escritor, rodas de leitura, debates, conferências, seminários com expositores convidados, lançamento de livros, exposições, apresentações artísticas e excursões acadêmicas em “paisagens roseanas” (Dieter Heidemann, lido por: RIBEIRO, 2020).

Naqueles primórdios ficou acordado que a coordenação da Oficina seria escolhida para um período de dois anos e seria composta de três de seus integrantes. Consta, ainda, que os participantes dessa primeira reunião que aconteceu em 7/8/2004 foram: Elizabeth Ziani, Vitor da Costa Borysow, Mônica Fernanda Rodrigues Gama, Daniel Reizinger Bonomo, Marily da Cunha Bezerra e o próprio Heinz Dieter Heidemann. Naquele dia foram indicados como coordenadores para o biênio 2004-2006 o professor Dieter, Elizabeth Ziani e Mônica Fernanda Rodrigues Gama. Definiu-se também que, além da leitura, buscar-se-iam parcerias e cooperação com o intuito de divulgar e valorizar a obra roseana tanto em São Paulo quanto no sertão:

A “**oficina**” busca ainda intercâmbio e cooperação com diversas instituições culturais, brasileiras e estrangeiras, acadêmicas e não acadêmicas, que

se dedicam ao estudo e à divulgação da obra de Guimarães Rosa. Entre as instituições não acadêmicas se destacam o “Museu Casa Guimarães Rosa” em Cordisburgo, cidade natal do escritor e o “Circuito Guimarães Rosa”, que agrega em Minas Gerais vários municípios-cenário de sua vida e obra (Dieter Heidemann, lido por: RIBEIRO, 2020).

Não temos a intenção de demarcar com exatidão como ou quando começaram as atividades da Oficina de Leitura. Quisemos apenas delinear um certo movimento de como ela veio vindo, e vindo bem, como anunciado na epígrafe.

### **Um bocado de história da leitura**

Em seu livro sobre a história da leitura, Alberto Manguel (2000), escritor, tradutor e editor argentino, narra uma experiência da sua juventude, quando trabalhava numa livraria em Buenos Aires. Certo dia Manguel foi convidado pelo famoso escritor Jorge Luis Borges, já quase completamente cego, para que fosse à sua casa ler em voz alta, pois sua mãe, que antes se ocupava dessa atividade, já com 88 anos, cansava-se muito nessa tarefa. E assim o jovem Manguel viveu, por dois anos, uma oportunidade grandiosa:

Eu não lera muitos desses autores antes, e assim o ritual era curioso. Eu descobria um texto lendo-o em voz alta, enquanto Borges usava seus ouvidos como outros leitores usam os olhos, para esquadrinhar a página em busca de uma palavra, de uma frase, de um parágrafo que confirme alguma lembrança. Enquanto eu lia, ele interrompia, fazendo comentários sobre o texto a fim de (suponho) tomar notas em sua mente (MANGUEL, 2000, p. 38).

Neste caso particular há um jovem leitor que empresta a sua voz alta a um escritor amadurecido, que ouve a leitura. Ambos ouvem, mas não ouvem do mesmo jeito, pois enquanto o jovem leitor ouve a si mesmo em algumas vezes é a primeira vez que toma contato com aquele livro-autor, Borges ouve a partir do seu vasto repertório amadurecido ao longo dos anos e, portanto, aproveita para fazer relações, inferências e alimentar-se dessa leitura, inclusive para compor os seus próprios textos. Assim,

Manguel continua:

Aprendi rapidamente que ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes. [...] Por exemplo, ler em voz alta para ele textos que eu já lera antes modificava aquelas leituras solitárias anteriores, alargava e inundava minha lembrança dos textos, fazia-me perceber o que não percebera então, mas que agora parecia recordar, sob o impulso da reação dele (MANGUEL, 2000, p. 41-42).

Talvez se possa dizer que na Oficina de Leitura Guimarães Rosa, em que se faz leitura em voz alta compartilhada em grupo, experimenta-se algo semelhante, numa troca muito fecunda entre os diferentes níveis de leitores. Cada um com a sua bagagem e experiências de leitura construídas durante a sua vida percorre um caminho de compreensão muito singular, ao mesmo tempo em que tem a oportunidade de ouvir e compartilhar com outros participantes diferentes pontos de vista sobre um texto lido. Quando comparece à Oficina algum especialista que se dedicou a um ou outro aspecto da obra roseana, os participantes têm a oportunidade de vislumbrar com maior profundidade e extensão aquele aspecto visado pelo estudioso.

Mônica Gama fez parte daquele núcleo inicial da Oficina, à época como estudante de Letras na USP – hoje ela é professora na Universidade Federal de Ouro Preto-MG –, conforme ela mesma narra no podcast mencionado anteriormente (RIBEIRO, 2020). Mônica conta que na sua experiência pessoal e no curso de Letras a leitura era uma prática silenciosa. Ela já tinha lido *Grande sertão: veredas* sozinha e silenciosamente. A participação na Oficina e a experiência de ouvir a leitura em voz alta no grupo tiveram repercussões que se ampliaram posteriormente em sua vida como pesquisadora:

Sentar para ler juntos, ouvir a entonação de cada um, cada um de alguma forma encontrar a sua própria narrativa. O Dieter lendo em alemão e a gente acompanhando e vendo uma força poética de uma língua que a gente não conhecia, mas ao mesmo tempo tudo aquilo tinha um sentido. A Roda foi superimportante e a partir daí, toda vez que eu dava aula sobre Guimarães eu falava muito sobre a importância também da leitura em voz alta. Teve consequências para minhas pesquisas. Fui pesquisando sobre o lugar do leitor na obra, o quanto que a obra é construída textualmente pensando

numa série de lugares vazios em que o leitor tem que se colocar, o leitor tem que parar para repensar tudo o que leu para construir o sentido junto. De alguma forma isso foi apontado na Roda de Leitura (Mônica Gama, in: RIBEIRO, 2020).

Mônica Gama destaca essa característica singular do texto roseano: o fato de funcionar muito bem tanto na leitura individual e silenciosa quanto na leitura em voz alta e em grupo, e que nessa última dinâmica, sente-se à sombra do contador oral. Toda essa experiência de participar da Oficina de Leitura fez com que, posteriormente, Mônica Gama oferecesse, em São Paulo, rodas de Leitura e, além disso, em seus cursos na universidade já leu o GSV inteiro com seus alunos em formato de roda de leitura.

Manguel (2020) aponta para algumas peculiaridades da leitura em voz alta:

O ato de ler em voz alta para um ouvinte atento força frequentemente o leitor a se tornar mais meticuloso, a ler sem pular e sem voltar a um trecho anterior, fixando o texto por meio de uma certa formalidade ritual. [...] a cerimônia de ouvir alguém ler sem dúvida priva o ouvinte de um pouco da liberdade inerente ao ato de ler — escolher um tom, sublinhar um ponto, retornar às passagens preferidas —, mas também dá ao texto versatilidade respeitável, um sentido de unidade no tempo e uma existência no espaço que ele raramente tem nas mãos volúveis de um leitor solitário (p. 186).

O texto literário roseano lido em voz alta na Roda de Leitura suscita essa experiência encantadora de poder compartilhar tanto o que arrebatou o leitor pela beleza de um trecho como pelo desconhecimento de uma palavra ou a incompreensão de um trecho. Mas há algo mais:

As palavras escritas, desde os tempos das primeiras tabuletas sumérias, destinavam-se a ser pronunciadas em voz alta, uma vez que os signos traziam implícito, como se fosse sua alma, um som particular. A frase clássica *scripta manent, verba volant* — que veio a significar, em nossa época, “a escrita fica, as palavras voam” — costumava expressar exatamente o contrário: foi cunhada como elogio à palavra dita em voz alta, que tem asas e pode voar, em comparação com a palavra silenciosa na página, que está parada, morta. Diante de

um texto escrito, o leitor tem o dever de emprestar voz às letras silenciosas, a *scripta*, e permitir que elas se tornem, na delicada distinção bíblica, *verba*, palavras faladas — espírito. As línguas primordiais da Bíblia — aramaico e hebreu — não fazem diferença entre o ato de ler e o ato de falar; dão a ambos o mesmo nome (MANGUEL, 2020, p. 77).

Paulo Freire destacou a importância do ato de ler (1989), para este autor a leitura de mundo é um ato político tão importante quanto a leitura da palavra escrita, sendo que a leitura daquele precede a leitura do texto escrito. Nesse sentido, Manguel aponta para alguns aspectos biológicos e sensíveis do ato de ler:

Para extrair uma mensagem desse sistema de sinais brancos e pretos, apreendo primeiro o sistema de uma maneira aparentemente errática, com olhos volúveis, e depois reconstruo o código de sinais mediante uma cadeia conectiva de neurônios processadores em meu cérebro, cadeia que varia de acordo com a natureza do texto que estou lendo e impregna o texto com algo — emoção, sensibilidade física, intuição, conhecimento, alma — que depende de quem sou eu e de como me tornei o que sou (MANGUEL, 2000, p. 67).

Além disso, o mesmo autor recorda que:

Nos textos sagrados, nos quais cada letra e o número de letras e sua ordem eram ditados pela divindade, a compreensão plena exigia não apenas os olhos, mas também o resto do corpo: balançar na cadência das frases e levar aos lábios as palavras sagradas, de tal forma que nada do divino possa se perder na leitura (MANGUEL, 2000, p. 77-78).

Francis Utéza (2012), estudioso da metafísica roseana, igualmente enaltece a importância de se prestar atenção às palavras em sentido muito amplo, algo que pode ser apreciado com mais detalhes na leitura oral e, também, nas posteriores pesquisas vocabulares, pois Guimarães Rosa sabia do valor simbólico que emanava de cada palavra, tanto como uma forma como um som e sua etimologia e toda essa experiência, no conjunto, pode abrir para o leitor camadas de compreensões muito sutis:

Assim [Rosa] afirmava o seu interesse fundamental pela “criação poética da forma”, pela procura da “sensação visual mágica das palavras” e da sua “eficácia sonora”, visando “transmitir ao subconsciente sutis vibrações emocionais”<sup>2</sup>. Ou que reclamasse, numa abordagem descrita como “reacionária”, aceder a uma linguagem cuja “música exprimiria aquilo que a sua lógica nos obriga a acreditar”; limpa das “montanhas de cinzas que a obscurecem” esta versão refinada da língua portuguesa poderia abrir a porta ao infinito (UTÉZA, 2012, p. 49. Grifos do autor).

Mônica Meyer participante da Roda, de maneira online, bióloga e professora aposentada da UFMG, fez pesquisas (MEYER, 2000; 2003; 2008) no IEB sobre as cadernetas que João Guimarães Rosa escreveu durante a viagem de 1952, acompanhando uma boiada (ROSA, 2011). As contribuições da professora Mônica têm sido fundamentais para compreendermos, por exemplo, o papel que Rosa atribui à natureza como se fosse personagem e não apenas cenário onde se desenrola a trama das demais personagens. Não alcançaríamos compreender, sozinhos e tão rapidamente, tantos aspectos e detalhes que a Mônica costuma nos oferecer na sua partilha.

Eulina Pacheco Lutfi, professora aposentada da rede pública estadual de São Paulo comparece assiduamente na Oficina de Leitura online e oferece as suas contribuições. Para este livro ela enviou quatro ensaios, porém ela produziu muitos outros e os apresentou quando das leituras dos diferentes contos e livros. Maria Neli Defensor Martins tem se revelado uma verdadeira usina de produções muito diferenciadas e dela também recebemos quatro contribuições que refletem as suas pesquisas, mergulhos e compreensões de diferentes aspectos dos textos de Rosa. Jean Garfunkel, poeta e músico, não perde uma sessão, compartilha as suas poesias no grupo do WhatsApp e também canta, ao vivo e acompanhado do seu violão, as músicas e versinhos que estão entremeados nos textos roseanos. E assim, cada um com o quinhão que conseguiu trabalhar em sua vida entra na Roda de Leitura e se expõe, oferece, compartilha, troca e faz o movimento da sabedoria roseana fluir.

---

2 “Nos meus livros [...] tem importância, pelo menos igual ao do sentido da estória, se é que não muito mais: a poética ou poeticidade da forma, tanto a “sensação” mágica, visual, das palavras quanto a “eficácia sonora” depois de; e mais as alterações vivas do ritmo, a música subjacente, as fórmulas-esqueletos das frases – transmitindo ao subconsciente vibrações emotivas subtis. (“Carta a Harriet de Onís, tradutora de Sagarana e depois de *Grande sertão: veredas*, datada de 9 de fevereiro de 1965”, apud Daniel ML, João Guimarães Rosa: *Travessia Literária*, Rio, José Olympio, 1968, p. 172.)

Desde que a Oficina de Leitura passou para o formato online, a presença de Cecília Marks também tem sido uma grande contribuição. Pesquisadora da obra roseana, é coorganizadora do livro *Romance de formação: caminhos e descaminhos do herói* (MARKS, 2020), no qual afirma: “Consideramos *Grande sertão: veredas* um romance de formação e de transformação ao propor uma travessia que não tem ponto de partida nem de chegada, pois é uma fonte contínua e inesgotável de autodescoberta e autorreflexão” (p. 60). Com essa experiência de estudiosa da obra roseana, Cecília coordena e ministra a Roda Rosa Mediação de Leitura, outra iniciativa voltada a fomentar o acesso, a difusão e a fruição da obra de Guimarães Rosa. Todo este repertório de pesquisadora faz com que Cecília seja uma grande parceira da Oficina de Leitura, assim como outros professores mais ou menos frequentes, tais como Marcelo Marinho (UNILA), Fernando Pagan (professor de colégios particulares da cidade de Amparo-SP), Sérgio Emanuel Galembeck (USP Ribeirão Preto), Sandro Soares de Souza (Faculdade de Educação da UERN e Curador do Projeto de Extensão “Rosa da Palavra”), entre outros, contribuindo com a introdução de livros, contos ou novelas que serão lidos. Além disso, o compromisso voluntário de frequentar com assiduidade toda quarta-feira, no formato online, revela-se uma contribuição a mais por esclarecer aspectos lidos, aprofundar e apontar para questões que ampliam e enriquecem a leitura.

### **Metodologia: sob a forma de ensaios**

Do ponto de vista metodológico os textos podem ser lidos como ensaios: buscou-se fazer uma experiência estética de tatear, espiar, auscultar e/ou farejar algumas possibilidades compreensivas e se constitui, assim, num registro pessoal e coletivo da forma como cada pessoa percebeu – e narrou – a sua participação na Oficina de Leitura. Max Bense aponta alguns sentidos para este exercício experimental que são os ensaios:

Deve-se entender por procedimento experimental a tentativa de extrair uma ideia, um pensamento, uma imagem abrangente a partir de certa massa de experiências, considerações e reflexões. O autor fareja uma verdade, sem contudo tê-la em mãos; o autor vai fechando o círculo em torno delas por meio de sucessivas conclusões, fórmulas verbais ou mesmo reflexões digressivas que descobrem lacunas, contornos, cernes, conteúdos (BENSE, 2014, s/p).

Para Max Bense esta maneira mais experimental e ensaística de comunicação permite certas combinações e contrastes que se articulam em torno do tema, de maneira mais livre, sem nenhuma pretensão de portar alguma teoria ou verdade, o que, no entanto, e segundo o autor, não deixa de ser uma contribuição científica, pois

O ensaísta é um combinador que cria incansavelmente novas configurações ao redor de um objeto dado. Tudo o que se encontra nas proximidades do objeto pode ser incluído na combinação e, por essa via, criar uma configuração nova das coisas (BENSE, 2014, s/p).

Tal como se estivesse num laboratório ou ateliê e exercitasse o prazer de fazer experiências com os instrumentos e materiais disponíveis no momento da escrita, percebe-se que cada autor percorreu um caminho, talvez guiado por sua intuição, desejo ou curiosidade: E se eu caminhasse por aqui? E se explorasse esse ponto de vista – biográfico, linguístico, estético, estilístico, pictórico, histórico, ficcional etc.? E se eu contasse essa minha experiência pessoal com a leitura ou um aspecto da leitura deste conto? E se eu fizesse uma relação com esta outra obra da nossa cultura – um filme ou animação, outro poema, uma música, um livro de literatura infantil, uma narrativa pessoal? Pode acontecer pequenos erros, desvios, contudo num ensaio a busca é esse ato mesmo de levantar e combinar camadas e possibilidades compreensivas, conduzindo-as a um certo limite que se sabe, entretanto, inalcançável na totalidade. Segundo Arrigucci Jr. (2000), Manuel Bandeira exercitou algo parecido em sua poesia, o que aparece como um traço fundamental da poesia moderna,

[...] na sua capacidade de operar com contextos diversos. Desloca e justapõe elementos de procedência variada, reaproveitando dados da tradição ou introduzindo novidades inesperadas, articulando ou rearticulando insolitamente novos conjuntos, formando estruturas novas por *assemblage* ou montagem. (p. 15-16).

É um certo gosto por experimentar o que Arrigucci classifica de “uma poesia difusa no mundo das pequenas coisas do dia a dia” (2000, p. 17) e Max Bense chama de “ínfimas variações” em torno do tema:

O ensaio tem o direito formal de se valer de todos os meios de construção racional e emocional, bem como de todos os meios de comunicação racional e existencial – da reflexão, da meditação, da dedução, da descrição –; pode lançar mão tanto de metáforas como de sinais abstratos, da dúvida como da prova, da destruição como da provocação; tem o direito de levar uma tese ao extremo teórico, como pode também encobri-la para ganhar em concretude; a óptica perspectivística e a mecânica da montagem formam o aparato tecnológico dessa arte do experimento (BENSE, 2014, s/p).

Com o tema da narração da sua experiência com a Oficina de Leitura, todos os ensaios deste livro têm o mesmo grau de importância. Todas as pessoas participantes que aqui aparecem em diferentes gêneros textuais – cartas, poesias, textos livres e ensaios acadêmicos – contribuem de maneira muito peculiar. Há também fotografias, bordados e desenhos. Algumas pessoas transbordaram em mais de um texto. cremos que esta diversidade expressa, sob a forma de ensaios, um pouco da grandiosa experiência de 20 anos da existência da Oficina de Leitura nas narrativas de Alfredina Nery, Celina Ramos Couri, Cleide Rovai Castellan, Cleisa Moreno Maffei Rosa, Cristina Maria Mira, Daniel Krasucki, Élide de Lourdes Marques Rodrigues, Elni Elisa Willms, Eulina Pacheco Lutfi, Gilson de Barros, Jean Garfunkel, José Antonio Braga Barros, Luciene Teodoro das Chagas Passos, Marcia Marques de Moraes, Maria Cecília Marks, Maria das Graças Vieira Lins, Maria Neli Defensor Martins, Maria Rita Costa Bertolaccini, Marília Oliveira da Silveira Santos Montel, Miriam Lazarotti, Moisés Sales do Nascimento, Mônica Meyer, Nádia Maria da Silva, Paulo Sérgio da Silva, Regina Pereira, Rioco Kaiano, Rosa Haruco Tane, Silvia De Ambrosis Pinheiro Machado, Susana Hughes Supervielle e Susumu Yamaguchi. Que maravilha tantas pessoas terem aceitado o convite para recheiar este livro com as suas escritas singulares! São vozes coletivas que falam por si e de algum aspecto do contato com a literatura roseana na Oficina de Leitura.

### **A memória e a leitura: o texto como aferidor da vida**

Faz-se aqui também um trabalho com a memória, pois busca-se compartilhar a experiência adquirida ao longo do tempo de como cada participante da Oficina Guimarães Rosa a viveu e narrou:

No pensamento grego arcaico, “a memória não reconstrói o tempo; também não o abole. Derrubando a barreira que separa o presente do passado, ela lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o além para onde regressa tudo o que abandonou a luz do sol [...] o privilégio que *Mnemósine* confere ao *aedo* é o de um contato com o outro mundo, a possibilidade de entrar ali e dali sair livremente. O passado aparece como uma dimensão do além.” (J.P.Vernant, “Aspects mytiques de la mémoire et du temps”, em *Mythe et pensée chez les Grecs*, Paris, Maspero, 1966, p. 58. Apud UTÉZA, 1994, p. 275).

Os acontecimentos da memória vêm e vão, como escrito acima. Eles transitam, não necessariamente de maneira linear, nem é esse o objetivo aqui, neste primeiro momento, de encadear os acontecimentos que se passaram nos 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa do IEB-USP, mas de acordo com a epígrafe pretende-se mostrar alguns movimentos que colocaram pessoas indo por aqui, outras indo por ali e vindo, vindo, cada uma com a sua história e experiência de vida, que um dia entrou na Roda e aqui neste texto narra a sua travessia.

Walnice Nogueira Galvão (1972) reflete sobre a atitude de Riobaldo, um jagunço letrado que tem “boa cabeça” (p. 82), ou seja, memória, inteligência e sentimentos a respeito do vivido, esse mesmo jagunço pede constantemente ao homem letrado que o escuta para que tome nota, aponte algum sentido, quase a intuir o que pode um texto:

Que o viver é caótico, confuso, desordenado, o narrador menciona constantemente. Para impor uma ordenação, não à vida, porque esta já passou, mas o que dela restou na memória, é preciso refletir sobre ela e torná-la texto. [...] O texto é aferidor da vida, e não o contrário. (GALVÃO, 1972, p. 89).

O que se busca neste momento é anotar, apontar alguns sentidos, aferir o que foi vivido, ao trazer as narrativas de alguns participantes da Oficina para que se manifeste, no ato de narrar de um integrante, a riqueza da partilha de leitura da literatura de João Guimarães Rosa, presencialmente ou de maneira online.

Poder-se-á conferir que os diferentes leitores escolheram diferentes momentos de paragem para se deter em um ou outro aspecto, estabelecendo ligações tanto com os acontecimentos das suas vidas (a trajetória pessoal, social, profissional) quanto com as vivências internas (pensamento, memória, desejos, gostos, intuição, perdas, doenças...).

Na combinação destes elementos temos um panorama, quase como se fosse uma colcha de retalhos, em que cada pedaço de tecido, enquanto texto, combina-se com o retalho do outro, e juntos formam um todo, aquilo que conseguimos produzir.

### Os leitores dos textos roseanos

Então, cada um teve de ler do texto alguma passagem, extraíndo de si a melhor e mais bonita voz, que pudesse; leu-se desabaladamente.

João Guimarães Rosa, *Pirlimpisquice*, 2017, p. 1331.

Parece que o começo da Oficina de Leitura Guimarães Rosa assemelha-se à nascente de um riachinho que foi se encorpendo até ser o que é atualmente: desde o início de abril do ano de 2020 passou a ser um caudaloso rio online, em decorrência da pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2. A Oficina conta atualmente com uma média semanal de 60 participantes de várias cidades do Brasil e até do exterior, sendo que em algumas ocasiões chegou a ter mais de 100 pessoas que continuam a se encontrar pelo deleite e mero prazer de ler, apreciar e compartilhar os muitos sentidos das escritas roseanas.

Os encontros acontecem às quartas-feiras, das 18 às 20h, horário de Brasília, e têm também um papel de mediação muito importante: aproximar leitores de uma obra e de um autor que precisa ser mais bem conhecido pelos próprios brasileiros. Para participar dos encontros não é preciso fazer inscrição, e também não tem certificado no final. As pessoas encontram-se pelo prazer de compartilhar a leitura oral sem o compromisso de “medir” quem sabe mais e nem se há algo certo ou errado, contudo, os mais experientes quase sempre iluminam aqui e acolá, e os novatos às vezes arriscam sugerir um sentido que até então passara despercebido. Faz-se a leitura oral, escuta-se “a melhor e mais bonita voz” de cada pessoa, aprende-se a ler juntos, em círculo, como se fosse em comunidade. Deixa-se fluir o sentimento, diante do texto, na roda:

E bastantes outras coisas eles decifravam assim, vendo espiado o que de graça no geral não se vê. Capaz de divulgarem até os usos e costumes das

criaturas ausentes [...]. Porque, dos centos milhares de assuntos certos que parecem mágica de rastreador, só com o Tipote e o Suzarte o senhor podia **recheiar livro** (ROSA, 1986, p. 351. Grifo meu).

Em meados de 2022, como parte da produção de meu trabalho de pós-doutorado, sob supervisão do professor Michel Riaudel, da Sorbonne, enviei por e-mail e no grupo de WhatsApp da Oficina de Leitura o seguinte convite:

**Você está sendo convidado(a) a narrar, do seu jeito, como participou ou ainda participa da Roda.** Pode ter duas, três ou até 20 páginas. Pode ser ilustrado com fotos, bordados ou desenhos, o importante é registrar a sua passagem pela Roda. **Se você aceitar o convite, encaminhe o seu texto para o e-mail [elnielisaw@gmail.com](mailto:elnielisaw@gmail.com) até 28 de fevereiro de 2023.**

No correr da vida, o prazo para recebimento dos textos foi estendido para bem acolher a todos. Muitas pessoas atenderam o pedido para recheiar livro (plagiando a expressão do próprio Guimarães Rosa) com as suas narrativas de participantes da Oficina de Leitura, tanto presencial quanto no formato online. O objetivo foi registrar por escrito um tanto do muito vivido no âmbito das atividades da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP e tornar esta história pública, sob a forma de um livro, no Portal de Livros Abertos da USP, em formato digital e com acesso gratuito. Cada um pode narrar do seu jeito. Há os que desenharam, bordaram, fotografaram, cantaram, fizeram poema, teatro, música, haicais, e assim contam e/ou narram histórias, compõem, escrevem textos acadêmicos, propõem cursos, enfim, a comunidade dos leitores roseanos é bastante eclética.

Foi Regina Pereira – uma das atuais coordenadoras da Oficina – quem trouxe esta citação de Guimarães Rosa, retirada de *Grande sertão: veredas*: “No sirgo fio dessas recordações, acho que eu bateava outra espécie de bondade” (ROSA, 1986, p. 457). Segundo o dicionário Oxford, sirgo é um substantivo masculino e refere-se à indústria têxtil: “1. fio ou cordão de seda produzido com os ovos do bicho-da-seda (Antigamente, produzia-se um tecido que, embora grosseiro, também era conhecido como seda; com ele faziam-se capotes, panos que serviam de cobertores, coberturas para móveis etc.)”.

Para melhor compreender aquela citação, recorreremos ao léxico de Nilce Sant’Anna Martins (2001), que nos indica a ver, primeiro, o verbo batear, e logo após

define sirgo como “sedoso, suave” (p. 457). Assim, batear significa “lavar na bateia, garimpar, minerar; (fig.) procurar, desejar” (p. 66). É isso: quisemos garimpar o fio dessas tão diversas, sedosas, fortes e suaves experiências que as tantas pessoas tiveram com a Roda de Leitura Guimarães Rosa, quisemos compartilhar tudo isso, tal como as trocas de experiências de alguns participantes que passam a semana pesquisando sobre um ou outro aspecto lido e assim conseguem batear muitos sentidos para o texto de Rosa. Atualmente os participantes compartilham esses sentidos no grupo de WhatsApp da Roda de Leitura. E nós quisemos deixar um livro recheado com as narrativas de todos que pudemos alcançar e que aceitaram esse convite.

## Referências

- ARRIGUCCI JR. Davi. A beleza humilde e áspera: a força calma. In: \_\_\_\_\_. O cacto e as ruínas: a poesia entre outras artes. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. p. 11-20.
- BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. Revista Serrote. N.16, 2014. Instituto Moreira Sales. São Paulo. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/> Acesso em: 28/10/2022.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 23.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MANGUEL, Alberto. Une histoire de la lecture. France : Babel, 2000.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna. O léxico de Guimarães Rosa. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2001.
- MEYER, Mônica. Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MEYER, Mônica; GOULART, Flávio. Sarapalha, roteiro de doença, natureza e amor. In: Seminário Internacional Guimarães Rosa (2001: Belo Horizonte) Veredas de Rosa II/ Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2003, p.575-579.

MEYER, Mônica. De um só couro: a natureza nas notas de viagem de Guimarães Rosa. Educação em Revista. Belo Horizonte. N.31. jun/2000. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n31/n31a03.pdf> Acesso em 21/10/2022.

RIBEIRO, Renata. Oficina de Leitura Guimarães Rosa: a formação da Oficina. Podcast n° 025. 13/05/2020. Disponível em <https://anchor.fm/difusieb/episodes/025--Oficina-de-Leitura-Guimares-Rosa-a-formao-da-Oficina-por-Renata-Ribeiro-ee0eqv> Acesso em: 3/12/2022.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 26.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSA, João Guimarães. A boiada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ROSA, João Guimarães. Ficção completa. 1. ed. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão. Volume 2: Grande Sertão: Veredas; Primeiras estórias; Tutameia (Terceiras estórias); Estas estórias; Ave, palavra! Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

UTÉZA, Francis. Metafísica do Grande Sertão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

UTÉZA, Francis. Do Guaicuí ao Verde-Alecrim: a linguagem dos pássaros In: João Guimarães Rosa: Memória e imaginário do sertão-mundo. Rennes: University Press of Rennes, 2012. p. 49-76 (gerado em 4 de janeiro de 2023). Disponível em: <<http://books.openedition.org/janus.bis-sorbonne.fr/pur/56446>>. ISBN: 9782753557482. DOI: <https://doi-org.janus.bis-sorbonne.fr/10.4000/books.pur.56446>.

# Poetagem ou sobre os que sabem ler e escrever

Elni Elisa Willms<sup>1</sup>

Revirei meu fraseado. Quis falar em coração fiel e sentidas coisas. Poetagem. Mas era o que eu sincero queria — como em fala de livros, o senhor sabe: de bel-ver, bel-fazer e bel-amar. *Grande Sertão: veredas*. (ROSA, 2017, p. 1027).

Em primeiro lugar quero me ater a alguns recados sobre “os que sabem ler e escrever” para em seguida abordar a construção dos textos deste livro sobre os 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa – IEB-USP.

Rosa constrói os seus textos de maneira muito peculiar. Os que o leem sabem que ele entremeia muitas estórias por entre a estória e, aqui e ali, vai deixando gotejar sabedoria escrita e vertida da PALAVRA e da voz dos seus personagens, quase todos eles, homens e mulheres muito simples, aquelas pessoas comuns do interior do sertão. Engana-se quem pensa que ali vige apenas o pobre de espírito por ser uma pessoa do interior do Brasil, um mero sertanejo. Ao contrário, quando nos detemos para ler e escutar – dado que ler Guimarães Rosa em voz alta nos permite a compreensão de outras sutilezas – o que o autor semeia ou destaca das palavras dessas pessoas comuns, em geral nos deixa maravilhados.

---

<sup>1</sup> Professora da UFMT e do PPGEDU da Universidade Federal de Rondonópolis.

Trata-se, mesmo, de pura poesia misturada à narrativa do que apenas aparentemente é uma estória qualquer e, ali onde menos se espera, eis que rebrilha um período, um trecho – as vezes um verso ou um haikai – que nos arrebatam: como isso é bonito de se ler! Parece filosofia! Nos causa impacto e alegria! Nos assusta e até nos conforta quando parece que dá um sentido para algo que até ali parecia obscuro! Trata-se daquilo que se chama de experiência estética (GALEFFI, 2007; BECCARI e ALMEIDA, 2016), algo que é difícil de explicar, mas que quando acontece a gente sabe: alguma coisa se fez compreendida, é bom e é belo, às vezes até nos assusta e desperta revolta ou indignação, mas alguma coisa abriu um pequenino espaço de compreensão de algum sentimento bom e ruim, alguma sensação de ternura e conforto para o nosso estado de ser e estar no mundo.

### **Atitude indiciária: *firasa***

O solo firme, até, é-lhe um poder de inimigo. Pelo quando vim, dias, sertão abaixo, nas abas de um boiadeiro sanfranciscano, com respeito aprendi como os vaqueiros nunca deixavam de ler o chão pedrento, de o decifrar, com receio inocente e no automático assesto de mineralogistas. “Pé-duro, chapéu-de-couro” (ROSA, 2017, p. 1955).

Para vislumbrar algumas das sutilezas de que se reveste a ficção roseana, como leitora vou me servir de uma atitude indiciária (GINZBURG, 1989), atitude de quem presta atenção ao ambiente em que vive – tal como os vaqueiros, na epígrafe acima – como se rastresse na linguagem do autor alguns indícios, pistas, resíduos ou pegadas, particularidades que parecem insignificantes, mas que, uma vez no texto, permitem adensar, compreender e avançar para compreensões um pouco mais ampliadas:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. (GINZBURG, 1989, p. 151).

A arte de designar “coisas através de coisas” (GINZBURG, 1989, p. 153), de operar a compreensão por meio de uma leitura simbólica, aponta para uma enorme capacidade de elaboração intelectual em que se conjugam elementos a fim de compor um certo recado ou enredo, uma mensagem que faça algum sentido e que, neste caso, se apresenta sob a forma de literatura.

Esta capacidade de perceber minúcias como se fosse um caçador “agachado na lama, que escruta as pistas da presa” (GINZBURG, 1989, p. 154) é quase como se fosse a atitude do hermenauta, aquele que interpreta um texto. Trata-se de uma experiência epistemológica própria das pesquisas em ciências humanas, de natureza qualitativa, indireta e conjectural, sem nenhuma pretensão de certeza ou infalibilidade. Ao contrário, aproxima-se mais de uma espécie de especulação em que quase tudo pode ser ou não ser. O emocional e o subjetivo podem operar livremente neste tipo de leitura e interpretação. Elementos sócio-históricos e geográficos podem conjugar-se com a elaboração ficcional.

O observador (leitor) é convidado a participar do ato do conhecimento, pois aquele que escreve sabe que não detém todas as chaves interpretativas, mas oferece aquelas que conseguiu operar para este ou aquele aspecto do texto. São formas de saber que se ancoram na observação muito atenta em que o patrimônio de todos os sentidos (tato, audição, olfato, visão, paladar, intuição, entre outros ainda não nominados) é convocado para a percepção de atingir camadas mais profundas e alcançar aquilo que Carlo Ginzburg designa de “pequenos discernimentos” (1989, p. 168), pois, “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (1989, p. 177).

Há espaço para perguntas que, por vezes, ficam temporariamente sem respostas. Outras perguntas são respondidas de pronto, mas algumas questões requerem pesquisas mais acuradas e, por vezes, mesmo com toda a leitura e pesquisa, restam dúvidas. A nossa experiência de leitores de Guimarães Rosa nos coloca na condição daqueles que escutam, que perguntam, que desconfiam de muita coisa, sem resposta pronta para tudo. Como por exemplo: Por que o personagem Ezequiel, na novela “Buriti”, é chamado de *Chefe*? Assim, com letra maiúscula e em itálico. Essa pergunta, feita pela coordenadora Rosa Haruco Tane durante a leitura da novela mobilizou uma grandiosa pesquisa que ficou registrada no grupo do WhatsApp e está sem uma resposta definitiva até hoje, que eu saiba.

Ser uma pessoa leitora de Guimarães Rosa quase sempre nos leva a pequenos discernimentos insuspeitados, pois há fartura de chaves – poéticas ou não – para o leitor movimentar, entrar e abrir compreensões diversas. Em seu livro *Fita verde no cabelo* (ROSA, 2017), Rosa deixa este enigma na voz “difícil” da avó da menina que chega à sua casa: “Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe”. Como leitores não temos certeza se o adjetivo difícil se refere à dificuldade com a saúde da avó ou se haveria uma certa dificuldade de compreender o que ela diz logo na sequência: entra e abre. Ora, normalmente nós abrimos uma porta e em seguida adentramos num outro espaço. Uma porta separa, estabelece um limite e uma passagem. Mas a avó inverte essa operação mecânica e propõe à menina que ela entre com as suas chaves naquele espaço para conseguir abrir, ou seja, ampliar sua percepção, compreender o que se passa.

Fico bastante tentada a afirmar que esta chave de interpretação cabe aos textos recolhidos neste livro: como leitores nós entramos no texto, aos poucos começamos a abrir todos os nossos sentidos para melhor perceber o que ali se passa. É um movimento lento. Percorremos um caminho por entre palavras, linhas, parágrafos e páginas do livro, seguimos este labirinto e aos poucos nos familiarizamos com aquela linguagem diferente, com as pausas, com a inserção de muitas estórias no fluxo narrativo, nos surpreendemos com máximas poéticas e com aforismos, com as descrições por vezes luxuriantes do ambiente natural e também com as descrições mais profundas dos personagens em cenas cotidianas. Enfim, como leitores somos conduzidos pelas palavras do escritor, e quando em diálogo – as vezes silencioso no momento da leitura individual, por vezes em voz alta na Roda – parece que conseguimos abrir algumas chaves interpretativas. Momento de alegria e de perguntar: será que é isso mesmo? Você(s) também percebeu(ram) isso? Pode ser que sim e pode ser que não. Quem sabe? Às vezes conseguimos confirmar alguma informação por meio das pesquisas de especialistas em biologia, geografia, literatura, por exemplo, mas também pela confirmação de saberes populares dos participantes da Roda de Leitura. Entrar nos textos de Guimarães Rosa e abrir compreensões é sempre uma surpresa, quase uma bênção, como anunciado pela avó de *Fita verde no cabelo* e é também um deleite, para nós leitores! Nos iniciamos nas artes de “bel-ver, bel-fazer e bel-amar”, anunciadas na epígrafe, para nunca mais sair deste círculo de encanto com a literatura roseana!

Não se trata de pôr em prática algumas regras como se estivéssemos num laboratório a controlar variáveis para encontrar resultados repetidamente iguais.

Como anunciado na epígrafe desta seção, não há solo firme, ou seja, certezas absolutas. Aproximar-se do conhecimento nas ciências humanas pela via da literatura requer, além de manejo racional que se obtém por leituras sucessivas de ampla bibliografia, o uso de uma outra faculdade: a intuição. Por isso evocamos a figura do vaqueiro e do caçador, pessoas que usam os sentidos em seus afazeres, o faro e o golpe de vista, mas que também confiam nalguma coisa que os convoca a escolher aquela direção, aquele caminho. Carlo Ginzburg resgata uma palavra que vem da cultura árabe para definir esta atitude metodológica: a *firasa*:

Noção complexa, que designava em geral a capacidade de passar imediatamente do conhecido para o desconhecido, na base de indícios. O termo, extraído do vocabulário dos *sufi*, era usado para designar tanto as intuições místicas quanto as formas de discernimento e sagacidade [...] Essa “intuição baixa” está arraigada nos sentidos (mesmo superando-os) – e enquanto tal não tem nada a ver com a intuição suprassensível dos vários irracionalismos dos séculos XIX e XX (GINZBURG, 1989, p. 179).

O autor adverte que a *firasa* não é uma espécie de privilégio para poucos eleitos, nem uma forma de conhecimento superior, mas se constitui patrimônio humano disponível para homens e mulheres, caçadores e marinheiros, sertanejos e urbanos, unindo o animal humano às outras espécies animais.

### **Um exercício livre e interpretativo: recados e *firasa***

Vou escrever sobre alguns recados, como logo se verá, ou à maneira como li a novela “O recado do morro”, de João Guimarães Rosa (2017, p. 1027). Vou pinçar alguns elementos, dado que Rosa tem sido estudado por muitos pesquisadores (GALVÃO, 1972; GARBUGLIO, 1972, 2005; MACHADO, 2013; MENESES, 2010; MEYER, 2008; SOBRINHO, 2011; VASCONCELOS, 1997; ZULAR, 2020; UTÉZA, 1994, entre outros) que buscam, sob diferentes visadas, desvendar os infindáveis enigmas e recados roseanos. Vou me deter em algumas questões ligadas à leitura. Na qualidade de leitores nos é exigido um estado de atenção sensorial ampliada: é preciso ver, escutar, cheirar, intuir, imaginar, apalpar, provar, sonhar para bem ler ou para bem viver (SALIS, 2003).

Assim, afirmo que para adentrar o mundo da leitura dos textos roseanos é preciso uma certa dose de fírasa. A narrativa do autor vale-se de recursos poéticos ou “poetagem” (ROSA, 2017, p. 1027). Não que ele diga que faz poetagem. Guimarães Rosa escolheu escrever narrativamente, o que não exclui a possibilidade de exercer o ofício de poeta. O que se percebe nas leituras continuadas dos seus textos é que a poesia está lá dentro. Está nos ditos populares e nas trovas, está nas palavras que ele versa tal como é a fala sertaneja, está em todo o texto, naquilo que é um entremeio, ou seja, naquilo que está junto com a vida das pessoas, na maneira como elas percebem o mundo e o narram. Junto com o autor que também é um letrado. Quase como se Rosa quisesse destacar a riqueza da cultura e da linguagem brasileiras, talvez e justamente porque seus personagens vivam em comunhão com a natureza, vivam perto, vivam junto com as plantas, os animais, os rios, as águas, as nuvens, o ar, o sol, todos os seres e entes vivos e não vivos. É como se Guimarães Rosa quisesse chamar a atenção para esse excesso que é a vida e que, por isso, precisa ser bem cuidada.

Vou destacar, a título de exemplo, a leitura que fiz de um desses eventos que é narrativo e poético, retirado das páginas iniciais da novela “O recado do morro”:

Fim do campo, nas sarjetas entremontãs das bacias, um ribeirão de repente vem, desenrodilhado, ou o fiúme de um riachinho, e dá com o emparedamento, então cava um buraco e por ele se soverte, desaparecendo num emboque, que alguns ainda têm pelo nome gentio, de anhanhohacanhuva. Vara, suterrão, travessando para o outro sopé do morro, ora adiante, onde rebrota desengulido, a água já filtrada, num bilo-bilo fácil, logo se alisando branca e em leves laivos se azulando, que qual polpa cortada de caju. E mesmo córregos se afundam, no plão, sem razão, a não ser para poderem cruzar intactos por debaixo de rios, e remanam do túnel, ressurtindo, longe, e depressa se afastam, seguindo por terem escolhido de afluír a um rio outro (ROSA, 2017, p. 476).

Silêncio! Pede-se mais um pouco de silêncio. Releitura. Nós que lemos os textos roseanos há algum tempo sabemos que é preciso suportar um certo não saber, que é preciso apreciar os vazios, e para isso é preciso uma certa dose de calma para melhor contemplar. Ler novamente bem devagar. Com vagar, em voz alta para permanecer um pouco sob as vibrações de cada palavra, saboreando o som e o sentido, com os sentidos todos bem apurados.

Intencionalmente citei um trecho em que o autor descreve o fenômeno dos rios que somem nas terras onde há presença de elementos calcários (MONTEIRO, 2002). Aparentemente não há poesia nesse trecho. Entretanto, tomo a liberdade de imaginar esse fluxo de água como se fossem os fluxos inconscientes que por vezes afluem à nossa vida e logo somem, sem nem sabermos de onde vieram e sem controle de saber para onde vão. Como as ajudas pontuais que chegam às nossas vidas de maneira muito inesperada, brilham cumprem-se e logo desaparecem.

A própria palavra *anhanhonhacanhuva*, vocábulo indígena que designa “água parada que some no buraco da terra”, em si já nos coloca num outro lugar e nos convida para pensar o que são os contornos do lugar onde vivemos. O que sabemos sobre a fauna e a flora, sobre a geografia e a história onde habitamos? O que sabemos dos nossos antepassados?

O fluir do rio, o fluir da vida, este fíUME incompreensível, este fiozinho que se desenrodilha sabe-se lá de onde e dá conosco. Se este fiozinho de fluxo de vida tem a sorte de nos encontrar desemparedados, eis que muitas liberações acontecem: acabamos por compreender um aspecto a mais de alguma situação. Mas algumas vezes esse fiozinho de rio – ou fluxo de vida – nos encontra emparedados, fechados. É então que este mesmo fiozinho desaparece num emboque para outros caminhos, subterrâneos.

O fio da vida segue, vara, corta, atravessa para o outro lado daquilo que é pesado, o morro – o emparedamento, nossos orgulhos, resistências ou teimosias – para poder rebrotar adiante, segue desengolido o fluxo, agora filtrado, pois que passou por outras experiências nas profundezas e então o bilo-bilo parece fácil. Só o rio poderia dizer, se acaso pudesse, o que ele viveu para chegar a ser bilo-bilo, espécie de palavra que as crianças, quando ainda não sabem falar, costumam fazer ao mexer os lábios e que produz um barulhinho semelhante ao do rio que flui, por entre pedras, escorre como polpa de caju. Somente quem já partiu um caju à faca sabe que este gesto abre uma profusão de cheiros, líquidos e sabores, segredos que escorrem sem ter como conter. Sem razão. Apenas é, sendo fluxo.

O ambiente da terra onde nasceu João Guimarães Rosa alimenta a sua ficção juntamente com os elementos humanos, e da combinação desses elementos com os requintes do estudioso resulta a sua literatura. Um trabalho de alquimista, pode-se dizer. Do ponto de vista geológico e geográfico a espacialidade mineira é animada e literalmente ganha vida nas produções literárias do autor:

Quando focalizamos a espacialidade geográfica, a partir do contexto geológico, percebemos, claramente, que o espaço calcário, onde ocorreu o roteiro do cientista Olquist, com seus companheiros, segundo o périplo das sete fazendas, tendo como centro o Morro da Garça, sentimos que ele representa, sobretudo, a “entrada” ou o “vestíbulo” do Grande Sertão. Este é caracterizado, acima de tudo, pelo domínio dos “gerais” cujo centro mais legítimo é representado pelo rio Urucuia. Não esqueçamos de que, naquela entrada, junto à belíssima gruta do Maquiné, está Cordisburgo, o ponto de partida de Guimarães Rosa para o sertão e para o mundo. E a paisagem calcária, com suas grutas, lapinhas e urubuquáras são apenas uma das feições sob as quais se nos apresenta aquele grande sertão, uno, mas variado (MONTEIRO, 2002, p. 06).

Numa operação de alquimia produz-se uma “encarnação”. Nas palavras de Heloisa Vilhena de Araújo: “O contar do conto é, portanto, constante transformar do real em estória, em mito, em imaginação, em alma, em reflexo, em Guimarães Rosa” (1992, p. 91). Foi este o exercício que intentamos nesta seção.

### **Um tipo de saber muito diferente de ler em roda**

... a tudo quanto enxergava dava um mesmo engraçado valor: fosse uma pedrinha, uma pedra, um cipó, uma terra de barranco, um passarinho atôa, uma môita de carrapicho, um ninhol de vêspos.  
“O recado do morro” (ROSA, 2017, p.475).

Retomo a novela “O recado do morro” (ROSA, 2017) em que um caso de vida e morte é desvendado por sucessivas leituras de sinais aparentemente díspares. Logo nas primeiras páginas, um parágrafo é iniciado assim: “De qualidade também que, os que sabem ler e escrever, a modo que mesmo o trivial deles deve de ser muito diferente” (ROSA, 2017, p. 478).

Paulo Freire (1989; 2005) legou toda a sua vida – como compromisso político e em atitude amorosa e humilde – para elaborar muitos textos que versam sobre a importância do ato de ler o mundo e de também ler a palavra escrita para bem decifrar os tantos atravessamentos a que somos submetidos enquanto fazemos a nossa travessia neste mundo.

Logo no início do livro *A importância do ato de ler* Freire afirma que a leitura “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1989, p. 9). Ele aponta para a necessária implicação do texto com o contexto. Também recua no tempo e numa espécie de arqueologia busca nas suas memórias de infância as inscrições que ficaram retidas e então descreve a casa, as mangueiras do quintal, os assobios do vento, os movimentos das nuvens, os animais que habitavam o espaço doméstico, os sabores das frutas que experimentou, entre muitas outras experiências sensoriais, para nos mostrar que desde criança somos capazes de ler o mundo e que essas leituras ficam registradas em nosso corpo, como memórias, que a qualquer momento podem ser revividas e até ressignificadas. E conclui: “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p.13), no sentido de que ao melhor compreendê-lo, poder-se-á transformá-lo segundo a concepção deste autor, pela ação ética e política consciente de homens e mulheres engajados e sensíveis.

Nesse aspecto estrito alinha-se o pensamento de Paulo Freire à citação em destaque acima de João Guimarães Rosa quando ele escreve que **os que sabem ler e escrever, a modo que mesmo o trivial deles deve de ser muito diferente**. Parece algo dito por alguma pessoa sertaneja que em sua sabedoria reconhece o poder da leitura, o que ela opera na vida das pessoas. É preciso lembrar que mesmo as pessoas que não sabem ler a palavra escrita sabem ler o mundo, pois possuem a capacidade de perceber detalhes, de prestar atenção às relações entre os acontecimentos que às vezes se apresentam soltos ou emaranhados. Assim, prestar atenção ao que acontece, as pessoas percebem o mundo e ao caminhar por diferentes trilhas interpretativas podem chegar a distintas compreensões e arranjos.

Assim fazem as pessoas que participam da Roda de Leitura: há aquelas que trazem as experiências do teatro, outras do cinema, da música, da gramática, dos estudos acadêmicos, assistentes sociais, professores, biólogos, geógrafos, jornalistas, poetas, enfim, todas as pessoas que entram na Roda de Leitura, entram com os seus universos de leitura que trazem de seus mundos, e nessa troca e compartilhamento de olhares, coletivamente conseguem enxergar um pouco mais, dando a tudo um pequeno valor, como anunciado desde a epígrafe dessa seção, conseguimos avançar um pouco mais nesse infinito universo roseano.

Às vezes uma pessoa se detém nos sentidos de uma determinada palavra num contexto. Outra pessoa aponta para os conhecimentos religiosos, geológicos, da arte e da cultura oral, as ilustrações de Poty, o funcionamento de um monjolo, os saberes afro-brasileiros e indígenas e mesmo a sabedoria de outros continentes. Saber ler e escrever, mesmo que seja apenas o trivial, na Roda, e num processo de abertura ao diálogo e partilha coletiva de leituras, constitui-se numa riquíssima experiência que a todos educa, de um jeito ou de outro.

Esta modalidade de leitura, como acontece ao se ler em roda e em voz alta, ultrapassa quaisquer limites de previsibilidade, pois não há como saber de antemão quem vai apontar para qual aspecto. Aposta-se na incerteza e acredita-se nas pessoas, naquilo que cada um elege para comentar. Cada dia da Roda de Leitura é sempre inédito, seja porque sempre se lê um novo trecho ou porque há uma certa flutuação de pessoas, mesmo nos encontros online, em decorrência de eventos pessoais que impedem a presença e porque não há controle de frequência. Começa-se ou continua-se a leitura e segue-se até certa parte de modo que todos tenham lido um pouco, cerca de dez a 15 linhas de maneira a concluir um parágrafo. A partir daí começa o desfile das vozes que fazem a leitura do texto roseano por um tempo de cerca de 1 hora. Em seguida, iniciam-se os comentários, as perguntas, os pontos que mais chamaram a atenção, cada um do seu jeito, sem tomar excessivamente o tempo, há um movimento harmonioso que flui entre falar e escutar. Aprende-se junto, na circularidade dos saberes e indagações, num ensaio livre de perguntas e respostas.

Por vezes um comentário de uma pessoa cola-se ao de outra, complementam-se, reforçam-se. Noutras uma pessoa retoma um aspecto abordado em outra semana e o apresenta sob a forma de texto, poema, vídeopoesia ou minidocumentário audiovisual, uma música ou trecho de um livro que ampliam a compreensão. Cria-se muito livremente um espaço muito potente para a voz (momentos de fala) e para a escuta (momentos de audição). A pessoa pode falar e conquistar um espaço de escuta que, por sua vez, pode gerar outras falas, e assim a Roda gira e movimenta saberes. Todos se encantam, todos aprendem, mesmo as pessoas mais discretas e silenciosas, que escolhem não falar, não abrir a câmera, apenas observar e escutar! Que tanto elas aprendem apenas no fruir e observar em contemplação?

A literatura roseana vivida na Oficina, em Roda, constitui-se assim numa experiência de diálogo entre o escritor e os leitores, em grupo. Quando um escritor

tem a felicidade de encontrar-se com muitos leitores, como é o caso da Roda de Leitura Guimarães Rosa, eu acredito que o diálogo com o mundo ganha dimensões muito alargadas e intensas. Talvez toquemos, ainda que brevemente, n'algo profundamente ancestral que é a força do estar junto com os outros, numa comunidade de pessoas, como o próprio Rosa escreve de forma muito poética no conto "Substância": "Só o um-e-outra, um em-si-juntos, o viver em ponto sem parar, coraçõemente: pensamento, pensamôr. Alvor". (ROSA, 2017, p. 1412). Um labor forjado em roda que brilha e desperta sentimentos e subjetividades pela via do coração, mas também no trânsito das racionalidades e pensamentos. A vida contemporânea, urbana, utilitarista e individualista perdeu um tanto esse condão do viver em comunidade de partilha. E por incrível que pareça conseguimos atualizar e ampliar essa experiência num momento de isolamento e profunda dor durante a pandemia da Covid-19, por meio dos encontros virtuais com a ficção roseana. Tudo junto e misturado.

O fato é que todos aprendem um pouco mais, em círculo, na Roda, horizontalmente como fizeram e ainda fazem muitos povos ancestrais com sabedoria resguardada pela oralidade. Lembra também um pouco a improvisação dos músicos de jazz, improvisado que, entretanto, significa também juntar-se, tocar e fundir-se aos demais, numa composição que permanece aberta, mesmo quando a Roda de Leitura termina. É muito comum após o término da Roda de Leitura que as pessoas escrevam ou enviem áudios no grupo de WhatsApp em que acrescentam mais um ponto de vista, referências e informações pertinentes à leitura do dia. O entrelaçamento de leituras se estende para além daquele acontecimento virtual da Roda, toca-se às texturas dos mundos de cada pessoa e extravasa como linhas de um bordado, haicais, versos ou poemas, uma música, uma canção, um vídeo e mesmo um texto acadêmico. Não há grau de maior ou menor importância nessas linguagens. Na construção que se faz em forma de roda, não há como determinar o fim ou a continuidade, apenas desdobramentos, fluxo, movimentos de abertura ao conhecimento.

### **Leitura como metáfora da teia de aranha**

Talvez a metáfora da teia de aranha possa dar uma imagem mais palpável do que se passa na Roda de Leitura: "As linhas de teia de aranha, por exemplo, bastante

diferentes daquelas da rede de comunicações, não conectam pontos ou juntam as coisas. **Secretadas do corpo da aranha enquanto ela se move, são as linhas *ao longo das quais ela age e percebe***” (INGOLD, 2015, p. 139. Grifo meu). Ou seja, estar na Roda de Leitura significa que cada pessoa deixa “vazar” suas linhas, estender os fios de sua compreensão, que por sua vez poderão encontrar-se com as linhas de outra e mais outra pessoa **enquanto se movem, pelas vozes e sons**, pela escrita, pelos gestos e produções de sentido de cada um, **forma-se um texto ou tecido vivo**, uma teia, ligada e em movimento, trama e feixe que flui por toda a teia, tecida em comunhão:

Cada linha – cada relação – no espaço fluido é um caminho de fluxo, como o leito do rio ou as veias e vasos capilares do corpo. Como a imagem sanguínea sugere, o organismo vivo não é apenas um, mas um feixe inteiro de tais linhas. Em um sentido bastante material, linhas são aquilo de que os organismos são feitos. Na verdade, os anatomistas sempre souberam disso, pois têm falado de “tecidos” corporais. Pois o tecido é uma textura formada de uma miríade de fios firmemente entrelaçados, apresentando toda a aparência, para um observador casual, de uma superfície coerente e contínua. (INGOLD, 2015, p. 141).

Tim Ingold é um antropólogo inglês que estabelece vários diálogos e conexões com muitas áreas do conhecimento para tentar dar conta dessa experiência extraordinária que é estar vivo. Nesta lógica tecida com a metáfora das linhas pelo autor, cada ser vivo é um emaranhado de experiências que, enquanto vivo, vai deixando as suas linhas como uma espécie de pegadas por onde passa. Quando esses seres se dispõem ao encontro e no movimento colocam essas informações para circular entre si, com as suas diversas linguagens, parece que uma grande energia é gerada e algo é tecido. Como se pode experimentar ao participar da Roda de Leitura de forma contínua, como se fosse o fluxo de uma viagem:

Isso é precisamente o que monges de tempos medievais pensavam estar fazendo. Eles se viam como peregrinos, viajando em suas mentes de um lugar ao outro, e compondo seus pensamentos à medida que estes surgiam, desenhando, ou “puxando”, as ideias alojadas em locais previamente visitados. A palavra em latim para este desenhar ou puxar era *tractare*, da qual é derivada a palavra portuguesa “tratado”, no sentido de uma composição

escrita. E o fluxo da mente pensante, que avançava pelas trilhas do texto escrito, era conhecida como seu *ductus*. Como a água em um aqueduto, o pensamento flui de uma fonte em direção a um objetivo. (INGOLD, 2015, p. 286-7).

Ora, vejamos se não é disso mesmo que a literatura de Guimarães Rosa se alimenta: o extenso vivido, desde as memórias de infância, a vivência na mercearia de seu pai, em frente à estação de trem, na pequena Cordisburgo, onde aprendeu a escutar muitas estórias e histórias das pessoas de passagem; os anos de estudo (em 1918 é levado para Belo Horizonte por seu avô e padrinho, Luís Guimarães, e matriculado no primeiro ano ginásial do Colégio Arnaldo (COUTINHO, 1983, p. 16); as suas tantas leituras e o aprendizado de cerca de 20 diferentes línguas de maneira autônoma e por gosto; a experiência como médico (Itaguara em 1931; 1933 em Barbacena, ambas em Minas Gerais, seu estado natal) e depois como diplomata (Hamburgo-Alemanha, de 1938 a 1942; Bogotá-Colômbia, em 1948; Paris-França, entre 1948-1951); o seu trabalho na Chefia do serviço de Demarcação de Fronteiras do Itamaraty por 11 anos, de 1956 a 1967, a viagem histórica de cerca de 240 quilômetros, realizada em 1952, acompanhando uma boiada ao longo de dez dias. Todo este vivido, todas as leituras e muito mais, algumas destas experiências anotadas em cadernetas e diários, todo este material que ficou alojado em seu corpo foi “puxado” e, num trabalho prodigioso e profundamente elaborado, apresenta-se para nós como literatura. Como acrescenta Sobrinho: “Existe um tripé entre a vida, o autor e a escritura como cachaça, possibilitando a presença de um corpus cambaleante nas reentrâncias da escritura” (SOBRINHO, 2011, p. 21). Nós, os leitores, tateamos em busca de compreender sua obra. São leituras sucessivas, no caso da Roda de Leitura, em voz alta, de maneira compartilhada, são escutas e vozes de muitas pessoas, dia após dia, para compreender um aspecto a mais aqui, outro ali.

### **Peregrinação do pensamento: passear na leitura**

Os textos roseanos são assim experimentados na Roda de Leitura como se bebêssemos nesta fonte caudalosa e inebriante. Unimo-nos num fluxo de sentimentos e intuições, de mentes pensantes com o coração pulsando, partilhamos as nossas alegrias e espantos numa confraria de pessoas que acumularam leituras e experiências, as mais

variadas, com a literatura e outras artes, mas que escolheram estar juntas para saborear a obra de Rosa, por deleite.

Este é, talvez, o ponto alto da Roda de Leitura, uma espécie de peregrinação do pensamento em que cada um também pode “puxar” as suas experiências para a Roda, no movimento de compartilhar a leitura dos textos, muitas vezes em relação com outras produções clássicas de outros autores, esse deixar-se fluir sem roteiro, ao sabor da imaginação, pela intuição, uma espécie de emoção como guia de leitura a respeito de um ou outro trecho que tenha chamado a atenção, outras vezes a busca por elucidar o sentido de uma palavra, enfim, a experiência de desfrutar prazerosamente, no fluxo, conduz e nos leva a possibilidades quase infinitas de leitura. Contribui, sem dúvida, para um aprimoramento da nossa existência. É um prazer e, portanto, é também uma experiência estética.

Quando Tim Ingold aborda o tema do fluxo de leitura, ele o faz a partir do livro *A técnica do pensamento*, de Mary Carruthers (2011). Essa autora aponta para a raiz da palavra *ductus*: “De fato, *ductus* insiste sobre o movimento, a *condução* de uma mente que pensa em seu *caminho* através de uma composição” (CARRUTHERS, 2011, p. 124). Como se vê, a autora remete para o sentido de movimento, a direção básica de partes que fluem, como a metáfora da teia de aranha. Ela também aponta que “A movimentação entre as partes de uma composição não é uniforme: ela pode e deve variar” (2011, p. 126). Nesse sentido, na Roda de Leitura, o comentário de uma pessoa especialista em biologia (ou em literatura, psicanálise, geografia etc.) tem tanto valor quanto a apreciação de uma pessoa com escolaridade básica, que vive e trabalha numa pequena cidade do interior de Minas Gerais e conhece bem de perto a cultura e a linguagem sertaneja presente nos textos roseanos. Essas leituras se complementam na variação e grau de olhares que lançam sobre o que leem. De fato, todos se beneficiam. Cada um segundo suas próprias capacidades, necessidades ou desejos.

Outro aspecto é a sonoridade da escuta de cada uma das variações da língua portuguesa nesse país tão grande como é o Brasil. Escutar o texto roseano na voz de uma pessoa do estado de Minas Gerais, estado natal de Guimarães Rosa, difere de escutá-lo a partir de uma pessoa dos estados de Pernambuco, de São Paulo, do Rio de Janeiro ou do Rio Grande do Sul, por exemplo. Todas as outras pessoas que participam da Roda se beneficiam dos diálogos e variações de vozes, dessas trocas que escoam e fluem nos

momentos de leitura oral. E, para além das vozes, os significados das palavras que às vezes são conhecidas numa região e desconhecidas noutra.

A leitura em voz alta hoje não é comum, entretanto parece favorecer – desde a época romana, quando esta prática era corriqueira – a construção de cenários mentais que vão “pintando na mente” (CARRUTHERS, 2011, p. 194) do leitor aquilo que o autor descreve por meio de palavras. Essas imagens mentais, por sua vez, contribuem tanto para a memorização quanto para a compreensão do texto:

Quintiliano esperava que os leitores normalmente tentassem “ver” o que liam, que o ver ou ouvir a língua poderia – e deveria – envolver alguns procedimentos de visualização mental. E, de fato, muitos modernos, quando podem participar dessa atividade hoje em dia rara, a leitura em voz alta, construirão alguns tipos de imagens mentais enquanto ouvem a leitura (CARRUTHERS, 2011, p. 196).

Carruthers (2011) comenta sobre um tratado para noviços intitulado *Sobre a aflição e a leitura*, do beneditino Pedro de Celle, do século XII. A disciplina com que se treinava e dirigia os sentidos para a leitura dos textos religiosos era comparada aos esforços físicos dos exercícios militares:

Assim como a disciplina ascética é em parte modelada na retórica, assim a leitura, a preparação básica de um orador, é uma espécie de batalha, proporcionando armas textuais para defender a cidadela do Inimigo. Este é o aspecto mais extraordinário do trabalho de Pedro, e a melhor medida de quanto ele considerava a leitura algo afetivo. A atividade de leitura, para Pedro, é o campo de batalha da virtude e do vício (CARRUTHERS, 2011, p. 164).

Nesta orientação, a leitura – dos textos sagrados à época – adquire um aspecto devocional e funciona como um escudo para se defender das aflições da alma, das distrações e dos deslocamentos que, à época, não eram bem-vindos. Pedro ensina que a leitura “é uma espécie de caminhada por entre os conteúdos da Escritura” (CARRUTHERS, 2011, p. 166). Embora hoje as pessoas que participem da Roda de Leitura não estejam sob essas orientações religiosas, ainda assim entregam-se à leitura

de Rosa como se estivessem realmente numa viagem – ou travessia – como turistas que andam e adentram um caminho e se deparam com pontos inusitados naquela paisagem literária e param, observam, especulam, admiram, escutam, estudam e aprofundam os seus conhecimentos de maneira convivial. Como leitores viajantes podemos nos perguntar:

Como, então, a leitura difere do caminhar na paisagem? Ela simplesmente não difere. Caminhar é viajar na mente, tanto quanto sobre a terra: é uma prática profundamente meditativa. E ler é viajar na página, tanto quanto na mente. Longe de serem rigidamente separados, há um tráfego constante entre esses terrenos, respectivamente mental e material, através dos portais dos sentidos. (INGOLD, 2015, p. 289).

Há um componente afetivo também, há gosto e prazer em mostrar, em compartilhar um sentido ou novo ponto de vista. Nas pegadas deixadas por Mary Carruthers, Tim Ingold resume:

Pedro de Celle aconselha os leitores das escrituras a prosseguirem como se andassem por uma paisagem, e chama a atenção para locais significativos ao longo do caminho, os eventos que aconteceram aí, e as vistas que propiciam, quase como se estivesse apresentando um guia [de leitura]. O humor, ele nos diz, deve sempre ser sensível a esses eventos e panoramas: agora luminoso e alegre; agora mais carregado; com um coração pesado e aflito. (INGOLD, 2015, p. 287).

Assim fazemos ao caminhar pelos textos roseanos: como se estivéssemos a visitar uma paisagem para nos conhecermos mais e melhor. Pede-se do leitor essa cumplicidade, espécie de cultivo subjetivo, para perceber as nuances de que se reveste o texto para melhor poder experimentar tudo que ele pode oferecer. Há descrições idílicas por meio das quais, como numa fonte, saciamos a nossa esperança; há aquelas passagens que convocam profundas reflexões a respeito de questões humanas universais – dor, alegria, medo, coragem –, os duelos e as batalhas de que são feitas as travessias humanas. Há descrições de ambientes que parecem nos transportar para dentro da paisagem, tamanha a qualidade visual da narrativa. Como aponta João Batista Santiago Sobrinho:

“Guimarães Rosa, estrategicamente, a propósito da indevassabilidade do mundo, como do poético, embaça apolineamente seu texto, ora para realçar as negligenciadas sombras, ora para falsear o horror” (SOBRINHO, 2011, p. 19).

### **Arremates: um certo contorno hermesiano da ficção roseana**

Aponto aqui uma das possibilidades da literatura como uma tapeçaria, que se expõe e convoca o leitor a pensar sobre si e sobre a realidade. Muitas vezes a beleza de uma construção poética nos arreata, assim como choca a crueldade de certos personagens. Todos os sentidos precisam comparecer de maneira muito vívida, como se o leitor fosse um artesão que no uso de suas ferramentas subjetivas vai construindo uma certa compreensão, neste trânsito entre ficção e realidade: “Existe uma poética do corpo no texto roseano, uma força do instinto, como da ficção, opondo-se à lógica, à verdade unívoca e transcendente da razão” (SOBRINHO, 2011, p. 22). Nesta travessia entre o real e a ficção, o leitor vai caminhando e vai construindo não uma verdade, mas uma espécie de itinerário em que ele também se forma, como aponta Rogério de Almeida:

Em linhas gerais, a literatura e a mitologia perfazem a mediação do homem com o mundo-aí, com o outro e consigo mesmo, para se inserir, para se situar, para se apaziguar, para se individualizar, para viver em grupo, para produzir cultura, para se formar. Como animal *symbolicum* (Cassirer, 1994, p. 50) necessitamos de poesia, de devaneio (Bachelard, 2009), de mito, romances, enfim, das formas disponíveis de ficção para compreendermos a realidade na qual estamos inseridos. (ALMEIDA, 2011, p.128).

Reafirma-se, desse modo, o papel da ficção como uma força produtora de sentido capaz de contribuir tanto para indagação e compreensão da realidade quanto para a formação humana:

A ficção, como produto e processo de cultura, é anterior à literatura, mas dependente, tanto quanto esta, das forças de criação de sentido. Não surge, portanto, como mentira ou imitação, mas é um modo de expressar o real, mesmo que um real inventado. Esse modo é a narrativa. E aqui, numa

perspectiva antropológica, a narrativa se dá como simbolização, como ordenação temporal de forças, de percepções, de intuições, que se elaboram para produzir sentido, para ordenar o real, a partir do hiato, da brecha, do distanciamento que se abre entre o real percebido e o real desejado. (ALMEIDA, 2011, p. 133).

Este modo de expressar o real por meios simbólicos – algo que caracteriza a cultura da espécie humana – seja por desenhos, bordados, pinturas, sons, cantigas, movimentos e danças, e mesmo pela narrativa oral e depois a escrita, o uso de recursos e de elementos fantásticos e poéticos é algo que faz parte da nossa experiência humana desde tempos primordiais. É a maneira que encontramos de construir alguns sentidos, mesmo que provisórios, para o nosso estar no mundo. Nesta mesma linha de pensamento é que Antonio Candido (2004) defende a literatura como um direito humano e afirma que é preciso “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (p. 172). Tomemos uma definição de literatura de Antonio Candido:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 2004, p. 174).

Parece contraditório, porém é complementar: para compreender a realidade precisamos dos recursos do devaneio, da imaginação, da fabulação. Como aponta Elni Elisa Willms (2011), é possível perceber algumas relações entre o poeta e filósofo Friedrich Nietzsche e o escritor João Guimarães Rosa a partir das figuras míticas de Apolo e Dionísio, pois “É nesse *perpetuum vestigium* em que se mesclam o apolíneo e o dionisíaco que se pode compreender a produção artística, em que o gênio – cheio de multidão e de seiva, contemplando-se, será ao mesmo tempo objeto e sujeito, ou

seja, obra de arte” (WILLMS, 2011, p. 167). Por isso a leitura dos textos de Guimarães Rosa requer que manejemos essas duas forças míticas, as de Apolo como aquele que guia a razão, as luzes, a lógica, o real e aparente, algumas certezas e definições e, por outros meios, que também acessemos a embriaguez, a alegria, a memória, a intuição e o devaneio dionisíacos. Estas duas forças vitais precisam comparecer, juntas e misturadas, para que se possa adentrar o universo dos textos roseanos.

A figura mítica de Hermes, mensageiro por excelência, deus grego das trocas, do comércio e da comunicação, permite o trânsito entre os tantos pares que visitam a obra roseana: realidade e ficção, ser e não ser, bem e mal etc., e representa, dessa forma, uma certa maneira de compreensão, de acordo com Rogério de Almeida:

[Hermes] é mais uma maneira de saber do que propriamente um saber, a Hermes liga-se o importante símbolo da estrada, não como elo entre dois pontos, mas mundo em si, caminho onde o acaso e o imprevisto serpenteiam, labirinto de provas, mais do que viagem a um destino, a jornada constante, o constante trajeto, a mediação. (ALMEIDA, 2014, p. 70).

Faz sentido evocarmos a mitologia hermesiana nesse texto também por causa da palavra “travessia” que finaliza o grande romance de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*. Atravessar daqui para lá, essa ideia de movimento e de trânsito evoca esse deus grego:

Hermes é o deus da comunicação e da diferença entre os comunicantes, deus das encruzilhadas, arquétipo do sentido de toda linguagem. Por um lado, ele é o guia, o pastor, o condutor; por outro, é portador de um certo tipo de conhecimento, saber hermesiano, dado ao domínio retórico e interpretativo. É o responsável pela realização da *coincidentia oppositorum* alquímica, pelo *tertium datum*, pela hermenêutica, pelo hermetismo, pela *hermetica ratio*, pela condução das almas, seja levando-as ao mundo dos mortos, seja dele trazendo-as. (ALMEIDA, 2014, p. 69).

Como leitores e envoltos na bruma dos acontecimentos cotidianos, muitas vezes não conseguimos compreender as zonas obscuras em que os acontecimentos se

apresentam. Mas eis que, ao tomar contato com a narrativa literária, algo nos chama a atenção, quase como se fosse um palito de fósforo aceso numa escuridão. É este um dos modos de Hermes se apresentar, como condutor das almas ou do conhecimento:

Hermes é conhecido como o *puer aeternus*, ao mesmo tempo *puer* (criança) e *senex* (velho), é também *sermo* (discurso, língua) e *ratio* (razão, inteligência); alude-se a um Hermes *crióforo* (o que carrega um carneiro aos ombros), é o *psicopompo*, o condutor de almas; “ora ele aparece como reflexo de Cristólogos, ora como soldado das legiões infernais!” (Faivre, 1998, p. 453); logo após nascer, fez-se ladrão do rebanho de seu irmão Apolo, com quem comercia a lira que acabara de inventar; quando preparou o sacrifício das vacas de Apolo, “com a esperança de ter reconhecidos todos os seus direitos de olímpico, divide as vítimas em doze porções, como há doze deuses ao todo, isto é, quando formam uma totalidade”. (Sissa; Detienne, 1990, p. 196). (ALMEIDA, 2014, p. 70).

O trabalho intelectual muito requintado do escritor João Guimarães Rosa “munido de um profundo arcabouço místico e fabular, comporta-se, artisticamente, ao mesmo tempo de modo onírico e de maneira extática” (SOBRINHO, 2011, p. 35). Esta é a sua maneira de, como artista da palavra, afirmar a vida, em sentido trágico, conforme já apontamos em outro estudo (WILLMS, 2011). E nós, os leitores, o acompanhamos com a alegria de poder seguir suas pegadas, mesmo que de longe.

## Referências

ALMEIDA, Rogério de. A literatura e seu aspecto formativo. *Religare* 8 (2), 127-138, outubro de 2011.

ALMEIDA, Rogério de. As Máscaras de Hermes: uma mitanálise do pós-moderno. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; GOMES, Eunice S. L.; ALMEIDA, Rogério de. O mito revivido: a mitanálise como método de investigação do imaginário. São Paulo: Képos, 2014. p. 55 a 78.

ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. A raiz da alma: Corpo de Baile. Coleção “Criação e Crítica”, n.10, São Paulo: Edusp, 1992.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura: vários escritos. 4.ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Duas cidades, Ouro sobre azul, 2004.

BECCARI, Marcos e ALMEIDA, Rogério de. O cotidiano estético: considerações sobre a estetização do mundo. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v.9 nº 3, p. 10-26, 2016.

CARRUTHERS, Mary. A técnica do pensamento: meditação, retórica e a construção de imagens (400-1200). Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

COUTINHO, Afrânio (Org). Guimarães Rosa. Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 23.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 43.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALEFFI, Dante Augusto. Educação estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. Em Aberto, Brasília, v. 21, n. 77, p. 97-111, jun. 2007.

GALVÃO, Walnice Nogueira. As formas do falso. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GARBUGLIO, José Carlos. O mundo movente de Guimarães Rosa. São Paulo: Ática, 1972.

GARBUGLIO, José Carlos. Rosa em dois tempos. São Paulo: Nankin, 2005.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

INGOLD, Tim. Estar vivo. Ensaios sobre o movimento, conhecimento e descrição. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MACHADO, Ana Maria. Nome próprio: índice ou signo: In: MACHADO, Ana Maria. Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 25-45.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Cores de Rosa: ensaios sobre Guimarães Rosa*, Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2010.

MEYER, Mônica. *Ser-tão Natureza: a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MONTEIRO, Carlos A. F. *Do Mutúm ao Buriti Bom: Travessia de Miguilim*. Revista do Departamento de Geociências, Londrina: Departamento de Geociências-UEL, v. 11, n. 1, 2002.

ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. 1. ed. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão. Volume 2: Grande sertão: veredas; Primeiras estórias; Tutameia (Terceiras estórias); Estas estórias; Ave, palavra! Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SALIS, Viktor D. *Mitologia viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

SOBRINHO, João Batista Santiago. *Mundanos fabulistas: Guimarães Rosa & Nietzsche*. Belo Horizonte: Crisálida-CEFET, 2011.

UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: metafísica do grande sertão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ZULAR, Roberto. *No fluxo dos recados: sobredeterminação e variações ontológicas em “O recado do morro” de Guimarães Rosa e A queda do céu de Kopenawa e Albert*. Critic, Palhoça, SC, v. 15, n. 1, p. 19- 39, jan./jun. 2020.

WILLMS, Elni Elisa. *A arte trágica como afirmação da existência: entremesclando Nietzsche e Rosa*. *Religare* 8 (2), 164-180, outubro de 2011.

TRAVESSIA II - Um livro e a cidade natal de Rosa em três línguas



Bordado de Cleisa Moreno Maffei Rosa  
Foto de Alderon Costa

# Cordisburgo

Cristina Maria Mira<sup>1</sup>

Cordisburgo

Do latim, cordis, coração.  
Do alemão, burgo, cidade.  
A cidade do coração.

---

<sup>1</sup> Nasceu em São Paulo, capital. É jornalista, professora de escrita criativa, poeta e escritora. Em 2016, concluiu a Pós-Graduação em Formação de Escritores no Instituto Vera Cruz. Publicou *Cordisburgo* (2005) de maneira independente e, sendo detentora dos direitos autorais, apresenta-o aqui, relato poético sobre a terra natal do escritor Guimarães Rosa; *Jari – Uma aproximação sensível* (2004), também autopublicação. Participou de três coletâneas: *Colar de oito voltas* (2017) – pela Editora Quelônio – Selo Carapaça, *Verdades de uma escritora* (2018), pela Editora Lamparina Luminosa, e *Corpo da Terra* (2021) – Editora Quelônio. É criadora do Espaço Mirabilis, onde recebe desde 2012 grupos de alunos interessados em escrita criativa, literatura, mitologia, teatro e música. Venceu o concurso de poesia Sampoemas/2015, na Casa das Rosas, com o poema – Aniversário – em homenagem à cidade de São Paulo. É autora do livro infantil – *Otto e a Tina* – Editora Ateliê da Escrita – aprovado pelo MEC no Programa Nacional do Livro Didático – PNLD – Literatura 2018; e do livro *Otto e a toca* (2020), Editora Ateliê da Escrita.

(Dedicatória)

Dedico este livro ao meu pai, Sebastião Lourenço Mira,  
que um dia, como bom mineiro, me contou essa história:

“Eu devia ter uns quatro anos. Resolvi entrar no curral onde estava uma vaca e um bezerrinho. A vaca fingia que dormia com o bezerrinho do lado.

Saltei por cima da cerca alta, feita de tábuas largas e entrei.

Quando a vaca me viu, levantou na hora e começou a correr atrás de mim.

Dei meia volta e corri também. Consegui me enfiar pelo vão das tábuas, bem rente ao chão. Meu pé ainda estava do lado de dentro do curral quando dei de cara com os pezinhos de abóbora plantados por minha mãe.

Senti o bafo quente da vaca bem perto de mim.

A Candinha lembra... A Menina lembrava...”

-----

R e d e m o i n h o

-----

### **Rodoviária de São Paulo**

A voz inteligível anuncia que um ônibus vai conduzir alguém a algum lugar.

Setas, placas, barulho.

Uma árvore, lá fora, insiste em balançar sem ser vista.

Os olhos estão nas revistas, nos livros, no relógio.

A mulher negra, de calcanhar esbranquiçado, usa saia de bolinhas vermelhas.

Me assusto com a menina que pisa duro.

– Espera o ônibus, mulher! Com calma se vai longe, longe.  
Dia longo, atribulado, chega ao fim.  
O que cabe num olhar não cabe nas maiores malas de viagem.  
O olhar é antídoto contra a solidão.  
O que um par de mãos pode acolher?  
Abraços, toques sutis, uma caneta, uma criança,  
um volante de ônibus que leva alguém a algum lugar.

Para onde leva o coração?

-----

### **Rodoviária de Belo Horizonte**

Compro o bilhete.  
Localizo a plataforma de embarque.  
Destino: Cordisburgo.  
Aguardo o meu ônibus.  
Um velho quase cego e com dificuldade para andar veio falar comigo.  
Queria chegar à plataforma D2.  
Ambulantes, vendedores,  
passantes, passado,  
sacolas, mochilas.  
Universo lotado.  
O ônibus chega.  
Um homem desdentado tenta guardar no porta-malas uma lata de tinta.  
O fiscal não quer. O desdentado diz: “Estou levando a tinta porque preciso trabalhar”.  
O outro, parceiro, reclama: “Você devia ter embrulhado a lata, mas se tentasse entrar  
no ônibus sem camisa não iam deixar!”.  
A viagem dos homens e da tinta é autorizada.  
O coração está apertado.

- - - -

Chego.

26 de junho de 2001. São 15h20.

- - - -

– Que lugar é esse? – perguntou o marido ao vizinho do lado.

– Cordisburgo. Vi na tabuleta da estação.

A mulher deu um grito:

– Cordisburgo? É a terra do Rosa! A terra do Guimarães Rosa!

.....

(...) Os dois desceram, emocionados, olhando para um lado e para o outro, a investigar traços de Rosa no ar. Onde a casa de Seu Florduardo? A Rua de Cima, o hotel da Nhá Tina? Juca Bananeira? Um velho que tomava sol na janela indicou-lhes, com o queixo, a velha casa de portas de venda, com placa de bronze na parede, onde João Guimarães Rosa acontecera, fadado a altos destinos, papéis. (...) e o sentimento de que Rosa estava ali, disperso e sutil, risonho e mistério, fantasma de palavras circulando entre o sertão e a glória... (...) percorrer a cidadezinha, re-viver o tempo & terra de Rosa.

Crônica “Cordisburgo, de passagem”, de Carlos Drummond de Andrade.

-----

## **Mistério geográfico**

Seria o cheiro do ar, o azul do céu, a direção dos ventos, a radiação dos minérios? Minha mãe jura que em Cordisburgo seus óculos toda hora caem no chão, atraídos pelo magnetismo do lugar.

Eu juro que vou para Cordisburgo todo ano, desde 2001, sem saber bem por quê.

O que há em Cordisburgo?

– Muito, muita coisa.

Cordisburgo é um daqueles lugares que não se chega por estradas comuns.

Exige do visitante um despojamento, uma entrega.

No primeiro dia por lá, “os da cidade grande” entram em estado de choque; celular não pega, não há trânsito, semáforos, agendas lotadas, compromissos urgentes. Socorro: o que estou fazendo aqui?, perguntam-se. Como é que o Guimarães Rosa me aprontou uma dessas?

Passado o choque inicial os visitantes se aquietam e já podem identificar alguns cheiros, reparar no céu, pensar no que fazer.

Daí para frente não há mais volta, estamos misteriosamente enredados nos mistérios de Cordisburgo.

Caminhar em silêncio pela cidade e de repente parar para conversar com alguém. Ir até à venda, à farmácia, à barbearia, à Capela de São José, à Igreja Matriz. Observar.

Ouvir as inúmeras histórias das pessoas de Cordisburgo é entender por que Guimarães Rosa recorria a essas fontes para povoar as suas histórias de verdade, beleza e poesia.

Guimarães conhecia muito bem os encantos de Cordisburgo. Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras citou várias vezes o nome da sua cidade. Dizia que buscava nas suas lembranças uma “reinsuflação de lá, rente ao aconselhamento”.

O discurso começa e termina com a palavra Cordisburgo:

“Cordisburgo era pequenina terra sertaneja, trás montanhas, no meio de Minas Gerais. Só quase lugar, mas tão de repente bonito; lá se desencerra a Gruta do Maquiné, milmaravilha, a das Fadas; e o próprio campo, com vasqueiros cochos de sal ao gado bravo, entre gentis morros ou sob o demais de estrelas...”

“Mais eu murmure e diga, ante vários morros e fortes gerais estrelas verde o mugibundo buriti, buriti, e a sempre-viva-dos-gerais que miúdo viça e enfeita: O mundo é mágico. – Ministro, está aqui Cordisburgo.”

Sabe-se que muitos amigos de Rosa o chamavam pelo nome de Cordisburgo.

Certa vez ao receber um conterrâneo no escritório do Itamarati, conta-se que teria ficado por muito tempo ouvindo notícias da sua cidade e repetindo laconicamente: Cordisburgo... Cordisburgo... Cordisburgo...

O nome da cidade e o nome do escritor se confundiam?

Nascido em 27 de junho de 1908, Rosa usou o coração para descobrir e narrar o mundo; do coração morreu três dias após a posse na ABL, em 19 de novembro de 1967.

O cardiologista proibia Rosa de visitar a sua terra natal, dizia que seu coração não aguentaria.

### **A cidade do coração**

Guimarães Rosa se dizia capaz de reconhecer, de olhos vendados, dois lugares no mundo: Paris e Cordisburgo. Provavelmente sabia que as duas cidades tiveram seus destinos unidos por uma bonita história no passado.

Quando, em 1883, o Padre João de Santo Antônio, um missionário voluntário, chegou a Cordisburgo resolveu chamá-la apenas de Vista Alegre. Conseguiu uma área de 40 alqueires como patrimônio da igreja. No ano seguinte, iniciou a construção da capela de São José, onde ainda hoje se reza terço, se faz missa e casamentos.

Na mesma época, Padre João encomendou de Paris uma imagem do Coração de Jesus. Um padroeiro vindo de Paris que chegou em Gongo Soco e foi trazido numa procissão para o povoado de Vista Alegre. Na festa de chegada, não podiam imaginar que o nome do padroeiro mudaria o nome da cidade.

Padre João era um homem generoso, prestava todo tipo de ajuda ao povo das grotas e distribuía lotes ao redor da igreja. Formava-se o arraial de Coração de Jesus de Vista Alegre. Em junho de 1890 um decreto do governador de Minas Gerais elevou o povoado a distrito – Cordisburgo de Vista Alegre, depois batizado apenas de Cordisburgo, burgo do coração. Para Guimarães Rosa: “Só quase coração”.

A imagem do Sagrado Coração de Jesus, encomendada de Paris, deu nome a Cordisburgo e está, até hoje, na Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus.

## Os arredores

Sobre rochas calcárias está a região mais elevada do município: serras do Barreirão, do Funil, da Onça, do Maquiné, do Palmital. Nos locais em que se apresenta o floramento calcáreo, escarpas abruptas voltadas para vales secos, como acontece no Vale do Córrego do Cuba.

Há muitas grutas formadas pela dissolução do calcário por meio da ação das águas. Alguns rios deixam de correr na superfície, desaparecendo em sumidouros.

À leste Cordisburgo é formada por chapadas nas quais os topos são, em geral, muito largos e levemente convexos.

Ao norte o relevo de altitudes decrescentes leva ao vale do rio das Velhas.

A paisagem é predominada por campos e árvores de porte arbustivo.

Nas áreas mais baixas do relevo as árvores têm porte alto. Junto aos cursos d'água, a mata ciliar é ainda o berço de veredas e buritis.

Alerta: A pecuária tradicional dos campos gerais é sistematicamente substituída pelas carvoarias e pelo eucalipto. Quando a mata vai embora, leva consigo a umidade e a chuva.

Fonte: Histórico de Cordisburgo, Newton Paiva.

-----  
Vamos, chega...

Eu escondo é aqui!

-----  
População: 8.520 mil habitantes em 2006 (ano da publicação do livro)

População: 8.897 (em 2020)

Altitude: 700 metros

Clima: tropical

Localização: Minas Gerais

Distâncias: de São Paulo, 706 km;

de Belo Horizonte, 120 km, e

do Rio de Janeiro, 554 km.

-----

O coração é um músculo muito elástico...

-----

### **Coraçõamente**

Só o um-e-outra, um em-si-juntos, o viver em ponto sem separar, coraçõamente> pensamento, pensamor. Com todo o coração, em estreita fusão de sentimento. // O adv. cordialmente, já gasto, até burocratizado, não podia satisfazer o tom lírico desejado pelo autor. Criou, então, esta forma insólita em que o substantivo-radical é preservado na sua inteireza. Em carta a C.M. Clason, GR explica: “coraçõamente ficou mais concreto, direto, quente e imediato porque cordialmente – isto em port., porque quando usamos cordialmente, nem se recorda mais o rad. lat.: hoje cordialmente é termo de empr. banal, superficial, convencional. Naturalmente em alemão (herziich) a coisa é diferente, não sei. Mas talvez possa ser reforçado... Teremos de achar algo de impacto maior, os corações aparecendo descobertos e vermelhos, quase anatomicamente, como os Sagrados Corações de Cristo e da Virgem. Como escreveu uma vez Jean Louis Barrault: “O coração, acima do corpo e mesmo do espírito: la chair de l’esprit” (ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa e a língua alemã**. Porto Alegre: Ed. da F.F. UFRGS; p. 114).

Fonte: MARTINS, Nilce Sant’Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Fapesp, Edusp, 2001.

O espírito da vida caminha entre toalhas brancas,  
castiçais,  
alto-falantes de praças,  
no cheiro da comida,  
nos sorrisos.

Sei o caminho indo,  
se pensar não chego lá.

O mistério está em tudo:  
no cachorro que late, no copo que quebra,  
na cortina que pega fogo.

Penso sempre nos que sofrem e  
raramente nos que gozam a vida.

A estrela D'alva.

O balão de papel de seda.

A lanterna iluminada pela vela. Procissão.

Minha letra corre solta como uma pipa no céu.

-----

A sabedoria do coração

-----

### **Para entender o ser-tão...**

Impossível chamá-lo de José Osvaldo. Seu apelido – Brasinha – é o elogio perfeito que vale em si. Como uma centelha inquieta, faz a direção artística de apresentações dos Miguilins, é guia turístico e literário dos visitantes, jornalistas e estudiosos de Guimarães Rosa que chegam a Cordisburgo todas as semanas, é dono de loja, é um colecionador de histórias. Torna-se, a cada dia, uma referência no vasto assunto chamado sertão.

O que torna o homem do sertão um sábio?

Brasinha – Eu acho que primeiro é a vivência. Tem que ser sábio pela necessidade. Nasce e tem um mundo todo misterioso ao redor dele, um mundo que é bem diferente, tem que se adaptar. Para o homem do sertão o mundo é muitas vezes hostil, mas aprendeu com os antepassados a necessidade de se tornar sábio.

Uma história que eu costumo contar é que certa vez na minha loja vendemos para uma pessoa da roça, para pagar depois. A pessoa pagou direitinho, mas passado muito tempo, ela mandou a filha voltar na loja para comprar. A filha disse: “A mamãe me mandou aqui para comprar umas coisas”. Minha mulher perguntou: “Quem é a sua mãe?”. A moça respondeu: “Minha mãe é ‘fulana de tal’”. Minha mulher disse: “Eu não estou me lembrando da sua mãe”. A moça, prontamente respondeu: “Ela mandou um ‘retrato’”.

Quer dizer, isso é de uma sabedoria incrível que parte da própria pessoa, ninguém ensinou a ela. Basta uma foto para lembrar da pessoa, não precisa daquela complicação toda, documentos, comprovantes etc.

O povo do sertão descomplica a vida, ou melhor, eles nem sabem o que é complicar a vida, nunca souberam. As pessoas dos centros maiores vivem num sistema complicado. A sabedoria desse pessoal vem mais da religiosidade. Tudo para o homem do sertão é uma reza. Fazer a comida é reza, costurar é reza. Os que sabem um pouquinho de leitura, rezam.

A sabedoria deles é tanta que mesmo os que não sabem ler têm um livrinho de reza, e guardam o livrinho.

Todo mundo reza, todo mundo “pega com Deus”, todo mundo tem um receio do diabo, do mal. Todos falam que não tem o bem sem o mal, e não tem o mal sem o bem.

Às vezes as pessoas perguntam uma coisa e eles respondem com uma tranquilidade e uma sabedoria tão grande. Uma vez uma velha no sertão, me disse: “A vida da gente é muito composta”.

Essa sabedoria vem da fé das pessoas. Ainda hoje há pessoas que guardam o pedaço do umbigo dos bebês. No sertão falam que, se deixar o umbigo em qualquer lugar, o rato pode roer e a pessoa vira ladrão. Tudo é muito natural: sempre foi assim, vai ser sempre assim e pronto.

Uma vez uma senhora falou para mim que toda vida ela gostou muito de rádio. Disse que há 70 anos já tinha um radinho. Adora rádio porque ouviu tudo o que as pessoas

falam e não tem discussão, não fica aquela pessoa respondendo. Então ela ouve – fulano fez isso lá em São Paulo – analisa com ela mesma, não tem discussão.

Guimarães Rosa dizia que quando queria saber as coisas não procurava os acadêmicos, procurava o vaqueiro do sertão porque o homem do sertão está sempre expondo a sua alma, fala o que sente.

Cordisburgo, pela geografia, é o início do sertão.

O que é Cordisburgo para você?

Brasinha – Cordisburgo para mim é um celeiro de histórias. O próprio nome, cidade do coração, já sintetiza tudo. É uma família só, com as pessoas gostando muito umas das outras. O coração comanda tudo.

Na cidade grande, as pessoas reclamam porque não conhecem ninguém, não tem fofoca, todo mundo é anônimo. No meu entendimento aqui, mesmo que haja intrigas, fofoca, política, ainda é melhor. A maioria das fofocas aqui é saudável. A coisa corre de boca em boca numa rapidez muito grande.

Um dia desses, eu ouvi uma coisa fantástica. Aconteceu uma briga e a mulher disse: “Também, o prefeito não fica na rua até de madrugada para resolver essas coisas”. Eu acho bonito isso. As pessoas ainda veem o prefeito como a pessoa que tem que olhar tudo.

É daí que vem a sabedoria.

## **Entrevistas**

### *A reza e o raio*

Dona Quita, 94 anos, se considera uma pessoa feliz. Casou, “criou as filhas com muita honestidade”, tem netos e bisnetos. É uma das benzedoras mais conhecidas de Cordisburgo. Benze quebranto, mau-olhado, impinge e cobreiro, constipação, berne, mordida de bicho e chuva. Sim, benze de chuva. Quando vê que o relâmpago está muito perigoso, dona Quita já começa a rezar.

Diz: “Penso no raio. Esse ano mesmo, o raio já matou muita gente”. Uma das filhas sempre fica preocupada com esse costume da mãe: “Eu falo pra ela: mãe, desse jeito a senhora espanta a chuva! A gente precisa da chuva”.

Dona Quita tem certeza que não faz nada errado. “Eu benzo com Ele. É pra chuva vir em paz. Ela vem, mas vem mansa”.

Pedi para que dona Quita me falasse um pedacinho da sua reza e ela aceitou de bom grado:

“O Cristo vem em paz. O Cristo nasceu da Virgem Maria, andou junto com seus inimigos. Cristo foi crucificado, foi morto, Cristo ressuscitou ao terceiro dia, Cristo subiu ao céu, Cristo está sentado à direita de Deus Pai. (...) Cristo fica conosco para desmanchar as tempestades, o raio, o vento... Uai, isso espanta chuva?”.

Dona Quita acredita muito na ressurreição de Cristo:

“A hora que Jesus subiu para o céu, os apóstolos, que eram os companheiros dele, ficaram olhando Ele subir. Aí veio uma nuvem e cobriu Ele. Nessa hora chegou dois homens, vestidos de branco e falaram: ‘Cê tá vendo? Naquela nuvem que Ele subiu, Ele vai descer!’”.

Em tom quase apocalíptico dona Quita anuncia: “Esse mundo não é nosso! Vivo apegada com Ele porque nós não temos outro reforço. Eu presto muita atenção em reza”.

Dona Quita lembra uma daquelas árvores resistentes do cerrado, fincadas na terra, que o sol forte e a tempestade não conseguem abalar.

### *Dançar e namorar*

“Quando cheguei aqui era uma cidade muito fraca, muito pequenininha, muito sem recurso, mas agora Cordisburgo está uma verdadeira maravilha”, resume dona Geralda, que mora há 48 anos em Cordisburgo.

“Onde eu nasci e me criei foi uma pobreza muito sofrida: socando arroz no pilão, buscando feixe de lenha na cabeça, ajudando a cortar lenha no mato, ajudando a capinar roça. Então casei e mudei”.

Hoje, com 67 anos, dona Geralda cuida da casa onde mora com uma das filhas, participa dos encontros do grupo da terceira idade, passeia para a casa dos filhos e só não dança em

baile porque as pernas não têm força. Ainda arranja um tempinho para fazer biscoitos de polvilho no forno de barro do quintal, cobichados por toda a cidade.

Ela tem convicção de que as melhores coisas da vida são dançar e namorar: “Meu pai adorava dançar e fazia baile para nós, direto. Ele contratava tocador e fazia sempre festa. Fui nascida e criada com a casa cheia”, recorda-se entusiasmada. “Quando casei, meu marido não dançava, mas também não se importava. Carnaval eu adoro! Que vontade de ir lá e pular ‘mais’ eles, mas eu não dou conta! Fico lá até tardão da noite olhando o povo dançando!”.

Com seu vestido azul turquesa enfeitado de fuxicos, com seu quintal ornado de bonitas plantas e podado com capricho, dona Geralda é o feminino delicado das tardes avermelhadas de Cordisburgo.

### *O caso da rua que mudou de lugar*

João da Cruz, conhecido como João Preto, era um João muito resolvido.

Morava com a família numa boa casa, na rua que para ele, tinha o nome mais bonito da cidade.

Um dia precisou mudar. Escolheu outra boa casa, perfeita para acomodar a mulher e os filhos. Mas e o nome da rua? Como viver numa outra rua que não aquela?

Não teve dúvida. Voltou ao antigo endereço, pegou uma escada alta, tirou a placa com o nome da rua e instalou na casa nova. Depois, já mais aliviado, procurou a prefeitura para regularizar a situação.

Na conversa com o prefeito, João Preto foi direto:

“Seu prefeito, quero avisar ao senhor que estou mudando de casa, mas não aceito mudar de rua. Por isso, levei o nome da rua comigo”.

“Mas de que jeito?”, pergunta o prefeito.

“Sim, peguei uma escada e tirei a placa do lugar onde ela estava e coloquei na minha casa nova.”

“Seu João Preto, mas que capricho é esse?”.

“Não sei viver em outra rua.”

Como o prefeito tinha bom coração, o serviço já estava feito e a rua se chamava Córdis,

seu João conseguiu o que queria: mudou de casa, mas não mudou de rua. E isso já deve fazer uns 40 anos.

---

### *Medo pra quê?*

Com 76 anos de idade, 11 filhos, 50 anos de casado, seu João Peão transita entre o mundo visível e o invisível com a mesma naturalidade com que toma um copo d'água. Suas pescarias na “berdocórgo”, suas visões de lobisomem e sereia, suas histórias de peão afamado, sua missão de benzedor, recebem dele a mesma atenção da sua fala mansa e pausada, do seu temperamento tímido e quieto.

“Eu benzo picada de cobra, cobreiro, bucho virado. Também me levam para benzer cobra no pasto. A oração que eu faço é para amansar a cobra, porque tirar a cobra do terreno de um, para pôr no outro, eu acho que é errado. Graças a Deus, até aqui, tudo que eu benzo, sara.”

Seu João Peão gosta muito de contar histórias, muitas delas são relatos de situações que ele viveu. Uma delas está relacionada a um fenômeno que muita gente de Cordisburgo já viu: a aparição da Euflasina ou Fulosina.

Fulosina era uma escrava alforriada com fama de muito má e que costumava enterrar os seus mortos perto da Cachoeira de João Parriba, em Cordisburgo.

“A lua estava alumiando e aí eu lá vou. Quando chegou num matinho começou uma ventania. Olhei para o tempo, limpinho e falei: ‘Uai, mas que ventania é essa?’ Quando eu atravessasse a ponte, tem uma curvazinha, eu vi dois faróis como se fosse de um carro. Ela alumiu para mim. A minha mula não se importou com nada. Eu não tive medo nenhum. Fui em frente. Parecia que ia cair aquele fogo na gente! Parecia uma mulher sentada na garupa da minha mula e dava fogo de toda a cor. Onde eu morava ainda não tinha luz. Quando a Iracema chegou com a lamparina na janela, aí eu assombrei. Deixei minha mula para lá, bati de bruços na cama, não dei fala, não dei nada. Fui dar conta no outro dia, na hora certa de eu levantar para tirar o leite. Eles falam que é a Fulosina. Uma senhora ruim demais com os escravos. Por isso é que ela aparece.”

Depois de contar muitas outras histórias de assombração, sereia, lobisomem, seu João

Peão avalia: “Antigamente tinha muito dessas coisas, agora acabou tudo, né?”. Pergunto a ele por que acabou. Seu João demora para responder: “Sei não. Eu acho que é mesmo o modo do pessoal viver”.

Naquela tarde, enquanto seu João me contava as suas histórias, as mulheres da casa preparavam uma reunião de oração: acendiam velas num tabuleiro cheio de números – uma espécie de sorteio para saber onde será rezado o próximo terço –, organizavam os lanches, passavam com bandejas de pastéis e sucos.

De repente, uma a uma as pessoas começaram a chegar. Reuniram-se na sala, em frente a um pequeno altar. Muitas ficaram do lado de fora da casa. Rezaram por cerca de 1 hora. Pediam pelos doentes, pelos desempregados. No final, o lanche compartilhado. Todos se conhecem e se apoiam mutuamente.

De longe, seu João Peão, com seu olhar destemido e alegre, acompanhava o movimento.

### *O passo da Marquesa*

Nas histórias narradas pela voz forte, pausada e expressiva da dona Silvana, a vida comum – mesclada por momentos alegres, tristes ou cheios de poesia – ganha forma. A senhora de 86 anos vira uma menina, os personagens têm rosto, temperamento e lugar no mundo.

Uma dessas histórias remete à infância e adolescência de dona Silvana quando trabalhava na fazenda do seu João Pitera. Lá, num lugarejo chamado Cuba, próximo à Gruta do Maquiné, fazia de tudo: lavava roupa, fazia doce, fazia queijo e requeijão.

Junto com ela, outra moça com sorte e gênio diferentes, também trabalhava na fazenda. De nome Inhazinha, criada na fazenda, era quase uma escrava nas mãos do irmão do fazendeiro, um homem muito mau chamado Bino.

Bino tinha o estranho divertimento de maltratar Inhazinha. Conta dona Silvana: “Bino era ruim demais. Batia na pobre Inhazinha, botava ela de castigo nos cacos de vidro e ainda falava para mim: ‘Ô Silvana, você olha a Inhazinha para mim! Se ela tirar o joelho daí eu deito o couro em você!’”.

Silvana, chamada por Bino pelo apelido de Marquesa, respondia:

“Eu não tô morta não, Bino! Eu tô viva! Eu conto para papai!”. Papai tinha estima comigo demais. Eu era a filha caçula. Ele me chamava de ‘fia’”.

O Bino repetia: “Ô Marquesa, eu bato em você com chicote de couro d’anta!”. Eu respondia: “Eu não tenho medo do senhor, não, Bino!”. Eu não era boba e nem sou!

Eu dizia pro Bino: “Meu pai coloca você na cadeia!”.

Bino era um homem muito infeliz porque foi amaldiçoado pelo pai, conta dona Silvana. Uma vez o filho negou dinheiro para o pai. Este, humilhado, disse que Bino ia morrer comendo capim.

“O Bino falava assim: ‘Marquesa, vai ali buscar um punhado de capim para mim’. Quando eu chegava com o capim ele dizia: ‘Ô capim gostoso!’”

Em tom grave, dona Silvana alerta: “Por isso que eu falo: os filhos não podem abusar com os pais, não!”.

Dona Silvana ainda contou mais histórias e até cantou uma linda canção que um namorado compôs para ela.

No meio de toda a energia da dona Silvana, só uma coisa a estava aborrecendo. Os filhos não a levaram para dançar na comemoração do seu aniversário, três dias antes da nossa conversa. “Adoro dançar. Não tem ninguém que pisa diante do meu passo!”.

### *O local e o universal*

Conhecer o vaqueiro João Henrique Ribeiro, o Zito, foi um privilégio.

Querido e respeitado, Zito era um dos últimos remanescentes de uma época de cascos, berrantes e comitivas, adornadas pelas veredas e pelo rio São Francisco. Tinha uma arguta percepção do mundo a partir das coisas mais simples.

Estava ao lado de Guimarães Rosa, em 1952, como guieiro e cozinheiro na lendária comitiva de bois que percorreu 40 léguas na região do Rio São Francisco. Zito tinha uma caderneta onde anotava a sua lista de compras e pequenos poemas.

Deixou histórias, canções e causos.

Tinha respostas para ajudar a repensar a vida, os costumes, a identidade brasileira.

Como acreditar num futuro digno para o nosso país, sem o respeito à memória do seu povo?

A seguir, uma parte da entrevista com seu Zito, realizada 15 dias antes da sua morte, em julho de 2001.

Seu Zito, quem passa embaixo do capa-rosa vira mulher?

– Tudo é bobagem da cabeça.

Quem passa embaixo do arco-íris vira mulher?

– Não tem nada disso! Eu passei muitas vezes em baixo para ver. Tudo é bobagem da cabeça.

E se o senhor passasse debaixo do arco-íris e virasse mulher, o que ia fazer?

– Casar com homem rico.

O senhor acredita em Deus?

– Eu nunca ouvi falar de alguém em Cordisburgo que não fosse religioso. Eu sou batizado aqui, meu pai casou aqui.

Eu nunca deitei sem reza. O que minha mãe me ensinou em pequeno eu uso até hoje. Pediu para eu não fumar, eu nunca fumei, nunca joguei jogo de nada. Só praga nos outros eu joguei.

Como era a vida no sertão, como vaqueiro?

– No sertão, toda vereda, todo córrego, pedra, tapera tem um nome.

Quando morria, matava, era enterrado no terreiro. Não tinha esse negócio de cemitério. No sertão todo mundo dançava. Era uma festa. Tinha festa boa. Bebi muita cachaça e dancei recortado, valsa, tango.

Teve muitas namoradas?

– Não posso nem contar. Quando uma moça de vestido cor-de-rosa chegava do meu lado...

Como foi a convivência com o Rosa?

– Ele queria me levar para o Rio para eu estudar e fazer reportagem. Eu não quis ir de jeito nenhum. Dava o lugar pra eu morar, me pagava o estudo, me dava de tudo. Chamou só eu. Só eu que sabia escrever.

Rosa prometeu mandar uma foto e o livro que ele ia escrever. Mandou *Grande sertão: veredas*. Eu não dei conta de ler.

Hoje, o que o senhor mais gosta de fazer?

– Eu gosto muito de fazer amizade com gente de fora, que é a coisa melhor que tem. Fazer amizade com quem eu não conheço. Os outros eu já conheço.

-----

Ô beija-flor toma conta do jardim  
Ô beija-flor toma conta do jardim  
Vou pedir à Nossa Senhora para tomar conta de mim.

Tá caindo flor, tá caindo flor  
Tá caindo flor, tá caindo flor  
É no céu e na terra  
Tá caindo flor.

Canção de Otacílio Lopes Ribeiro, seu Tarciso

Onde é cotô?

## **Reportagem**

Avisto o homem de longe, terno azul-marinho impecável, mãos para trás, parado na plataforma da estação de trem. Não consigo ver o seu rosto.

Uma névoa clara cobre a estação, está frio, são 7 horas da manhã. Aproximo-me devagar. Toco seu ombro direito. Ele suavemente se volta para mim.

Usa gravata borboleta cor de vinho com estampas miudinhas sobre camisa branca. Os óculos arredondados escondem olhos castanhos claros que ficam apertados para tentar enxergar melhor. Deve ter pouco mais de 60 anos. Exala um perfume suave de lavanda. A barba está feita. A pele clara tem poucas rugas. É calvo. As mãos delicadas estão unidas para se aquecer.

Não carrega nenhuma bagagem. Apenas uma maleta pequena de couro preto está apoiada no chão, perto dos sapatos de cromo, brilhantes.

O homem sorri para mim.

“Para onde está indo?”, eu pergunto.

“Costumo tomar aqui o trem para Cordisburgo”, responde.

O trem chega imponente, soltando um apito.

O homem embarca silencioso.

Da estação, fico acenando para o trem que parte.

### Artimanhas da cidade do coração

Museu Casa Guimarães Rosa, Associação dos Amigos do Museu Guimarães Rosa, Grupo Contadores de História Miguilins, Caminhada Eco-Literária: mais iniciativas como essas e haveria menos guerras, menos fanatismo, menos violência, menos estupidez.

Salve, Calina Guimarães – idealizadora do Miguilins –, José Osvaldo “Brasinha”, Solange Agripa Trombini, Ronaldo Alves, Dayana Aparecida Xavier da Silva, Fábio Barbosa, Lucia Goulart e outros queridos.

Em Cordisburgo a cultura não é reduto de minorias.

# Cordisburgo

Cristina Maria Mira<sup>1</sup>

Cordisburgo

Del latim, cordis, corazón.  
Del alemán, burgo, ciudad.  
La ciudad del corazón.

---

<sup>1</sup> Es poeta, escritora y periodista. Realiza intensa actividad en la prensa donde construyó su carrera. Escribió dos libros: *Cordisburgo* (2005), relato poético de la tierra natal del escritor Guimarães Rosa, y *Jari, Uma Aproximação Sensível* (2004) sobre el proyecto Jari-Amazônia. Desarrolla el proyecto *Algum sertão- 21 entrevistas*, inspirado en la obra *Grande sertão: veredas de Guimarães Rosa* - site: [www.algumsertao.com.br](http://www.algumsertao.com.br) Como poeta, participó en el proyecto “Lambe-Lambe”, un extenso collage de carteles en la ciudad de São Paulo-SP, idealizado por los artistas del Atelier Piratininga. Junto a varios poetas, grabó el programa *V de Voces*, transmitido por la radio web del SESC Consolação. Asistió a veladas en la Biblioteca Alceu Amoroso Lima y en la Casa das Rosas, donde ganó el concurso de poesía Sampoemas / 2015 en honor a la ciudad de São Paulo. Hace Posgrado en Formación de Escritores, en el Instituto Vera Cruz. Promueve talleres de escrita creativa y de creación poética, para niños y adultos.

(Dedicatoria)

Dedico este libro a mi padre, Sebastião Lourenço Mira, que un día, como buen mineiro, me contó esta historia:

“Yo debía tener unos cuatro años. Me decidí a entrar en el corral donde había una vaca y un becerro. La Vaca fingió estar dormida con el becerro al lado.

Salté por encima de la alta verja, hecha de tablas anchas de madera y entré.

Nada más verme, la vaca se levantó y empezó a correr detrás de mí.

Me di la vuelta y corrí también. Pude meterme entre las juntas de las tablas, pegado al suelo. Mi pie todavía estaba dentro del corral cuando topé con las ramas de calabaza plantadas por mi madre.

Sentí el aliento caliente de la vaca muy cerca de mí.

Candinha recuerda ... La Niña recordaba ... “

-----

## Remolino

-----

Estación de autobuses de São Paulo

La voz intangible anuncia que un autobús conducirá a alguien a alguna parte.

Flechas, placas, ruido.

Un árbol, afuera, insiste en balancearse sin que lo vean.

Los ojos están en las revistas, en los libros, en el reloj.

Una mujer negra, de talón de color blanquecino, usa falda de lunares rojos.

Me asusto con la niña que pisa fuerte.

-¡Espera el autobús, mujer! Sin prisa se va lejos, muy lejos.

Día largo, tormentoso, llega a su fin.

Lo que cabe en una mirada no cabe en las más grandes maletas de viaje.

La mirada es el antídoto contra la soledad.

¿Lo que un par de manos puede sostener?

Abrazos, toques sutiles, una pluma, un niño,

un billete de autobús que lleva a alguien a alguna parte.

¿Para dónde lleva el corazón?

-----

### **Estación de autobuses de Belo Horizonte**

Me compro el billete.

Localizo la plataforma de embarque.

Destino: Cordisburgo.

Espero mi autobús.

Un viejo casi ciego y con dificultad para caminar vino a hablar conmigo.

Quería llegar a la plataforma D2.

Los itinerantes, vendedores,

peatones, pasado,

bolsas, mochilas.

Universo colmado.

Llega el autobús.

Un hombre sin dientes intenta guardar en el maletero una lata de pintura.

El fiscal no lo permite. El desdentado dice: “Me llevo la pintura porque tengo que trabajar.” El otro compañero, se queja: “Tú deberías haber envuelto la lata, ¿qué crees?”

¡Si intentaras entrar en el autobús sin camisa no te dejarían!”

El viaje de los hombres y de la tinta está autorizado.

Se me encoge el corazón.

-----

Llego.

26 de junio de 2001. Son las 15h20.

-----

- ¿Qué lugar es este? - Preguntó el marido al vecino de al lado.

- Cordisburgo. Vi en el letrero de la estación.

La mujer gritó:

- ¿Cordisburgo? ¡Es la tierra de Rosa! ¡La tierra de Guimarães Rosa!

.....

(...) Los dos bajaron, emocionados, mirando de un lado a otro, buscando señales de Rosa en el aire. ¿Dónde la casa de Don Florduardo? ¿La “Rua de Cima”, el hotel de Nhá Tina? ¿Juca Bananeira? Un anciano que estaba tomando el sol en la ventana les mostró, con la barbilla, la vieja casa con grandes puertas antiguas de madera, con placa de bronce en la pared, donde João Guimarães Rosa despuntara, predestinado al éxito, pluma, papeles. (...) Y la sensación de que Rosa estaba allí, disperso y sutil, sonriente y misterioso, fantasma de palabras circulando entre el campo y la gloria... (...) recorrer la minúscula ciudad, revivir el tiempo & tierra de Rosa.

Cuento: “De paso por Cordisburgo” de Carlos Drummond de Andrade.

-----

### **Misterio Geográfico**

¿Sería el olor del aire, el azul del cielo, la dirección del viento, la radiación de los minerales? Mi madre jura que en Cordisburgo sus gafas se le caen todo el tiempo al suelo, atraídas por el magnetismo del lugar.

Te juro que voy a Cordisburgo todos los años desde 2001, sin saber bien el por qué.

¿Qué hay en Cordisburgo?

- Mucho, muchísimas cosas.

Cordisburgo es uno de esos lugares a los que no se puede llegar por caminos convencionales.

Requiere mucha disposición del visitante, dedicación.

El primer día allí, “los de la gran ciudad”, entran en shock; el móvil sin cobertura, no hay semáforos, agenda a cumplir, compromisos urgentes. Socorro: ¿qué estoy haciendo aquí?, se preguntan a sí mismos. ¿Cómo es que Guimarães Rosa ha podido hacerme esto? Después del shock inicial los visitantes se calman y ya empiezan a identificar algunos olores, observar el cielo, pensar qué hacer.

A partir de entonces, no hay vuelta atrás, estamos misteriosamente atrapados por los misterios de Cordisburgo.

Caminar en silencio a través de la ciudad y de repente detenerse a hablar con alguien. Ir a la tienda, la farmacia, la peluquería, la Capilla de San José, la Iglesia Matriz. Observar. Escuchar las innumerables historias de las personas de Cordisburgo es entender por qué Guimarães Rosa recurría a estas fuentes para llenar sus historias de verdad, belleza y poesía.

Guimarães conocía bien los encantos de Cordisburgo. En su discurso de toma de posesión en la Academia Brasileña de Letras mencionó varias veces el nombre de su ciudad. Dijo que buscó en sus recuerdos un “soplo de aire fresco desde allí, como quien busca un consejo”.

El discurso comienza y termina con la palabra Cordisburgo:

“Cordisburgo era una pequeña tierra rural, detrás de las montañas, en medio de Minas Gerais. Casi únicamente un lugar, pero de repente tan hermoso; allá se excarcela la Cueva de Maquiné, milmaravilla, la de las Hadas; y el campo en sí, con vaqueros, comederos de sal para el ganado bravo. Entre amables colinas o bajo las muchísimas estrellas...”

“Pero que yo murmure y diga, ante las varias colinas y fuertes estrellas de las gerais, el verde bullicioso Buriti, Buriti, y la sempre-viva-dos-gerais que a menudo florece y adorna: El mundo es mágico.

- Ministro, está aquí Cordisburgo”.

Se sabe que muchos amigos de Rosa, lo llamaban con el nombre de Cordisburgo.

Una vez al recibir un paisano en la oficina del Itamarati, se dice que quedó durante mucho tiempo escuchando noticias de su ciudad y repitiendo lacónicamente: Cordisburgo... Cordisburgo... .. Cordisburgo ...

¿El nombre de la ciudad y el nombre del escritor se mezclaban?

Nacido el 27 junio de 1908, Rosa usó el corazón para descubrir y narrar el mundo; del corazón se murió tres días después de la toma de posesión en la ABL (Academia Brasileña de Letras), el 19 de noviembre 1967.

El cardiólogo prohibía a Rosa visitar su tierra natal, decía que su corazón no lo soportaría.

### **La ciudad del corazón**

Guimarães Rosa se decía capaz de reconocer, con los ojos vendados, dos lugares en el mundo: París y Cordisburgo. Probablemente sabía que las dos ciudades tenían sus destinos unidos por una hermosa historia en el pasado.

Cuando en 1883 el cura João de Santo Antonio, un misionero voluntario, llegó a Cordisburgo decidió llamarla sólo de Vista Alegre. Logró obtener una finca de 40 acres como patrimonio de la Iglesia. Al año siguiente, comenzó la construcción de la capilla de San José, donde aún hoy se reza el tercio, se celebra la misa y bodas.

Al mismo tiempo, el Padre Juan encargó de París una imagen del Sagrado Corazón de Jesús. Un patrón que venía de París que llegó a Gongo Soco y fue llevado en procesión hasta la localidad de Vista Alegre. En la fiesta de la llegada, no podían imaginar que el nombre del patrono iba a cambiar el nombre de la ciudad.

El cura Juan era un hombre generoso, prestaba todo tipo de ayuda a la gente de las cuevas y distribuía lotes alrededor de la iglesia. Se estaba formando la villa del Corazón de Jesús de Vista Alegre. En junio 1890 un decreto del Gobernador de Minas Gerais elevó la villa a la categoría de ciudad - Cordisburgo de Vista Alegre, después bautizada solo Cordisburgo, burgo del corazón. Para Guimarães Rosa: “Casi sólo corazón.”

La imagen del Sagrado Corazón de Jesús, encargada en París, dio su nombre a Cordisburgo y está, a día de hoy, en la de Iglesia Matriz del Sagrado Corazón de Jesús.

### **Los alrededores**

En las rocas calcáreas se encuentra en la zona más alta de la ciudad: Sierras del Barreirão, del Funil, de la Onça, del Maquiné, del Palmital. En lugares donde aparece el afloramiento

de piedra caliza, acantilados abruptos frente a valles secos, como el Vale do Córrego do Cuba.

Hay muchas cuevas formadas por la disolución del calcáreo por la acción del agua. Algunos ríos dejan de correr por la superficie, desapareciendo en los sumideros.

En el Este, Cordisburgo se compone de mesetas cuyas cimas son, por lo general, muy amplias y ligeramente convexas.

Al norte, el relieve de altitudes decrecientes conduce al valle del Río das Velhas.

Los campos predominan en el paisaje junto a los árboles arbustivos.

En las zonas más bajas del relieve, los árboles tienen gran tamaño. A lo largo de los cursos de agua, la vegetación ribereña es también la cuna de senderos y buritis.

Alerta: La ganadería tradicional de los campos gerais se sustituye sistemáticamente por carbonáris y eucalipto. Cuando se extingue el bosque, lleva con él la humedad y la lluvia.

Fuente: Cordisburgo Historia, Newton Paiva.

-----

Vamos, ya basta...

¡Me escondo aquí!

-----

**El corazón es un músculo muy elástico...**

-----

**Corazónmente**

Sólo el uno-y-otra, uno en-sí-juntos, el vivir en el punto sin separarse, **corazónmente**> pensamiento, pensamor. Con todo el corazón, en estrecha fusión de sentimiento. // El adv. **cordialmente**, ya gastado, incluso burocratizado, no podía satisfacer el tono lírico deseado por el autor. Entonces, creó esta manera inusual en el que el sustantivo-radical es preservado en su totalidad. En una carta a CM - Clason, GR explica: “**corazónmente** se hizo más concreto, directo, cálido e inmediato porque **cordialmente** - esto en

port., porque cuando se usa **cordialmente**, no recordamos más el rad. lat.: hoy día **cordialmente** es palabra que empleamos de forma banal, superficial, convencional. Me imagino que en alemán (**herziich**) la cosa sea diferente, no lo sé. Pero tal vez pueda ser fortalecida... necesitamos encontrar algo de mayor impacto, los corazones apareciendo descubiertos y rojos, casi anatómicamente, como los Sagrados Corazones de Cristo y de la Virgen. Como escribió una vez Jean Louis Barrault: "El corazón, por encima del cuerpo e incluso del espíritu: **la chair de l'esprit**" (João Guimarães Rosa y el idioma alemán en João Guimarães Rosa Ed. F. F. UFRGS; p 114).

Fuente: O Léxico de Guimarães Rosa, Nilce Sant'Anna Martins, Fapesp, Edusp.

-----

El espíritu de la vida camina entre toallas blancas,  
candelabros,  
altavoces de las plazas,  
olor de la comida,  
y las sonrisas.  
Conozco el camino yendo,  
Si pienso no llego allá.  
El misterio está en todo:  
en el perro que ladra, en el vaso que se rompe,  
en la cortina que arde.  
Siempre pienso en los que sufren y  
raramente en los que disfrutan de la vida.  
La Estrella del alba.  
El globo de papel de seda.  
La linterna iluminada por la vela. Procesión.  
Mi letra corre suelta como una cometa en el cielo.

-----

## La sabiduría del corazón

- - - -

### Para comprender el “ser-tan”<sup>2</sup>...

No se le puede llamar José Osvaldo. Su apodo - Brasinha - es el más perfecto elogio que le cabe. Como una chispa inquieta, es el director artístico de las presentaciones de los Miguilins, es guía turístico y literario de los visitantes, periodistas y estudiosos de Guimarães Rosa que vienen a Cordisburgo todas las semanas, es propietario de una tienda, es un coleccionista de historias. Se convierte, cada día, en una referencia en el vasto tema llamado campo.

¿Qué es que lo convierte el hombre del campo en sabio?

Brasinha - Creo que lo primero es la experiencia. Hay que ser sabio por necesidad. Uno nace y tiene un misterioso mundo a su alrededor, un mundo que es muy diferente, necesita adaptarse. Para el hombre del campo el mundo es a menudo hostil, pero aprendió de los antepasados la necesidad de hacerse sabio.

Una historia que suelo contar es que una vez en mi tienda, vendemos para una persona de la aldea, para que nos pagara después. La persona pagó correctamente, pero pasado mucho tiempo, ella envió a su hija de vuelta a la tienda a comprar. La hija dijo: “Mamá me mandó a comprar algunas cosas.” Mi esposa le preguntó: «¿Quién es tu madre?». Ella respondió: “Mi madre es ‘fulana de tal’.” Mi esposa dijo: “No recuerdo a tu madre.” Ella rápidamente respondió: “Ella envió una ‘foto’.”

Es decir, se trata de una sabiduría increíble que viene de la persona, nadie la enseñó. Una foto es suficiente para recordar la persona, no necesita toda esa complicación, documentos, comprobantes, etc.

---

<sup>2</sup> “ser-tan” trad. de “ser-tão”, ser del verbo ser - “tão” > “tan”, adverbio de intensidad. A su vez, “sertão” (port.) equivale a campo en español. Al criar la expresión “ser-tão” el autor tiene la intención de enfatizar que el personaje es muy del campo en su forma de pensar, sentir y vivir.

La gente del campo no se complica la vida, o mejor dicho, no saben lo que es complicarse la vida, nunca lo supieron. La gente de los centros más grandes vive en un sistema complicado.

La sabiduría de esas personas viene más de la religiosidad. Todo para el hombre del campo es una oración. Hacer la comida es una oración, la costura es una oración. Los que conocen un poco de lectura, rezan.

Su sabiduría es tal que incluso aquellos que no saben leer, tiene un pequeño libro de oraciones, y guardan el librito.

Todo el mundo reza, todo el mundo “recurre a Dios,” todo el mundo tiene miedo del diablo, del mal. Todos hablan de que no hay bien sin mal, ni hay mal sin bien.

A veces las personas preguntan algo y ellos responden con mucha calma y una gran sabiduría. Una vez en el campo, una anciana me dijo: “Nuestra vida es muy compleja.” Esta sabiduría viene de la fe del pueblo. Incluso hoy en día hay personas que mantienen guardado el ombligo de los bebés. En el campo se dice que si se deja el ombligo en cualquier lugar, el ratón puede roerlo y la persona se convierte en ladrón. Todo es muy natural: siempre fue así, siempre va a ser así y punto.

Una vez una señora me dijo que toda la vida le ha gustado la radio. Dijo que hace setenta años ya tenía una pequeña radio. Adora la radio porque oye todo lo que la gente habla y no hay discusión, nadie contesta. Luego se oye – un chico lo hizo algo allí en São Paulo – ella lo analiza por sí misma, y no tiene discusión.

Guimarães Rosa decía que cuando quería saber las cosas no buscaba a los académicos, busco al campesino porque el hombre del campo siempre está exponiendo su alma, habla lo que siente.

Cordisburgo, por su geografía, es el comienzo del campo.

¿Qué es Cordisburgo para ti?

Brasinha – Cordisburgo para mí es un almacén de historias. Su propio nombre, ciudad del corazón, ya sintetiza todo. Somos una sola familia, con las personas se queriendo mucho unas a otras. El corazón gobierna todo.

En la gran ciudad, la gente se queja porque no conoce a nadie, no hay chismes, todo el mundo es anónimo. Desde mi entender aquí, aunque que haya intrigas, chismes, la

política, todavía es mejor. La mayoría de los chismes aquí son saludables. La cosa va de boca en boca muy rápidamente.

El otro día, oí una cosa fantástica. Hubo una pelea y la mujer dijo: “Eso ocurre porque el alcalde no se queda en la calle hasta el amanecer para resolver estas cosas.” Me parece hermoso. La gente aún ve al alcalde como la persona que tiene que verlo todo.

Ahí es de donde viene la sabiduría.

## Entrevistas

### *La oración y el rayo*

Doña Quita, 94, se considera una persona feliz. Se casó, “crió a sus hijas con gran honestidad,” tiene nietos y bisnietos. Es una de las más famosas curanderas de Cordisburgo. Bendice quebrantamiento, mal de ojo, y culebrilla, estreñimiento, picadura de insecto, incluso de la mosca de la muerte y lluvia. Sí, bendice lluvia. Cuando ve que el relámpago es muy peligroso, doña Quita ya empieza a orar.

Ella dice: “Pienso en el rayo. En ese mismo año, los rayos han matado a mucha gente”. Una de las hijas se preocupa por esa costumbre de su madre, “le digo a ella: madre, con sus rezos la señora ahuyenta la lluvia! Necesitamos la lluvia”.

Doña Quita está segura de que no hace nada malo. “Yo bendigo con Él. Es para que la lluvia venga en paz. Ella viene, pero viene mansa”.

Le pedí a doña Quita que me dijera un trocito de su oración y ella con mucho gusto aceptó:

“Cristo viene en paz. Cristo nació de la Virgen María, caminó junto a sus enemigos. Cristo fue crucificado y muerto, Cristo resucitó al tercer día, Cristo ascendió a los cielos, está Cristo sentado a la diestra de Dios Padre. (...) Cristo quédate con nosotros para dismantelar las tormentas, el rayo, el viento... ¡Anda ya! ¿Eso ahuyenta la lluvia?”.

Doña Quita realmente cree en la resurrección de Cristo:

“En el momento en que Jesús ascendió al cielo, los apóstoles, que eran sus compañeros, se quedaron mirando fijamente hacia arriba, viendo cómo Él se alejaba. Entonces, una nube lo ocultó. Mientras tanto, aparecieron dos hombres vestidos de blanco que les

dijeron: “ ¿Lo ves? En la misma nube que lo han visto subir, Él bajará. ”

En tono casi apocalíptico doña Quita anuncia: “¡Este mundo no es nuestro! Vivo unida a Él, porque Él es nuestra fortaleza. Yo valoro mucho la oración”.

Doña Quita recuerda uno de esos árboles resistentes de la sabana, clavados en el suelo, que ni el sol ardiente ni la tormenta pueden quebrantar.

### *Bailar y noviar*

“Cuando llegué aquí era una ciudad muy pobre, muy pequeña, sin recurso, pero ahora Cordisburgo es un espectáculo para la vista”, resume doña Geralda, que vive a 48 años en Cordisburgo.

“Nací y crecí en medio de una pobreza muy dolorosa: golpeando el arroz en un mortero, cargando palos de madera sobre la cabeza, ayudando a cortar leña en el bosque, ayudando a cortar la hierba. Luego me casé y me mudé”.

Hoy en día, 67 años, doña Geralda se ocupa de la casa donde vive con una de las hijas, participa de los encuentros de los grupos de la Tercera Edad, visita a sus hijos y sólo no baila en el baile porque sus piernas ya no tienen fuerza. Todavía encuentra tiempo para hacer bollitos de yuca en el horno de barro del patio, que son muy codiciados por toda la ciudad.

Ella está convencida de que las mejores cosas de la vida son bailar y noviar. “A mi padre le encantaba bailar y a menudo hacía un baile para nosotros. Contrataba alguien para tocar y siempre hacía fiesta. Nací y crecí en una casa llena “, recuerda con emoción. “Cuando me casé, mi marido no bailaba, pero tan poco le importaba. ¡El carnaval me encanta! ¡Qué ganas de ir allí y bailar “más” ellos, pero yo ya no soy capaz! Pero allí me quedo hasta muy tarde por la noche viendo a la gente bailar”.

Con su vestido azul turquesa adornado con flores bordadas y con su patio ornamentado con plantas hermosas, y podado con esmero, doña Geralda es el delicado femenino de las tardes rojizas de Cordisburgo.

*El caso de la calle que se mudó de lugar*

João da Cruz, conocido como João Negro, era un João muy decidido.

Vivía con su familia en una buena casa, en una calle que para él, tenía el nombre más bonito de la ciudad.

Un día tuvo que mudarse. Eligió otra buena casa, perfecta para dar cabida a su esposa e hijos. Pero ¿qué pasa con el nombre de la calle? ¿Cómo vivir en otra calle que no fuera aquella?

No tuvo ninguna duda. Regresó a la antigua dirección, cogió una escalera alta, tomó la placa con el nombre de la calle y la instaló en la nueva casa. Entonces, ya aliviado, buscó el ayuntamiento de la ciudad para regularizar la situación.

En la conversación con el alcalde, João Negro fue directo:

“Señor alcalde, quiero advertirle que me estoy mudando de casa, pero no acepto mudarme de calle. Entonces, tomé el nombre de la calle para mí”.

“Pero, ¿cómo?”, le preguntó el alcalde.

“Bueno, usé una escalera para coger la placa de donde estaba y la puse en mi nuevo hogar.”

“Señor João Negro, ¿qué capricho es ese?”.

“Yo no puedo vivir en otra calle.”

Como el alcalde tenía un buen corazón, el servicio ya estaba hecho y la calle se llamaba Cordis, el Sr. João consiguió lo que quería: se mudó de casa, pero no cambió de calle. Y de eso ya debe de hacer unos cuarenta años.

*Miedo de qué?*

A los 76 años de edad, 11 hijos, 50 años de matrimonio, el Sr. João Peão se mueve entre los mundos visible e invisible con la misma facilidad con que se toma un vaso de agua. Sus pesquerías en “berdocórgo”, sus visiones del hombre lobo y de sirena, sus historias de renombrado campesino, su misión de curandero, reciben de él la misma atención con su voz suave y pausada, su temperamento tímido y callado.

“Yo rezo mordedura de serpiente, culebrilla, mal de estómago. También me llevan a bendecir a la serpiente en el pasto. La oración que hago es para amansar a la serpiente, porque quitar la serpiente de la finca de uno, para ponerla en la de otro, no me parece bien. Gracias a Dios, hasta el momento, todo lo que rezo, sana.”

Al Sr. João Peão le encanta contar historias, muchas de ellas son informes de situaciones que le tocó vivir. Una de ellas está relacionada con un fenómeno que muchos de Cordisburgo ya vieron: la aparición de Euflasina o Fulosina.

Fulosina era una esclava liberta con muy mala fama y que solía enterrar a sus muertos cerca de la Cachoeira de João Parriba, en Cordisburgo.

“La luna iluminaba y entonces, allá voy yo. Cuando llegué a un matorralito comenzó un vendaval. Miré y vi que hacía buen tiempo y dije: ‘Vaya, vaya, ¿pero qué viento es ese?’ “Cuando crucé el puente, tenía una pequeña curva, vi dos luces como si fueran faros de un coche. Ella lució para mí. A mi mula no le importó nada. Yo no tuve miedo alguno. Seguí adelante. Me parecía que el fuego se iba a caer sobre nosotros. Parecía una mujer sentada en la parte posterior de mi mula a disparar fuego de todos los colores. Donde yo vivía aún no había luz. Cuando Iracema llegó con la lámpara en la ventana, entonces sí que me asusté. Dejé allí a mi mula, me tiré boca abajo en la cama, no hablé, no hice nada. Sólo me di cuenta en el otro día, a la horita de despertarme para sacar la leche de la vaca. Dicen que es la Fulosina. Una señora muy mala con los demás esclavos. Es por eso que ella aparece”.

Después de contar muchas otras historias de fantasmas, sirena, hombre lobo, el Sr. João Peão evalúa: “En el pasado ha habido un montón de estas cosas, ahora todo ha terminado, ¿verdad?”. Le pregunto a él por qué se acabó. Sr. João tarda en responder: “No lo sé. Creo que es la manera de vivir de la gente”.

En aquella tarde, mientras el Sr. João me contaba sus historias, las mujeres de la casa preparaban una reunión de oración: encendían velas en una tabla repleta de números - una especie de lotería para saber dónde se irían a orar el próximo rosario -, organizaban las meriendas, aperitivos, pasaban con bandejas de empanadillas y zumos.

De repente, poco a poco la gente empiezo a llegar. Se reunieron en el salón, frente a un pequeño altar. Muchos quedaron fuera de la casa. Oraron por alrededor de una hora. Pidieron por los enfermos, por los desempleados. Al final, la merienda fue compartida. Todo el mundo se conoce y se apoya mutuamente.

De lejos, el Sr. João Peão, con su mirada firme y alegre, acompañaba el movimiento.

### *El paso de la Marquesa*

En las historias narradas por la voz fuerte, pausada y expresiva de doña Silvana, la vida común - mezclada por momentos felices, tristes o llenos de poesía - toma forma. La señora de 86 años vuelve a ser una niña, los personajes tienen cara, temperamento y un lugar en el mundo.

Una de esas historias se remonta a la infancia y la adolescencia de doña Silvana, al tiempo en que trabajaba en la granja del Sr. João Pitera. Allí, en una villa llamada Cuba, cerca de la Cueva de Maquiné, hacía de todo: lavaba ropa, hacía dulces, queso y requesón.

Junto con ella, otra chica con suerte y genio diferentes, también trabajaba en la granja. Se llamaba Inhazinha, fue criada en la granja, era casi una esclava en manos del hermano del hacendado, un hombre muy malo llamado Bino.

Bino se divertía maltratando Inhazinha. Cuenta doña Silvana:

“Bino era demasiado malo. Pegaba a la pobre Inhazinha, la ponía de castigo de rodillas en vidrios rotos y aun me decía: ‘Ô Silvana, cuida de la Inhazinha por mí! Si ella quitar la rodilla de ahí luego te las vas a ver conmigo.’”

Silvana, llamada por Bino por el nombre de Marquesa, respondía:

“¡No estoy muerta, no Bino! ¡Estoy viva! ¡Se lo digo a papá! ‘Papá me quería mucho. Yo era la hija menor. Él me llamaba ‘fia’ “.

Bino repetía: “Hey marquesa, la golpeo con el látigo de cuero”. Yo le respondía: “No le tengo miedo, no, Sr. Bino.” ¡Yo no era tonta y no lo soy!

Decía a Bino: “Mi padre te mete en la cárcel.”

Bino era un hombre muy infeliz porque él fue maldecido por su padre, cuenta doña Silvana. Una vez él negó dinero a su padre. Este, humillado, dijo que Bino iba a morir comiendo hierba.

“Bino decía: ‘Marquesa, ve a cogerme un puñado de hierba.’ Cuando llegaba con la hierba él decía: ‘Ô hierba sabrosa!’ “

Sombriamente, doña Silvana advierte: “Por eso les digo: ¡los hijos no pueden humillar a sus padres, no!”

Doña Silvana también contó más historias e incluso cantó una hermosa canción que un novio compuso para ella

En medio a toda la energía de doña Silvana, sólo una cosa la había dejado molesta. Que sus hijos no la hubiesen llevado a bailar en la celebración de su cumpleaños, tres días antes de nuestra conversación. “Me encanta bailar. ¡No hay nadie que baile más que yo!

### *Lo local y lo universal*

Conocer al vaquero João Henrique Ribeiro, el Zito, fue un privilegio.

Estimado y respetado, Zito era uno de los últimos vestigios de una época de cascós, de cuerno y comitivas, adornada por veredas y el río São Francisco. Tenía una aguda percepción del mundo a partir de las cosas más simples.

Yo estaba al lado de Guimarães Rosa, en 1952, como guía y cocinero en la legendaria comitiva de bueyes que recorrió 40 leguas en la región del São Francisco. Zito tenía un cuaderno en el que anotaba su lista de compras y poemas cortos.

Dejó historias, canciones y cuentos.

Él tenía respuestas para ayudar a repensar la vida, las costumbres, la identidad brasileña. ¿Cómo podemos creer en un futuro digno para nuestro país, sin respeto a la memoria de su pueblo?

Lo que sigue es una parte de la entrevista con Sr. Zito, que tuvo lugar dos semanas antes de su muerte en julio de 2001.

*Sr. Zito, quien pasa por debajo de la cubierta rosa se convierte en mujer?*

Todo son solo tonterías.

¿Quién va bajo el arco iris se vuelve mujer?

No hay nada de eso! Pasé muchas veces debajo del arco iris para ver qué pasaba. Todo eso son tonterías.

*Y si usted pasase bajo el arco iris y se convirtiese en mujer, ¿qué iba a hacer?*

Pues me casaría con un hombre rico.

¿Usted cree en Dios?

Nunca he oído hablar de alguien en Cordisburgo que no fuera creyente. Yo fui bautizado aquí, mi padre se casó aquí.

Nunca me acosté sin rezar. Lo que mi madre me enseñó es algo que utilizo hasta el día de hoy. Me pidió que no fumara, yo nunca fumé, nunca jugué juego alguno. Sólo eché maldición a la gente.

¿Cómo era la vida en el campo, como vaquero?

En el campo, cada camino, cada arroyo, piedra, tapera tiene un nombre.

Cuando moría, mataba, se enterraba en la finca. No había eso del cementerio.

Allí toda la gente bailaba. Era una fiesta. Había buenas fiestas. Bebí un montón de cachaça<sup>3</sup> y bailé el recortado, vals, tango.

-----

¿Has tenido muchas novias?

Ni siquiera las puedo contar. Cuando una chica de vestido color rosa se acercaba a mí...

¿Cómo ha sido la convivencia con Rosa?

Él quería llevarme a Río para estudiar y hacer periodismo. Yo no quise ir de ninguna manera. Me dejaba un lugar para vivir, me pagaba los estudios, me daba todo. Me llamó solo a mí. Yo era el único que sabía escribir.

Rosa se comprometió a enviar una foto y el libro que iba escribir. Lo envió "Grande Sertão Veredas". No fui capaz de terminar leerlo.

¿Hoy en día, ¿qué le gusta hacer?

Me gusta mucho hacer amistad con la gente de fuera, que es lo mejor que hay.

Hacer amistad con los que no conozco. Los demás yo ya los conozco.

## Reportaje

De lejos veo al hombre, con su impecable traje de color azul oscuro, con las manos hacia atrás, parado en el andén de la estación de tren. No puedo ver su rostro.

Una ligera niebla cubre la estación, hace frío, son las siete de la mañana. Me acerco lentamente. Le toco el hombro derecho. Él se gira suavemente hacia mí.

---

<sup>3</sup> Es un destilado elaborado a partir de la caña de azúcar

Lleva pajarita burdeos y camisa blanca con pequeño estampado. Las gafas redondeadas esconden ojos marrones claros que guiñan para tratar de ver mejor. Debe de tener poco más de 60 años. Emanan un perfume relajante de lavanda. Tiene hecha la barba. La piel clara tiene unas pocas arrugas. Es calvo. Las delicadas manos se unen entre sí en busca de calor.

No lleva equipaje. Solo una pequeña maleta de cuero negro descansa en el suelo cerca de los zapatos de cromo, brillantes.

El hombre me sonrío.

“¿Adónde vas?”, pregunto.

“Suelo tomar el tren para Cordisburgo aquí”, responde.

El tren llega imponente, dejando escapar un silbido.

El hombre se embarca en el tren en silencio.

En la estación, me quedo saludando al tren que sale.

# Cordisburgo

Cristina Maria Mira

Cordisburgo

From the Latin, *cordis*, heart.  
From the German, *burg*, city, town.  
The town of the heart.

This book is dedicated to my father, Sebastião Lourenço Mira, who, one day, like the good folk from Minas Gerais so love to do, told me this story:

“I must have been about four years old and I decided to go into the corral where there was a cow and a calf. The cow pretended to be asleep, with the calf at her side.

“I climbed over the high wooden fence, and crept in.

“When the cow saw me she got up right away and started running after me. I ran away as fast as I could and squeezed my way out between some boards in the fence right near the ground.

“My foot was still inside the corral when I came face to face with some of my mother’s squash plants.

“I felt the hot breath of the cow close to me.

“Candinha remembers... The Girl remembered...”

## WHIRLWIND

### **São Paulo Bus Station**

A faint and unintelligible voice announces that a bus is leaving to take somebody someplace.

Arrows, signs, noise.

A tree outside, insists on swaying back and forth without being seen.

Eyes are on magazines, books, and the clock.

The black woman with almost white soles on her feet is wearing a red polka-dot skirt.

I’m startled by the noise a girl makes as she clops by.

“Just hold on, lady! Keep calm and you’ll go a long, long way.”

A long, hard day comes to an end.

What can fit into an eye can’t fit into the biggest suitcases.

Watching is a remedy for loneliness.

What can a pair of hands hold?

Hugs, subtle touches, a pen, a child,

the steering wheel of a bus taking somebody someplace.

Where does the heart lead to?

**Bus Station in Belo Horizonte**

I buy my ticket.

I find the boarding platform.

Destination: Cordisburgo.

I wait for my bus.

An old and almost blind man who finds it hard to walk came up and said something to me.

He wanted to get to Platform D2.

Peddlers, vendors,

people going by, gone by,

bags and backpacks.

A crowded universe.

The bus rolls in.

A toothless man tries to stash a can of paint onto the baggage rack.

The inspector won't let him. The man says: "I'm taking paint along because I have to work." The other man, his partner, complains: "You should've wrapped the can up. If you tried to get on the bus without your shirt on, they sure wouldn't let you on!"

The men are finally allowed to travel and they stash the can of paint on the baggage rack.

My heart is heavy.

I arrive.

June 26, 2001.

It's 3:20 in the afternoon.

-----

“Where are we?’ the husband asked the man next to him.

“Cordisburgo. I saw the sign on the station.’

“The woman let out a gasp.

“Cordisburgo? This is Rosa’s hometown! Guimarães Rosa!’

“ (...) The two got off, seemingly very moved, and looked from side to side for signs of Guimarães Rosa in the air. ‘Where is Florduardo’s house? Where’s Rua de Cima, Nha Tina’s hotel? Juca Bananeira?’ An old man, sitting in the sun as it shines through the window, pointed to an old house. On the wall there is there is a bronze plaque where João Guimarães Rosa happened, destined for great things, paper. [...] [A]nd the feeling that Rosa was there, dispersed and subtle, smiling and mysterious, a ghost of words circulating through the backlands and glory. [...] I stroll through the little town, re-living the time and land of Guimarães Rosa.”

Short story: “Cordisburgo, passing through,” by Carlos Drummond de Andrade.

### **Geographical Mystery**

Is it the scent in the air, the blue of the sky, the direction of the winds, the radiation of the minerals? My mother swears that in Cordisburgo your glasses keep falling on the ground, attracted by the magnetism in the place.

Since 2001, I have sworn every year that I’ll go to Cordisburgo, but I never know why. What there is in Cordisburgo?

“A lot. Many things.”

Cordisburgo is one of those places you don’t get to by ordinary roads.

A visitor has to be detached and submissive.

On their first day there “folks from the big city” go into a state of shock. Cell phones don’t work, there’s no traffic, no traffic lights, schedules, urgent things to do. Help: what am I doing here?, they wonder. How did Guimarães Rosa get me into this?

Once the first shock has passed the visitors calm down and can identify a few scents, look up at the sky, think about what to do.

From then on there is no going back. We are strangely caught up in the mysteries of

Cordisburgo.

You can walk in silence through the town and suddenly stop to talk to somebody. You can go to the street fair, the drugstore, the barbershop, the Chapel of São José, or the parish church. And look and watch.

By listening to the countless stories told by people from Cordisburgo, it becomes easy to understand why Guimarães Rosa used these sources to write his stories about truth, beauty and poetry.

Guimarães was very familiar with the attractions of Cordisburgo. In the speech he gave when he became a member of the Brazilian Academy of Letters, he mentioned the name of his hometown a number of times. He said that he searched through his memory for recollections that would “reinsufflate” him, or counsel him.

That speech began and ended with the name Cordisburgo:

“Cordisburgo was a little place in the backlands, behind the mountains [in the State of Minas Gerais], in central Brazil. Almost just any place, but suddenly beautiful. It is there that the marvelous Maquiné Cave opens up to the surface of the earth. It is a land of fairies, and fields where you can see an occasional salt box here or there for the insistent cattle among gentle hills or under the legions of stars.[...]”

“But I must murmur and say, before endless hills and countless strong green stars the swaying buriti palms and the tiny immortelles that flourish and adorn: the world is magical.”

“Minister, this is Cordisburgo.”

In fact, many of Rosa’s friends called him Cordisburgo.

Once, upon receiving another person from Cordisburgo at the office of the Brazilian Ministry of Foreign Affairs, it is said that he spent a long time listening to news of his hometown, and kept saying laconically: Cordisburgo... Cordisburgo... Cordisburgo...

How might the name of the town and the writer somehow run together?

Born on June 27, 1908, João Guimarães Rosa used the heart to discover and describe

the world, and he died of a heart attack just three days after having been received as a member of the Brazilian Academy of Letters, on November 19, 1967.

Guimarães Rosa's cardiologist had prohibited him from visiting his hometown because his heart could not have born the experience.

### **The town of the heart**

Guimarães Rosa was said to be able to recognize two places in the world with his eyes shut: Paris and Cordisburgo. He probably knew that the two cities had their fates joined by a beautiful incident in the past.

When, in 1883, the missionary Father João de Santo Antônio arrived in Cordisburgo, he decided to call it simply Vista Alegre [Happy View]. He somehow managed to obtain 40 *alqueires* of land as the church's patrimony. The following next year he began the construction of the Chapel of São José, where still today people pray the rosary, attend mass and have weddings.

During the same period, Father João ordered a statue of the Sacred Heart of Jesus from Paris. It was a special protector from Paris that arrived in Gongo Soco and was brought in procession to the village of Vista Alegre. At the time, no one could have imagined that the town dedicated to the Sacred Heart of Jesus would one day bear that very name. Father João was a generous man and gave every type of aid to the people who lived in the caves, and he donated land around the church. This was how the Village of the Sacred Heart of Jesus of Vista Alegre came to be. In June 1890 a decree by the Governor of the State of Minas Gerais raised the Village to the status of a District called Cordisburgo de Vista Alegre, shortened later to Cordisburgo, town of the heart. For Guimarães Rosa, "Almost only heart."

The image of the Sacred Heart of Jesus, brought from Paris, gave Cordisburgo its name, and the same statue stands in the Sacred Heart of Jesus Parish Church till this day.

### **The Environs**

The highest part of the township rests on rocky terrain, known as the hills of Barreirão, Funil, Onça, Maquiné and Palmital. These are places where one finds steep slopes above

dry valleys, like at the *Vale do Córrego do Cuba* [Cuba Creek Valley].

There are numerous caves in the region, formed by the dissolution of limestone by the water. Some rivers cease flowing above ground and disappear below the surface.

To the east, the township of Cordisburgo consists of tablelands, and the highest parts are broad and slightly convex.

To the north the terrain is high and gradually descends to *Rio das Velhas* [River of the Old Women].

The landscape consists mainly of fields and bushy trees.

There are tall trees in the lower areas, and the gallery forest along the waterways is still a cradle for paths and palm trees.

Alert: The traditional grazing of cattle on open land is gradually giving way to charcoal kilns and eucalyptus trees [planted to later be cut down as timber]. And when forests are razed, the dampness and rain disappear with them.

Source: Histórico de Cordisburgo, Newton Paiva.

-----  
Let's go. That's enough.

This is where I hide.  
-----

Population: 8,520 inhabitants

Altitude: 700 meters above sea level

Climate: tropical

Location: State of Minas Gerais, Brazil

Distances: from São Paulo, 706 km;

from Belo Horizonte, 120 km and

from Rio de Janeiro, 554 km.  
-----

The heart is a very elastic organ.

-----

Heartly [*Coraçãomente*]

*Only one-and-another, a together-in-themselves, living together without separating, heartly > thought, thoughtlove.* With all one's heart, fused with feeling.//The adv. cordially, worn out, even bureaucratized, could never satisfy the lyrical tone desired by the author. So he created this strange new adverb where the radical noun is preserved in its entirety. In a letter to C. M. - Clason, GR explains that, "**Heartly** [*coraçãomente*] sounds more concrete, direct, warm and immediate, because cordially [*cordialmente*] - in Port., because when we use cordially we no longer remember the Lat. rad.: today cordially is a word used banally, superficially, conventionally. In German (*herziich*), things are different, of course. I don't know. But maybe it can be reinforced. [...] We'll have to think of something with stronger impact, hearts appearing, red and exposed, almost anatomically, like the Sacred Hearts of Christ and the Virgin. As Jean Louis Barrault once wrote: "The heart, above the body and even above the spirit: la chair de l'esprit" (*João Guimarães Rosa e a língua alemã*, in *João Guimarães Rosa*. Ed. da F. F. UFRGS; p. 114).

Source: *O Léxico de Guimarães Rosa*, Nilce Sant'Anna Martins, Fapesp, Edusp.

The spirit of life walks among white cloths,  
 candlesticks,  
 loudspeakers in city squares,  
 in the scent of the food,  
 in the smiles.  
 I know the way to get there,  
 if I think I won't get there.  
 Mystery is in everything:  
 in the dog that barks, the glass that breaks,  
 the curtain that catches fire.  
 I always think about those who suffer and  
 rarely about those who lead the good life.

The Morning Star.

The paper balloon.

The lantern lighted up by the candle inside. Procession.

My letter flies free like a kite in the sky.

The wisdom of the heart

-----

To understand the backlands

It's impossible to call him José Osvaldo. His nickname is "Brasinha" [red-hot: meaning something like "always on the go"] and this is the perfect compliment, complete in itself. He takes care of the artistic direction for presentations by the Miguilins. He is also a tour guide and literary guide for visitors, journalists and scholars of Guimarães Rosa who come to Cordisburgo every week. He also owns a store and is a collector of stories. Every day he becomes a reference in that vast subject called the backlands.

What makes a wise man out of someone from the backlands?

Brasinha - I think the first thing is experience. He has to be wise out of need. He's born and there's a whole mysterious world around him, a world that's very different. He has to adapt. For men from the backlands the world is often hostile, but they learned from their forebears the need to become wise.

"One story I always tell is one time at my store, we sell to a woman from the backlands, for her to pay later. She paid up just fine but a long time went by and she sent her daughter back to the store to buy something. The daughter said, 'My momma sent me here to buy some things.' So my wife asked her, 'Who's your mother?' The girl answered, 'My mother is 'so-and-so.'" My wife said, 'I can't remember your mother.' And on the spot the young lady answered, 'She sent a picture.'

"So it's an incredible wisdom that comes from that person herself. Nobody taught her

that. All you need is a photograph to remember the person. You don't need all that confusion, documents, receipts to sign, etc.

"Folks from the backlands decomplicate life, or you might say they don't know what it means to complicate life. They never knew how. Folks from the bigger cities live in a complicated system."

"The wisdom of these people comes more from their religiousness. Everything for folks from the wilderness is a prayer. Making food is a prayer, sewing is a prayer. Those who know a little bit of reading pray."

"They have so much wisdom that even the ones who can't read have a little prayer book and keep it stashed away."

"Everybody prays, everybody 'sticks to God,' everybody is afraid of the devil, of evil. Everybody says you don't have the good without the bad, and you don't have the bad without the good."

"Sometimes people ask them something and they answer with great calm and wisdom. Once an old lady from the backlands said to me, 'Our life is very composed.'

"This wisdom comes from people's faith. Yet today there are some who keep a piece of a baby's navel. In the backlands they say that if you leave the navel just anywhere, a rat might eat it and the person will become a thief. Everything is very natural. It was always like that and it will always be like that. Period.'

"Once a lady told me that all her life she liked to listen to the radio. She said she had a little radio seventy years ago. She loves the radio because she can listen to everything people say and there are no arguments. Nobody keeps answering. So she might hear: 'so-and-so did such and such in São Paulo' and she analyzes by herself. There's no big discussion.'

“Guimarães Rosa said that when he wanted to know things he didn’t go to the scholars. He went to the cowboys in the backlands because the man in the backlands is always opening up his soul. He says what he feels.”

“According to geography, Cordisburgo is the beginning of the backlands.”

What is Cordisburgo for you?

Brasinha: “Cordisburgo for me is a barn full of stories. Even the town’s name, town of the heart, says it all. It’s all one family, with people who like each other very much. The heart is in charge of everything.

“In the big city people complain because they don’t know anybody else. There’s no gossip. Everybody is anonymous. In my opinion, even with the gossip and intrigues and politics, it’s still better. Most of the gossip here is healthy. Word spreads fast, very fast indeed.

“The other day I heard something fantastic. There was a fight and the woman said, ‘The mayor can’t stay out in the street all night to settle these things.’ I thought that was nice. People still see the mayor as the person who has to watch over everything.

“That’s where the wisdom comes from.”

-----

### **The praying and the lightning**

Dona Quita, age 94, considers herself a happy person. She married, “raised her daughters with great honesty,” has grandchildren and great-grandchildren. She is one of the best-known faith healers in Cordisburgo. She cures hexes, spells, and jinxes, impetigo, ticks, the sniffles, animal bites and rain. That’s right, she blesses the rain. When she sees lighting that looks very dangerous, Dona Quita starts to pray.

She says, “I think about the lightning. This year the lightning has already killed a lot of people.” One of her daughters is always worried about her mother’s custom, “I tell her, ‘Mother, the way things go, you’re going to scare away the rain! Rain is just what we need.’”

Dona Quita is certain she isn’t doing anything wrong. “I bless with Him. It’s for the rain to come in peace. It comes, but it comes softly.”

I asked Dona Quita to recite a little bit of her prayer to me, and she gladly accepted:

“Christ comes in peace. Christ was born of the Virgin Mary, he walked with his enemies. Christ was crucified and died, Christ rose on the third day, Christ ascended into heaven, Christ is seated at the right hand of God the Father. [...] Christ stays with us to undo the storms, the lightning, the wind . [...] Do you think that will scare the rain?”

Dona Quita believes strongly in the resurrection of Christ: “When Jesus went up to heaven, the apostles, who were his companions, watched him go up. Then there came a cloud and covered Him. Just then, two men arrived dressed in white and they said, ‘So ya see? In that same cloud He went up in, He’ll come back down in!’”

In an almost apocalyptic tone, Dona Quita declares, “This world isn’t ours! I live close to Him because we don’t have any other strength. I pay close attention when I pray.”

She reminds the listener of one of those sturdy trees in the dense woods, solidly planted in the ground, that not even the strong sun or the storm can budge.

### **Dancing and courting**

“When I first came here it was a very poor place, very tiny, no money. But today Cordisburgo is wonderful,” says Dona Geralda, who has lived in Cordisburgo for 48 years.

“Where I was born and grew up it was terribly poor [...] crushing rice with a pestle, hunting for firewood and carrying it on your head, helping cut firewood in the forest, helping till the ground. Then I got married and we moved.”

Today Dona Geralda is 67 and takes care of the house where she lives with one of her daughters. She goes to the elderly folks’ meetings, visits her children at their houses and doesn’t dance only because her legs can’t take it anymore. She even finds time to make crackers in the clay oven in her yard, and everybody in town loves them.

Her conviction is that the best things in life are dancing and courting. “My father loved to dance and he put on dances for us all the time. He hired the musicians and was always giving parties. I was born and raised with the house full of people,” she remembers enthusiastically. “When I got married, my husband didn’t like to dance but he didn’t mind if I danced. I love Mardi Gras! How I would love to go to more of them now, but I can’t take it anymore! But I stay there till late at night watching the people dance!”

With her turquoise blue dress decorated with lace and her backyard full of the beautiful plants she keeps in perfect order, Dona Geralda is the delicate femininity of Cordisburgo in the late reddish afternoons.

-----

The case of the street that moved someplace else  
João da Cruz, known as João Preto [Black John], was a very determined João.

He lived with his family in a nice house on the street that had the nicest name in the town, as far as he was concerned.

Once he had to move. He chose another nice house that was just perfect for his wife and kids. But what about the name of the street? How could he live on another street, and not his old one?

So he just decided. He went back to his old house, got a tall ladder, took down the street sign and nailed it up on his new house. Then, feeling relieved, he went to the city hall register the change.

In his conversation with the mayor, João Preto went straight to the point.

“Mr. Mayor,” he said. “I want to notify you that I’m moving but I don’t accept moving to another street. That’s why I took the name of the street with me.”

“But how could you do that?” asked the mayor.

“Well, I just got a ladder and took down the street sign from where it was and nailed it to my new house.”

“Mr. João Preto. How could you do a thing like that?”

“I don’t know how to live on any other street.”

Since the mayor had a good heart, and the job had already been done and the street was named Cordis, João Preto got his way: he moved to a new house but stayed living on the same street. This must have been some 40 years ago.

Why be afraid?

At the age of 76, with eleven children, married 50 years, João Peão [John Peon] moves between the visible and the invisible worlds as naturally as he drinks a glass of water. His fishing outings at “Berdocórgo,” his visions of werewolves and mermaids, his stories about the famous peon and his mission as a faith healer all receive the same attention from this quiet, shy, soft-spoken man.

“I bless snake bites, shingles, bad stomach. And sometimes they take me to bless snakes in the pastures. The prayer I say is to make the snakes relax because getting a snake out

of one family's pasture and putting it in another, I think is wrong. Thank God, until now, everything I bless is cured."

João Peão loves to tell stories. Many of them are about situations he himself experienced. One was related to a phenomenon that many people in Cordisburgo have seen: an apparition of Euflasina, or Fulosina.

Fulosina was a freed slave from the last century and had a reputation of being very evil, and she used to bury her dead near João Parriba's waterfall in Cordisburgo.

"The moon was rising and there I go. When I got to the woods a little breeze came up. I looked at the weather, and it was clear so I thought 'Well, well. Where's that wind coming from?' When I crossed the bridge there's a little curve and I saw two headlights, as if a car was coming. The light shone on me and I could see everything. My mule wasn't worried about anything. I wasn't afraid at all. So I went ahead. But it looked like that ball of fire was going to fall on top of me! It was like a woman sitting behind me on the mule and spurting out fire of all kinds of colors. Where I lived there wasn't any electricity yet. When the goddess Iracema came with the lamp in the window, then I began going into a spell. I left my mule where she was, and went and fell flat in bed. I couldn't talk, couldn't do anything. But the next day I woke up at the right time to milk the cows and I realized. They say it was Fulosina. A lady that was real mean to the slaves. That's why she appears."

After telling many other stories about ghosts and mermaids and werewolves, João Peão says, "There used to be a lot of these things but now it's all over, you know." I asked why it was all over. He took a minute to answer. "I don't know. I think it's just because of the way people live."

Late that afternoon, while João was telling his stories, the women in the house were preparing for a prayer meeting. They lit candles on a board full of numbers and they had a type of drawing to see where the next rosary meeting would be, and they organized some things to eat and brought out cakes and juice on trays.

One by one people started arriving. They joined together in the living room, in front of a little altar. Many had to stay outside in front of the house. They prayed for about an hour. They prayed for the sick for them to get better, for those without jobs, and others. At the end they ate together. They all know each other and support one another.

João Peão, with his happy and open look, watched on from a distance.

The step of the Duchess

People's day-to-day life become poetry in the stories told in the slow, strong and expressive voice of Dona Silvana. She is 86 but she becomes a young girl when she tells her stories. And her characters take on faces, temperaments and a place in the world. One of these stories is about Dona Silvana's childhood and teenage years when she worked on Mr. João Pitera's ranch. There, at a little place called Cuba, near the famous Maquiné Cave, she did everything. She washed clothes and made sweets and cheese.

Another girl also worked with her on the ranch, but this girl had a different fate and a different temperament. Her name was Inhazinha and she had been raised on the ranch. She was almost a slave in the hands of the ranch owner's brother, a very evil man called Bino.

Bino entertained himself by mistreating Inhazinha. As Dona Silvana tells it:

"Bino was really nasty. He'd hit poor little Inhazinha and punish her by making her kneel on broken glass, and he'd even tell me, 'Silvana. Keep an eye on Inhazinha for me! If she so much as lifts a knee from there, I'll use the leather on you!'

Silvana, who also went by the name of Duchess, would answer:

"I'm not dead, no, Mr. Bino! I'm alive! I'll tell Daddy!' Daddy liked me a lot. I was his youngest daughter. He called me 'sweetie.'"

Bino repeated: "Duchess, I'll beat you with the whip of tapir hide!" So I answered, "I'm not afraid of you, Mr. Bino. No sir!" I wasn't stupid then and I'm still not!

I told Bino: “My daddy’ll put you in jail!”

Bino was a very unhappy man because he was cursed by his father, says Dona Silvana. Once Bino refused to give his father some money. His father felt humiliated and swore that Bino would die eating hay.

“Bino would say, ‘Duchess, go get me a handful of hay.’ When I brought him the hay he would say, ‘Oh what delicious hay!’”

In a more serious tone Dona Silvana warns, “That’s why I say children have to respect their parents, always!”

Dona Silvana told other stories as well, and even sang a beautiful song that a suitor had composed for her.

In the midst of all of Dona Silvana’s energy, only one thing was bothering her. Her sons didn’t invite her to dance with them at her birthday celebration three days before our conversation. “I love to dance. Nobody can dance like me!”

### **The local and the universal**

It was a privilege to meet the cowboy João Henrique Ribeiro, also known as Zito.

Loved and respected, Zito was one of the last from an age of hoofs, guns, mule trains and trails through the wilderness along the Rio São Francisco. He had a very sharp perception based on the simplest things.

He was at Guimarães Rosa’s side in 1952, as a guide and cook in the legendary cattle trek that traveled 40 leagues through the region of Rio São Francisco. Zito had a notebook where he would write down his buying list and a few short poems.

He wrote stories, songs and anecdotes.

He had answers to help people re-examine their lives, their customs and their Brazilian identity.

“How can one believe in a dignified future for our country unless we respect the memory of its people?”

Transcribed below is a part of the interview with Zito two weeks before he died, in July 2001.

*Zito, do men who walk under a primrose willow turn into women?*

“It’s all balderdash in people’s heads.”

*Do men who go under a rainbow turn into women?*

“No such thing! I went under rainbows lots of times, just to see. It’s all rubbish in people’s heads.”

*And what if you walked under a rainbow and turned into a woman. What would you do?*

“Find some rich man and get married.”

*Do you believe in God?*

“I never heard of no one in Cordisburgo who weren’t religious. I was baptized here and my poppa got married here.”

“I never went to bed without prayin’ first. I still say the prayers my mother taught me when I was little. She asked me never to smoke, so I ain’t ever smoked and I never went gamblin’. All I ever done was cast hexes on a few folks.”

*What was your life as a cowboy in the backlands like?*

“In the backlands every trail, every creek, every stone and every abandoned house has got a name.

“When somebody died they were buried behind the house. There weren’t no such thing as a cemetery.

“In the backlands everybody danced. There’d be a celebration. Fine parties. I drank lots of rotgut and danced *recortados* and waltzes and tangos.”

*Did you have a lot of girlfriends?*

“Can’t even count ‘em all. When a girl dressed in pink got near me....”

*How did you get along with Guimarães Rosa?*

“He wanted to take me to Rio de Janeiro to study and be a reporter. I didn’t want to go at all. No way. He was gonna give me a place for me to live and pay for my schoolin’. He wanted to give me everything. He only wanted me to go. Only me knew how to write.”

“Guimarães sent me a picture and the book he wrote. He sent me *Grande Sertão: Veredas* [Devil to Pay in the Backlands]. I couldn’t hack it.”

*What do you like to do most nowadays?*

“I like a lot to make friends with folks from outside. That’s the best thing there is.

“Make friends with folks I don’t know. The others I already know.”

-----

The humming bird takes care of the garden  
 The humming bird takes care of the garden  
 I ask Our Blessed Mother to take care of me.

Flowers're fallin', flowers're fallin'

Flowers're fallin', flowers are fallin'

In heaven and on earth

Flowers're fallin'.

Song by Otacílio Lopes Ribeiro, also known as Tarciso.

Where'm I at?

I see a man in the distance wearing an impeccable dark blue suit. He's holding his hands behind his back and he's standing on the platform at the train station. I can't see his face.

A white mist hovers over the station. It's cold and it's seven o'clock in the morning. I slowly come closer. I touch his right shoulder. He slowly turns and faces me.

He's wearing a maroon bow tie with little white dots, and a white shirt. His round glasses hide light brown eyes and he squints to try to see better. He must be a little over 60. He gives off a faint scent of lavender. His beard is trimmed, his skin has very few wrinkles, he's bald. He's holding his hands together because of the cold.

He's not carrying any baggage. There's just a small black leather bag on the ground, next to his well-shined shoes.

The man smiles at me.

"Where are you going?" I ask.

"I often take the train to Cordisburgo," he answers.

The train rolls in. It's magnificent and it lets out a whistle.

The man gets on, in silence.

Still standing on the platform, I wave toward the train as it pulls out.

*Goings-on in the Town of the Heart*

Guimarães Rosa House and Museum

Association of Friends of the Guimarães Rosa Museum, Miguilins Storyteller Group, Eco-Literary Walk: more initiatives like this and there would be less war, less fanaticism, less meanness. Hooray for Calina Guimarães – idealizer of the Miguilins – and José Osvaldo “Brasinha,” Solange Agripa Trombini, Ronaldo Alves, Dayana Aparecida Xavier da Silva, Fábio Barboza, Lucia Goulart and other dear people.

In Cordisburgo, culture is not a fortress for the few.

-----

Those who may want to know more about Cordisburgo can access the sites: [www.cordisburgo.mg.gov.br](http://www.cordisburgo.mg.gov.br) and [www.descubraminas.com.br](http://www.descubraminas.com.br)

Or call (55-31) 3715-1929 (Association) or (55-31) 3715-1425 (Museum).

#### GUIDE TO THE CD

Band 1 - Francisca Bruno Martins, Dona Quita

Band 2 - Geralda Alves de Faria

Band 3 - João Pereira de Oliveira, João Peão

Band 4 - Silvana Marques Xavier

Band 5 - João Henrique Ribeiro, Zito

All the bands are interspersed with calls by the cowboy Dico

Note: The recordings of the cowboy Zico (August 2000) and Zito (December 2000) were kindly assigned by Osvaldo, “Brasinha”

# TRAVESSIA III - Ensaio acadêmicos



Bordado de Cleisa Moreno Maffei Rosa

Foto de Alderon Costa

# A roda de mão dupla de Guimarães Rosa, do IEB, do mundo

Celina Ramos Couri<sup>1</sup>

É bem provável que um dos efeitos provocados pela leitura de Guimarães Rosa seja o desejo de conhecer os seus lugares, paisagens, flores, buritis, cheiros, passarinhos, e, acima de tudo, as pessoas. O Sertão, as Gerais, ah, Minas...

Na Roda de Leitura, onde a compreensão, os *insights*, os afetos e os desejos se somam, multiplicam e potencializam, quem ainda não foi às terras roseanas anseia muito por ir. Será que as maravilhas que lemos existem mesmo, “de se pegar”, como diria Drummond? Esta parece ser uma questão generalizada.

A sede oficial da Roda de Leitura fica em São Paulo, instalada que está no IEB, Instituto de Estudos Brasileiros, da USP. A Roda, no entanto, sempre frequentou o povo e a cidade de Cordisburgo e adjacências, o Circuito Guimarães Rosa, e foi visitada por eles, em retribuição, num trânsito que interessa ao atual escrito.

Procuraremos refletir aqui como o caráter de mão dupla, essa frequência recíproca, que tem lugar na Roda e no Circuito de cidades roseanas, se converte em um dispositivo quase terapêutico, inclusivo, decolonial, e abriga um caráter de afinação e profilaxia psíquica para os seus participantes.

---

<sup>1</sup>Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela USP. Trabalha em Clínica desde os anos 70. Tem experiência com grupos de leitura desde o início dos anos 2000. E-mail: [celinaramos@uol.com.br](mailto:celinaramos@uol.com.br)

Recentemente tivemos experiências nos encontros da Roda que passo a relatar, pois ajudam a ilustrar o nosso ponto: Líamos o conto “Traços biográficos de Lalino Salãthiel ou A volta do marido pródigo”, do livro *Sagarana* (ROSA, 2001).

O protagonista deste conto é uma figura complexa, controversa e encantadora, experimentado na dialética da malandragem, em que os limites da ordem e desordem, legalidade e ilegalidade, do certo e errado se confundem e interpenetram.

Lalino Salãthiel é o protótipo do sujeito simpático e popular: fascina a todos – ou ao menos a maioria –, com o seu modo leve e descontraído de viver, a sua generosidade, com a verve conversadora e narrativa que brota da sua imaginação e por fim, por meio da sua música cantada e tocada na viola. Ele faz jus ao nome que tem – Eulálio, que em sua origem significa “bem falante”. Não é fácil a conquista da sua popularidade, pois o ambiente em que vive é rude, e o seu trabalho é – ou deveria ser – muito pesado: a fase inicial da construção de uma estrada, onde picaretas quebram rochas a fim de preparar o leito da futura rodovia.

Os seus companheiros labutam duramente, mas ele, pegando leve, vai contando histórias saborosas, inventadas, sugerindo canções que acabam por despertar a atenção, a curiosidade e até o apreço dos demais. “Quem mói no asp’ro, não fantasêia” (ROSA, 2017, p. 905), escreveu Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, mas bem que, neste conto, os trabalhadores apreciam uma folguinha na aspereza. Diz o chefe de Lalino, comentando a sua maneira de ser: “Agrada a gente porque é alegre e quer ver todo-o-mundo alegre, perto de si. Isso, que remoça. Isso é reger o viver” (ROSA, 2001, p. 110), ainda que não seja lá um bom exemplo para os demais trabalhadores.

As histórias de Lalino versam sobre a cidade grande, que ele não conhece, mas finge dominar, ao contrário dos “capias” que o escutam. Para sustentar as suas lorotas ele pesquisa em revistas, folhinhas e almanaques antigos, que guarda, como um tesouro, no fundo de um baú. Garimpa figuras e fotografias de mulheres, “gringas, polacas, francesas”, fotos de guerra, tudo que é assunto, enquanto pensa “Mas, deve ser assim. Igual ao na revista, claro...” (p. 111).

Um belo dia, no entanto, as fotos não parecem bastar e Lalino toma uma decisão: ir para a cidade grande, com que tanto sonha. Para conseguir os meios necessários, Eulálio empreende uma série de artimanhas, sendo a mais portentosa a venda, por assim dizer, da sua mulher, a um espanhol que a cobiçava. A negociação da esposa é um ponto nodal do conto, a partir do qual a narrativa se reorganiza.

Quando líamos este trecho na Roda de Leitura, a participante Uiara Sabrina Miranda, direto de Andrequicé, MG, revelou que um habitante da sua cidade havia de fato trocado a sua esposa por uma televisão. A vida imitando a arte, e mostrando que a ficção roseana, que às vezes parece inventiva demais, efetivamente acontece, bem plantada na realidade.

Luiz Roncari (2004, p. 50), estudioso roseano, qualifica este episódio como uma expressão de “bovarismo” de Lalino. Relembremos: de acordo com a Wikipédia<sup>2</sup>, o bovarismo é uma condição psicológica de insatisfação crônica de um ser humano, resultante do contraste entre as suas aspirações e a realidade que o cerca. O termo é inspirado no romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, publicado pela primeira vez em 1857, no qual a protagonista, Emma, se converte em um “protótipo da insatisfação conjugal”.

Ninguém pode negar que a venda ou troca de um cônjuge por dinheiro ou por um objeto denota alto grau de insatisfação conjugal. Entretanto é difícil aceitar uma comparação mais estreita entre o solar e bem-sucedido Lalino e a figura melancólica de Emma Bovary. Ela acaba por se suicidar, ao passo que o destino de Lalino só aumenta em sorte, brilho e poder. Se “a alegria é a prova dos nove”, como sugeriu Oswald de Andrade, esta é uma diferença abissal e intransponível entre os dois personagens.

O mal que parece acometer Lalino lembra mais um torcicolo cultural (SCHWARZ, 1992, p. 22), modelo de pensamento detectado frequentemente nas periferias, seja de regiões, estados – atingindo até mesmo países e continentes inteiros. Nestes casos de torcicolo, tudo o que é distante e central econômica e politicamente, adquire uma proeminência e uma suposta superioridade sobre o regime, usos e costumes do que é local, que passa a ser deslegitimado e desprezado. Não raro decorre um descompasso entre o discurso e a realidade vivida. Este processo complexo pode acontecer de modo tácito ou explícito. Tal característica das sociedades coloniais teve uma sobrevida às colônias propriamente ditas, e hoje em dia sofre um movimento contrário, o decolonial.

Acontece que tanto o bovarismo (se existiu) quanto o torcicolo cultural de Lalino foram de curta duração. O sujeito, com o tempo e ao ter contato direto com a realidade sonhada, acaba por perceber a realidade, desconstruindo as ilusões, autoenganos

---

2 Conforme <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bovarismo> Acesso em: 19/3/2023.

e ideologias imaginárias. O nosso herói não foi reconhecido nem encontrou a receptividade que esperava na cidade grande. Diz o autor sobre este episódio: “E Lalino Salãthiel, dados os dados, precisava apenas da metade do tempo, para chegar ao dobro da conclusão” (ROSA, 2001, p. 118). Com efeito, em pouco tempo, apenas seis meses, resolve voltar ao local de origem, para acordar “pomposamente, terrivelmente feliz” no dia seguinte à sua decisão. Sabe que em sua terra a sua fala voltará a ser considerada e exercerá efeitos. Lá, diferentemente da capital, conhece bem o caldo cultural existente e os jogos de linguagem mais eficazes – existe um senso de pertencimento, que garante a cura do torcicolo.

A sua volta ao sertão é coroada de êxito: ele cria belas versões dos fatos, a partir da viagem, por exemplo, que teria sido feita em primeira classe. Lalino mente, aumenta, distorce, omite e enfeita. Assim agindo passa a se dar muito bem na vida privada, e também nos conchavos políticos do coronel – a quem serve com jeitinho e cambalachos, por habilidade inata, bem treinada pela vida. Assume ares de entendido e conhecedor dos usos modernos após a viagem, e utiliza estes recursos para arbitrar em desentendimentos e exercer influência a favor do seu patrão. Recupera a esposa que havia perdido, consegue a expulsão dos espanhóis, e termina com grande prestígio e um futuro promissor se desenhando.

Idas e voltas são prometidas e valorizadas desde a epígrafe do livro *Sagarana*:

*For a walk and back again”, said  
The fox. “Will you come with me?  
I’ll take you on myback. For a  
Walk and back again.<sup>3</sup>*

(Grey Fox, estória para meninos) (ROSA, 2001).

Idas e voltas, as viagens e as travessias envolvidas na história são fundamentais para o desenvolvimento deste conto e do seu personagem principal.

---

3 Tradução livre da autora: “Dar um passeio e voltar outra vez, disse a raposa. Quer vir comigo? Eu levo você nas costas. Dar um passeio e voltar outra vez.” Esta epígrafe abriga uma repetição em forma de refrão, um “ritornelo”, configurando, de certa forma, a prescrição de releitura que Guimarães Rosa imprime em seus livros (ROWLAND, 2011, p. 136). Além disso, podemos considerar que “ida e volta” é o movimento de todo leitor, que é levado a um passeio pelo escritor, do qual costuma voltar ao fechar o livro.

Todos estes temas de importância no conto que visitamos são igualmente relevantes para a vida e obra roseana, e para a existência e os estudos empreendidos pela Roda de Leitura. O embate interior x capital, do qual se vai e volta, adquire muitas vezes o aspecto de atraso x desenvolvimento, periferia x centro, tradição x ruptura, conservadorismo x inovação. Já tive a oportunidade de trabalhar este tema em outro lugar, também sob os auspícios da Roda: “Textualismante: Buriti e a primavera, o talismã sertanejo-renascentista de Guimarães Rosa”<sup>4</sup>.

Para dar conta aqui da sua importância também em terras lusófonas, periféricas no contexto mundial, cito obras de alguns dos seus principais autores às voltas com o tema:

- De Eça de Queiroz temos *A cidade e as serras*, romance publicado em 1901. Seu protagonista, Jacinto, admirava profundamente a modernidade, o cosmopolitismo de Paris, em detrimento de sua aldeia em Portugal, até que, lentamente, essa apreciação começa a mudar. De qualquer forma, é problematizada a questão do centro/periferia, que estamos focalizando;
- Fernando Pessoa, sob o pseudônimo de Alberto Caeiro, escreve: “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia, (...)”, publicado pela primeira vez em 1925 (PESSOA, 1983, p.149);
- Anos depois, Amália Rodrigues encanta Portugal e o mundo interpretando o fado “Lisboa, não sejas francesa”<sup>5</sup>. José Galhardo e Raul Ferrão são os autores desta canção, que, por assim dizer, pratica a terapêutica de torcicolos culturais, pois alerta para o fato que “com toda certeza não vais ser feliz” sendo francesa, pois “tu és portuguesa”;
- Finalmente, no mesmo sentido cá no Brasil, escreve Carlos Drummond de Andrade em *Explicação*:

[...] E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.  
Aquela casa de nove andares comerciais  
é muito interessante.

---

4 Texto de Celina Ramos Couri apresentado em formato de vídeo, com edição e produção de Tania Campos. Veio a público em junho de 2022, no penúltimo encontro sobre a novela “Buriti” da Oficina de Leitura Guimarães Rosa”. Está disponível no acervo de vídeos do YouTube da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP em: <https://www.youtube.com/watch?v=j0GhZAxQYxM> Acesso em: 19/3/2023.

5 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mYwAXtVTswI> Acesso em: 27/6/2023.

A casa colonial da fazenda também era...  
No elevador penso na roça,  
na roça penso no elevador  
Quem me fez assim foi minha gente e minha terra  
e eu gosto bem de ter nascido com essa tara.  
Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa.  
A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso de dinheiro  
e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a perna na gente.  
O francês, o italiano, o judeu falam uma língua de farrapos.  
Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só,  
lê o seu jornal, mete a língua no governo,  
queixa-se da vida (a vida está tão cara)  
e no fim dá certo. [...] (ANDRADE, 1959, p. 36).

Guimarães Rosa não se detém tipificando esses embates ou os torcicolos culturais; apenas os evidencia e mostra como podem ser superados. Os seus escritos, com isenção e sem maniqueísmo, nos permitem ouvir a voz de quem não costuma ser ouvido, abrem um universo novo e relativamente desconhecido, o sertão, para o povo das cidades e vice-versa.

Na literatura de Rosa transparecem o imenso afeto e o conhecimento que ele nutre por sua terra, a tal ponto que nos contagia. Tão sábio e amoroso é o seu olhar que logra abrir os nossos corações e mentes para esta realidade, que passamos a amar por simbiose e contaminação. Até mesmo os habitantes locais sentem-se tocados pela “lente do amor” usada por Rosa no panorama que tão bem conhecem, e passam a vê-lo melhor, valorizando-o. O desejo de Rosa acende o desejo do outro. De certa forma, a beleza e a dignidade dos personagens roseanos acabam por refletir-se nos sertanejos, dignificando-os e também conferindo-lhes poder.

Desta forma Rosa colabora para a construção de estradas (como Lalino) que promovem a integração e o fim da polaridade centro x periferia, seja real, seja simbólica. A Roda de Leitura atua nesta mesma direção.

Para os moradores das grandes cidades, ou das capitais, vale e estende-se o raciocínio que Paulo Vanzolini<sup>6</sup> usou uma vez, na TV: “Arranhe um paulista, e

---

<sup>6</sup> “Paulo Emílio Vanzolini (São Paulo, 25 de abril de 1924 – São Paulo, 28 de abril de 2013) foi médico e zoólogo, diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Importante compositor brasileiro, foi autor de famosas canções como “Ronda”, “Volta por cima” e “Na boca da noite”. Informação disponível na Wikipédia: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_Vanzolini](https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Vanzolini) Acesso em: 19/3/2023.

encontrará um caipira”. Há uma escrita semelhante no mesmo sentido de Guimarães Rosa, que afirma: “O sertão está dentro de nós”.

No caso do conto, Lalino, enquanto urbano e modernizado (como muitos de nós, da Roda), é pródigo porque está de volta ao sertão depois da sua viagem, pois lá estão as suas raízes. Acontece que lá estão as raízes de todos nós, no mínimo, por causa do nosso passado coletivo. Todos somos filhos pródigos quando lemos sobre o sertão de Rosa. Inclusive e principalmente o próprio Rosa. Depois de Paris, Berlim, Rio de Janeiro, e outros grandes centros em que atuou como diplomata, nada como a volta a Cordisburgo, Andrequicé, Morro da Garça do seu filho tão dileto.

Como vimos, os escritos de Guimarães Rosa agem, sem o menor alarde, como um tratamento para torcicolos culturais.

Pode-se dizer a mesma coisa da Roda de Leitura: acolhendo a todos sem distinção, reconhece em cada um o seu grau de conhecimento e sabedoria, sem conceder nenhum privilégio ao nível de escolaridade, ou outro fator que seja.

A sua atuação é absolutamente democrática: a apresentação na Roda se dá por ordem alfabética, e a coordenação age discretamente no sentido de assegurar a todos que assim o desejem o direito de leitura e, mais tarde, a possibilidade de expressão de opinião.

Manifestações artísticas, tais como música cantada ou instrumental, declamação de poesias, leituras de haicais, são atividades muito bem-vindas. Do mesmo modo, se alguém preparou algum estudo sobre o texto lido, a paisagem, pássaros, frutas e flores, ou sobre um aspecto filosófico ou religioso mencionado na última leitura, desde que o comunique, terá um tempo para compartilhar os seus achados. Resulta um espetáculo de real diversidade aberto a todos. A dimensão estético-expressiva do conhecimento e do senso comum é valorizada; o saber acadêmico também o é. Como não há polarização, também não há torcicolo. Não há professores, mas parceiros e aprendizes de um mestre maior, João Guimarães Rosa.

Trabalhei muitos anos com leitura de clássicos – Rosa incluído – junto a jovens de escola pública da periferia de São Paulo no projeto Círculo de Leituras<sup>7</sup>. Observei que

---

<sup>7</sup> O Círculo de Leituras foi criado e é dirigido por Catalina Pagés. É um braço do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, ligado à FAAP-SP. Maiores informações em <https://www.braudel.org.br/circulos-de-leitura/> Acesso em: 19/3/2023.

há efeitos semelhantes no trabalho de base literária feito com seriedade, ainda que os públicos-alvo sejam absolutamente diversos. Encontro reflexões muito parecidas entre a descrição daquele processo com os jovens e o que vivenciamos na Roda de Leitura do IEB (COURI, 2018, p. 85).

O clima dos encontros de leitura costuma ser de alegria e potência; os participantes mais antigos são amigos e acolhem com afeto os recém-chegados. Há uma frase de origem não comprovada, às vezes atribuída a Erasmo de Rotterdam, que, a meu ver, retrata bem ao que se assiste na Roda: “Nem o parentesco nem a consanguinidade unem as almas com laços de amizade tão íntimos e tão sólidos como os produzidos pela comunhão dos estudos humanísticos”. Ainda está por ser estudado o quanto esta amizade e o clima afetivo podem estimular a faculdade do pensamento, que ganha asas nas reuniões.

Deste modo, o encontro da Roda vai contra a colonização do prazer que o mundo moderno pretende enclausurar em certas formas de lazer e ocupação do tempo livre, propostos pela indústria cultural e pela ideologia e prática do consumismo. O riso, a ludicidade, a alegria que estão autenticamente presentes contribuem para o “reencantamento do mundo”, basta lembrar o lema da Roda de Leitura de Andrequicé<sup>8</sup>, derivada da Roda de São Paulo: “Garrá comê, garrá lê, garrá cantá”. Diz Rosa Haruco Tane, uma das coordenadoras da Roda de São Paulo: “É nossa filhota que nasceu de integração cidade/sertão; lê e faz a festa, comendo, lendo e cantando”.

Sob a aparência festiva, os grupos oferecem a oportunidade de uma vivência pública e política, que é cada vez mais rara nos grandes centros, nestes isolados tempos pós-modernos. Na esfera pública, em contato com os outros, diferentes de nós, pode-se exercer a faculdade política propriamente humana de aparecer, buscar a excelência, busca presenciada, admirada e rememorada por muitos. (Teria sido essa ausência qualificada do outro que fez Lalino abandonar a capital? Permanece a pergunta.) Escreve Hannah Arendt:

É em relação a esta múltipla importância da esfera pública que o termo ‘privado’, em sua acepção original de ‘privação’, tem significado. Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser

---

8 Pode-se ter uma ideia assistindo-se a um dos vídeos da Roda de Leitura de Andrequicé, disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=s0W0aspZn-k> Acesso em: 10/3/2023.

destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação ‘objetiva’ com eles (...). A privação da privatividade reside na ausência de outros; para estes o homem privado não se dá a conhecer, e portanto é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros. Nas circunstâncias modernas, essa privação de relações “objetivas” com os outros e de uma realidade garantida por intermédio destes últimos, tornou-se o fenômeno de massa da solidão, no qual assumiu sua forma mais extrema e mais anti-humana (ARENDDT, 1981, p. 68).

Esta dimensão fundamental – a política, estar entre os seus pares – foi tomada aos homens pelos tempos modernos, devendo ser laboriosamente reedificada. Todos estamos em certa medida apreensivos e desiludidos com a macropolítica; projetos como a Roda de Leitura, e outros projetos de inclusão parceiros, como o Flores pela Democracia<sup>9</sup> e Linhas de Sampa<sup>10</sup>, trabalham a rearticulação de novas possibilidades, a reinvenção da esfera pública, o reencantamento do mundo, e reinvestimento no homem humano. Afinal esta é nossa melhor vocação e o que temos de mais precioso.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poemas**. Rio, José Olympio, 1959.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: EDUSP, 1981.

COURI, Celina Ramos. O programa Círculos de Leitura cruza o Atlântico e chega a Roma. In: PAGÉS, Catalina; LAMAS, Maria Aparecida (Orgs.). **Círculos de leitura: a arte do encontro**. São Paulo: Recriar Editorial, 2018, p. 85.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio, Nova Aguilar, 1983, p.149.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

---

9 Para maiores informações pode-se consultar <https://www.instagram.com/coletivoflorespelademocracia/>. Acesso em: 19/3/2023.

10 Para maiores informações pode-se consultar <https://www.instagram.com/linhasdesampa/>. Acesso em: 19/3/2023.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão. Volume 2: Grande sertão: veredas; Primeiras estórias; Tutameia (Terceiras estórias); Estas estórias; Ave, palavra!

ROWLAND, Clara. **A forma do meio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp e EDUSP  
SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992.

# A encenação de múltiplas vozes na produção e recepção da obra de Rosa – experiências de uma participante da Roda de Leitura/IEB (2020/2022)

Márcia Marques de Moraes<sup>1</sup>

Este texto tem como intuito relatar a minha experiência de participante ativa (2020-2022) na Roda de Leitura-IEB durante encontros que leram as novelas de *Corpo de baile*, de João Guimarães Rosa, para constar como um dos anexos do Relatório de pesquisa do estágio pós-doutoral da companheira de Roda, professora Dr.<sup>a</sup> Elni Elisa Willms (Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc da Universidade Federal de Rondonópolis e Universidade Federal de Mato Grosso – DTFE/UFMT), desenvolvido na Sorbonne (Paris/FR), sob a supervisão do Professor Doutor Michel Riaudel.

Propõe, ainda, uma leitura do conto rosiano “As margens da alegria”, de *Primeiras estórias*, como exercício de escuta das muitas vozes do texto de Guimarães Rosa, magistralmente construídas pelo escritor na produção do conto e ouvidas pelos leitores na sua recepção. Esta última proposta pretende enfatizar, na leitura analítico-interpretativa, a polifonia dos textos literários, com destaque para os de Rosa, como potenciadora de sentidos e que, de certa forma, é o que se exercita e o que vivenciei nos encontros da Roda de Leitura-IEB.

---

1 Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada (Universidade de São Paulo – USP); Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas; E-mail: [mmoraispuc@gmail.com](mailto:mmoraispuc@gmail.com)

A partir da eclosão da pandemia da Covid-19, em março de 2020, quando todas as minhas atividades nos cursos de Letras (Graduação; Especialização, Mestrado e Doutorado) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas migraram para o regime de aulas virtuais síncronas, vi-me diante de outras possibilidades de estudo e pesquisas, também em modalidade remota, pois que, estando reclusa em casa, o tempo, tão escasso até então, passa a nos propiciar participação em outros cursos, eventos, palestras, lives etc. Eu, que há muito sonhava participar da Roda de Leitura do IEB-USP, que se dedica à leitura conjunta, realizada em voz alta, por todo o grupo, na modalidade *a slow reading*, seguida de comentários, análises e interpretações das obras rosianas. Essa condução das atividades é tudo em que acredito (e procuro praticar em meu labor docente e orientações na pós-graduação), pois aprendi isso com o meu orientador de doutorado, Professor Doutor Davi Arrigucci Júnior, em uma das disciplinas cursadas com ele: “ler com” sim, não “ler para” ou “ler por”, e tentar sempre o método socrático, a maiêutica, segundo o qual o sentido que já nos habita deve ser parturejado, em situação interativa.

Já vinha acompanhando a Roda a distância, sabia que nela, numa “maratona” que rompeu toda uma noite, emendando 30 (trinta) horas de leitura, fez-se a travessia do romance rosiano *Grande sertão: veredas*, em suas quase 500 páginas, nas edições mais recentes. Esperava ansiosa que à leitura do romance se seguisse a das sete novelas de *Corpo de baile*.

O sujeito desejante é aquele que não perde de vista o seu desejo, que busca o seu objeto de desejo com empenho e determinação e, se, por ainda que num pequeno lapso, o perde momentaneamente de vista, é ele, o objeto do desejo, que vem ao encontro do sujeito.

Assim aconteceu comigo: adiada a vontade de estar na Roda, por impossibilidade de tempo e de deslocamento até São Paulo, ei-la acontecendo então de maneira online, pois que tempo e deslocamento foram e são categorias que se tornaram fluidas no mundo contemporâneo da virtualidade.

Assim, por e-mail enviado para o Programa de Pós-graduação da PUC Minas a que pertenceo, e-mail-convite que, parece-me, teve longo alcance naquele momento e dirigia-se a muitas instituições de ensino superior brasileiras, tive contato com a Roda e, então, o fiz pedindo intermediação da rosiana empenhada e amiga que fiz nas

Semanas Roseanas de Cordisburgo, em muitos julhos, a querida Rosa Haruco Tane. Foi ela que me recebeu na Roda e, a partir dela, fiquei conhecendo as outras responsáveis por este trabalho ímpar, quais sejam, Linda Yazbek Rivitti e Regina Pereira, bem como as “meninas” do IEB, Marília Silveira, Renata Ribeiro, Gabriella Radoll e Paula Felice, incansáveis em nos assistir no afeto e na infraestrutura tecnológica.

Desta forma cheguei à Roda, ainda no início das atividades do primeiro semestre de 2020 para ler a novela “Campo geral” (Miguilim), de *Corpo de baile*. Eu, rosiana de carteirinha desde há muito, quando, na 4ª série do ginásio, hoje, 8ª série do Curso Fundamental, li, com a professora Madalena Lara Resende, “O burrinho pedrês”, de *Sagarana* – corria o ano de 1963. Picada pela mosca rosiana, resta-nos entregarmo-nos ao deleite da leitura dos textos do nosso escritor; mais que isso, resta-nos estar despertos para a polissemia dos sentidos que cruzam os seus textos, açulando-nos a curiosidade e nos levando a buscar travessias de leitura nunca d’antes vislumbradas.

Depois de “Ás de Ouro”, vieram Seu Joãozinho Bem-Bem e Augusto Matraga, de “A hora e vez de Augusto Matraga”, “O duelo”, “Sarapalha”, “Conversa de bois” e outros contos de *Sagarana* – viviam-se os anos 60 e 70 do século 20, quando a recepção da literatura de Guimarães Rosa quase que se circunscrevia à sua primeira obra, publicada em 1946.

O romance, sobretudo, assim como o ciclo de novelas de *Corpo de baile* ainda não haviam conquistado o público leitor “comum”; estavam quase que somente no horizonte da crítica literária, que, perplexa, “pisava em ovos”, relativamente àquelas publicações, exceção feita a grandes críticos que, desde a primeira leitura do romance, já vaticinavam o aparecimento do grande (ou maior?) escritor brasileiro do século 20, aquele que, causando rebuliço entre os seus pares, apresentaria ao mundo e à literatura brasileira obras que não deixavam a menor dúvida quanto à excelência da literatura produzida no Brasil a partir dos anos 50, não apenas como representações de segmentos da sociedade brasileira até então esquecidos, mas, sobretudo, em relação a suas vozes, à sua fala. A literatura brasileira até então falava por seus personagens; Rosa não concede a palavra às personagens que representam o povo brasileiro; o escritor as faz falar.

De qualquer modo, o romance, de certo modo, obscurece a recepção de *Corpo de baile*, mesmo entre os críticos – talvez porque o romance, gênero nobre de todas as obras-primas, tenha obnubilado as novelas.

Tais elucubrações servem aqui, quem sabe, para justificar o fato de eu mesma, leitora de Rosa, ter-me dedicado quase que integralmente à leitura do romance, escolhido como objeto de minha tese de doutorado, defendida no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, na USP, em 1999.

Se se segue o curso de minhas leituras rosianas, a partir do exposto até aqui, há um estranhamento que precisa ser “explicado”: haveria, em minha dedicação de leitora de Rosa um lapso de leituras dos anos 60 até os anos 90? As minhas leituras pulam de *Sagarana* para *Grande sertão: veredas*, e este intervalo de 30 anos não seria longo demais?

Cumprir dizer que houve comigo um certo desvio de rota: a minha vida acadêmica, por razões funcionais e pragmáticas, sequestra-me da literatura, levando-me ao mestrado de Linguística/Língua Portuguesa, em que eu apresento um pré-projeto para pesquisar o narrador do romance, dedicando-me à análise do discurso de Riobaldo. Aceita como mestranda na UFMG, o tema mostrou-se muito complexo para uma dissertação de mestrado em língua portuguesa e foi abandonado. Com este mesmo tema, que vai sofrer mudanças a partir de disciplinas cursadas e da orientação inicial do Professor Doutor João Luís Lafetá, na USP, dou início ao doutorado, que vai me levar ao diálogo entre literatura e psicanálise na leitura do *Grande sertão: veredas*.

Parece-me longa esta explicação do percurso da leitora rosiana que pretende narrar a sua experiência como participante da Roda de Leitura. No entanto, o seu intuito é duplo: em primeiro lugar preciso confessar a minha leitura incipiente das novelas de *Corpo de baile*, exceção feita a “Campo geral” (Miguilim), “Uma estória de amor” (Manuelzão), “Dão-Lalalão (O devente)” e “Buriti”, o que me motivou mais ainda a participar da Roda para a leitura das sete novelas; em segundo lugar, como meio de apresentar a minha formação, pois penso que ela também importa na minha participação nas leituras feitas e nas releituras que fiz, diante de novos sentidos que se abriram para mim no convívio com outros leitores de Rosa e na experiência dos encontros da Roda de Leitura.

O início formal da leitura das novelas se deu com uma exposição sobre a estrutura de *Corpo de baile*, a disposição das sete novelas no “corpo” da obra e o deslinde de muitos de tantos enigmas, cifras, pensadas e estetizadas por Guimarães Rosa que, se conhecidas, potencializam mais ainda os sentidos entretecidos nas narrativas. Assim,

assistimos à exposição do doutor Frederico Antonio Camillo Camargo<sup>2</sup>, que abriu os encontros de leitura das novelas rosianas.

Fato é que me concentrei, mediada pela Roda de Leitura e seus leitores, na leitura das novelas de *Corpo de baile*, iniciada por “Campo geral (Miguilim)” e, revivendo os conflitos de Miguilim, em relação a seu tempo, a seu espaço (o Mutum) e a sujeitos que o cercam, mormente, os seus familiares – com ênfase em seu lugar no triângulo familiar, e, assim, levando-nos, leitores, a projetar nele a nossa condição de homem humano em suas travessias, como nos ensinara Riobaldo, ao concluir a narrativa de *Grande sertão e iniciar-nos em uma nova velha leitura transformadora da vida*:

*Cerro. O senhor vê. Conteí tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. (...) Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circumspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia. (ROSA, 1965, p. 460)*



A leitura de “Miguilim”, motivou-me, incentivada pela Roda, a produzir, para a Semana Roseana do IEB que ocorreu de 28/9 a 2/10/2020, o vídeo “A miopia de Miguilim, Joãozito, João<sup>3</sup>”. Nesse vídeo do YouTube comento como Guimarães Rosa pretendeu fazer circular, em âmbito maior, a presença do sujeito-autor na estória do sujeito narrador e de como se misturam essas vozes!

Vale frisar, ainda, que essas motivações da/na Roda foram/são uma constante – nos encontros éramos/somos motivados a expor um assunto que surge das leituras para todo o pessoal, assim como se convidam participantes para outros eventos rosianos, em que a própria Roda deles participa, ajuda a organizar e é também patrocinadora. Esse momento mesmo das minhas primeiras participações na Roda coincidiu com a 32ª Semana Rosiana de Cordisburgo, com o tema “O Bem e o Mal na obra de Guimarães Rosa”, a primeira realizada virtualmente, em que, convidada

<sup>2</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=octNp1NA\\_bM](https://www.youtube.com/watch?v=octNp1NA_bM) Acesso em: 25/4/2023.

<sup>3</sup> Conteúdo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yDjNk6l21qY> Acesso em: 6/6/2023.

pelo diretor do Museu Casa Guimarães Rosa, Ronaldo Alves, gravei um episódio no Spotify intitulado “Ponteando opostos: o bem e o mal em *Grande sertão: veredas*”, com a ajuda e a dedicação das meninas do IEB, companheiras da Roda e que torno a nomear: Marília, Paula e Renata.

De “Miguilim” naturalmente chegamos a “Manuelzão”, no trajeto para “Uma estória de amor”. Talvez o escritor quisesse mesmo que os seus leitores se tocassem em relação ao que medeia (ou precisa mediar) a travessia entre infância e velhice e que deve/ deveria ser sempre “uma estória de amor”. Não por acaso, essas duas novelas que unem o alfa e o ômega, o princípio e o fim da nossa travessia, são como que o portal de *Corpo de baile*.

O início da leitura de “Uma estória de amor” foi também marcado por exposição da professora Sandra Guardini T. Vasconcelos e o seu primoroso trabalho de pesquisa, publicado em *Puras misturas. Estórias em Guimarães Rosa* (1997).

As leituras correram com muito ânimo, muita alma: ouvir as **vozes** de companheira(o)s de leitura nascidos e vivendo nos cenários das estórias me fez conhecer muitas peculiaridades da geografia, das paisagens, *frame* para as narrativas em suas **vozes** – a partir daqui este texto dará ênfase a **vozes** e a sua importância na obra de Rosa e nos encontros da Roda e, frise-se, já vimos insinuando isso desde o princípio.

Chamou-me atenção especial a morte do riachinho que desaparece para reaparecer e, que, na contemporaneidade da vivência traumática de uma epidemia, fala ainda mais alto ao nosso coração – as questões ecológicas que eclodem e eclodiram mais tarde, ali, no texto de Rosa, já se anunciam e denunciam, em dicção (**voz**) de desalento, mas de esperança, não em tom (**voz**) de empenho e proselitismo. E aqui recorro à psicanálise: “Se os psicanalistas sabem muito, os poetas sabem tudo”. O artista e, em especial, o nosso escritor, como sabemos, para além da sensibilidade gigante, dedicava-se a observar e registrar a experiência empírica, na escuta da voz da natureza e dos sertanejos, seus conterrâneos, valendo-se delas e das suas intuições cruzadas com o conhecimento buscado na ciência, tudo isso presente e amalgamado na sua linguagem.

De “Uma estória de amor” passou-se a outra estória de amor – a de Lélío e Lina, um primor de amor, dissolvendo quaisquer preconceitos e, hoje, agora, fulminando de

---

4 Conteúdo disponível em <https://open.spotify.com/episode/3XX7B6ayMjyUP0mJE5ChXL?si=G-dKIhTFkRWSNW1CWeYCanw&context=spotify%3Ashow%3A4LgCGcIlfM062vzdPcbuWg&nd=1>  
Acesso em: 5/6/2023

morte o “etarismo” – feio, horroroso, tanto no seu significado quanto no seu significante: e Lina, sujeito de papel, encarna-se na vida do leitor como sujeito de carne e osso, de novo, a fazer leitores a atravessar para um mundo em que as misturas são consolo e redenção do homem humano.

A seguir, as leituras de “Recado do morro” e “Cara-de-Bronze” ocuparam-nos em sua instigância que só cresce a cada volta às novelas. A partir de “Cara-de-Bronze”, ainda, deu-se o fechamento de um ano de leituras com uma performance que contemplou o diálogo entre personagens (e autor) – atividade, a meu ver, muito interessante, pois é como se se atualizasse um potencial roteiro presente na novela.

A seguir, chegamos a “Dão-Lalalão (O devente)”, que ficou marcada em mim como última leitura de que participei na Roda naquele tempo pandêmico (2020/2021), mas que, espero, não se encerre, diante da esperança que alimento de poder voltar a ela. Acompanhando a distância os encontros semanais da Roda, no início de 2022, às quartas-feiras, pontualmente, às 19 horas e, conseguindo, algumas vezes, participar, ainda que com algum atraso para acessar a Roda, participei parcialmente da leitura de “Buriti”, fechando o ciclo de *Corpo de baile*.

Mas foi a partir de Soropita, Doralda e personagens do tormento ciumento do marido apaixonado, de “Dão-Lalalão”, que nos fizemos uma pergunta que considero fulcral para a leitura da obra rosiana, que me instiga e desafia permanentemente: que múltiplas vozes falam e se escutam na escrita de Guimarães Rosa?

Perguntávamo-nos, então, que vozes são audíveis nas falas de Soropita e de outras personagens, já, por si, escutadas na voz do narrador?

Diante dessa polifonia, magistralmente realizada na escrita de nosso autor, a Rosa Haruco Tane, contaminada sempre pelo Rosa, propôs-me falar sobre isso num próximo encontro, formalizando, sem ranço acadêmico, as “Vozes na escuta da escrita de Rosa”.

Essa exposição aconteceu em 8 de outubro de 2021, vindo, após ela, a preparação para a performance de “Cara-de-Bronze”, a que já se referiu e depois da qual, infelizmente, suspendi a minha participação integral na Roda, pois já se anunciava a volta das aulas presenciais da PUC Minas, onde trabalho – a minha participação mais efetiva na Roda só foi possível online enquanto a modalidade da minha prática docente presencial não voltasse.

Naquele ano de 2021 muitas outras atividades, além das leituras semanais, movimentaram-nos em relação às leituras rosianas, todas a partir da própria Roda, com o seu incentivo, o seu patrocínio, a sua indicação; em suma, a sua paixão pela escrita de Guimarães Rosa.

Brevemente, listo aqui atividades em que tive participação efetiva, abertas à sociedade como um todo e divulgadoras do escritor mineiro que brilha no mundo com sua arte: a participação no evento Janelas Roseanas, na vertente Veredas acadêmicas, no Festival de Cultura e Economia Criativa, com a palestra Janelas misturam amores<sup>5</sup>; a participação na 33ª Semana Rosiana de Cordisburgo, que teve como tema a obra *Ave, palavra*, com a palestra “Lutar com palavras é a luta mais sã”, na mesa “Nas asas das raras palavras”, no dia 17/7/2021<sup>6</sup>; a entrevista intitulada “A literatura e o brilho da vida”, para a exposição “Sertão Mundo”, no Espaço do Conhecimento da UFMG, em 1/9/2021<sup>7</sup>.

No entanto, quero voltar aqui ao assunto que me instiga muito, assim como a tantos outros leitores da literatura rosiana: a polifonia, o coro de vozes orquestradas pelos narradores projetados pelo autor, cuja reflexão tentei socializar na Roda, por sugestão da Rosa Haruco Tane. Por mais que tenha pelejado para limpar essas reflexões do jargão acadêmico, avalio que não fui muito feliz e que os conceitos de “discurso direto/discurso indireto e discurso indireto livre”, expostos a partir de Volochinov/Bakhtin, ficaram “pesados” e muito, muito distantes da leveza com que Guimarães Rosa atualiza essa complexidade estilística na maestria da sua escrita. Como, na ocasião, me vali não só das vozes de Doralda, Soropita, Iládio e de personagens que “falam e são faladas” na novela “Dão-Lalalão (O devente)”, motivadora da atividade, também busquei ouvir, com bastante atenção, as vozes misturadas de “As margens da alegria”, de *Primeiras estórias*, que me fascina, e proponho uma leitura deste conto aqui, escrita, e, portanto, mais propícia a reflexões mais fundas. Vamos ao conto, cuja leitura aqui intitularei:

---

5 Conteúdo isponível em <https://instagram.com/janelasroseanas?igshid+dml7hmbvcbpv> Acesso em: 25/4/2023.

6 Conteúdo disponível em <https://youtu.be/fcoM8sferTk> Acesso em: 25/4/2023.

7 Conteúdo disponível em <https://exposicaoosertaomundo.com.br.s159832.gridserver.com/> Acesso em: 25/4/2023.

## **A alegria, nas vozes marginais do menino, da poesia, da psicanálise, do sertão, da cidade, da natureza, entre tantas outras**

“As margens da alegria”, narrando a estória do Menino que viaja de avião para conhecer uma cidade nascente, poderia figurar como a primeira “margem” do livro *Primeiras estórias* (1962), que terá a sua segunda margem no último conto, “Os cimos”, que faz retornar o Menino, outra viagem aérea e a cidade.

A crítica já lera a estrutura da obra como se os contos inicial e final desenhassem um parêntese, enfeixando os 19 contos do corpo do livro, onde o do meio, “O espelho”, teria também a função de fazer espelhar e, logo, refratar os contos que o antecedem e o prosseguem.

O título também é bastante instigante. Vejamos: a tradução do título na edição alemã – *Die Ufer der Freude* – é explícita no conter “Alegria” no significante alemão *Freude*, substantivo abstrato que também alude ao nome próprio Freud. As margens, as bordas, estão referidas pelo termo alemão *Ufer*, contido também no nome da obra – *Das dritte Ufer des Flusses* –, na tradução alemã cuja edição opta por um dos contos do livro, “A terceira margem do rio”, para dar nome ao livro.

Margens – significante recorrente nos escritos rosianos – e Alegria, ambos, na tradução para o alemão, apontando significantes presentes nas bordas do nome próprio Freud, parecem autorizar a psicanálise como vertente significativa de leitura deste conto que abre as *Primeiras estórias* (ROSA, 1968), entre as muitas que se têm feito.

A paráfrase do conto fala de um menino, levado por tio e tia, de avião, para “passar dias” (p. 3) em lugar onde se ergueria uma cidade, e traz sugestões de que esse espaço possa ser aquele em que se ergueu Brasília. Essa arriscada determinação da cidade (“tudo é e não é”) leva em conta o contexto da escrita (entre 1950/1960), a correspondência do autor (carta a “Mamãe, papai”, enviada do Rio, contando as suas idas ao canteiro de obras de Brasília, datada de 5 de julho de 1958, conforme o livro *Relembramentos*, de Vilma Guimarães Rosa (ROSA, 2008), a fortuna crítica do autor que se tem ocupado de leituras de viés histórico, político e ecológico.

Mas vale atentar, sobretudo, para as figurações estéticas do texto – o plano piloto, condensado na alusão ao piloto e na visão do alto – “o chão plano em visão cartográfica” (ROSA, 1968, p. 3); “o azul de só ar” (p. 3); a coloração da paisagem,

fazendo ver sertão e cerrado – “a grande cidade apenas começava a fazer-se, num semiermo, no chapadão” (p. 4). Sabendo-me excessiva quanto às citações, não consigo furtar-me a uma última, para enfatizar a estética rosiana – o trecho magistral de uma das descrições do peru avistado pelo Menino – “e ele, completo, torneado, redondoso, todo em **esferas e planos**” (p. 4), numa genial aproximação entre o peru e a cidade, fazendo o leitor enxergar, na disposição das penas do peru, uma miniaturização de formas que compõem a arquitetura da cidade em construção.

A personagem “Menino”, cuja dicção infantil se ouve claramente na voz do narrador do conto, pela maestria autoral ao lidar com o discurso indireto livre, aponta um hibridismo, tão ao gosto de Rosa, o que nos faz, leitores, vez por outra, apurar o ouvido e nos perguntarmos: Quem está falando? Quem está em cena? O narrador ou o Menino? Decidindo-me, pelo “mundo misturado”, como insiste Riobaldo.

Este Menino, então, vai-se revelando, na polifonia das vozes, que, simultaneamente, ecoam os sujeitos ficcionais – autor, narrador, personagem, leitor, que, em coro, buscam a inscrição da sua subjetividade sempre faltosa e fraturada, marginal e bordejante, como é próprio da condição humana.

A viagem, “inventada no feliz” (p. 3), diz a voz do narrador, vai oferecendo à personagem-criança experiências que, na mediação estética da voz autoral, conduzem-nos, a nós, leitores à escuta de um discurso do “eu-aqui-agora” da enunciação do texto e do “eu” fantasmático de um alhures, na peleja para se fazer valer como sujeito.

Deslocado de seu habitat para a viagem inventada, o narrador conta-nos que o Menino “fremia no acorção (...) confortavelzinho” (p. 3) e que “Mesmo no afivelar-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção (...)” (p. 3), o que nos faz viver a experiência inédita da criança relativa a um “não sabido”, pontuada pelo medo do desconhecido, recalçado pelo mundo adulto e as suas muitas representações.

Os paradoxos nos arranjos lexicais vão apontando este conflito no interior do Menino: “(...) as coisas vinham **docemente de repente**, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes (...)” que vai num crescendo e que se explica, estranhamente, depois de dois pontos em “as satisfações antes da consciência das necessidades” (p. 3).

O excesso torna perplexo o Menino; a visão do adulto empana a do menino que se inicia no experimentar o mundo e, assim, o circuito do desejo do menino (assujeitado)

sofre uma reversão: a sua alegria deborda, ele vive a postíça alegria do outro. O narrador o confirma com travos de ironia:

Davam-lhe balas, chicles à escolha. (...) Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, neles mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. O Menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava (...) – expiava – insinua-se? (ROSA, 1968, p. 3)

O excesso se concretiza, esteticamente, no pleonástico “chão plano” que a criança vê do alto, “em visão cartográfica”, repetindo também o mapa mostrado ao Menino, que traz ao texto vivências infantis da voz autoral e faz o leitor ouvir, em discurso indireto livre, o Menino, que no “lugar da janelinha, para o móvel mundo” (p. 3), constata, perplexo, o diminuto tamanho dos seres – humanos e não humanos – vistos do alto: “Se homens, meninos, cavalos e bois – assim insetos?” (p. 3).

A criança vai percebendo um distanciamento e a miniaturização de realidades, antes tão próximas e de dimensões tão reais, como se a paisagem do sertão se diluísse naqueles ares do cerrado.

E o lufa-lufa do momento vai também deixando para trás o tempo sem tempo do lugar de onde viera o Menino, que, dividido entre tantas novidades, consumido por tantas ofertas, nem se dá conta da fome, diante das muitas promessas do tio: “(...) que ia brincar e ver, e fazer e passear, tanto que chegassem” (p. 3) – é a linguagem encenando o excesso, o acúmulo, pela reiteração da conjunção aditiva, arrematada pelo “tanto que”.

Por isso, “O Menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente” (p. 4) sintetiza a voz do narrador que faz o menino aterrissar, cedinho, na “grande cidade” que, ainda erma, mal brotara do chão do chapadão.

Ansioso, o Menino “respirava muito os diluídos ares” e “via, vislumbra”, “queria poder ver ainda mais vívido – as novas tantas coisas (...)” (p. 4), para ser experimentadas.

A mata, rasgada para a instalação do barracão da construtora, era agora o quintal da casa de madeira, e a imaginação do Menino pergunta: “Dali, podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores?” (p. 4).

Às percepções visuais do Menino, perscrutando as novidades e comparando-as com experiências pregressas de seu imaginário, somam-se as auditivas – o som dos pássaros que “foi o que abriu seu coração” (p. 4), diz o narrador.

Tais pássaros, mediando quintal e casa, sertão e cidade, fazem-no transitar entre a alegria genuína deixada para trás e a alegria suposta para aquela experiência nova.

O leitor, então, surpreende-se com pergunta inesperada do Menino, assustado, perplexo, vivendo, literalmente o *Unheimliche* (FREUD, 1976) freudiano, ao operar com a familiaridade dos cantos dos passarinhos da sua terra e a estranheza de notar que ali, em outra terra, às aves se oferecia cachaça: “Aqueles passarinhos bebiam cachaça?” (p. 4)

Estratégia autoral, comum em Rosa, de, enigmaticamente, com um estranhamento, antecipar um fato importante, a morte do peru se anuncia ali, na perplexidade da pergunta do Menino. Se há um costume conhecido e antigo de se embebedar perus para, tontos de véspera, matá-los no dia seguinte, a criança não entende o rito e se assusta com a “diversidade” no trato dos passarinhos. Não tinha a menor ideia de que aquele peru, no centro do terreiro, a se exibir para ele, “imperial”, pairava como alegria que logo se dissiparia.

E, então, comparece a voz autoral que busca, em outro poeta, uma exclamação dupla – “Belo, Belo!” (p. 4) –, diante da perplexidade de uma alegria toldada, não se sabe ainda por quê.

Se os psicanalistas sabem muito, repito, e os poetas sabem tudo, como quiseram Freud e Lacan, uma prova irrefutável disso estaria na voz do poema de Manuel Bandeira, a condensar o aperto do coração do Menino diante de uma ambígua alegria:

“Belo belo minha bela/Tenho tudo que não quero/Não tenho nada que quero” (BANDEIRA, 1966), em que se lê, não por acaso, entre os querereres: a solidão dos píncaros, a água da fonte, a rosa, a primeira estrela, numa direta alusão ao que de natural nos oferece a vida.

Diante daquelas “satisfações antes da consciência das necessidades” (p. 3), de tudo que “fartamente” lhe era apresentado, ainda que o seu desejo não o tivesse manifestado, o excesso de coisas, de informações, de falas adultas, fazia o Menino viver a falta, a ausência de si, das suas escolhas, empanadas pelas contingências.

Ausente de si, a criança encontra, na visão do peru, o elo que se perdeu no seu deslocamento. O peru assumiria a função de fazer a transição entre o perdido e o oferecido; objeto transicional, ele será a alegriazinha benfazeja, cuja visão preenche, sossega, ainda quem em *fading* (BARTHES, 1989) recorrendo, analogicamente, a fragmento de Barthes, tratando do discurso amoroso.

Era, ainda uma vez, a Alegria: “O Menino riu com todo coração” (p. 4-5), e, guardando em si a Alegria, adiou-a – só “bis-viu” (p. 5) o peru.

Indo excursionar com os tios de Jeep e revendo paisagens caras a seu coração, “Sustentava-se delas sua incessante alegria”, sob espécie “sonhosa”, pois, “em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados” (p. 5), pensando no peru, quando voltassem.

E o Menino volta; mas o faz, cuidadosamente, para não “gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais importante, que estava guardado para ele, no terreirinho das árvores bravas” (p. 5).

Impossível ao leitor não associar a esse peru “marginal” o tucano de “Os cimos” que acaba substituindo o macaquinho, também objeto transicional (WINNICOTT, 1970; 1971) que o liga ao antes, à mãe doente deixada para trás, perdido no avião e reencontrado no ressurgimento da Alegria com a volta para a mãe curada.

A Alegria, assim, nos dois contos que margeiam *Primeiras estórias*, representa-se pelas aves que aparecem, desaparecem, intermitentes, metaforizando o movimento errático, episódico daquilo que está nas margens, só espreitando o breve momento de acontecer.

Descendo dos “cimos” para a cidade que se ergue em meio ao cerrado, espaços frequentados pelo Menino-personagem, cuja voz é absolutamente audível, os devaneios povoam a mente da criança-criativa: haveria um peru em cada casa e de pessoa?; um peru apropriado, um peru particular, domesticado, diferentemente do peru da roça, do sertão, solto a seu bel-prazer; um peru com proprietário?

Esse “mundo misturado” ocupa a cabecinha de nosso Menino, em meio àquela cidade que, em discurso indireto livre, “ia ser a mais levantada do mundo” (p. 5). É o eco de uma voz adulta, projetando, em hipérbole, uma meta política, também exorbitante e excessiva.

A essa megalópole do imaginário adulto se superpõe a imagem do peru: “Ele abria leque, impante, explodido, se enfunava. Ah, o peru imperial...” (p. 5)

Mas a volta ao terreirinho, de chofre, traz à criança a perplexidade de enxergar “só umas penas, restos, no chão” (p. 5), na mata feia. E a pergunta calada, que não soa, silenciada pelo choque, só adivinhada pela resposta – resposta, esta sim, em discurso direto com travessão, tudo o que caracterizaria uma certa “imposição”, em negrito e em

tom tão natural, como se fosse um hábito: “– ‘**Ué, se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?**’” (p. 5)

A alegria bordejia, marginaliza-se, sai de cena, no “grão nulo de um minuto” (p. 6), um grânulo de tempo pode sequestrar a alegria: “Tudo perdia a eternidade e a certeza: num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam” (p. 6), e a escrita do texto condensa o tom de uma criança sentida, na dicção do autor-narrador, elucubrando, em discurso erudito, sobre questões demasiadamente humanas.

Tocado pelo “miligrama da morte” (p. 6), experimentando, pois, a condição humana, fechado em copas, o Menino, cansado, e renunciando o “passear com o pensamento”, maquinalmente sai com os tios para ir “aonde a grande cidade vai ser” (p. 6).

Em vão: o peru insiste em seu pensamento e reaparece, como culpa, deslizamento tão próprio da condição humana, forjada pelo mal-estar. O Menino vivia a “circunstriteza” (p. 6), outra face da “bordejante alegria” – teria ele o direito de continuar pensando no peru?; não estaria ele exagerando no sentir aquele desengano?...; mas, por outro lado, matá-lo “parecia-lhe obscuramente algum erro” (p. 6).

E as paisagens apontadas pelos companheiros daquela excursão ao “hostil espaço” (p. 6) eram experimentadas também de “modo maquinal” (p. 6): a natureza agredida; o cerrado, (des)cerrado pela derrubadora com sua lâmina, estranha novidade substitutiva do familiar machado; a árvore trapeada, à maneira de um mastro batido pela vela, e que chorava no “marulho (...) final de seus ramos” (p. 7), reiterando, na linguagem rosiana, a aproximação mar e sertão e o choque, “o pulso da pancada”(p. 7). Tudo repetia a morte do peru e se guardava “dentro da pedra” (p. 7), pedra de que se têm ocupado muitos leitores de “As margens da alegria”.

A mim, aqui e agora, instiga-me outra direção de sentido. “Guardou dentro da pedra” – oração absoluta sem a explicitação do sujeito que, claro, pode sim, em linha direta, remeter ao Menino. Mas, obliquamente, possibilitaria outras “interpretações”: desejaria o escritor, na voz do narrador, dizer que, diante de tantas perdas, faltas e vazios, só a palavra seria capaz de dar corpo ao “real” experimentado e perdido para sempre? Só o simbólico da linguagem seria capaz de guardar o imaginário que se dissipou?

Se a pedra é elemento onipresente em mitos e discursos primordiais (a pedra filosfal, a pedra angular, Sísifo, para ficar apenas em três), vale pensar a pedra como

repositório do que se perdeu e que resta como palavra, discurso, linguagem – afinal, o signo verbal não atesta a morte da coisa?

O “pensamentozinho” do Menino, ainda em “fase hieroglífica” (p. 7), conta o narrador, faz voltar a pedra que guarda uma escrita – a mais antiga escrita hieroglífica foi encontrada na Pedra de Roseta e assume o nome do lugar em que se achou a placa de granito, em 1799, não porque se fazia uma escavação arqueológica; foi um achado casual, a partir de escavações, para se erigir uma construção feita às pressas. Vale perguntarmo-nos: a escrita do conto não se “grava”/grafa, a partir de uma construção também abrupta? Ou isso seria outro achado casual e até um “desvario” interpretativo?

Com o pensamentozinho hieroglífico propondo enigmas para o seu sentimento, a criança, no terreirinho, surpreende-se com o peru, agora menor, menos imponente, menos belo. “Belo, belo/tenho tudo que não quero” sussurra o eu lírico de Manuel Bandeira, pois o peru daquele “vir da noite (...), sofrido assim, em toda parte” (p. 7), não era o peru, banqueteadado para o dia de anos do doutor; era outro que ali viera para, com ódio, bicar a cabeça do primeiro peru, do peru do amanhecer, degolada e jogada no lixo.

“Trevava” (p. 7), diz o texto – escurecia tudo, diante da morte e da tortura do peru morto, “sem piedade nenhuma”, como a partida das mulheres na vida de Sorôco.

A alegria do encontro do peru imperial a lhe trazer a infância roubada, naquele passeio de adultos, se dissipara diante da constatação da morte e da violência; a alegria, por um átimo em cena, bordejara para os bastidores.

No entanto, uma esperança cintila da mesma mata que abrigara a morte; é o piscar da luz verde do primeiro vagalume, que traz a vida – mesmo “tão pequenino, no ar, um instante só, no alto, distante, indo-se”, “era, outra vez em quando, a Alegria” (p. 7) – sempre nas bordas, nas margens, mas sempre acenando, para nós, meninos.

## Referências bibliográficas

- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Poesias reunidas. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1966.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1908 [1907]). In: *'Gradiva' de Jensen e outros trabalhos*. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB. 9).
- ROSA, J. Guimarães. Grande sertão: veredas. 4ª edição. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1965, 460 p.
- ROSA, J. Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed. 1968, p. 179. As indicações dos excertos transcritos se indicarão, durante o capítulo, apenas pela paginação.
- ROSA, Vilma Guimarães. **Relembraimentos. João Guimarães Rosa, meu pai**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 281-282.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini T. **Puras misturas – Estórias em Guimarães Rosa**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- WINNICOTT, D.W. “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” (1953). In: **Da pediatria à psicanálise**. (Londres, 1958), Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.
- WINNICOTT, D. W. Prefácio In: **O brincar & a realidade** (Londres, 1971). Rio de Janeiro: Imago, 1979.

# Mulheres-da-cozinha: o coro do teatro grego na novela “Buriti”, de Guimarães Rosa

Alfredina Nery<sup>1</sup>

A breve, porém marcante, presença das Mulheres-da-Cozinha na novela “Buriti” (ROSA, 1984) pode ser analisada no entrelaçamento de diferentes papéis narrativos. Elas podem representar o “coro” do teatro grego, que comenta e analisa as ações dos personagens e o desenvolvimento do drama. Elas podem ser também uma perspectiva que contribui, na obra roseana, para a multiplicidade de “focos narrativos”, característica marcante de Rosa, cujas vozes, no referido conto, trazem elementos das culturas populares, especialmente o misticismo, a religiosidade e a questão do amor. As Mulheres-da-Cozinha representam ainda um personagem feminino, impessoal, coletivo, que se move na periferia da narrativa.

Fomos buscar um bocado da história do significado do coro na tragédia grega, essa especificidade artística que se define como afirmação da vida com todas as suas múltiplas manifestações entre o bem e o mal, aspecto que também se pode perceber

---

1 Formada em Letras e Mestre em Educação. Professora aposentada da rede pública de São Paulo. Formadora de professores e consultora de programas curriculares de sistemas públicos de ensino, em níveis municipal, estadual e federal. Atua no Coletivo Flores pela Democracia: “Atuamos em várias frentes de luta democrática. Nossas armas são flores de papel crepom, cujas filipetas e seus dizeres são os nossos recados” Disponível em <https://www.instagram.com/coletivoflorespelademocracia/> Acesso em: 13/3/2023. Texto escrito em 8-junho/2022 para ser apresentado à Roda de Leitura quando da leitura da novela “Buriti”. Posteriormente foram feitos acréscimos ao texto original para efeitos desta publicação.

no conjunto da obra roseana e, também, na novela “Buriti”. A tragédia grega nasce dos cultos a Dioniso, o deus das festas, da embriaguez e da alegria desmedida. Como uma das manifestações das festas dionisíacas, havia o coro que acompanhava, cantava e celebrava os rituais:

Dentre os cantos que ocorriam nas celebrações dionisíacas, destacava-se o ditirambo — um canto lírico composto por elementos alegres e dolorosos que, além de narrar os momentos tristes da passagem de Dioniso pelo mundo mortal e seu posterior desaparecimento, exprimia, de forma exuberante, uma quase intimidade dos homens com a divindade que lhes possibilitara chegar ao êxtase. Este canto em coro acabou se definindo como trágico e dele resultou a tragédia: representação viva feita por atores que narrava os fatos acontecidos no plano mítico e que, problematizando a situação do herói, discutia os valores fundamentais da existência humana (SANTOS, 2005, p. 43)

Como veremos mais adiante, as Mulheres-da-Cozinha revelam – cantam ao modo do coro para nós leitores – algumas nuances da intimidade da casa, problematizando e discutindo aspectos das relações que ali se desenrolam, ou seja, “Analisando e criticando os personagens e exprimindo em seus temores, em suas interrogações e julgamentos, os sentimentos dos espectadores que compõem a comunidade cívica, o coro exerce, pois, a função de intermediário” (SANTOS, 2005, p. 61). Por transitar entre os espaços da casa, as Mulheres-da-Cozinha não vivem somente o espaço da cozinha, não estão alheias ao entorno, ao contrário, desde esse ângulo em que labutam e a partir dos seus pontos de vista, deixam ecoar conhecimentos sobre as pessoas da Fazenda Buriti. Fazem uso de comentários astuciosos e esparsos, e assim, entre uma lida e outra, revelam a sua sabedoria, ou seja, elas leem o mundo, como ensinou Paulo Freire (2005), enquanto vão desfiando alguns fios da trama do texto e da vida social, assim como, outro exemplo, os vaqueiros, personagens roseanos, leem a natureza extraordinariamente: as pegadas da boiada, o céu e as estrelas a indicar caminhos, a brisa do mês de maio no sertão e tantas outras leituras de mundo que os fazem leitores atentos e sábios do território em que vivem.

Por isso podemos também situar as vozes das Mulheres-da-Cozinha no gênero discursivo “comentário”. Foucault (1996) afirma que o comentário possui o papel de

dizer “o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro”, sendo assim, “o discurso do comentador é produzido como uma resposta a outro discurso” (p. 25). Essa ideia remete ao pensamento bakhtiniano, que defende que o sujeito “eu” se constitui num processo de interação verbal com o sujeito “outro”.

Em “Buriti”, o espaço destas Mulheres é a cozinha, domínio enorme, com o seu alto teto de treva onde “os acontecimentos da vida chegavam a elas já feitos num livro de figuras, ali entre resinas e fumaças” (ROSA, 1984, p. 216). Elas adentram na cozinha e na narrativa pelas mãos de Tia Cló na preparação da Festa de São João. Lá, elas sussurram – atentas aos movimentos da casa, enquanto trabalham – as suas opiniões sobre a preparação da Festa, sobre certas crendices relativas a namoro e casamento, sobre religiosidade, sempre em discurso direto, com falas entrecortadas, marcadas pelo intenso uso de reticências no fim de cada uma.

Quando vinha Tia Cló, com o bando de criadas e ajudadoras, serviam os pratos-fundos repletos de borbulhante canjica – de leite, coco, manteiga e amendoim, com paus de canela nadantes.

As mulheres-da-cozinha que às mais tudo olhavam, a festa e a fogueira bendita, tudo prazia-as e tudo agradeciam, redondo meninamente. E entre si o que sussurro diziam, dessas coisas:

– Que Deus é bom, esconde do saber de São João o dia data do nascimento dele...

– Eh, mas quando São João souber, bem, ele acaba o mundo a fogo!...

– Tem a mesma conta certa de mocinhos e moças, para todos poderem se namorar?

– Não tiro minha sorte com a clara de oro no copo d’água, não! Temo que dê de formar o feitio duma vela, que então é que vou morrer, no prazo de antes dum ano...

– Vigia só, o Chefe: ele bebe jeropigas. (ROSA, 1984, p. 205)

No que se refere à escolha do narrador de oferecer aos leitores os pensamentos dos personagens, há três modalidades linguísticas, para isto: discurso direto (DD), discurso indireto (DI) e discurso indireto livre (DIL). Os estudiosos da obra roseana apontam a ênfase no uso do DIL como uma maneira de entrelaçar os vários focos narrativos que caracterizam a complexa prosa do autor. No caso das Mulheres-da-

Cozinha, o narrador escolhe o DD, de maneira canônica, reproduzindo textualmente estas falas, com o uso de verbos do dizer para introduzir estas falas (verbos “dicendi” usados: dizer sussurrando; dizer; bisbilhar; falar cochichado; pronunciar), dois pontos, travessão. No uso do verbo do dizer “pronunciar”, ele é colocado no fim das falas, como que marcando a última participação das mesmas no enredo. Assim, com o DD, há um efeito expressivo que atualiza os episódios, tornando-os vivos aos ouvintes/leitores, impregnando de naturalidade e emotividade a expressão oral dos personagens.

Em relação às falas das Mulheres-da-Cozinha, outro aspecto é a decisão de Guimarães Rosa, ao transcrever a língua oral destas personagens, mantendo, predominantemente, a norma-padrão, mesmo que carregada de expressões regionais, neologismos, mistura de línguas e outras criações. Neste particular, a obra de Dino Preti *Sociolinguística: os níveis de fala – Um estudo do diálogo na literatura brasileira* (2003) traz uma inédita e importante reflexão sobre as relações entre variações linguísticas e personagens de romances, na direção de escolher em que variedade as suas falas são transcritas. Assim, Dino Preti estuda desde o romantismo brasileiro até a modernidade, ao defender que os autores estudados buscavam a “brasilidade” nos aspectos linguísticos das suas obras.

No segundo momento em que surgem na narrativa, as Mulheres-da-Cozinha comentam, novamente em discurso direto, sobre o Chefe Ezequiel e a sua doença de não dormir, de vigiar a noite, em seus inúmeros e tenebrosos sons, até o som do silêncio. Interessante notar ainda que o narrador se põe na conversa, no final, perguntando sobre o que diriam de iô Liodoro. A pergunta cifrada virá em resposta também cifrada no trecho das páginas 220 e 221.

- Ele devia de tomar chá de erva-do-diabo...
  - Sei assim, de um parente meu que ensandeceu: quem fica pobrezinho de não dormir, acaba por sofrer de amores...
  - É?! Morde aqui...Prega na parede...
  - Olhe: pior, para cristão, é quando a lua tira o juízo...
  - Dentro da lua, diz-que moram umas coisas...
  - Tem loucura de lua e loucura de sol, Virgem Maria...
  - Parece que ele tem é nevralgias...
- Elas torravam café, o ar ardia naquele cheiro entrante, crespo, quente e

alargado. Elas eram muitas, sempre juntas, falavam sempre juntas, as Mulheres da Cozinha.

Que diriam de iô Liodoro? (ROSA, 1984, p. 216)

Atentar para o fato de que estas Mulheres, como os demais personagens, sofrem mudanças ao longo do enredo. E, neste caso, elas sofrem mudanças gráfica e morfológica. De mulheres-da-cozinha, substantivo comum, para o substantivo próprio Mulheres-da-Cozinha, passando, no meio do caminho, por Mulheres da Cozinha, maiúscula, sem hífen (ALMEIDA, 2008).

Quem conhece a obra do Rosa sabe que nada é sem querer ou por descuido, em seus jogos verbais, cara leitora atenta!

Na terceira referência às Mulheres-da-Cozinha na obra roseana há sempre números cabalísticos: três, sete... –, elas se transformaram em nome, em substantivo próprio, com hífen e maiúscula, e passam a fazer comentários, mais uma vez em discurso direto, sobre o amor no Buriti Bom, que está no amor, ainda que cifradamente, após o primeiro encontro de iô Liodoro e Lalinha, na sala da casa, no jogo da sedução verbal.

Desta vez o discurso direto é introduzido pela informação de que é Tia Cló quem traz o relato bem-humorado das Cozinheiras-da-Cozinha, numa metáfora subliminar de um gato que, tendo o que comer dentro de casa, vai caçar comida fora, numa alusão a Lalinha, iô Liodoro, as suas amantes, Dona Dionéia e a mulata Alcina. Neste trecho há também a resposta à pergunta que o narrador fez no trecho anterior reportado nesta análise: iô Liodoro no centro do comentário sem ser referido explicitamente. Ele é o dono, o chefe, o macho, o poderoso, o próprio Buriti, por isto as Mulheres-da-Cozinha, em sua condição de subalternas, não ousam nomear o dono da propriedade, referindo-se a ele por meio de linguagem figurada.

Tia Cló trazendo risonho relato das conversas das Mulheres-da-Cozinha:

– O gato, eh ele tem tanto de comer aqui, e vai caçar coisas – lagartixa, passarim, morcego...

– Ele traz, mas é para oferecer à gente, para barganhar por naco de boa carne. Ladino!

– *É porque a cara dele é do mato, os olhos. Com esses olhos que tem, gato não divulga o dia da noite...*

- Diz-se que Nossa-Senhora trouxe ele do Egito...
- Quando a Virgem foi lá, com São José e o Menino. Porque iam fugir, gente ruim do rei queriam matar o Menino. Ah, não sei por que a Virgem não ficou morando todo o tempo lá, no Egito. Então, o centurião não pegava Jesus, não crucificavam...
- O que um dia eu queria era aprender a rezar decorada inteira a Salve-Rainha...
- Agora, é a moagem, os homens rezam, antes de principiar a moer. Quem há-de levantar mais cedo, coar café para eles?
- Aquele friinho, frio...Quando a noite principiou, já está sendo aurora...
- Eh, dias de moagem já estão chegando... (ROSA, 1984, p. 220-221).

No trecho a seguir, as Mulheres-da-Cozinha, com discurso direto e o verbo *dicendi* "bisbilhar" (cochichar), voltam a tratar da moagem da cana, acentuando que estão demorando para moer, ou seja, há um comentário cifrado da progressiva aproximação erótica entre os casais da história narrada, mais particularmente, entre iô Liodoro e Lalinha:

- E as Mulheres-da Cozinha bisbilhavam seus sentidos:
- O padre vier, quem é que comunga também? Ele traz tanta partícula?
  - Recado para minha irmã Anja, na Lapa, vir, para rezar junto...
  - Se o feio não conseguir, logo, é ruim: diz que já estão por aí muita febre...
  - Às vezes, tenho medo de castigo.
  - Sinhana Cirulina falou, tudo está regrado na História Sagrada...
  - Pobre do Chefe pegou mania de fastio. Devia de comer de anta nova, mor de desencanaiporar...
- É o frio que não aprova. Tudo está pronto para a moagem, e estão demorando de moer* (ROSA, 1984, p. 228).

As Mulheres-da-Cozinha, no velório de Maria Behú, rezam e cochicham junto ao corpo da falecida. A sua morte é o corte da mudança narrativa: agora o amor e o erotismo podem ter o seu lugar na casa. E ainda o Chefe Ezequiel sara da sua alucinação com os sons da noite. Atentar para o uso repetitivo do diminutivo destas falas, como marca afetiva:

E vinham, todasmamente, as Mulheres-da-Cozinha, rezavam junto ao corpo, entre si falavam cochichado:

– Bem dizia sempre o Chefe: que risadas, que corujas...

– Coitadinha, a lindeza dela!

– *É santa. Não se cose mortalha?*

– Ela vai vestidinha com vestido.

– *É preciso ir recolher tudo o que é da roupinha dela, que está quarando no quintal, na corda...*

– Carece de não passar a ferro, e guardar, bem antes do enterro ter de sair...

– Uma morta santinha, assim, até me dá vaidades...

– Muitos morrem na lua nova... (ROSA, 1984, p. 246)

Quando Maria Behú já morreu, o Chefe Ezequiel está curado, Miguel está por chegar e Lala prepara-se para receber iô Liodoro, em seu quarto, ela se recorda das Mulheres-da-Cozinha, por isto se justifica o uso das aspas em cada fala, como marcação de citação de discurso alheio, com ênfase na alegria de amar e na diferença entre o macho fofoso e a mocinha virgem, valores da época e do espaço em que as ações ocorrem:

– “Alecrinzinho, é. O amor gosta de amores...”

– “Pois, todo patrão, que conheci, sempre foi feito boi-touro: quer novilhas brancas e malhadas...”

– “Homem, homem...Não sei! Basta um descuido...”

– “Ora, vida!” São só umas alegriazinhas...”

– “Mocinha virgem, na noite do dia, só quando deita na cama é que perde o bobo medo...”

– “Macho fofoso e meloso acostuma mal a gente...”

– “Andreza, no jornal eles determinam é a História-Sagrada?”

– O que as Mulheres-da-Cozinha pronunciavam. (ROSA, 1984, p. 251-252)

O discurso que emerge da cozinha, pelas vozes das muitas mulheres que lá trabalham, enquanto escutam as vozes das outras pessoas que habitam a casa, o quintal, a fazenda como um todo, se propaga na novela “Buriti” como se fosse o coro da tragédia grega e o próprio aroma dos quitutes que preparam: eles e elas – os aromas e as vozes – não podem ser contidos, uma vez que foram despertados pelos sentidos (visão, audição, olfato, tato, paladar), eles reverberam e eclodem para o leitor como um

coro que manifesta e revela segredos ou elementos importantes que talvez passariam despercebidos. E, assim como na tragédia grega, o coro das Mulheres-da-Cozinha,

Mais que exaltar as virtudes exemplares do herói, este ser coletivo e anônimo põe-nas em questão diante do público. Através de um discurso expresso por meio de cantos líricos corais e marcadamente solene, permeado de expressões religiosas, louva como normas de conduta a medida e a prudência (SANTOS, 2005, p. 60).

Em sua exuberância, esta espécie de personagem coletivo, às vezes sob a forma de comentários ou perguntas e respostas, os acontecimentos que as Mulheres-da-Cozinha fazem emergir além de conter certa lógica – machista e patriarcal – constituem-se também como pronunciamentos sobre a amorosidade e a morte, a noite e o dia, o sagrado e o profano, os silêncios e os sons, o homem e a mulher, a juventude e a adultez, entre outros pares, em seus discursos às vezes antagonicos, porém quase sempre complementares:

Mas este logos, na verdade, não é senão um discurso já pronunciado, ou antes, são as coisas mesmas e os acontecimentos que se tornam insensivelmente discurso manifestando o segredo de sua própria essência. O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 1996, p. 48-49).

Meu exercício, neste texto muito singelo, foi despertar a atenção dos leitores para essas vozes que ecoam na vida deste texto roseano, vozes de mulheres que ocupam um espaço quase secundário na narrativa. Entretanto, como um coro da tragédia grega, elas nos tocam como leitoras e leitores, pois exprimem pontos de tensão daquela coletividade – enquanto lemos e/ou escutamos as suas vozes – e assim ganham importância e centralidade discursiva para a íntima compreensão de elementos da trama que se desenrola em muitas camadas na novela "Buriti".

## Referências

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. Buriti: o ritual da vida. In: **Machado, Rosa & Cia**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística**: Os níveis de fala – Um estudo do diálogo na literatura brasileira. São Paulo: EDUSP, 2003.
- ROSA, Guimarães. Noites do Sertão. In: \_\_\_\_\_. **Buriti**. 8.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SANTOS, Adilson. A tragédia grega: um estudo teórico. **Revista Investigações**. UFPE. v. 18, n. 1. 2005. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/download/1501/1169> Acesso em: 16/3/2023.

# O olhar sensível de uma leitora iniciante na Oficina de Leitura Guimarães Rosa

Luciene Teodoro das Chagas Passos<sup>1</sup>

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

Antonio Candido

SUA AVE, PALAVRA

*A todo o vivido*

*a palavra busca um nome.*

*Sentido ao sentido*

Susumu Yamaguchi<sup>2</sup>

---

1 Professora da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Rondonópolis (SEMED/ROO-MT), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis – MT (PPGEdu/UFR), pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Unidade Educacional de Tangará da Serra – MT (UNISERRA), formada em Pedagogia pela Faculdade Albert Einstein (FALBE) e Letras – Língua Portuguesa e as suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Escreveu alguns artigos que abordam temas relacionados à infância, às mulheres, ao preconceito e, principalmente, ao poder transformador da leitura.

2 Susumu Yamaguchi, que também compõe esta coletânea, é um dos participantes da Roda de Leitura. Tendo lido um texto escrito por Luciene (PASSOS, 2021) que circulou no grupo do WhatsApp da Oficina de Leitura, ele compôs esses versos e os dedicou à Luciene. Ele retoma as palavras da diretora Sensibilidade, naquele texto: “Em breve você será uma professora também” - o que remete ao título SUA AVE, PALAVRA - vaticinando que ela seria uma ave a levar a palavra às pessoas (Nota dos organizadores).

Quando recebi o convite para participar da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, fiquei bastante empolgada, pois nunca havia participado de uma roda de leitura online. Então resolvi fazer algumas pesquisas sobre a tão falada Oficina, pela qual a professora Elni Elisa demonstrava tamanha admiração e respeito. Nesta busca pela informação sobre a Oficina de Leitura deparei-me com diversos eventos relacionados a esse grupo de leitores, fazendo com que ansiasse mais por começar a participar.

E logo pensei: “Quando eu fizer parte deste grupo, vou criar um diário dos encontros, relatando tudo o que acontecer durante os encontros”. Assim pensei que ficaria apenas discorrendo sobre as leituras e os comentários dos participantes. Mas, logo na minha primeira participação, percebi que eu estava deveras enganada, visto que não é possível estar na Roda de Leitura sem se envolver no encanto dos contos rosianos.

Todavia, não poderei ultrapassar as minhas estratégias primárias, porque foi por intermédio delas que consegui perceber um pouco sobre como esta Roda se movimenta e, principalmente, como a Oficina possui uma excelente engrenagem para o funcionamento dela.

Peguei um caderno e comecei a escrever assim: “Hoje, 6 de abril de 2022, ocorrerá a minha primeira participação na Oficina de Leitura Guimarães Rosa, que acontece nas quartas-feiras, às 18 horas no horário de São Paulo-SP. Estou muito empolgada, pois a professora Elni Elisa me contou que é um encontro muito prazeroso, no qual diversas pessoas que apreciam as narrativas do escritor mineiro João Guimarães Rosa reúnem-se para ler, refletir, analisar e apresentar poemas e canções que dialogam com as leituras realizadas.

Enquanto aguardo o horário do início da Oficina, não poderei deixar de relatar como se deu o meu ingresso nesse grupo maravilhoso. Por meio de uma conversa informal via WhatsApp com a professora Elni Elisa, minha orientadora do mestrado, eu relatei que desejava muito me aproximar do meu objeto de estudo inicial, as figuras femininas rosianas, e, principalmente, do criador das mesmas, ou seja, do Guimarães Rosa. Então ela sugeriu que eu enviasse um e-mail para uma das coordenadoras da Oficina de Leitura Guimarães Rosa a fim de solicitar que ela permitisse a minha entrada no grupo. E, tão logo, mais precisamente, no dia 29 de março de 2022, eu enviei essa mensagem a Rosa Haruco Tane:

Bom-dia, Coordenadora Rosa Haruco!

Sou a Luciene Teodoro, orientanda da professora Elni Elisa. Gostaria de fazer parte do grupo da Roda de Leitura com vocês, tornando-me assim uma rosiana. Gratidão!

Abraços

Luciene

Quando eu enviei a mensagem confesso que pensei que demoraria a ter resposta, mas me enganei. Pois tão precisa quanto as palavras de Guimarães Rosa foi a resposta da coordenadora Rosa Haruco Tane, que respondeu o meu pedido, assim:

Seja bem vinda à nossa Oficina de Leitura JGR.

Aqui vai o PDF do livro *Noites do sertão*.

 [Noites do Sertão.pdf](#)

A partir da referência do meu livro *Noites do sertão* de 1976 - 5a. edição – da Editora José Olympio – lemos cerca de 21 folhas.

Vamos continuar a próxima leitura na seguinte frase:

*Daí, desciam, para um baixadão – a Baixada. (meu livro, p. 124)*

E se você se interessar e quiser participar, criamos o WhatsApp Buriti – especificamente para conversas sobre a leitura em andamento, ou sobre obra de Guimarães Rosa, e abrimos para os colegas colocarem suas produções acadêmicas, literárias, artísticas etc. Aqui vai o link para participar: <https://chat.whatsapp.com/L5KlaS9GtPRGrrAZpHnoZx>

E todas as 3as. feiras, véspera da Oficina de Leitura, enviamos os informes e o link através do Google Meet.

Qualquer dúvida, é só nos procurar por este e-mail.

Rosa

E, desde esse dia, eu aguardava ansiosa para a minha primeira participação na Oficina.

Ufa! Faltam 3 minutos para iniciar, vou clicar no link. Fui aceita para participar da reunião. Ao entrar na sala de reunião, escutei conversas e risos. Fiquei surpresa, porque o que eu vi e ouvi foi um bate-papo descontraído entre amigos.

Nesse encontro havia pessoas de diversos lugares. Isso se evidencia pelos diversos sotaques que escutei. Logo no início da Roda, as coordenadoras da Oficina de Leitura, Rosa e Linda, fizeram as apresentações dos novos integrantes do grupo, ou seja, eu e mais uma pessoa. Na sequência, lembraram alguns pontos importantes sobre o momento da leitura, tais como: ler mais lentamente, evitar falar a palavra “próximo” ao findar a participação da leitura, visto que existe a possibilidade de acompanhar a lista de participantes pelo Meet.

Assim que encerraram os avisos, a leitura foi iniciada, justamente, no trecho: “Daí, desciam, para um baixadão a Baixada.” [...]. A dinâmica adotada é bem elaborada, pois todos acompanham a leitura com entusiasmo e atenção. Os leitores podem parar a leitura em qualquer momento e o participante seguinte deve estar atento para não deixar a leitura ter lacunas.

Nesse dia, a Roda foi composta de 58 participantes. Quando a última pessoa realizou a leitura do dia, as coordenadoras abriram o espaço para os comentários sobre os trechos lidos. E muitos participantes começaram a fazer algumas observações bastante pertinentes, entre elas destacaram as simbologias existentes na narrativa. Pois, de acordo com uma participante, o Buriti Grande na obra é trazido como um local onde havia muitos buritizais e um que sobressaía aos demais, sendo assim denominado de Grande. Ela chama a atenção para a possibilidade de relação entre a descrição da palmeira e do órgão sexual masculino, pois para ela em alguns trechos pode-se atrever a essa análise.

A participante realizou a leitura desse pequeno trecho: “[...] rematados como armações de arame, as frondes arrepiadas, mas, sobressaindo delas, erecto liso, o estíp – a desnudada ponta. Sobrelanço, ainda – um desmedimento – o buriti-grande” (ROSA, 2021, p. 119).

Muitos participantes relataram que por meio da leitura do dia também haviam conseguido fazer essa relação do Buriti Grande e da fazenda Buriti Bom com o personagem iô Liodoro, que é tão posto na narrativa como um homem vigoroso e varonil.

Em dado momento, a fila de pessoas que gostariam de comentar sobre a leitura foi aumentando, sendo sinalizada pela quantidade de “mãozinhas” erguidas. A maioria das pessoas falava sobre o espaço construído por Guimarães Rosa na novela “Buriti”, visto que há uma riqueza de detalhes que compõem esta narrativa. Seguindo essa lógica, um participante pediu para ler um poema de Manoel de Barros que fala justamente sobre os pássaros, as árvores, enfim, a natureza em geral.

A leitura da novela “Buriti” e a do poema pela colega da Roda estavam repletas de musicalidade. E isso despertou em outro participante o desejo de cantar uma canção italiana que versa sobre diversas emoções trazidas pela vida. No momento em que o participante cantava, era notória a admiração de todos os presentes, pois, realmente, foi uma cena emocionante, a maneira como ele cantava exalava diversos sentimentos.

Após a apresentação musical, as coordenadoras da Oficina agradeceram a participação de todas as pessoas presentes, ressaltaram a página que iniciará a leitura do próximo encontro e todos se despediram.

## 2º ENCONTRO

Hoje, 13 de abril de 2022, é o segundo encontro de que eu participo. Confesso que estou muito entusiasmada em realizar a minha primeira leitura na Oficina de Leitura Guimarães Rosa. O link para acesso é enviado às terças-feiras e já vem com informações de página e o trecho do encerramento da leitura anterior, a fim de que todos possam se situar na narrativa e acompanhar a leitura, respectivamente.

Na abertura do encontro, enquanto os participantes vão entrando na sala virtual, as coordenadoras e os participantes fazem diversos apontamentos da leitura anterior, bem como compartilham experiências relacionadas às criações de Guimarães Rosa.

A leitura seguiu prazerosa e harmônica entre os participantes. Ao término, os participantes estavam muito empolgados para comentar a descrição do entorno da fazenda Buriti Bom criado pelo autor. E, de fato, o local é descrito com muita riqueza de detalhes, pois no momento da leitura foi possível ouvir e sentir até o barulho da mata e dos animais presentes nesse espaço ficcional.

No início das observações o grupo dialogava sobre a descrição das mulheres que viviam no Buriti Bom, destacando cada uma delas. A personagem Lalinha, que tão logo foi referenciada como uma mulher que foi buscada na cidade pelo sogro, iô Liodoro,

para morar na fazenda até que o filho dele voltasse para resgatar o casamento que ele próprio havia abandonado.

Para uma participante, as descrições das personagens Lalinha e Maria da Glória foram realizadas com uma sensibilidade quase que feminina, pois para ela o escritor conseguiu trazer algumas características psicológicas da personagem que só poderiam ser pensadas por uma mulher. Diante desse comentário um participante fez uma ressalva, afirmando que Guimarães Rosa era na verdade um observador minucioso das mulheres bem como do espaço que as rodeava.

Neste sentido, após outras observações, uma participante pediu para realizar a leitura do poema “O pardalzinho”, de Manuel Bandeira. O poema escolhido foi de uma sensibilidade admirável, pois ao mesmo tempo que fala de uma ave que poderia ser representante dos pássaros citados nos trechos lidos, também era possível refletir na personagem Lalinha, que buscava sentido para estar em um espaço que não era o dela de origem. Ainda que nesse lugar, no qual a personagem se encontrava, ela tivesse cuidados e atenção de todos ao entorno, mesmo assim ela não via sentido em estar ali.

Por fim, as coordenadoras conversaram um pouco sobre a Semana Rosiana que se aproxima e destacou que alguns colegas da Oficina de Leitura realizariam uma excursão para a cidade natal de João Guimarães Rosa, Cordisburgo, MG. E, logo, se despediram de todos os participantes do encontro. A forma como os participantes falavam das aventuras que teriam na ida para a cidade de Guimarães Rosa contribuiu para que eu passasse o restante da noite a pensar como seria ter a oportunidade de aventurar-se com um grupo de pessoas que conseguem narrar e fazer com que quem os ouve sinta a força e o encantamento das palavras escritas por um escritor que mais parece ter escrito na atualidade, visto que ele estava muito além do tempo dele em suas narrativas.

### 3º ENCONTRO

No dia 20 de abril de 2022 nos reunimos novamente para mais uma Roda de Leitura da novela “Buriti”. O encontro teve início com a empolgação dos participantes que pretendiam ir à caminhada dos “70 anos” da escrita do escritor mineiro João Guimarães Rosa. Em meio à curiosidade dos que iriam pela primeira vez, havia relatos dos que já haviam feito essa caminhada e a exposição do desejo dos que um dia guardam a esperança de participar. Faço parte do último grupo (*risos*).

A leitura sempre se inicia de onde parou. Antes de iniciar a Roda as coordenadoras fazem alguns apontamentos para que a leitura seja agradável a todos, entre essas dicas destacam-se: a leitura calma, a atenção na pronúncia das palavras, a importância de que todos participem lendo um trecho que não seja tão longo, a fim de que todos possam ler dentro do tempo proposto.

Dados os informes, a leitura foi iniciada e houve uma sintonia magnífica entre os participantes e a Roda seguiu como uma “engrenagem” bem ajustada de um motor. Na leitura de hoje houve a descrição de uma personagem lendária, que só ficou conhecida pelo grupo no término da leitura.

Os trechos lidos hoje estavam repletos de mistérios sobre os seres que fazem parte do cenário descrito. Esse é um pedacinho da leitura: “[...] O pior é que todo dia tem sua noite, todo dia. Evém, vem: é a coisa. A môrma” (ROSA, 2021, p. 133). Além disso, a narrativa apresenta o desespero do personagem Chefe Ezequiel – este o nome do personagem tão intrigante, com as descrições poéticas sobre o cenário noturno do Buriti Bom –, que não consegue dormir à noite, pois sente e escuta os sons e os barulhos do período noturno.

Após todos os participantes lerem, alguns questionamentos foram realizados em relação ao termo “môrma”. E isso foi muito desafiador, pois ainda no momento algumas pessoas começaram a recorrer à pesquisa em dicionários e pela própria internet com intuito de trazer o significado da palavra ao grupo. E, por fim, concluíram que se trata de um ser horripilante, no formato de uma mulher. Trazida, mais à frente, na obra como a “mulher que pariu a coruja”. (ROSA, 2021, p.133).

Muitos participaram da análise da leitura do dia, trazendo observações sobre questões presentes em outras obras de Guimarães em que o bem e do mal também se fazem presentes.

Nesse dia o encontro foi encerrado com muita empolgação por parte dos participantes para a continuidade da leitura e dos comentários que seriam continuados na próxima Roda de Leitura.

#### 4º ENCONTRO

Hoje, 27 de abril de 2022, nos reunimos novamente e de maneira virtual pela plataforma Meet a fim de continuar a ler a novela “Buriti”, de Guimarães Rosa. O

encontro iniciou-se com diversos relatos e comentários sobre a Semana Rosiana e a ida de alguns participantes do grupo para a cidade de Cordisburgo, MG.

Durante um bate-papo descontraído, o cenário do local era apresentado com minuciosos detalhes, de tal maneira que fizeram com que eu conseguisse visualizar os espaços descritos por meio da imaginação. Na realidade, vejo que esses encontros são tão mágicos que conseguem fazer com que nos sintamos inseridos de alguma forma na narrativa, sentindo até mesmo no direito de opinar em diversos trechos lidos, como se o autor estivesse presente para ouvir as nossas indagações ou sugestões. Sinto que essa Oficina tem levantado a minha autoestima, ou seja, já estou querendo dar “pitacos” nas criações de Guimarães Rosa (risos).

Ao fim desse diálogo, a coordenadora Regina Pereira fez algumas ressalvas para o início da leitura. E a coordenadora Linda Y. Rivitti comunicou ao grupo que alguns participantes haviam avisado que não poderiam ler no dia de hoje. Vale ressaltar que há a possibilidade de os participantes decidirem ler ou não ler, de acordo com a disponibilidade de cada um. Eu percebo isso como uma atitude extremamente respeitosa com os participantes, pois apenas ouvir a leitura é também outra forma de se aproximar do texto.

Quando a leitura já iria começar, a participante Dôra Guimarães foi convidada para fazer a narração de um trecho da história da vida de Dô-Nhã. E todos do grupo concordaram com essa ideia. E, assim, a leitura iniciou-se e manteve-se bastante harmônica entre todos os leitores presentes.

No momento da leitura da história de vida de Dô-Nhã, Dôra Guimarães fez uma narração espetacular com uma entonação que trouxe vida à personagem. E todos os presentes ficaram bastante encantados com a maneira emocionante que ela realizou a narração.

No dia de hoje percebi que não poderia continuar apenas a fazer diários de leitura, pois senti que tanto conhecimento não poderia ser registrado apenas em relatos. Então, foi aí que eu comecei a refletir que essa Roda de Leitura estava modificando o modo como eu percebia as coisas ao meu redor e entendi que esse grupo estava conseguindo fazer de mim uma “rosiana”.

Após a leitura, muitas mãozinhas de participação se ergueram. E, assim, deu-se a sequência dos comentários seguindo a ordem de participação.

Os dias de participação na Oficina de Leitura foram se passando, e a cada participação pude fazer diversas observações e correlacionar cada fala com as leituras realizadas. Ênfase que essas oficinas de leitura são extremamente formativas, pois percebo o quanto que a leitura é enriquecedora.

Ao término do encontro, notei que eu estava despertando para algumas sensações que estavam presentes na narrativa, ou seja, comecei a observar melhor o ambiente, sons, pessoas, aliás tudo que compõe os espaços ocupados por mim. E, assim, decidi contar aqui como nasce uma “rosa” em uma Oficina de Leitura.

### **O nascimento de uma “rosa”, na Oficina de Leitura Guimarães Rosa**

Enquanto participava da Oficina de Leitura passei a dar mais atenção ao espaço em que eu habito, pois percebi que o espaço físico é bastante explorado nas narrativas rosianas. E, assim, passei a observar mais as plantas do meu quintal e os pássaros que passeiam nos meus pomares. Nessa relação entre leitura e apreciação da natureza, observar as flores chamadas de rosa do deserto, plantadas em minha casa, passou a ser um prazer para mim. E, certo dia, peguei-me a pensar como nasce uma rosa e descobri que esse feito passa por um processo bastante parecido com o da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, visto que, ao pegar um pequeno galho de rosa do deserto cortado por alguém, eu o coloquei em um recipiente com alguns componentes propícios para mantê-lo vivo, enraizar, crescer, florescer, dando muitas rosas.

Ao fazer esta observação notei que comigo, na Oficina de Leitura, ocorreu exatamente assim como a rosa do deserto, pois, após um longo e dolorido período pandêmico, o qual havia me marcado com perdas de pessoas queridas e incertezas na vida, fui tolhida como um galho e estava sentindo-me vulnerável como uma planta sem raiz. Mas fui acolhida por alguém muito especial que sabia que eu precisava de um lugar de acolhimento, onde eu encontraria outras pessoas que possuíam características que podem ser consideradas como adubos fortificantes para o florescer de uma pessoa, este simples galho que sou eu.

Assim, a professora Elni Elisa me acolheu e falou sobre a Roda de Leitura. Logo o entusiasmo dela foi semelhante a alguém que pega um galhinho, com esperança de que se torne uma planta forte e bela. Ao estar no meio dos componentes da Oficina, eu,

enquanto galho, recebi cuidados de plantio, fui regada com carinho, recebi adubos de crescimento de raiz, ao conhecer um pouco mais sobre Guimarães Rosa. Nos momentos de compartilhamento de conhecimentos sobre as narrativas lidas comecei a firmar-me, restabelecer as minhas forças e crescer no meu objetivo de estudo.

Num certo dia percebi que eu estava a florescer, pois resolvi participar fazendo uma análise literária das personagens femininas presentes na novela lida. No momento dessa apresentação comecei a sentir que o meu galho havia adquirido alguns brotinhos, pois a sensibilidade rosiana estava a fazer parte do meu discurso. E, assim, descobri como nasce uma “rosa”.

O nascimento de uma “rosa” ocorre em um espaço que possibilita a sensação de pertencimento, onde o respeito e a partilha são substâncias que regam o entusiasmo para viver. Além disso, o cuidado e o incentivo fortalecem os galhos, fazendo com que no meio de tantos rosianos uma nova “Rosa” nasça.

Neste espaço de acolhimento, o qual recebe o nome de Roda de Leitura, eu o enxergo como um jardim do Guimarães Rosa, pois é um espaço de nascimento, crescimento, florescimento, produção, reprodução e compartilhamento de saberes. Assim, descobri que um galho arrancado pode morrer ou brotar, o destino final está nas mãos de com quem está com o galho. No meu caso, eu fui replantada por uma rosiana que não mediu esforços para eu florescer, tornando me também uma rosiana.

E hoje obtive a sensibilidade de compreender que toda rosa enfrenta durante a sua existência diversas situações que a coloca à prova todos os dias. Há dias tranquilos com clima propício para se manter vivaz e outros dias e clima mais tensos que fazem com que o aspecto das rosas seja abalado. E comigo não é diferente, pois em todo o jardim há flores que são colhidas em plena beleza. A sensibilidade adquirida nas leituras rosianas colaborou para que eu, enquanto pessoa-mulher-rosa, compreendesse que a perda de meu amado irmão Divino Teodoro das Chagas fazia parte dessa roda que se chama vida.

Foi uma dor grande demais da conta a perda do meu irmão, além de outras que aconteceram no meu seio familiar.

Durante a leitura da novela “Buriti” foi lida a passagem da morte da personagem Maria Behu. Nesta passagem, sabiamente o autor faz uma reflexão sobre a morte dos entes queridos: “Deus nos dá pessoas e coisas, para aprendermos a alegria... Depois,

retoma coisas e pessoas para ver se já somos capazes da alegria sozinha... Essa – a alegria que Ele quer...” (ROSA, 2021, p. 218). São palavras e conselhos de sabedoria como esses que contribuíram para consolar-me e confortar-me no dia que uma das rosas mais lindas e amadas que eu convivi foi recolhida do meu jardim.

Deste modo reafirmo com gratidão a importância de uma Oficina de Leitura que reconhece a grandeza literária de um escritor, que consegue por meio dos seus escritos despertar inúmeros sentimentos nos leitores, unir pessoas virtualmente, mesmo estando longe fisicamente. Já que a Oficina de Leitura é como um jardim composto de diversas “rosas” e outras flores com inúmeras belezas, perfumes e encantos, sendo a cada encontro regadas com amor, respeito, alegria, esperança e fé de que a leitura possui o condão de transformar vidas e unir pessoas.

### **A roda gira e o foco pode mudar na Oficina de Leitura Guimarães Rosa**

As Rodas de Leitura continuaram. No fim da leitura da novela “Buriti” diversas apresentações ocorreram. Os colegas que fizeram a “Caminhada dos 70 anos da escrita de Guimarães Rosa” trouxeram lindos relatos para compartilhar com os demais participantes que não puderam estar no evento. As pessoas que foram narraram as experiências da viagem e conseguiram colocar os demais dentro dos espaços que elas percorreram por meio da empolgação, das descrições e das narrações com requintes de detalhes.

Ao término da leitura do livro *Noites do sertão*, houve um encontro que antecedeu a leitura do livro *Sagarana*, de João Guimarães Rosa, no dia 10 de agosto de 2022. Nesse dia foi realizada a leitura do poema “Um chamado João”, do escritor também mineiro Carlos Drummond de Andrade. Drummond aguçou ainda mais a minha desconfiança do que eu estava a pensar, desde os primeiros encontros na Roda de Leitura, por meio desses versos:

Mágico sem apetrechos,  
civilmente mágico, apelador  
de precípite prodígios acudindo  
a chamado geral?  
Embaixador do reino

que há por trás dos reinos,  
dos poderes, das  
supostas fórmulas  
de abracadabra, sésamo?  
Reino cercado  
não de muros, chaves, códigos,  
mas o reino-reino?

Então, depois da leitura desse poema, que consta no início de *Sagarana*, percebi que eu não era a única a pensar que Guimarães Rosa possuía certa magia, mas não entrarei profundamente nesse debate, pois se o próprio Drummond deixou no ar essas indagações, penso que devo deixar a cargo de cada leitor tirar as suas conclusões.

Todavia, ao iniciar a leitura do primeiro conto de *Sagarana*, percebi que muito teria a aprender sobre a diversidade de abordagens literárias de Guimarães Rosa, pois muitas vezes ouvi falar do conto “O burrinho pedrês”, mas confesso que nunca o havia lido. E a Roda de Leitura proporcionou esse encontro com uma narrativa que trouxe para mim muita aprendizagem.

Enquanto a leitura fluía por meio de uma engrenagem de diversas vozes que faz com que o momento da leitura seja extremamente prazeroso, pois são leitores de diversas localidades do Brasil, idades, gêneros e níveis de formação que trazem consigo o prazer de ler as obras rosianas, eu acompanhava a me deliciar por meio dos espaços descritos e da história narrada.

De repente, chegou ao ápice da leitura para mim, ou seja, um trecho que eu fui presenteada ao ler, visto que narrava a história de um menino de uns 7 anos que seguia com os boiadeiros e a boiada. Guimarães Rosa construiu a cena com tanta riqueza de detalhes que o personagem nomeado no conto como Negrinho fez com que muitas memórias da minha infância viessem a reviver.

Neste momento percebi que algumas questões abordadas na obra por Guimarães Rosa podem ser vistas como uma oportunidade para grandes reflexões na atualidade.

O garoto é tratado, em todo o tempo da participação dele na trama, como negrinho, pretinho, desgraçadinho. A criança foi pedida por encomenda de um fazendeiro para prestar serviços na propriedade rural dele. Quando eu li esse trecho, “A’ pois, o tal pretinho era magrelo, com uns olhos graúdos, com o branco feio de tão branco, que até mesmo, Deus que me perdoe, mas eu acho que alguns pretos têm o

branco-dos-olhos assim só para modo de assombrar a gente!” (ROSA, 2015, p. 69), notei que a riqueza de detalhes na descrição do personagem fez com que eu conseguisse visualizar de alguma forma aquele menino. A descrição dele me soou muito familiar, porque sou negra de família quilombola e imagino como seriam as crianças negras nesse período da narrativa. Talvez, magrela pelo sofrimento, olhos arregalados pelo medo do julgamento, pois ainda hoje muitas pessoas têm a ideia de que o negro seja algo assombrador. Isso pode ser visto como exagero, mas, infelizmente, não é.

Neste dia, ao término da leitura, muitos participantes quiseram comentar sobre a leitura do dia. E eu também pedi para falar, porque a história daquele garoto mexeu muito comigo, pois ele passou a viagem toda a chorar, pedindo para voltar para a casa dele, lembrando da mãe que estava lá a bater feijões no quintal. Ele ainda tentou convencer o boiadeiro que o levava na garupa do cavalo, mas não foi ouvido. Antes foi ameaçado a deixar de chorar, foi ignorado por alguns peões, a ponto de inventar uma canção que era tão triste de se ouvir: “Era assim uma cantiga sorumbática, desfeliz que nem saudade em coração de gente ruim... Mas, linda, linda como uma alegria chorando, uma alegria judiada, que ficou triste de repente”. (ROSA, 2015, p. 71).

Ao imaginar o episódio acima senti as batidas fortes do coração daquela criança, que já estava triste e desolada longe da sua família e ainda precisava conter a única forma de expressar a dor que deveras sentia por meio do choro inconsolável. As palavras da narração da cena são desumanas mesmo sendo uma narração fictícia.

No entanto, foi no momento da minha fala que observei que a leitura em roda proporciona mudanças grandiosas na vida dos participantes. Pois eu senti que o “Negrinho” da narrativa tinha mais proximidade de mim, além da cor, do apelido e da necessidade de ficar ausente da família também. Descobri que Guimarães Rosa despertou em mim a sensibilidade de perceber que muitas crianças passam por processos semelhantes ao ser deixadas por seus responsáveis no espaço escolar, principalmente, no começo do ano letivo, na Educação Infantil.

E, como um toque de mágica, despertei sobre a importância da literatura para a reativação de memórias e perspectivas educacionais. Neste sentido pude refletir que a Roda de Leitura proporciona momentos de reflexões que vão além de uma compreensão e interpretação de narrativa, ela possui o condão de transformar os leitores, modificar objetos e apontar novos focos para análise.

## **A Roda de Leitura vai ao encontro de questões sociais da atualidade**

Enquanto aluna do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEdu), eu estava a participar de algumas disciplinas do curso, e o trecho do personagem Negrinho do conto “O burrinho pedrês” foi fundamental para eu exemplificar, em uma aula, como as pessoas negras eram vistas ou, infelizmente, ainda são vistas por algumas pessoas da sociedade como não humanas.

Durante uma aula sobre o racismo e a sociedade pude compartilhar com todas as pessoas ali presentes esse trecho do conto e percebi que muitos ali ficaram emocionados com a narrativa rosiana. E disseram que a forma como eu narrava parecia ser algo verdadeiro e não ficcional. Neste contexto aproveitei para relatar que eu estava a participar de um grupo de leitores das obras de João Guimarães Rosa e que a sensibilidade literária dos participantes era contagiosa. E eu havia sido contagiada.

Ainda durante a minha fala comentei que o personagem Negrinho tinha o mesmo apelido pelo qual a minha professora da pré-escola me chamava, Negrinha, todas às vezes que se dirigia a mim. Além disso, falei das intimidações que sofri no espaço escolar por ser muito pequena e ocupar um espaço apenas para não ficar só em casa, enquanto a minha mãe trabalhava e os meus irmãos estavam na escola. Pude compartilhar com os participantes da Roda de Leitura um texto que escrevi chamado “Memórias de alfabetização: antes que o tempo apague” (PASSOS, 2021). De alguma forma, todo esse movimento redirecionou a minha pesquisa de mestrado: meu tema de pesquisa se voltou para a infância de crianças negras, essas que ainda continuam a sofrer discriminação e preconceitos em muitas escolas simplesmente porque não são aceitas como são. E este é um tema relevante de pesquisa na área da educação, o meu campo de atuação como professora de escolas públicas no interior de Mato Grosso.

Na Oficina de Leitura, sempre que se encerra um conto, é realizado um encontro para falar sobre a narrativa lida, onde todos os presentes têm a oportunidade de se expressar da forma que achar conveniente. E, diante de tantos comentários maravilhosos, percebi que a Roda de Leitura havia feito algo grandioso para mim. Ou seja, mostrou que a literatura de Guimarães Rosa tem o encantamento e a sensibilidade de suscitar memórias e fazer com que pessoas que não tiveram voz nem vez em alguns momentos da vida adquiram espaços de fala, sendo respeitadas nesse espaço de trocas e aprendizados que é a Oficina de Leitura Guimarães Rosa.

## Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos**. Ed. Brasiliense, 1989. Disponível em <http://homoliteratus.com/antonio-candido-o-direito-humano-literatura/> Acesso em: 7/3/2023.

PASSOS, Luciene Teodoro das Chagas. Antes que o tempo apague: memórias da minha alfabetização. In: CARDOSO, Cancionila J.; WILLMS, Elni E.; COSSETIN, Márcia; JESUS, Roseli Batista de. (Orgs.) **Formação de professores, políticas educacionais e experiências pedagógicas em Rondonópolis/MT**. Uberlândia, Navegando Publicações, 2021. p. 221-226. Disponível em <https://www.editoranavegando.com/livro-formacao-de-professores> Acesso em 3/3/2023.

ROSA, João Guimarães. **Noites do sertão**. São Paulo: Global Editora, 2021.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

# Há um jeito de se escapar dali, a gente, a salvos? As matanças...<sup>1</sup>

Maria Neli Defensor Sant'Ana Martins<sup>2</sup>

## Introdução

Durante a pandemia eu participei da Roda de Leitura em formato online. Naqueles primeiros momentos lia-se o livro *Grande sertão: veredas* (ROSA, 2019). Neste texto quero abordar um caso de matança. No artigo “Na Fazenda dos Tucanos: entre o ser e o não ser, o poder no meio”, Luiz Roncari (2015) aborda o episódio da matança dos cavalos nos currais da referida fazenda. Segundo o autor, há inversão da perspectiva, da dos que atacam para a dos que se defendem:

O relato é uma história da cidade sitiada, só que aqui como uma *Iliada* invertida; quer dizer, o leitor acompanhará a luta não a partir dos que cercam a cidade, que seria a posição dos gregos, mas dos que foram sitiados, no caso, a dos troianos. Isto inverte a perspectiva, da dos que atacam para a dos que se defendem. O que significa que essa luta será vista não a partir

---

1 Parafraseio Riobaldo em *Grande sertão: veredas*: “A um jeito de se escapar dali, a gente, a salvos?” (ROSA, 2019, p. 256).

2 Administradora de empresas pela Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA-USP), advogada pela Pontifícia Universidade Católica PUC-SP, MBA em Auditoria Empresarial pela Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis Atuariais e Financeiras (FIPECAFI), pesquisadora e integrante da Oficina de Leitura Guimarães Rosa do IEB/USP, escritora de podcast e de textos rosianos, cooperadora militante pelo saneamento básico de Macaúbas (BA). E-mail: [mneli.ds@outlook.com](mailto:mneli.ds@outlook.com)

dos que querem matar, mas dos que lutam para não morrer e são obrigados a conviver com os próprios mortos e a morte (RONCARI, 2015, p. 184).

Embasada no referido texto, estabeleci uma analogia da “Matança dos cavalos” com a ocorrida na pandemia em solo brasileiro, ou seja, vou ensaiar este texto do ponto de vista dos que foram dizimados. Se a situação descrita por Guimarães Rosa é impiedosa e extremamente cruel com os cavalos, que dirá para com os seres humanos que têm direito de almejar ser respeitados e tratados como humanos mais humanos?

Peço licença ao caríssimo Guimarães Rosa e demais leitores para fazer um ensaio substituindo algumas palavras em textos vinculados aos “cavalos”, os quais, indefesos, foram abatidos de forma covarde e impiedosa. Passo a palavra para Rosa:

O senhor escutar e saber – os cavalos em sangue e espuma vermelha esbarrando uns nos outros, para morrer e não morrer, e o rinchar era um choro alargado, despregado, uma voz deles, que levantava os couros, mesmo uma voz de coisas da gente (ROSA, 2019, p. 246).

É muito impactante escutar e saber que “pessoas” uivam com dores em todo o corpo, com febre, com falta de ar, com falência de órgãos, com náuseas, com olhos arregalados sem respiradores e suplicam por um pouquinho de ar, a exemplo do triste episódio de morte por asfixia em Manaus, tão real e tristemente relatado na coluna de Mônica Bergamo da *Folha de S.Paulo*:

Os dias de terror vividos por Manaus em janeiro – com a morte de pacientes por asfixia devido à falta de oxigênio nos hospitais, à ausência de vagas em UTIs e à chegada de uma nova variante mais transmissível do vírus – são uma tragédia difícil de esquecer e ainda longe de acabar. Foram muitos os relatos de desespero e incontáveis as imagens de dor daqueles que tentavam buscar por conta própria cilindros de oxigênio para que seus familiares não morressem sufocados, enquanto médicos no limite da exaustão precisavam decidir quem receberia oxigênio suplementar, levando em conta as chances de sobrevivência (FIOCRUZ, 2021).

Pessoas esbarrando umas nas outras: nas ruas; nos transportes coletivos por necessitarem trabalhar; em moradias apertadas desproporcionais ao número de

habitantes; em corredores de prontos-socorros e de hospitais sem leitos; filas de seres humanos batendo desesperadamente nas portas de vidro fechadas de hospitais, com inocentes úteis a dizer: “Desculpem, estamos esperando alguém morrer para ter vaga”.

O medo de morrer ou não morrer, tudo isso é um choro alargado, despregado, que faz a nossa pele arrepiar, uma voz em unísono de centenas de pessoas que faz gritar: a indignação, a piedade, a compaixão, a solidariedade. A consciência de conhecer e reconhecer a efemeridade da vida, ainda mais, frente à disputa e ao desmando político/sanitário, mesmo uma voz de coisas da gente.

O senhor não sabe: rincho de cavalo padecente assim, de repente engrossa e acusa buracões profundos, e às vezes dão ronco quase de porco, ou que desafina, esfregante, traz a dana deles no senhor, as dores, e se pensa que eles viraram outra qualidade de bichos, excomungadamente (ROSA, 2019, p. 246).

Meu ensaio:

Mire e veja: o senhor não sabe – o grito e a súplica de uma pessoa padecente assim, principalmente os mais necessitados e carentes, de repente engrossa e acusa chagas nacionais profundas, e às vezes emitem sons de lamentos desafinados, ofegantes roxeados, trazendo a dana deles no senhor, as dores e se pensa que os seres humanos viraram outra qualidade de bichos, EXCOMUNGADAMENTE.

E o autor continua:

Por se necessitar da capela, os defuntos a gente foi levando para um cômodo pequeno e sem janela, que era pegado na escadinha do corredor (ROSA, 2019, p. 250).

Esses, os mortos e abatidos, ELES – os jagunços – amontoaram e enclausuraram num pequeno quarto, e NÓS – os brasileiros – amontoamos os mortos da pandemia em freezers, em caminhões de refrigeração; muitos permaneceram desfalecidos na própria casa aguardando por vários dias o serviço funerário – a família e os amigos obrigados a conviver com os próprios mortos e a morte, o cheiro da morte, corpos sem vida “ensacados” em plástico preto tal qual uma carga de peso morto no mesmo “quarto” ou ao lado de leitos com pacientes em hospitais, que se encontravam com ocupação no limite, ou até acima dele: este foi o cenário da pandemia testemunhado por muitas pessoas no Brasil e estampado amplamente nos jornais, na televisão e nas mídias sociais.

Ah! O que dizer dos pequenos quartos, ou melhor dos “quartos-covas-valas-comuns”: clausuras eternas de corpos empilhados que jazem e cujas almas foram para o além sem um sepultamento digno, sem orações, sem o chorar das pessoas, sem a possibilidade de um último olhar de velório com a despedida para aquele corpo inerte, pessoas vivas que ficaram e gostariam de dar o último adeus, de velar os corpos, dar o seu último perdão ou ser perdoadas?

Dor dilacerante de uma despedida inadequada ou da que não houve. Como vivenciar o luto que seria o curso normal do pós-partida?

Minhas lágrimas estão maiores que meus olhos, como diz Miguilim quando Dito se encantou.

### **Considerações finais**

Guimarães Rosa, ao ser considerado um “intérprete do Brasil” (RONCARI, 2004, p. 20), aliado à sua sensibilidade, à sua formação médica e ter conhecido diversos sertões do país, induz-me a especular que, se vivo estivesse, escreveria um dilacerante conto ou livro abordando a pandemia da Covid-19. A sua obra está repleta de registros referentes a angústias, questões cruciais, exclusão, mazelas abordando várias doenças que atingiram e ainda atingem as populações mais pobres do sertão e das cidades.

A leitura sobre essas enfermidades provoca reflexões que transcendem o viés médico do autor (GOULART, 2011) e as doenças em si, constituindo-se em verdadeiras denúncias de um contexto brasileiro configurado pela ausência ou precariedade de condições de saúde, trazendo atrelados os efeitos colaterais advindos dessas situações: isolamento e exclusão social; fome, desnutrição; desestruturação familiar, discriminação racial e de gênero, exprimindo a maneira como os processos de saúde e doença são interpretados nas práticas sociais como geradores de desigualdades sociais.

Dedico este pequeno ensaio aos aproximadamente 700 mil seres humanos que tiveram as suas vidas ceifadas pela Covid-19 no Brasil.

Que os familiares, os profissionais envolvidos e os amigos dos vitimados continuem a esperar...

## Referências

FIOCRUZ. Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil mortes em 2021. Publicado em: 4/3/2021. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926> Acesso em: 14/2/2023.

GOULART, Eugênio Marcos Andrade. Viés médico na literatura de Guimarães Rosa: 1 ed. Belo Horizonte: Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

RONCARI, Luiz Dagobert de Aguirra. O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

RONCARI, Luiz Dagobert de Aguirra. Na Fazenda dos Tucanos: entre o ser e o não ser, o poder no meio. Revista do CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO. Nº 1. nov. 2015.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 22.ed. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

# De como a infância de Dito e Miguilim<sup>1</sup> conversa com a infância do leitor

Eulina Pacheco Lutfi<sup>2</sup>

A leitura online da novela “Campo geral” (ROSA, 1976) na Oficina de Leitura Guimarães Rosa me fez refletir sobre o personagem central, Miguilim, e me colocou em movimento para a escrita deste texto. Refletirei, ainda que brevemente, sobre alguns temas: Infância de Miguilim e relação paterna; Gênese e genealogia da representação de paternidade: Zeus e o poder paterno; O poder paterno na literatura: Máximo Gorki, Graciliano Ramos e José Lins do Rego; O pai de Miguilim; O poeta e o homem brutalizado; Miguilim e Dito em representação de criança e da criança que fomos e que somos.

A história do menino Miguilim acosta o leitor ao divã em que rememora, comovido, a sua própria infância. É por meio de emoções intensas e truncadas, na

---

1 Texto apresentado na Roda de Leitura online do IEB-USP em 14/9/2022.

2 Bacharel e Licenciada em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras-USP. Doutora em Didática e Metodologia do Ensino de Português pela Faculdade de Educação-USP. Pós-doutorado pela Faculdade de Educação da USP, com pesquisa sobre currículo escolar de leitura. Pesquisadora, durante um ano, no *Institut National de Recherches Pédagogiques*, em Paris, sobre redação escolar e escritas cotidianas. Professora efetiva de Português para o Ensino Médio do Estado de São Paulo, lecionou, durante 30 anos, preferencialmente em escola pública. Atuou como professora de Português em faculdades privadas em cursos de especialização, Jornalismo e Publicidade. Trabalhou, durante 18 anos, como pesquisadora e professora convidada do Laboratório de Pesquisa em Ensino e Ciências Humanas da Faculdade de Educação-USP, em formação continuada de professores de municípios do estado de São Paulo e Rondônia e, pela PUC-SP, em três cursos para pescadores e professores, no Amazonas. Tem publicações em livro, capítulos de livros e revistas (nacionais e francesas).

sequência dos acontecimentos, que o leitor pode, ao ler e reler, experimentar sentimentos de descobertas e identificações. O leitor de Guimarães Rosa certifica-se, desde as suas primeiras leituras, que nada é aleatório na obra do autor. Prepara-se para a aventura de atravessar as palavras, apalpando-as para lhes desvendar os mistérios. Assim, o início:

“UM CERTO MIGUILIM morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui”, adverte sobre algo estranho nas letras maiúsculas e na lembrança dos contos infantis. No desenrolar do texto, entre outras surpresas, como leitores nos damos conta dos tempos, naquele contar os fatos vividos e sentidos pelos personagens e percebemos as intromissões da terceira pessoa na primeira, tornando-se difícil separá-las. Afinal, quem conta? O Miguilim ou o narrador?

Lembremos a passagem:

- Pai está brigando com Mãe. (Narrador referindo-se a ELE, terceira pessoa.)
- Está xingando ofensa, muito, muito. Estou com medo. (Narrador, EU, primeira pessoa.)

A literatura, porque se expressa pela palavra, encontra, na gramática, os recursos de que necessita para transmitir a arte. As pessoas e os tempos verbais constituem parte desses recursos. Em narrações, as escolhas entre primeira pessoa (Eu que conta) e terceira pessoa (Ele a quem se refere no contar) indicam aproximação ou distanciamento dos fatos por aquele que conta, ou seja, como participante ou como observador, com subjetividade ou objetividade em relação aos fatos narrados.

Porém, essas diferenciações são artifícios semânticos, próprios do sentido que desejam expressar, porque objetividade e subjetividade interagem na emoção daquele que conta. No excerto lembrado, pode-se dizer que Miguilim é o narrador, oculto por um ELE com valor de EU (em gramática, chama-se discurso indireto livre). Não há distanciamento entre ambos, pois trata-se de uma história plena de vida que não se confunde com texto memorialístico, de recordações antigas, e sim de uma história que se atualiza, com força, no ato da leitura, pela qual o leitor, emocionalmente envolvido, pode vivenciá-la.

Por todo o texto há a predominância no uso do imperfeito do indicativo. O tempo perfeito, como “Gigão latiu, o pai matou”, indica fatos concluídos, enquanto

o imperfeito tem sentido de duração; é o tempo verbal, por excelência, da narração; expressão de tempo vivido que perdura e se presentifica. Como no trecho seguinte:

Uma noite [Gigão] latiu acordando todo mundo, uma cobra enorme tinha entrado, uma urutu. O pai matou. [...] Sempre que a gente [NÓS, narrador, primeira pessoa] estava de castigo e carecia de pedir qualquer coisa [...] achavam sempre de falar alguma palavra que avexava a gente mais. Miguilim estava sujo de suor. Mais um pouco, reparou que, na hora devia de ter começado a fazer pipi na calça; mas agora nem estava com a força de verter. A mãe suspirava, soluçosa, era um chorinho sem verdade, aborrecido, se ele pudesse estava voltando para a horta (...) (ROSA, 1976, p. 13).

Sobre tempo que se vive, lembremos alguns fragmentos do que escreve Lightman (2001):

Neste mundo, existem dois tempos. Existe o tempo mecânico e o tempo corporal. O primeiro é tão rígido e metálico quanto um imenso pêndulo de ferro que balança para lá e para cá, para lá e para cá, para lá e para cá. O segundo se contorce e remexe como uma enchova na baía. [...] Muitos não acreditam que o tempo mecânico exista. [...] Em suas casas, eles não têm relógios. No lugar deles, ouvem as batidas de seus corações. Eles sentem os ritmos de seus humores e desejos. [...] Sabem também que o tempo se arrasta para frente com um peso nas costas, quando estão levando uma criança às pressas para o hospital ou quando têm que sustentar o olhar de um vizinho que foi vítima de alguma injustiça. E sabem também que o tempo atravessa em disparada seu campo de visão, [...] quando estão deitadas nos braços de um amante secreto. (...) Onde os dois tempos se encontram, o desespero. Onde os dois tempos se separam, a satisfação. (...) Cada tempo é verdadeiro, mas as verdades não são as mesmas (p. 23-27).

A literatura é abundante no uso do imperfeito. Na história de Miguilim os fatos continuam vivos, são presentificados, por exemplo, pelos passados imperfeitos que aparecem no excerto citado. Indicam um sofrimento que não se acaba, e muitos deles se repetem. É o caso de se envergonhar quando tinha que pedir alguma coisa estando de castigo e das incriminações sempre recebidas por parte dos que o acudiam nessas horas.

Ele estava ali, de castigo, revivendo estes sentimentos fortes que o leitor pode sentir pelo uso gramatical-artístico do imperfeito frequentativo (sempre que a gente carecia de pedir qualquer coisa) e pelo imperfeito de concomitância de tempos (achavam de falar alguma coisa que vexava a gente). Ainda pelo uso do imperfeito a indicar um fato que não pôde acontecer por ter sido impedido por outro e cuja lembrança ainda dói (se ele pudesse estava voltando para a horta).

Tais recursos verbais, presentes no texto de ficção, reforçam a concepção de tempo interior, tempo corporal, psicológico. Tempo das emoções que perduram e que difere do tempo cronológico. Este pode ser observado objetivamente e medido por suportes concretos, como o relógio. Inventado, tem sido considerado indispensável para controlar o tempo de trabalho, a produtividade e o lucro. O tempo interior, diferentemente, é imensurável, imprevisível e incontrolável pelo que lhe é exterior. Escapa aos relógios. É o tempo da emoção instantânea, fragmentada, tumultuada, sentida em cada um, mesmo que irmanado em sofrimentos ou alegrias coletivas.

O tempo da vida e as suas durações, que nenhuma escala pode abolir, está inteiro nessa obra-prima que é “Campo geral”.

Na leitura das obras de Guimarães Rosa o leitor aprende a se enviesar pela semântica, pelas sinestésias, pelos sentidos metafóricos e imagéticos de vocábulos e frases, cujos sentidos vão aparecendo em exercícios de descamação. O que é contado aqui pode surpreendê-lo acolá. Descrições, narrações e diálogos, aparentemente sem muita importância, descobre-se depois, compunham significados.

Brincava com a mãe, nunca se tinha visto a Pingo-de-Ouro tão alegre. [...] O cachorrinho era com-cor com a Pingo: os dois em amarelo e nhalvo, chovidinhos. [...] Alegrinho e sem vexames, não tinha vergonha de nada, quase nunca fechava a boca, até ria (ROSA, 1976, p. 10).

A alegria espontânea, sem dúvidas sobre bem e mal, despreocupada do julgamento dos adultos, faltava em Miguilim, bem como esse brincar com a mãe, sem nenhuma censura. Miguilim encontrava na mãe a ternura de que necessitava, contudo entre os dois havia o pai severo, figurando uma ameaça constante de castigos. E quem era esse pai, cuja autoridade se manifestava bruta para com o menino?

Retomemos a representação de paternidade buscando entendê-la em aspectos da sua gênese e genealogia. As representações de paternidade, desde a Antiguidade (LEFEBVRE, 1980), estiveram impregnadas de autoridade. Nas clássicas obras gregas, como em Hesíodo, Zeus aparece como o pai dos deuses e dos homens, com poder absoluto (*pater andron teonte*):

Zeus é o arquétipo do chefe de família patriarcal [...]. Como deus do raio, simboliza a cólera celeste, a punição e o castigo, a autoridade ultrajada, a fonte da justiça (BRANDÃO, 1986, p. 343-344).

Pai supremo, julgou e condenou a castigos cruéis eternos, por exemplo, o seu filho Tântalo. Segundo estudiosos da mitologia grega, Tântalo era filho querido, porém não ficou ileso à fúria do pai que o perdoou em duas faltas, mas na terceira o puniu com a sede abrasadora, em lago de águas frescas, e dor de fome, em pomar de frutas saborosas, para todo o sempre. O direito ao enfurecimento e à crueldade se justificava em “Zeus, conquistador e ordenador do caos, síntese das qualidades humanas e divinas” (Idem).

Tal representação de paternidade tem atravessado sociedades que, desde tempos remotos, concebem leis e valores inspirados em filósofos, historiadores e escritores gregos. Infância e paternidade passaram a fazer parte dessas concepções. A noção de infância e as suas relações com a idade adulta é recente na história da humanidade. A partir do século XX tornou-se mais estudada por psicólogos, psiquiatras, educadores e expressa por artistas, entre os quais, os escritores. Se os primeiros têm prestado grande auxílio na compreensão desta etapa da vida humana, os últimos têm sido essenciais para identificar-lhes a curiosidade, perguntas sem respostas, explicações inexplicadas, vitimização face à violência e o sofrimento advindos dessas situações. É inegável o papel da arte para descoberta que o homem faz de si mesmo, do outro e do mundo. Por essa razão, obras que tratam da infância constituem leituras atraentes e perduráveis. Exemplos são *Infância*, de Máximo Gorki (1961), *Infância*, de Graciliano Ramos (s/d), *Menino de engenho*, de José Lins do Rego (2002), e “Campo geral”, com Miguilim, de Guimarães Rosa (1976).

– Pai está brigando com Mãe. Está xingando ofensa, muito, muito. Estou com medo, ele queria dar em Mamãe [...] Mãe está soluçando demais da

conta. Miguilim entendeu tudo tão depressa, que custou para entender. Arregalava um sofrimento. [...] Diante do pai, que se irava feito um fero, Miguilim não pôde falar nada, tremia e soluçava (ROSA, 1976, p. 11).

Passagem semelhante encontramos em *Menino de engenho*, de José Lins do Rego:

Ainda me lembro de meu pai [...]. Às vezes ele entrava em casa calado. Sentava-se numa cadeira ou passeava pelo corredor com as mãos para trás e discutia muito com minha mãe. Gritava, dizia muita coisa, ficava com uma cara de raiva que me fazia medo. E minha mãe saía para o quarto aos soluços. Eu não sabia compreender o porquê de toda aquela discussão (REGO, 2002, p. 35).

Essa infância amedrontada que não pode compreender a violência e outras atitudes dos adultos é retratada de forma comovente em “Campo geral”, com Miguilim (ROSA, 1976). O pai já não tão jovem, com problema de saúde, é um homem inseguro diante da vida, das atitudes da mulher e do futuro da sua família. É desesperado de ciúme e do medo de ver seus filhos passarem fome. Não sente ajuda nem em Deus, que parece lhe retirar os filhos como foi com Dito e ameaçava acontecer com Miguilim. Não tem em quem se apoiar. Apesar de trabalhar duro, não usufrui de resultado compensatório. Não tem a terra em que planta, não pode ter gado de boa qualidade, não pode oferecer vida melhor aos seus:

[...] o Pai judiava mesmo com todo mundo. Ralhava com a Mãe, coisas de vexame: – Nhanina quer é empobrecer ligeiro o final da gente: com tanto açúcar que gasta, só fazendo porcaria de doces e comidas de luxo! [...] Como o pai ficava furioso: até quase chorava de raiva! Exclamava que ele era pobre, em ponto de virar miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as terras ali não eram dele, o trabalho era demais e só tinha prejuízo sempre, acabava não podendo nem tirar para sustento de comida da família (ROSA, 1976, p. 83 e 37).

Este pai embrutecido pelas injustiças sofridas não poderia compreender o coração de poeta do menino. Miguilim é aquele que dizia:

Dito, eu às vezes tenho uma saudade de uma coisa que eu não sei o que é, nem de donde, me afrontando (ROSA, 1976, p. 41).

E o pai o percebia como:

– Diacho, de menino, carece de trabalhar, fazer alguma coisa, é disso que carece! (...) O que ele quer é sempre ser mais que nós, é um menino que despreza os outros e se dá muitos penachos (ROSA, 1976, p. 82).

O poético em Miguilim se aninhara e “de repente começou a contar histórias tiradas da cabeça dele mesmo (ROSA, 1976, p. 65). O sentir lhe dera a sensibilidade extremada de sofrer pela dor do outro; dor do menino Grivo; dos trabalhadores que tinham que voltar para casa debaixo da chuva torrencial e raios aleatórios e mortíferos, dos “bichinhos desvalidos”, dos tatus “tão gordotes, tão espertos – e estavam assim só para morrer”, acuados pelos cachorros e pelos adultos que se compraziam na fuga desesperada do animal:

Em todo arrastavam os bichos matados. O coelhinho tinha toca na borda-da-mata, queria comer, queria brincar, sessepe, serelé [...] Devia ter o companheiro, marido ou mulher, ou irmão, que agora esperava lá na beira do mato, onde eles moravam sozim (ROSA, 1976, p. 15).

Miguilim, irmanado com as plantas, as cores da natureza, com o “que devia sentir os sanhaços, quando viam que já estavam presos, separados dos companheiros” e com sua cachorra Pingo-de-Ouro, é estranho no mundo. Sofria com a fragilidade de não poder segurar o que lhe fugia; com as separações, os desaparecimentos e a morte. Passarinhos que passavam indo para além do além e a sua cachorra Pingo-de-Ouro, que jamais voltou a ver. Para onde iria tudo que lhe sumia? Tinha muitas perguntas, especialmente para o Dito, e que não se diferenciam das que têm sido feitas sobre o destino do homem no universo. O irmãozinho encontrava, a seu jeito, caminhos para desvendar a opacidade do que as suas mentes infantis eram incapazes de ultrapassar.

Essa capacidade jamais seria possível ao pai, rude nos modos e no pensamento. E no entanto, essa rudeza podia se ameigar vez ou outra. Era quando Miguilim poderia

até esquecer os castigos injustos ou que tivera desejo de matá-lo. Aconteciam em certas ocasiões de paz em que havia carinho ou quando Miguilim se apiedava da vida difícil do pai.

O pai não ralhava – ele tinha demudado, de repente, soável risonho. [...] o pai gostava de mamãe muito, demais. Até para agradecer mamãe, ele aflagava de alisar o cabelo de Miguilim, em quanto falava gracejando. (p. 28). [...] O pai estava lá, capinando, um sol batia na enxada, relumiava. Pai estava suado, gostava de ver Miguilim chegando com a comida do almoço. Tudo estava direitinho direito. Pai não ralhava. (ROSA, 1976, p. 47).

No livro *Infância*, de Máximo Gorki (1961), era o avô que exercia a paternidade cruel, por meio de surras que adoeciam o menino por longos dias:

Não me era possível esquecer ter sido ele quem terrivelmente me vergastara. Subitamente apareceu meu avô. [...] Fica sabendo, menino, quando alguém de tua família te castiga, isso não constitui humilhação, mas sim uma lição. [...] Vergastaram-me tanto. Humilharam-me tanto. [...] Até o cair da noite, ele me contou suas histórias. Fiquei sabendo que meu avô não era tão mau, nem terrível (GORKI, 1961, p. 33-34).

Este é um mundo de sombras, retratado por esses personagens crianças que não atinam com as razões de tão desmesurados castigos. É a mesma neblina em que se debate Miguilim e o menino do livro *Infância*, de Graciliano Ramos:

Meu pai dormia na rede armada na sala enorme. Tudo era nebuloso. [...] levantando-se de mau humor, batendo com os chinelos no chão, a cara enferrujada. Débil e ignorante, incapaz de defesa, fui encolher-me num canto. [...] Meu pai descobriu-me e arrancou-me dali violentamente. [...] Perguntava se eu tinha guardado a miserável correia. [...] Havia uma neblina e eu não percebi direito os movimentos do meu pai. [...] a folha de couro fustigou-me as costas. [...] Junto de mim, um homem furioso, açoitando-me (RAMOS, s/d. 29-32).

Dito e Miguilim, os outros meninos aqui rememorados, como se fossem um só, representam infâncias. Criaturas amanhecidas, intuitivas na compreensão do estranho

mundo que as cerca. Dito, do verbo dizer, operação lógica do “tenho dito”, lembra o lado prático dos pequenos. Mais que refugiar-se em devaneios, buscam alguma maneira de superar o medo e de se ajustar aos enigmas; passam pela neblina e seguem. Miguilim, música de um sino ecoando longe, é o sem fim de interrogações, de inconformismos, rebeldias, amarguras, medos e assombros. Será que adultos, em sua memória, não se encontram com os dois, mas unos e vivos, na criança que neles permaneceu?

### **Referências bibliográficas**

- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GORKI, Máximo. **Infância**. São Paulo: Clube do Livro, 1961.
- LEFEBVRE, Henri. **La Présence et l’absence**. Paris: Casterman, 1980.
- LIGHTMAN, Alan. **Sonhos de Einstein**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, sd.
- REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 84.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim (Corpo de baile)** Vol. 12. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

# “Cara-de-Bronze”: poesia em voz de vaqueiros<sup>1</sup>

Eulina Pacheco Lutfi<sup>2</sup>

“Cara-de-Bronze” (ROSA, 2017), novela do livro *No Urubuquaquá, no Pinhém*, é a história de um fazendeiro que, idoso e fragilizado fisicamente, pede a Grivo, um de seus vaqueiros, para sair pelos Gerais em busca do “quem das coisas” (p. 564). A viagem deste personagem é assunto no diálogo dos vaqueiros da fazenda.

“Cara-de-Bronze” é das novelas de Guimarães Rosa que causam mais estranheza ao leitor. Nela aparecem, junto a outras surpresas, referências a autores tanto clássicos como a alguns prestigiados na longa história da literatura. Citações em grego e latim fazem pensar na viagem do Grivo, ao mesmo tempo que na de Ulisses, poetizada na *Odisseia*, de Homero.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado na Roda de Leitura online do IEB-USP. 17/11/2021.

<sup>2</sup> Bacharel e Licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras-USP. Doutora em Didática e Metodologia do Ensino de Português pela Faculdade de Educação-USP. Pós-doutorado pela Faculdade de Educação da USP, com pesquisa sobre currículo escolar de leitura. Pesquisadora, durante um ano, no *Institut National de Recherches Pédagogiques*, em Paris, sobre redação escolar e escritas cotidianas. Professora efetiva de Português para o Ensino Médio do Estado de São Paulo, lecionou, durante 30 anos, preferencialmente em escola pública. Atuou como professora de Português em faculdades privadas em cursos de especialização, Jornalismo e Publicidade. Trabalhou, durante 18 anos, como pesquisadora e professora convidada do Laboratório de Pesquisa em Ensino e Ciências Humanas da Faculdade de Educação-USP, em formação continuada de professores de municípios do estado de São Paulo e Rondônia, e, pela PUC-SP, em três cursos para pescadores e professores, no Amazonas. Tem publicações em livro, capítulos de livros e revistas (nacionais e francesas).

[...] Temos a Odisseia do regresso ao lar, a ideia de que o verdadeiro lar está no passado [...] ou em algum outro lugar; que jamais estamos em casa. [...] Podemos lê-la como regresso ao lar e podemos lê-la como uma história de aventuras – talvez a mais primorosa que jamais tenha sido escrita ou cantada (BORGES, 2000, p. 53)

As venturas e desventuras do Grivo, na busca do “quem das coisas”, e a volta para o lugar de onde saiu; a missão importante a cumprir – “Eu estava lá, cumprindo lei de ver, ouvir e sentir” (ROSA, 2017, p. 574) – e o episódio que lembra a importância do sonho, presente tanto nas histórias mais remotas dos povos como na literatura clássica, nos implicam na comparação de trechos do conto com aspectos de eternas obras literárias:

E desde longa tradição, não apenas os adivinhos são cegos [...], pois têm o dom de “ver o invisível”, mas também os poetas, de Homero aos cantadores do Nordeste [...] Cegos dos olhos do corpo, porque têm uma outra visão, normalmente interdita aos mortais. [...] Poesia, sonho e adivinhação mergulham numa lógica da ambiguidade, abrigando a contradição, acionando insuspeitadas forças psíquicas (MENESES, 2002, p. 16).

Assim disse o vaqueiro Abel: “O que não se vê de propósito e fica dos lados do rumo” (ROSA, 2017, p. 563) e também o vaqueiro José Uéua: “A rotação das roseiras, [...] o coqueiro coqueirando, (...) a brotação das coisas” (p. 564) Grivo sonhou, em pesadelos, com cidades e pessoas que lhe permitiram conhecer a solidão. Viu e ouviu a necessidade do caminho do simples para alcançar o mistério da beleza:

[...] e repousou, ia adormecer com o espírito cheio, muitas pessoas de pesadelos produzia. Aí, conheceu a tristeza de acordar, de quem dormiu solitário no alto do dia; mas logo ouviu de si, que carecia de relembrar alegrias inventadas e saber que um dia tudo vai tornar a ser simples – como pedras brancas que minam água (ROSA, 2017, p. 580).

Fica para outro momento o aprofundar dessa comparação, pois aqui a minha intenção é tecer considerações sobre a poesia na linguagem dos vaqueiros. Poesia de quem vê o invisível.

O texto poético, em forma de prosa ou de poesia, expressa emoção e provoca emoção. Dirige-se à imaginação e aos sentimentos do leitor, embalando-o, por meio dos sons que se encadeiam e da alternância das tonalidades. São os sentimentos que contam no instante da leitura e que prescindem de explicação. Não se necessita decifrar textos como a fala do "O vaqueiro José Uéua":

Passarim, todo tempo, todo tempo; se ri nas bochechas do vento; e minha alma está bem guardada; vento de todas as asas (ROSA, 2017, p. 565).

A afirmação do José Uéua mostra diversos aspectos da poesia a produzir a imaginação do leitor: o andamento musical, no conjunto não só de palavras que se repetem (vento, tempo e todo) mas também de sons (vogais abertas, fechadas ou anasaladas (im, em, a, o, ê, consoantes p, t, v, b) e o uso inusitado de expressões, ou seja, palavras comuns adquirindo sentidos incomuns, *bochechas do vento* e *passarim ri*. Criam musicalidade e emoção na fala, a exemplo de música, em que não se pode separar melodia e sentido. Este trecho, em encadeamento de sons e ritmos, poderia ser lido assim:

Passarim, todo tempo, todo tempo  
se ri nas bochechas do vento,  
e minha alma está bem guardada  
vento de todas as asas.

A expressão poética pode ser mais elaborada ou mais simples; depende da vontade do poeta e dos recursos de linguagem adquiridos. No caso de poetas populares sabe-se que eles têm sido importantes na história humana, não só por suas criações, mas por inspirar a poesia de linguagem mais sofisticada de outros grandes poetas.

Robert Louis Stevenson (...) diz que, num certo sentido, a poesia é mais próxima ao homem comum, ao homem das ruas. Pois o material da poesia são as palavras e essas palavras são o próprio dialeto da vida. As palavras são usadas para os corriqueiros propósitos diários e são o material do poeta, tal como os sons são o material do músico (BORGES, 2000, p. 83).

Guimarães Rosa valorizou os poetas do povo e pôs, nesta novela, a voz dos vaqueiros, individualizando-os pelos nomes e pelo artigo definido O. A beleza, que se depreende das falas dos poetas-vaqueiros, vem do fato de ser construções simples, no dizer da vida e seus mistérios; da natureza humana e dos animais; do mundo do sertão, suas riquezas e surpresas. Esses vaqueiros não aprenderam a se expressar pela linguagem conceitual da lógica racional e elaborada, segundo a denominada norma "cultá" da língua. A sua linguagem é feita de jogos em que utilizam o sentido oculto das palavras, quando expressam a vida e os seus sentimentos inefáveis.

*O vaqueiro José Uéua: No coração a gente tem é coisas igual ao que nem nunca em mão se pode ter pertencente: as nuvens, as estrelas, as pessoas que já morreram, a beleza da cara das mulheres... A gente tem de ir é feito um burrinho que fareja as neblinas? (ROSA, 2017, p. 547).*

E os acontecimentos corriqueiros, mas que não excluem surpresas. "O vaqueiro José Uéua: O homem chamou, o cachorro veio, o cavalo rinchou, a flor brotou no esteio" (ROSA, 2017, p. 551), que poderia ser lido em redondilha menor (cinco versos ou seis) e rima rica: veio com esteio:

O homem chamou,  
O cachorro veio,  
o cavalo rinchou,  
a flor brotou no esteio

A expressão poética, na poesia do povo, segue outras lógicas. Os seus argumentos são expressos por explicações, compostas com usos desviados de prescrições da morfologia e sintaxe e o emprego de comparações e metáforas.

Assim, para dizer que o Velho não está só e tem poder:

*O vaqueiro Tadeu: Deus é menino em mil sertões, e chove em todas as cabeceiras (ROSA, 2017, p. 540).*

Falando de belezas dos Gerais:

*O vaqueiro Mainarte: Lá tem passarinhos que remexe os ares. Bando de sofrês faz nuvens. (ROSA, 2017, p. 544).*

E o que era importante o Grivo ver:

*O vaqueiro José Uéua: A rosação das roseiras. O ensol do sol nas pedras e folhas. O coqueiro coqueirando. As sombras do vermelho no branqueado azul. (ROSA, 2017, p. 564).*

E, quem sabe, sobre a alegria do violeiro:

*O vaqueiro Mainarte: Ele está cantando com seus pássaros. (ROSA, 2017, p. 541).*

Da metáfora pode-se dizer que é uma comparação embutida, uma conjunção de palavras, em que a semelhança, atribuída aos termos, se estabelece na mente do leitor ou do ouvinte, indo além da comparação. A fala do vaqueiro Calixto, ao desejar dizer o que diria o Grivo no contar a viagem, assim se expressa:

*A morte saiu dos brejos, me viu e me fez sinal; tremiam verdes, como gente, as varas do pindaibal. (ROSA, 2017, p. 566).*

Que pode ser lido como redondilha maior, versos de sete sílabas:

A morte saiu dos brejos,  
me viu e me fez sinal;  
tremiam verdes, como gente,  
as varas do pindaibal.

A comparação “As varas do pindaibal tremiam verdes como gente” se faz pelo termo COMO: “tremiam como gente”. E temos metáfora, quando o termo da comparação desaparece. Neste caso, se fosse escrito, “As varas do pindaibal eram gente trementes verdes”, a metáfora aconteceria, na mente do leitor ou do ouvinte.

Outros exemplos são: a fala:

O vaqueiro Grivo: Todo buriti é uma esperança. (ROSA, 2017, p. 572).

E em certos nomes de vaqueiros:

O que era somente violeiro, conominado “Quantidades”. (ROSA, 2017, p. 539).

Ou na fala do narrador:

Os bois são três cabritinhos; a umburama roxo lâ. (ROSA, 2017, p. 568).

Já o uso sintático incomum de palavras comuns aparece em diversas falas dos vaqueiros, como se pode observar em:

O vaqueiro Cicica: Quando se determinou essa ajunta, já estava no talvez de chover. (ROSA, 2017, p. 537).

Isto é, esperávamos ser possível que chovesse, em que o advérbio TALVEZ substitui toda a expressão normativa da língua e, com apenas este advérbio, cria outras significações. Outro exemplo:

O vaqueiro Tadeu: Queria era que se achasse para ele o quem das coisas. (ROSA, 2017, p. 564).

QUEM, pronome relativo, é utilizado como substantivo, substituindo frases conceituais que não dariam conta da polissemia que o Velho procurava. O Velho procurava a poesia da vida? A *poiesis*, que significava para os gregos o espírito da arte, a intraduzível beleza de “um raminho com orvalhos?”. (ROSA, 2017, p. 590).

O vaqueiro Tadeu, poeta, foi quem criou tal polissemia, apenas no uso gramatical diferenciado do pronome QUEM. Assim, inserido na frase, possibilita inúmeras interpretações, embeleza a fala de Tadeu. Desencadeia uma energia estética e poética

que leva o leitor, perplexo, a reflexões e sonhos inesgotáveis.

A poesia na fala dos vaqueiros é o seu modo de apresentar o lugar onde vivem, o seu trabalho árduo que os irmana aos bois:

[...] enlameados como bois e bois que de tristes e astutos viravam gente.  
(ROSA, 2017, p. 536).

E que os torna sensíveis às manifestações desses animais. Aconteça o que acontecer, com Grivo ou sem Grivo, o trabalho tem que continuar:

*O vaqueiro Maçapira*: Estou escutando a sede do gado. (ROSA, 2017, p. 591).

### **Referências bibliográficas**

- BORGES, Jorge Luiz. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- MENESES, Adélia Bezerra de. **As portas do sonho**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- ROSA, João Guimarães. Cara-de-Bronze. *No Urubuquaquá, no Pinhém*. In:\_\_\_\_\_. **João Guimarães Rosa**: Ficção completa. 1.ed. Volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

# Ponderações sobre onomatopeia a partir da novela “Buriti”, de Guimarães Rosa<sup>1</sup>

Eulina Pacheco Lutfi<sup>2</sup>

Onomatopeia, segundo os estudiosos da palavra, é uma figura de linguagem que se constituiu na historicidade do ato de nomear o mundo e a vida.

Nos primórdios da humanidade, os órgãos apropriados à articulação de sons e ruídos eram incipientes e, na necessidade de se expressar, os primeiros representantes do ser humano imitavam, de forma rústica, os sons que escutavam. Assim, criaram-se onomatopeias. O processo de evolução aperfeiçoou o aparelho fonador humano, a

---

<sup>1</sup> Texto apresentado na Roda de Leitura online do IEB-USP em 11/5/2022.

<sup>2</sup> Bacharel e Licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras-USP. Doutora em Didática e Metodologia do Ensino de Português pela Faculdade de Educação-USP. Pós-doutorado pela Faculdade de Educação da USP, com pesquisa sobre currículo escolar de leitura. Pesquisadora, durante um ano, no *Institut National de Recherches Pédagogiques*, em Paris, sobre redação escolar e escritas cotidianas. Professora efetiva de Português para o Ensino Médio do Estado de São Paulo, lecionou, durante 30 anos, preferencialmente em escola pública. Atuou como professora de Português em faculdades privadas em cursos de especialização, Jornalismo e Publicidade. Trabalhou, durante 18 anos, como pesquisadora e professora convidada do Laboratório de Pesquisa em Ensino e Ciências Humanas da Faculdade de Educação-USP, em formação continuada de professores de municípios do estado de São Paulo e Rondônia, e, pela PUC-SP, em três cursos para pescadores e professores, no Amazonas. Tem publicações em livro, capítulos de livros e revistas (nacionais e francesas).

permitir, ao longo do tempo, a articulação da palavra. Estão estreitamente unidos, na história humana, a audição, o ato de nomear e se expressar, e a palavra. As onomatopeias tornaram-se insuficientes para o homem ressignificar a vida e o mundo, e assim, na interação com o outro, ele criou a palavra.

As onomatopeias continuaram como recursos de expressão, inclusive bastante usados por poetas e escritores. São um auxiliar estilístico importante, devido ao seu poder expressivo e sinestésico:

Um som surdoso, Izicre, o iziquzinho, besouro que sobe de um buraco (ROSA, 2017, p. 789-790).

Mimologismo, mimologia, onomatopoeia ou onomatopeia são criações de intenção imitativa e aproximadas de sons. O termo onomatopeia vem do grego, *onomatopoiia*, por meio do latim, *onomatopoeia*, e significa criação de palavras.

As onomatopeias são recursos de linguagem especialmente utilizados pelos autores de quadrinhos. Em *O melhor de Calvin e Haroldo*, Bill Watterson (2018) usa, para indicar dor e contrariedade do menino que se machucou, *MMF! NGGHH! RRRRGGG!* Estes termos são exemplos de onomatopeias que não obedecem a normas do sistema fonológico do idioma.

Um peixe espiririca [...] Um gemido de rã. (ROSA, 2017, p. 783).

Na frase acima, Guimarães Rosa, em seu escrever poético, transmite ao leitor, pela palavra *espiririca*, efeitos sensoriais. Assim são todas as onomatopeias. A diferença entre os exemplos citados é que este respeita o sistema linguístico, na união de consoantes e vogais.

[...] O seriado tui-tui dos paturis e maçaricos, nos piris do alagoado. (ROSA, 2017, p. 783).

Guimarães Rosa, como escritor-poeta, serve-se com frequência de onomatopeias, muitas vezes pela fala dos seus personagens. É o caso de Mestre Ezequiel, da novela “Buriti” (ROSA, 2017). Este é um personagem de extrema sensibilidade que revela

ao leitor o mundo de estranhezas e sensações ignotas que lhe é a noite. Ezequiel vive intensamente a noite, tempo reverso do dia, em que outra face da vida emerge. Tempo de obscuridades. A noite é vivida, por homens e animais, imbricada das suas sombras sonâmbulas, falseando dimensões e efêmeras claridades. Projeta segredos de amantes, de seres solitários, de poetas, dos inquietos, daqueles de intenções terríveis e dos ávidos pela pulsão da vida. Segredos que o dia esconde.

Para Mestre Ezequiel, cada noite, vivida com os olhos, memórias, pavores e plena de um barulhar, une-se a todas as noites. É sofredor e sabedor da noite. Compreende que:

No silêncio, não há silêncio (ROSA, 2017, p. 783).

Este homem quer expressar o seu saber, não só advindo de angústias, decorrentes de nefastos pressentimentos, mas de seu temor da «*coisa*» que se abaterá, em desmandos, sobre a rotina controlada da fazenda.

Uma coruja miou gosmenta (ROSA, 2017, p. 783).

Ezequiel, movido por seus cinco sentidos, é todo ouvido. Os rumores da noite compõem lhe o mundo de escuridão e é, com o seu jeito de falar aos que o rodeiam, com as onomatopeias que inventa, que se faz ouvir.

Podia contar de todo o cricril do macho e da fêmea, quando as corujas corucam. (ROSA, 2017, p. 819).

Mas, muito antes da luz das barras, os passarinhos percebem o sol: pio, pingo, silgo, pinta-alegrim... (ROSA, 2017, p. 784).

A duração de onomatopeias nos idiomas, utilizadas cotidianamente ou não como recurso estilístico, desperta interesse, inclusive, por nos lembrar as temporalidades que se inscrevem no idioma. Embora tenham sido as primeiras manifestações orais na história humana, não desapareceram, o que reafirma o aspecto histórico-social da linguagem com o seu sentido dialógico e a força da oralidade. Estudiosos da linguagem, defensores deste ponto de vista, nos alertam para a importância da linguagem oral no

fluxo violador de normas e que vai transformando e atualizando idiomas, em tempos e espaços. Três desses estudiosos da linguagem foram fundamentais no século XX e influenciaram profundamente o meu trabalho como professora da escola pública: Bakhtin (1990; 1992; 1996, 2003), com os seus conceitos de dialogismo e polifonia; Vygotsky (1988; 1989; 1989a), com os conceitos de interação e linguagem; e Lefebvre (1958; 1961; 1968; 198/0; 1989; 1991; 2004), com a noção de representações<sup>3</sup>. Os três possuem pontos em comum.

[...] Ezequiel podia descrever, relatar imensa e pequenamente tudo o que vinha parar nos seus ouvidos. [...] Maria da Glória apresentava o Chefe Ezequiel como se ele fosse um talento da fazenda. [...] E iô Liodoro [...] mandava o Chefe definir de ouvido o que no redor do mundo aquele momento vinha-se passando. [...] Ele io Liodoro falava, sua voz muito inteira, e aqueles assuntos, de criança, de meio brinquedo – tudo parecia estória de fadas (ROSA, 2017, p. 811-831).

Neste momento acontecia um diálogo entre Ezequiel, iô Liodoro e os outros. Mesmo que apenas Ezequiel ou iô Liodoro falassem, a escuta de cada um não era passiva. Mediados pela palavra, todos eram agentes ao receber o que estava sendo contado, pois ouviam, impregnados da sua história de vida, da sua cultura e seus valores. A fórmula *emissor-mensagem-receptor* foi questionada pelos autores acima citados por entenderem que a mensagem não é apenas recebida. O modo como se recebe e se interioriza a mensagem depende de fatores socioculturais que irão intervir na reflexão e na resposta de cada um. As contribuições de Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky, mencionados acima, se aproximam pelo valor que atribuem ao outro no processo de interação verbal. O outro está no Eu, em que as circunstâncias do discurso e o papel do outro condicionam o quê e como se exprime.

Bakhtin justifica tal ideia pelos conceitos de polifonia, que pressupõe as inumeráveis vozes que compõem historicamente o EU e Dialogismo que trata do infinito e inconcluso diálogo que vem se processando entre todas as manifestações

---

3 No Brasil alguns pesquisadores dedicaram-se à difusão da teoria de Bakhtin, entre eles destaco: Beth Brait (1997; 2005), Solange Jobim e Souza (1995), Carlos Alberto Faraco (1996) e Robert Stan (2000). Com relação à teoria de Vygotsky destaco os trabalhos de Solange Jobim e Souza (1995) e José Antonio Castorina (1995). Quanto a Lefebvre cito a influência de trabalhos de José de Souza Martins (1996) além de Eulina Lutfi et all (1996).

verbais arquetípicas e coetâneas, próprias da história dos idiomas em suas recíprocas interferências.

Esses falantes não estão inventando o seu idioma. Eles fazem parte do povo de um país de língua portuguesa, uma mistura de incontáveis idiomas e seus dialetos. Um diálogo ancestral e contemporâneo, regido pelas normas da língua portuguesa, se presentifica, naquele momento, na fazenda, sendo atravessado por ancestralidade e visão de mundo e de vida, representações. Em Henri Lefebvre encontramos a mesma visão sócio-histórica da linguagem e em consequência a não neutralidade da palavra. Ela porta valores, ou seja, é atravessada por representações mais falsas ou mais verdadeiras, dependendo da aproximação ou da distância daquilo que representa. Ouvidas ou lidas, as palavras dizem do modo como os acontecimentos, as pessoas e a vida enfim são concebidos por quem as utiliza. Ou como nos lembra o poeta Carlos Drummond de Andrade, que as palavras mudas, em estado de dicionário, esperam ser poemas, expressar sentimentos e pensamentos do homem, deixando de ser vazias de vida:

[...] Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave? (ANDRADE, 2000, p. 14).

Guimarães Rosa, como os poetas, é amante da palavra. Considera, na criação de personagens como Ezequiel e iô Liodoro, a importância do outro, no diálogo entre eles, inserido naquele que constitui o diálogo sem fim, na trajetória humana. Procura explorar os sentidos ilimitados da palavra e o seu aspecto sensorial. Ezequiel teme a “*coisa*”, estremecendo o leitor que lhe busca o sentido, “em suas mil faces secretas”:

Segue-se uma sossegação, mas enganosa. (...) Onde agora está o miolo maior, trevas. (...) A jararaca-verde sobe em árvores — lh..O úù, o úú, en-  
cemente, aventemas... (...) O vento úa, morrentemente, avuve, é uma oada  
— ele igreja as árvores. A noite é cheia de imundícies. (...) e òe e rõe, ucru,  
de ío a úo, virge-minha, tiritim: eh bicho não tem gibeira... Avougo. Ou  
oãoo, psiuzinho. Assim: tisque, tisque... Ponta de luar, pecador. (ROSA,  
2017, p. 788-789).

Poetas e escritores, de muitos modos, despertam as palavras, as tratam como música e inventam onomatopeias. Sabem que a vida não cabe inteira na palavra, mas buscam meios de fazê-las claras, diretas ou expressarem o inefável.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 21.ed. São Paulo: Record, 2000. Disponível em <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2018/12/ANDRADE-Carlos-Drummond-A-Rosa-do-Povo.pdf> Acesso em: 31/1/2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Editora UNESP, 1990.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: EdUNB/Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **Bakhtin: conceitos-chave** (Org.). São Paulo: Contexto, 2005.

CASTORINA, José Antonio et al (Orgs.). **Piaget-Vigotski: novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 1995.

FARACO, Carlos Alberto et al. (Orgs.) **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996

LEFEBVRE, Henri. **La Présence et l’absence**. Paris: Casterman, 1980.

\_\_\_\_\_. Claude Lévi-Strauss e o novo eleatismo. In: LEFEBVRE, Henri, Et. All. **Debate sobre o Estruturalismo**. São Paulo: Editora Documento, 1968. p. 7-53.

\_\_\_\_\_. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. **La somme e le reste** . Paris : Méridiens Klincksieck, 1989.

\_\_\_\_\_. **Critique de la vie quotidienne**. Introduccion Vol. I. Paris : Larche Editeur, 1958.

\_\_\_\_\_. **Critique de la vie quotidienne**: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté. Paris : Larche Editeur , 1961.

LEFEBVRE, Henri Et. All. **Debate sobre o estruturalismo**. São Paulo: Editora Documento, 1968.

LUTFI, Eulina Pacheco; SOCHACZEWSKI, Suzana; JAHNEL, Tereza Cabral. As representações e o possível. In: MARTINS, José de Souza. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 87-97.

MARTINS, José de Souza. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

ROSA, João Guimarães. Noites do sertão. In \_\_\_\_\_. **João Guimarães Rosa: ficção completa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão.

STAN, Robert. **Bakhtin**: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 2000

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem**: Bakthin, Vygostky e Benjamin. 2.e. Campinas-SP: Papyrus, 1995.

VYGOTSKI, Lev S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Cone e Editora da USP, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Formação social da mente**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989a.

WATTERSON, Bill. **O melhor de Calvin e Haroldo**. São Paulo: Editora Conrad, 2018.

# Novas janelas e a roda de mãos dadas

Marília Oliveira da Silveira Santos Montel<sup>1</sup>

O grande movimento é a volta.  
João Guimarães Rosa em “Nada e a nossa condição” (2017, p. 1363).

Entrei para a Oficina de Leitura Guimarães Rosa-IEB/USP no início de 2019, atraída por uma matéria do *Jornal da USP*. Vinha de muitos anos trabalhando numa profissão muito feliz (a cenografia), mas com dia a dia tão desgastante (eventos corporativos), que me sentia mentalmente cansada e necessitada de alguma atividade que me trouxesse outro ar, precisava tirar prazer, deleite, de algo diferente, e queria muito retomar um hábito que vinha perdendo, a leitura.

Tinha também um quê de desafio e de oportunidade: enfim, conseguiria entender, me encontrar com esse autor “difícil”, que eu amei em “A terceira margem do rio”, estranhei em “A hora e vez de Augusto Matraga”, mas que abandonei imatura e um pouco confusa em *Grande sertão: veredas* aos 16 anos? Será que com a ajuda de um coletivo, de estudiosos e amadores, eu agora, mais madura, após os 40, conseguiria compreender aquela literatura? Devia ser no mínimo interessante ler em grupo, será que era coisa prazerosa também? Ritualística? Religiosa?

Era mesmo tudo isso! Quanta gente, de toda idade, de diferentes vozes, alguns sotaques e origens diversos, com buscas próprias, mas todos imbuídos da vontade de

---

<sup>1</sup> Arquiteta e urbanista (FAU-Mackenzie, 1999), especialista em Gestão Cultural (SENAC, 2012).  
E-mail: [marsilveira@gmail.com](mailto:marsilveira@gmail.com)

ler, de um espírito de curiosidade investigativa de entender mais, mais amplo, ou mais profundo, ou mais detalhado, cada palavra, cada intenção, cada trecho. E de ouvir o outro, de trocar. Lá estávamos a cada quarta-feira, sentados em roda, degustando cada palavra, os seus sons, ouvindo em múltiplas vozes a voz de Riobaldo. Sim, o sertão se abria, se desvelava, pouco a pouco. Os sons e os seus significados iam se assentando numa memória musical do cantar da família da minha mãe, mineira, de expressões, lendas e figuras que faziam parte da minha ancestralidade e da minha infância.

E as paisagens, as roupas, os cheiros, os pássaros, as plantas, as gentes, iam se formando na minha cabeça, tudo tão visual, sonoro, familiar! Tinha eu estado naqueles sertões? Tinha um pouco de memória e de saudade – um céu azul, um cheiro de poeira no ar, coisas que vivi na infância em Brasília, mas também de coisas e lugares que eu ainda não conhecia.

De repente, mudando de emprego, em maio, não deu mais para estar presencialmente na USP às 18 horas às quartas-feiras. O trajeto de 16 km na paulistana hora do rush seria obstáculo intransponível. Mas eu já tinha começado a travessia, precisava persistir na aventura, e agora vislumbrava o caminho das pedras: ler em voz alta e ler ritualisticamente, a cada sete dias, sempre à mesma hora, sempre por 2 horas. Assim, perguntando no grupo de WhatsApp onde estavam na leitura, eu seguia só, paralela à turma, desbravando palavra a palavra, linha a linha, página a página... E ia acompanhando os comentários, os assuntos transversos, as fotos de plantas e pássaros, as lendas e os rios, que os colegas mandavam no grupo, como cartões-postais que amigos enviam de longas e longes viagens, mas dos mesmos pontos no mapa onde eu também estava passando. Contudo, sentia falta das vozes alheias, e de estar no meio delas.

Até que, em 13 de março de 2020, o mundo inteiro mudou. Subitamente eu estava desempregada, desocupada, desnorteada. Vivíamos a distopia cinematográfica da pandemia na pele, em todos os lugares do planeta. Não se sabia quando nem como tudo iria voltar ao normal, se haveria normalidade, se apenas normalizaríamos a distopia. Tudo suspenso. Encontrar-se com outras pessoas só virtualmente, pelas janelas eletrônicas.

Assim passaram a fazer as escolas, as empresas, até o comércio. Tudo o que ainda seguia funcionando era por meio das telas, da internet. E nunca tínhamos ficado tão ávidos pelos encontros. E nunca a arte pareceu tão importante e salvadora. E o

tempo para ler, ouvir música, falar sobre arte, assistir filmes e mais filmes e mais séries e mais e mais... este sobrava. Mais do que nunca eu precisava da Roda de Leitura de novo, eu queria estar com aquelas pessoas.... Não me bastava ler Guimarães Rosa sozinha em casa e, mais ainda, agora eu ansiava pelos encontros ritualísticos e pelas vozes outras...

Eis que alguém, um dia, no grupo de WhatsApp, propõe: não é possível fazer os encontros no Zoom? Alguém indaga: o que é isso? Outro: como funciona? E assim, rodando e trocando ideias, vislumbrei a solução.

Tenho como companheiro, há quase três décadas, um certo Mauricio, meu marido, profissão *maker*<sup>2</sup>. Para encurtar a história: basta eu falar em voz alta qualquer questão “como fazer (tal coisa)?” que Maurício tem uma solução muito mais rápida e completa do que “a Gugla”. Assim foi. Ele possuía um domínio (site) e por isso, em sua conta Google, podia hospedar reuniões no Google Meet para mais de dez pessoas e por mais do que 1 hora, coisas que eram limitadas em outras plataformas de reuniões virtuais como o Zoom ou para pessoas que não eram assinantes empresariais do Google.

Lancei a ideia no grupo, resolvemos testar. Assim como era no IEB/USP, mantivemos as reuniões às quartas-feiras, das 18 às 20 horas. Creio que era início de abril de 2020. E, como “o mundo não cabe em duas horas” (BOAL, 2019, p. 206), e 2 horas de Rosa são mais do que o mundo às vezes, durante a semana seguinte as conversas sobre a leitura, as pesquisas, as reflexões, seguiam no grupo de WhatsApp.

Eu conectava pela conta cedida (Marcenaria Montel), abria a sala, mandava o link no WhatsApp. E, junto com o Mauricio, ia autorizando uma a uma todas as pessoas. Adotamos a ordem alfabética da lista de pessoas como a ordem para a leitura. Estabeleceu-se, pelo número de pessoas, que, para que todos tivessem a oportunidade de ler pelo menos uma vez a cada encontro, cada um lia cerca de dez linhas e que sempre paráramos a leitura 30 ou 20 minutos antes das 20 horas, para que pudéssemos comentar, trocar experiências e questões.

Como no mundo inteiro, era o festival de “abra o microfone”, “feche o seu microfone por favor”, “vocês me ouvem?”, gafes de câmeras abertas, gente “caindo” da sala... cenas memoráveis e que fazem parte hoje do “folclore” das telereuniões da pandemia.

---

2 “A cultura *maker* se baseia na ideia de que as pessoas devem ser capazes de fabricar, construir, reparar e alterar objetos dos mais variados tipos e funções com as próprias mãos, baseia-se num ambiente de colaboração e transmissão de informações entre grupos e pessoas”. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura\\_maker](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_maker) Acesso em: 20/3/2023.

Em pouco tempo, à coordenação de Regina Pereira, Rosa Haruco Tane e Linda Yazbek Rivitti, juntamo-nos eu, Moisés Sales do Nascimento, Renata Ribeiro, Gabriella Radoll e Paula Felice, estas três mais jovens e mais familiarizadas com a tecnologia, para dar um apoio técnico a quem não conhecia as plataformas de reunião, a quem tinha dificuldade para se conectar e manejar os meios eletrônicos, a administrar e cadastrar os e-mails dos participantes de forma a facilitar as autorizações e centralizar o envio do link de reunião, a gravar e editar os vídeos dos participantes-palestrantes que generosamente aceitavam os convites para falar sobre os seus estudos e trabalhos em torno da obra rosiana.

Muito rapidamente, quase todos já estavam conseguindo superar a “computerfobia” ou o desconhecimento, aprendendo a nadar depois de já estar n’água e, nessa colaboração mútua e voluntária, própria dos momentos de crise que unem as tribos, que fortalecem as aldeias, a Roda dava as mãos e se punha a girar novamente. Em formato online, via plataforma Google Meet.

Como não mais havia fronteiras físicas e distâncias quilométricas, foram se achegando todos os sedentos pelo Rosa, pelo sertão, pela literatura, pelos encontros... participantes de outras cidades, de outros estados e até de outros países – dezenas de vozes e ouvidos e olhos e mentes e corações. A Roda crescia a cada semana!

Enfim, num ambiente inusitado, a “igreja” continuava, o ritual de sorver aquela literatura, de se deixar (e)levar pelas palavras, pela estória, e ainda a escutar, investigar, aprender com tanta gente tão diferente em idades, origens, saberes, sotaques. Estávamos em plena travessia do Liso do Sussuarão, no livro e na pandemia, sem perspectiva de fim, sem vacina, sem governo, com pouquíssima esperança, mas com a palavra do Rosa e aquelas 2 horas semanais tão mágicas! Eram a fé de que o Liso ia passar e a alegria de que não tínhamos perdido a nossa Roda. Ao contrário, nos agarrávamos a ela como náufragos à espera do socorro, ou da praia.

Para mim, a Roda era aconchego e propósito. Eu ansiava por abrir a sala às 18 horas, uma vez por semana, como quem realmente recebe os amigos em sua casa.

Ávidos também estávamos de produzir arte, de criar, de nos ocupar. Melhor dizendo, eu, ainda desempregada, desocupada e um tanto assustada com o mundo “real” pandêmico. Mas creio mesmo que era o espírito geral em muitas pessoas, pois a criatividade das coordenadoras e o comprometimento das “meninas da técnica”, como

logo ficamos conhecidas, eram tal que em poucos meses já tínhamos produzido várias palestras<sup>3</sup>, um Sarau<sup>4</sup> e dezenas de podcasts para o canal do IEB/USP<sup>5</sup>.

Aqui, um parêntesis, ou melhor, uma vereda. Recebi da Rosa Haruco Tane a missão de falar brevemente sobre as águas do cerrado, os seus rios, riachins, cursos d'água, inspirando-me em outros dois áudios, uma narração de “Riachinho Sirimim” por Tiago Goulart e a música “Caminho de rio”, de Jean Garfunkel<sup>6</sup>. Tal feitura me exigiu um grande exercício de organização das ideias, concentração e esforço de escrita, há muitos anos adormecida. Mas até essa caminhada mental, criativa, foi um frescor, um respiro, verdadeira vereda nos meus dias áridos pandêmicos. Engraçado como eu-artista precisava criar para existir, ainda que fosse em outra área que não as especialidades da cenografia.

Tantas e tamanhas criações de todo aquele grupo, tão potente, iam estreitando ainda mais as relações e aumentando a admiração entre os membros da Roda e a paixão por Guimarães Rosa, enquanto alimentavam o acervo virtual da Oficina e do IEB/USP. Isso tudo nos deu a oportunidade e a ideia de propor à instituição, que antes nos cedia uma sala para os encontros, que novamente nos desse abrigo, mas agora nos cedendo um e-mail @usp para que a Oficina pudesse ter acesso ao “pacote” Google Suit (e-mail, drive, canal no YouTube, Google Meet etc.). Hoje a memória já é enevoada, mas creio que estávamos em metade de 2020, início de agosto provavelmente. Tínhamos terminado a leitura de *GSV* e, já saudosos de Diadorim e Riobaldo, entramos, por “Campo geral”, a passos miguilins, em *Corpo de baile*.

E nos preparávamos para o grande evento do ano: a Semana Roseana Corpo de baile, virtual, organizada em parceria com o IEB/USP<sup>7</sup>. Deu trabalho, exigiu empenho

---

3 Em 6/5/2020, A tradução de *Grande sertão: veredas* para o inglês – Palestra com Alisson Entekin; Em 10/6/2020 tivemos As travessias de Adélia Prado e Guimarães Rosa - Palestra de Gisele Toledo <https://www.youtube.com/watch?v=IU3YZ1CgH3g&t=32s>; Em 12/8/2020 o Prof. Frederico Camargo, do IEB, fala sobre a obra *Corpo de baile* [https://www.youtube.com/watch?v=octNp1NA\\_bM&t=70s](https://www.youtube.com/watch?v=octNp1NA_bM&t=70s) Acesso em: 20/3/2023.

4 Sarau Oficina de Leitura Guimarães Rosa – 1º de julho de 2020 [https://www.youtube.com/watch?v=m9y5dB\\_0KIM&t=138s](https://www.youtube.com/watch?v=m9y5dB_0KIM&t=138s) Acesso em: 20/3/2023.

5 Conteúdos produzidos pelos participantes da Oficina e amigos rosianos convidados, com curadoria das coordenadoras da Oficina, veiculados nos canais do IEB/USP nas plataformas de streaming. Disponíveis em <https://podcasters.spotify.com/pod/show/difusieb> Acesso em: 5/4/2023.

6 Episódio de podcast do IEB. Destaco o de nº 155 – Riachinho Sirimim (por Marília Silveira, Tiago Goulart e Jean Garfunkel) <https://open.spotify.com/episode/3vVdFXCU5A5BL9cF8aGKX8> Acesso em: 20/3/2023.

7 Evento organizado pela Professora Sandra Vasconcelos. Para saber mais visitar o site <https://www.fflch.usp.br/2554> Acesso em: 5/4/2023.

e as competências do grupo, incluindo tantos artistas, professores, pesquisadores e amantes do Rosa, participantes diretos ou amigos da Roda. Novamente a leitura da obra ia em consonância com as criações paralelas da Oficina, éramos um corpo de baile mesmo. E a Semana foi um espetáculo! Bem-feitinha que só, teve um cartaz lindo de divulgação, obra conjunta minha e da Gabriella Radoll, também arquiteta e designer, mesas-redondas com palestrantes maravilhosos, vídeos de narrações emocionantes, sarau de encerramento, e foi um sucesso em termos de audiência e de realização por todos os envolvidos. Capítulo muito feliz mesmo nesta trajetória conjunta. Sempre-alegre-miguilim!

Na criação do cartaz/fôlder virtual de divulgação, outra eu-artista resgatada e agora em movimento. Primeiro a pesquisa sobre *Corpo de baile*, sobre Poty, o grande artista ilustrador da obra rosiana, as paisagens do sertão, as pessoas e cenas do Brasil profundo retratadas por Portinari, as obras do Grupo de Bordado Teia de Aranha<sup>8</sup>, um coletivo de artistas bordadeiras que criam com base em obras literárias e já haviam trabalhado sobre *Corpo de baile*, as fotografias de Eugênio Silva para a revista *O Cruzeiro* da expedição de Rosa com os vaqueiros em 1952, as composições, os contrastes e as técnicas de Poty e as suas xilogravuras, Matisse e os seus recortes... e daí a inspiração e a vontade de experimentar e de se experimentar nesta técnica.

Primeiro teste: um croqui em recorte, num papel de rascunho, singelo, com uma lapiseira, uma tesoura, um estilete. Assim nasceu um buriti delicado e branco, de pouco mais de um palmo. Seria a semente de uma ideia e o grande eixo vertical da composição, que ainda era uma névoa de referências e palavras na minha cabeça.

---

8 O grupo Teia de Aranha produz bordados com base na literatura de Guimarães Rosa, Mia Couto e Euclides da Cunha. Para saber mais: “Live Grupo Teia de Aranha: da prosa ao bordado”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RUuCQiwYFHc> Acesso em: 25/3/2023.



As imagens do processo estão intercaladas a esta narrativa e todas são fotos de minha autoria e as publiquei nas minhas redes sociais (Facebook e Instagram).

Mostrei às colegas da técnica e da coordenação. Elogiosas e generosas me incentivaram a trilhar aquele caminho. Segui.

Aí veio a ciranda das sete meninas para me alegrar, trazer vida, luz, infância, música. Inspirada pelas sete irmãs (mãe e tias) mineiras, que com certeza muito brincaram de roda, pelas referências de Cândido Portinari, pelos bordados coloridos do Teia de Aranha e pela própria Roda de Leitura Guimarães Rosa, pois estar em roda era assim, pura alegria e vida.



“Mas o mais bonito que tem mesmo, no mundo é boi” (ROSA, 2017, p. 378), lembrei dessas palavras de Guimarães Rosa em “Campo geral”. Então nasciam o vaqueiro e a sua boiadinha, numa estrada de chão batido... essa cena, esses personagens, que permeiam o sertão rosiano tinham que estar! Com as referências de outras cenas de tropas e boiadas, como os quadros de Durval Pereira<sup>9</sup>, que passam há três gerações nalgumas paredes das casas da minha família, construí a cena com um movimento sinuoso do horizonte, a ida, rumo a.



Não por acaso, no meio do processo, a novela central de *Corpo de baile* havia de ser materializada: o Morro (da Garça) então surgiu para dar o seu recado. Unindo e delimitando céu e Terra, metafísico, astrológico e natural, terreno, sempre horizonte-horizontal ele passaria a ser o segundo eixo da composição, formando “encruzilhada” com o tal qual formoso, simbólico e imponente buriti.

---

9 “Durval Pereira nasceu na cidade de São Paulo (1918-1984). Aprendeu retocar fotografias com o senhor José Piciochi, indo trabalhar como retocador por conta própria e cinegrafista do governo, sem, no entanto, abandonar a pintura. Em 1944, recebeu o Primeiro Prêmio Menção Honrosa no Salão Paulista de Belas Artes. Foi viver da pintura. Em 1946, estudou Artes Plásticas na Associação Paulista de Belas Artes. Recebeu inúmeros prêmios e participou de muitas exposições coletivas, dentro e fora do Brasil. (...) Considerado pelos americanos como o maior impressionista dos tempos atuais.” Informações retiradas do site do artista em <https://www.durvalpereira.com/> Acesso em: 26/3/2023.



Dias depois, no momento de aplicar as cores, após uma palestra de José Miguel Wisnik sobre *Corpo de baile*, tínhamos por certo que deveria ser ele vermelho-sangue, pulsando de violência e transformação.

Faziam-se necessários mais alguns elementos terra-dia e céu-noite bem simbólicos, como o sol, a lua, estrelas matissianas cintilantes... A roseira e a rosa em botão trazendo a sensualidade presente em “A estória de Lélío e Lina” e no perfumado “Dão-Lalalão”; e o balão das festividades sertanejas de “Uma estória de amor”.



E, por fim, os pássaros do cerrado. As “epifanias aladas”, segundo Regina Pereira. Um imponente e misterioso urutau, ou mãe-da-lua, ave de hábitos noturnos, que some camuflada nas árvores durante o dia e assusta todos com seus gritos de noite. Uma arara alcançando voo e um bando de maritacas enchendo de vida o céu do sertão!



Todos os recortes iam sendo digitalizados e enviados à parceira de criação Gabriella Radoll que, delicada e cuidadosa, ia testando as cores, a composição, as áreas de texto, equilibrando cheios e vazios, informação escrita e imagens.

Optamos por fazer uma composição quadrada, para que a publicação do Instagram não a mutilasse, que pudesse ser vista em sua totalidade como um quadro, um cartaz, onde as imagens e os textos conversassem e em harmonia simbólica criassem um movimento circular...

**SEMANA ROSEANA CORPO DE BAILE**  
IEB/USP  
e Oficina de Leitura  
Guimarães Rosa

De 28/9 a 2/10/2020

Instituto de Estudos Brasileiros | OFICINA DE LEITURA ROSA GUIMARÃES

**28/09**

Das 15h às 17h  
**Abertura IEBnário Puras Misturas**  
Diana Vidal  
Rosa Haruco Tane  
Sandra Vasconcelos

Das 18h às 18h30  
**Live**  
Com Dôra Guimarães  
Mediação: Sílvia Pinheiro

**29/09**

Das 18h às 20h  
**Mesa-redonda**  
Narração, Canção e Poesia como elementos de transformação em Corpo de Baile  
Apresentação: Linda Yazbek Rivitti  
Convidados:  
Ana Lúcia Magela,  
Fabrício Cesar Aguiar,  
Valéria de Carvalho  
Mediação: Cecília Marks

**30/09**

Das 18h às 20h  
**Roda de Leitura**  
Uma estória de amor

Com participação especial de:  
Clube do Livro do Espaço do Conhecimento da UFMG  
Coordenação: Profa. Cláudia Soares

Roda de Leitura de Andrequicé  
Coordenação: Bárbara Melgaço

**01/10**

Das 15h às 17h  
**IEBnário**  
Apresentação do Arquivo e Biblioteca de João Guimarães Rosa  
Linda Yazbek Rivitti,  
Denise Almeida Silva,  
Daniela Piantola

Das 18h às 18h30  
**Live**  
Com Elisa Almeida  
Mediação: Alfredina Nery

**02/10**

Das 16h30 às 17h  
**Live**  
Com Ronaldo Alves  
Mediação: Elni Elisa Willms

Das 18h às 20h00  
**Sarau**  
Coordenação: Paula Felice e Regina Pereira

FICHA TÉCNICA IEB/USP  
Diretoria: Diana Vidal  
Divisão de Apoio e Divulgação: Pedro Rolfe

Oficina de Leitura Guimarães Rosa  
Coordenação: Linda Yazbek Rivitti  
Regina Pereira  
Rosa Haruco Tane  
Equipe técnica: Gabriella Radoll, Marília Silveira, Paula Felice, Renata Ribeiro  
Edição de áudio: Iwan Silva

Arte: Gabriella Radoll e Marília Silveira  
@gabricellaradoll @mariliamontel

Cartaz virtual criado para a Semana Roseana Corpo de baile - IEB/USP e Oficina de Leitura Guimarães Rosa, 2020.

Mas queríamos que toda a programação, assim como num fôlder físico, também pudesse ser fracionada em nove quadrados menores para a divulgação de cada dia da Semana, podendo ser usado no formato post-carrossel ou dia a dia. Afinal, as redes sociais são um grande veículo de divulgação, em tempos de distanciamento social

quase o único, e queríamos anunciar o nosso evento para o maior número possível de pessoas<sup>10</sup>.

Nos encontros semanais online, mais gente se achegava, alguns com constância e assiduidade, outros quando era possível, pois os trabalhos, os cursos, os cuidados, os cansaços limitavam. Fomos mais de 90 participantes nessas rodas online e nunca menos de 40. Quarta-feira após quarta-feira íamos percorrendo as novelas do *Corpo de baile*, e o “doismilevinte” infinito findava.

No livro perdemos o Dito<sup>11</sup> para o tétano e eu quase que não consigo ler, embargada nas lágrimas minhas e de Miguilim. No planeta perdemos milhões, no país milhares, e entre eles, Aldir Blanc, para a Covid. Enlutados e lutando seguíamos, cada vez mais imbuídos de cooperação e força do coletivo. E, neste espírito, nesta luta, como resultado de outras mãos dadas em outra enorme roda, surge a lei emergencial para o auxílio aos trabalhadores da Cultura, a Lei Aldir Blanc.

O governo de São Paulo, por meio da sua Secretaria de Cultura e Economia Criativa, então, abre os editais do ProAC Expresso LAB 2020<sup>12</sup>, ainda no fim daquele ano, com o intuito de regar e poder distribuir essa verba emergencial para projetos culturais.

Entre os mais novos participantes da Roda, na época morando em Itu, estava a Élide Marques, rosiana de longa data, cantora, produtora, empreendedora cultural, atriz, narradora e – o que para mim era novidade total, vejam que ignorância a minha! – leitora pública. De verdade verdadeira ela é tudo isso e muito mais: é uma agitadora cultural, uma provocadora, uma semeadora de ideias e vontades-dentro-da-gente que a gente nem sabia que estavam ali. Élide nos chamou: Regina, Rosa, Linda, Renata, Gabriella, Paula e eu, para uma reunião online, queria fazer uma proposta. Que tal, dado o sucesso da Semana Roseana Corpo de baile daquele ano, fazermos um projeto similar e submeter a um edital do ProAC LAB? Ou fazermos projetos individuais contando das nossas experiências profissionais e culturais? Se tínhamos realizado tudo aquilo com nenhum recurso financeiro, não conseguiríamos fazer algo ainda melhor e maior com

---

10 Confira o vídeo com a programação de um quadro por dia e completa em <https://www.youtube.com/watch?v=Zm9IPnbltj0> Acesso em: 31/3/2023.

11 “Campo geral” (ROSA, 2017).

12 ProAC é o Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo que destina recursos diretos, por meio de editais, para a realização de projetos culturais diversos. Em 2020, como forma de distribuição da verba da Lei Aldir Blanc, de apoio emergencial ao setor cultural, é criado o ProAC Expresso LAB.

verba para remunerar a todas nós e a artistas, técnicos, artesãos, palestrantes, outros agitadores culturais?

Ah, mas era isso o que me faltava! De fato, não faltava mais. Se “o que a vida pede da gente é coragem”, a provocação estava feita, a vontade do fazer, da realização prática, borbulhava de novo em mim. Era hora de resgatar aquela fazedora, planejadora, a gestora, a produtora que já tinha feito um lindo projeto cultural contemplado pelo ProAC em 2013<sup>13</sup>. Afinal, nada tínhamos a perder, a equipe era forte, a vontade era muita, então era hora de voltar a campo.

Nos dias, nas semanas seguintes, muito trabalho de equipe para pesquisar, escrever, dar a forma e orçar, ou seja, *projetar* o que viria ser o Janelas Roseanas. Pela experiência prévia, ainda que adormecida há muitos anos, e pelo fato de eu ter uma empresa que se enquadrava nos quesitos, fui a proponente e produtora geral do projeto. Projeto inscrito, crescia a expectativa a cada publicação do DOE (Diário Oficial do Estado de São Paulo): lista de inscritos (sim, estamos!); comunicados de problemas com documentação (ufa, não estamos!); respostas a saneamento de falhas (não... seguimos à espera) ... lista de selecionados! Xi... cadê?... Lista de suplentes: Epa! Olha o Janelas lá! Mas nessa posição de classificação será que vai dar pé? É pouco provável, que pena... E qual a nota? Oito e tanto, quase 9,0! Vejam só, até que para um primeiro projeto dessa turma não fomos nada mal...Valeu a experiência, vamos tentar de novo ano que vem, quem sabe?

Dos outros projetos, o edital para “pessoas físicas”, 2 de 3 também em suplência: O viajante literário, da Regina Pereira, e Design para divulgação eletrônica – a experiência do fôlder virtual da Semana Roseana Corpo de baile, meu e da Gabriella, mas lá nos longínquos ordinários acima de 300... sei lá que “éizimos” lugares.

Vida seguiu, felizmente escapando da Covid, apoiando-me no parceiro, na irmã e na sobrinha, na mãe, para segurar as pontas e pagar as contas. As afinidades, os fortes laços de amizade construídos com algumas pessoas da Roda e da Rodinha da Roda foram aparecendo: nas artes, no amor aos passarins e gatinos, na indignação política, na literatura, no artesanato, nas admirações mútuas.

No fim do ano uma notícia incrível e feliz, presente de Natal: a verba da Lei Aldir Blanc seria suficiente para contemplar todos os projetos inscritos e, contanto

---

13 Catálogo digital do acervo do Museu de Psiquiatria CAIS – Santa Rita do Passa Quatro.

que não tivessem nenhum impedimento de documentação ou de quesitos básicos para o edital, ou seja, estivessem classificados como suplentes, seriam estes projetos então contemplados com os prêmios dos editais!

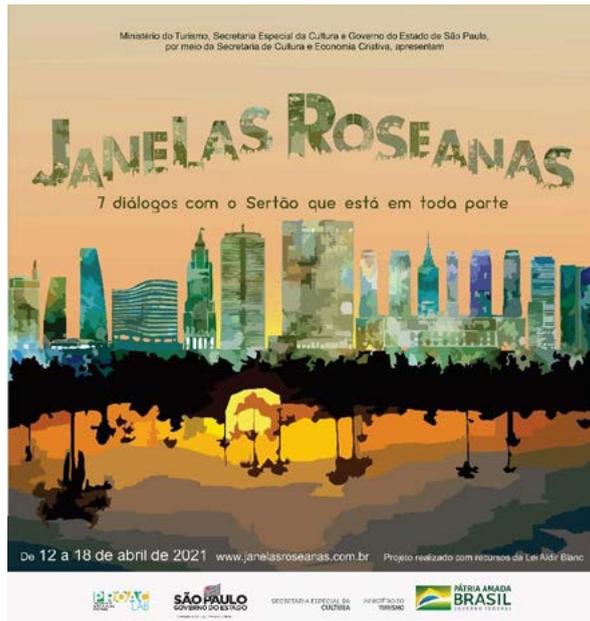
Num misto de euforia, alegria e ansiedade, cuidei de todas as medidas burocráticas o mais rápido possível: abrir conta no Banco do Brasil, enviar as muitas certidões e documentos, assinar contrato com a Secretaria. Passamos a nos reunir online quase todos os dias da semana e, por telefone e WhatsApp não parávamos de trocar ideias, dividir tarefas, organizando tudo, da curadoria e convites aos palestrantes, da contratação de profissionais de todas as áreas (jurídica, artística, técnica, administrativa, produção, design, audiovisual etc.) ao roteiro das apresentações, dos ensaios técnicos às artes de divulgação, do planejamento das redes sociais ao acompanhamento da edição de cada vídeo... De tudo eu fiz, em pequena ou em grande ou em toda parte e encontrei uma ressonância e tamanhas qualidades e capacidades nas minhas companheiras de equipe que seria injusto nomear ou enumerar quem, o quê ou quando. Houve também conflitos e noites insones, claro. A busca do alto nível, o senso de responsabilidade, a urgência dos prazos, a resolução de questões importantes administrativas e jurídicas cobravam agilidade, resiliência, esforço, atenção, dedicação. Mas cada dia era superação, muito trabalho e muito aprendizado. Novamente, em plena crise da pandemia, eu estava fazendo algo que eu amava, com propósito, e toda a minha dedicação e energia voltadas para uma realização conjunta. A arte e a criatividade me animavam e me enchiam de vida.

E foi nessa feitura que a minha Roda amada vinha a se ampliar ainda mais, e mais roseana ficava, à medida em que eu ia conhecendo cada uma das pessoas que vinham fazer parte daquela construção e generosamente abriam suas Janelas, mostrando as suas pesquisas, os seus saberes, as suas artes e o seu amor ao Rosa: Tiago, Cecília, Márcia, Brasinha, Fernanda, Dôra, Elisa, Gil, Fabio, Paraca, Andre, Luís Antônio, Rioco, Cláudia, Cristina, Beth, Ronaldo, as bordadeiras da Samarra, Fátima, Jean, a própria Élide, e tantos outros...que roda gigante e potente!

Em menos de quatro meses, que valeram por quatro anos, ia ao ar o Janelas Roseanas<sup>14</sup>. Orgulho, alegria, experiência para guardar para sempre.

---

14 Veja-se toda a grandiosa produção em <https://www.youtube.com/@JanelasRoseanas> Acesso em: 20/3/2023.



Arte de divulgação do festival Janelas Roseanas – criação de Tiago Goulart

Nas semanas seguintes, como quem arruma e limpa a casa após a festança, o meu trabalho ainda seguia com finalização de pagamentos, relatório final e prestação de contas à Secretaria. Nos meses seguintes fui pousando novamente no chão, após essa viagem quase espacial em que as Janelas me lançaram.

Agora, meados do segundo semestre de 2021, a Oficina já tinha uma “casa própria” com o Google Meet, as coordenadoras, após a experiência intensa do Janelas Roseanas, já estavam mais familiarizadas com o mundo eletrônico e “as meninas da técnica”, Renata, Gabriella e Paula, todas de maneira voluntária, dedicadas e generosas, seguiam firmes, fazendo a Roda girar. Esse mesmo segundo semestre de 2021 chegou com o velho fazer de arquiteta de eventos, viajando, coincidentemente para “os Gerais”, com a vacina recém-tomada e a máscara na cara, ainda temerosa da pestilência. Mas os tempos de desolamento e isolamento tinham passado. Eu voltava a ser apenas uma participante da Oficina, tentando estar presente sempre que possível naquele ritual da leitura, gostando de ouvir tantas vozes, experiências e questões, ainda mais apaixonada por Guimarães Rosa e com um sentimento de que tenho, hoje, novos-velhos amigos de infância que um dia o sentar em roda para ler um grande autor me trouxe. E outros tantos virão.

## Referências bibliográficas

BOAL, Augusto. Poética do Oprimido. In: \_\_\_\_ **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Editora 34, 2019

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão. Volume 2: Grande Sertão: veredas; Primeiras estórias; Tutameia (Terceiras estórias); Estas estórias; Ave, palavra!

# Os 51 podcasts produzidos pela Oficina de Leitura em 15 meses

Elni Elisa Willms<sup>1</sup>

O primeiro podcast produzido pelo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB data de 15/4/2020<sup>2</sup>, embora ele não tenha sido produzido pela Oficina de Leitura Guimarães Rosa. O primeiro podcast produzido pela Oficina de Leitura Guimarães Rosa é o de nº 23<sup>3</sup>, com o nome **Oficina de Leitura Guimarães Rosa: o prazer de ler em grupo, em voz alta**, narrado por Regina Pereira, publicado em 11/5/2020.

É preciso lembrar que em 11/3/2020 a Organização Mundial da Saúde decretou estado de pandemia em decorrência do coronavírus. De uma hora para outra, aqui no Brasil e em todo o mundo, escolas, universidades, empresas e muitos trabalhadores – os professores, por exemplo – que realizavam os seus trabalhos presencialmente tiveram que fazer uso de diversos recursos das mais diferentes plataformas digitais. Pode-se afirmar que o aprendizado se fez na marra, ou seja, como professores ou dominávamos as técnicas de trabalho online ou então os nossos estudantes ficariam completamente abandonados durante o tempo de vigência do confinamento que, naquele momento inicial, ninguém sabia quanto iria durar.

---

1 Professora da UFMT e do PPGEDU da Universidade Federal de Rondonópolis.

2 Conforme consta em <http://www.ieb.usp.br/podcast> Acesso em: 5/12/2022.

3 Disponível em <https://anchor.fm/difusieb/episodes/023--Oficina-de-Leitura-Guimares-Rosa-o-prazer-de-ler-em-grupo--em-voz-alta-por-Regina-Pereira-edtioh> Acesso em: 6/12/2022.

Foi um tempo extremamente difícil para todos os brasileiros do ponto de vista dos riscos à saúde inclusive pelo desconhecimento sobre o SARS-COV-2 (coronavírus Covid-19), além de uma série de descasos do então Governo Federal com a sua necropolítica de não apoiar vacinas e, além disso, propagar a eficácia de remédios para piolhos para tratar uma doença viral. Dia a dia acompanhávamos o aumento das estatísticas de mortes pela Covid-19.

Foi neste cenário de caos que a Oficina de Leitura Guimarães Rosa passou a acontecer em formato online. Lembro que em 2 de abril de 2020 eu fiz contato pelo Messenger com uma das coordenadoras da oficina, a Regina Pereira, pois vi em seu Facebook uma postagem que contava sobre a experiência de realizar a Roda de Leitura online. Imediatamente pedi para também fazer parte, pois, como moro em Cuiabá, tinha deixado de participar presencialmente, e no formato online eu poderia voltar às alegrias das leituras rosianas, algo que eu experimentara quando da estadia em São Paulo durante o doutorado, de 2011 a 2013.

No âmbito brasileiro, em 2006 Ana Carmen Foschini e Roberto Romano Taddei produziram um pequeno manual em que contam a história dos podcasts, explicam como se faz e os conceituam:

É um meio veloz de distribuir sons pela internet, um neologismo que funde duas palavras: iPod, o tocador de arquivos digitais de áudio da Apple, e broadcast, que significa transmissão em inglês. O podcast tem vários programas, ou episódios, como se fosse um seriado. Os arquivos ficam hospedados em um endereço na internet e, por download, chegam ao computador pessoal ou tocador. [...] Essa nova forma de comunicação está associada a uma mudança de comportamento: ouvir, na hora e lugar mais convenientes, programas obtidos na rede. Você ouve, em um esquema talhado sob medida para seu desejo e necessidade, um programa de rádio, um caso, um “causo”, uma entrevista ou mesmo uma aula. (FOSCHINI E TADDEI, 2006, p.9)<sup>4</sup>.

A coordenadora Rosa Haruco Tane conta que quando recebeu, da parte do IEB, o convite para fazer os podcasts ela nem sabia o que era isso, parecia-lhe uma linguagem

---

4 FOSCHINI, A.; TADDEI, R. 2006. Conquiste a Rede: podcast. São Paulo. Disponível em: [https://www.terra.com.br/informatica/pdfs/conquiste\\_a\\_rede\\_podcast.pdf](https://www.terra.com.br/informatica/pdfs/conquiste_a_rede_podcast.pdf) Acesso em: 24/7/2023.

alienígena quando uma tarde Pedro B. de Meneses Bolle, Chefe Técnico da Divisão de Apoio e Divulgação do IEB, ligou e convidou a Oficina para participar. Conversando com as outras coordenadoras, Linda Rivitti e Regina Pereira, todas se mostraram muito entusiasmadas, embora nenhuma soubesse muito bem como fazer.

Rosa ainda lembra que a iniciativa do IEB foi da ex-diretora Diana Vidal, pois em vários momentos da sua gestão ela convidava a Roda de Leitura para realizar eventos roseanos. Além de podcasts, ela convidava para fazer seminários, IEBnários, para escrever na *Revista do IEB*, e deu toda retaguarda para a Oficina funcionar online durante a pandemia. Rosa lembra que as equipes do IEB, principalmente a do Arquivo e a da Biblioteca, sempre convidaram participantes da Oficina para conhecer os acervos de Guimarães Rosa assim como foram parceiras nas atividades programadas pela Oficina de Leitura, nas Semanas Roseanas de Cordisburgo e no projeto Sertão Mundo da UFMG.

Num trabalho coordenado por Pedro Bolle no IEB começaram, então, a ser produzidos os podcasts, tendo a Renata Ribeiro, naquele momento uma participante relativamente nova da Roda de Leitura, pois participa desde 2018, alinhado toda a parte técnica com as gravações dos áudios recebidos dos participantes da Oficina. Além disso, a coordenadora Regina Pereira fez os resumos que acompanham as descrições dos podcasts.

Rosa Haruco Tane conta que as pessoas convidadas a participar eram os colegas da Oficina de Leitura e outros que cruzaram os caminhos da nossa travessia roseana. Cada uma com o seu olhar, com a sua história profissional e de vida contribuiu para registrar em suas narrativas orais algum aspecto inusitado da sua relação com as obras de João Guimarães Rosa. As assim chamadas de “Meninas da técnica” foram fundamentais: Renata Ribeiro, Paula Felice e Gabriella Radoll, pois fizeram todo o processo de orientar as gravações e depois finalizar as edições.

Como avaliação desta produção pode-se afirmar que foi um momento importante tanto para os que participaram como para os colegas ouvintes encantados com as narrativas diversificadas e com apresentações artísticas de qualidade que, de uma forma ou de outra, enaltecem a obra rosiana.

Do quadro abaixo podemos destacar que no período de 11/5/2020 a 23/8/2021, portanto, em 15 meses, foram produzidos 51 podcasts com o selo da Oficina de Leitura.

Constam da lista mais oito podcasts que tratam de João Guimarães Rosa, porém foram produzidos por outras pessoas de fora da Oficina. No total somam mais de 7 horas de gravações (7h07min e 34 segundos). Um trabalho gigantesco, feito a poucas mãos e muito esforço. As pessoas aprenderam a fazer fazendo, com os poucos recursos que tinham, nas horas de descanso, fim da noite ou madrugada, em meio a outros trabalhos, estudos e ocupações – tudo isso em meio ao redemoinho da pandemia. A todas essas pessoas, especialmente as “Meninas da técnica”, Renata Ribeiro, Paula Felice e Gabriella Radoll, a Regina Pereira, a Rosa Haruco Tane e ao Pedro Bolle, agradecemos. Temos à disposição um registro oral organizado sob a forma de podcast que evidencia os movimentos de intensos estudos gerados no âmbito da Oficina de Leitura Guimarães Rosa. É, também, uma rica fonte de pesquisa e está à disposição de todos, gratuitamente!



Com esse ícone estão identificados os podcasts da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, hospedados, a partir de maio de 2020, no portal do IEB-USP: <http://www.ieb.usp.br/podcast/>

Nº IEB	TÍTULO	POR	DATA	MIN	RESUMO	LINK DE ACESSO
023	01) Oficina de Leitura Guimarães Rosa: o prazer de ler em grupo, em voz alta	Regina Pereira	11/5/2020	7:14	A história, a trajetória e as realizações da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, atividade que reúne semanalmente leitores apaixonados por Guimarães Rosa numa sala do IEB, onde se encontra abrigado o grande acervo do autor.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/023--Oficina-de-Leitura-Guimares-Rosa-o-prazer-de-ler-em-grupo--em-voz-alta-por-Regina-Pereira-edtioh">https://anchor.fm/difusieb/episodes/023--Oficina-de-Leitura-Guimares-Rosa-o-prazer-de-ler-em-grupo--em-voz-alta-por-Regina-Pereira-edtioh</a>

25	02) Oficina de Leitura Guimarães Rosa: a formação da Oficina	Renata Ribeiro	13/5/2020	11:38	O texto do professor Dieter Heidemann nos conta a história da formação da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, na sequência as narrações de Mônica Gama e Roberto Soares relatam a experiência da imersão na leitura em Roda.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/025--Oficina-de-Leitura-Guimares-Rosa-a-formao-da-Oficina-por-Renata-Ribeiro-ee0eqv">https://anchor.fm/difusieb/episodes/025--Oficina-de-Leitura-Guimares-Rosa-a-formao-da-Oficina-por-Renata-Ribeiro-ee0eqv</a>
30*	03) Sagarana alemã: Guimarães Rosa, um diplomata em Hamburgo (1938-1942)	Pedro Marques das Neves	26/5/2020	08:58	A trajetória do escritor e diplomata João Guimarães Rosa durante seus anos atuando como Cônsul-Adjunto na cidade de Hamburgo, em meio à Segunda Guerra Mundial.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/030---Sagarana-Alem-Guimares-Rosa--um-diplomata-em-Hamburgo-1938-1942-por-Pedro-Marques-eelj60">https://anchor.fm/difusieb/episodes/030---Sagarana-Alem-Guimares-Rosa--um-diplomata-em-Hamburgo-1938-1942-por-Pedro-Marques-eelj60</a>
031	04) A arte nos salvando das horas brutas	Maria do Socorro Mesquita	27/5/2020	11:37	Socorro, integrante da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, narra a sua aproximação com o autor e com grupo de leitura.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/031---A-arte-nos-salvando-das-horas-brutas-por-Maria-do-Socorro-Mesquita-eeqtrq">https://anchor.fm/difusieb/episodes/031---A-arte-nos-salvando-das-horas-brutas-por-Maria-do-Socorro-Mesquita-eeqtrq</a>
033	05) Calina Guimarães e o Grupo Miguilim	Maria do Socorro Mesquita e Elisa Almeida	29/5/2020	11:45	Elisa Almeida apresenta um breve histórico do nascimento da Grupo Miguilim, focalizando o papel fundamental de Calina Guimarães, prima de João Guimarães Rosa, como idealizadora do projeto.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/033---Calina-Guimares-e-o-Grupo-Miguilim-por-Maria-do-Socorro-Mesquita-e-Elisa-Almeida-Narrao-Evelyn-Guedes-eeo06n">https://anchor.fm/difusieb/episodes/033---Calina-Guimares-e-o-Grupo-Miguilim-por-Maria-do-Socorro-Mesquita-e-Elisa-Almeida-Narrao-Evelyn-Guedes-eeo06n</a>
35	06) A miopia de Miguilim	Dôra Guimarães, Narração: João Vitor, Letra/ música: Wagner Dias e Élide Marques	2/6/2020	9:57	A delicada dobradinha narração e música narra a infância de Miguilim, personagem marcante de Guimarães Rosa, de “Campo geral”, das novelas de <i>Corpo de baile</i> .	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/035--A-Miopia-de-Miguilim-por-Dra-Guimares--Narrao-Joo-Vitor-Letramsica-Wagner-Dias-e-lida-Marques-eethnl">https://anchor.fm/difusieb/episodes/035--A-Miopia-de-Miguilim-por-Dra-Guimares--Narrao-Joo-Vitor-Letramsica-Wagner-Dias-e-lida-Marques-eethnl</a>

36	07) O Liso do Sussuarão	Tiago Goulart	3/6/2020	14:58	A sofrida travessia do mítico Liso do Sussuarão, episódio de <i>Grande sertão: veredas</i> , na voz de Tiago Goulart, contador de estórias de Cordisburgo.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/036---O-Liso-do-Sussuaropor-Tiago-Goulart-eeutct">https://anchor.fm/difusieb/episodes/036---O-Liso-do-Sussuaropor-Tiago-Goulart-eeutct</a>
37	08) O pacto	Fábio Barbosa	3/6/2020	13:47	Forte narrativa do pacto que Riobaldo, personagem de <i>Grande sertão: veredas</i> , teria feito (ou não), na voz de Fábio Barbosa, do grupo Caminhos do Sertão, de Cordisburgo.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/037---O-Pacto-por-Fbio-Barbosa-ef08hv">https://anchor.fm/difusieb/episodes/037---O-Pacto-por-Fbio-Barbosa-ef08hv</a>
38	09) Os heterônimos de Guimarães Rosa	Marise Hansen	5/6/2020	13:40	A heteronímia é o traço mais conhecido da poesia de Fernando Pessoa. No entanto, pouca gente sabe que João Guimarães Rosa também criou seus heterônimos.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/038---Os-heteronimos-de-Guimares-Rosa-por-Marise-Hansen-ef1gkk">https://anchor.fm/difusieb/episodes/038---Os-heteronimos-de-Guimares-Rosa-por-Marise-Hansen-ef1gkk</a>
39	10) O sertão está em toda parte	Contadores de estórias	8/6/2020	14:47	Trechos de <i>Grande sertão: veredas</i> narrados por contadores de Morro da Garça, Cordisburgo, Chapada Gaúcha e São Paulo.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/039---O-serto-est-em-toda-parte-por-contadores-de-estrias-ef5a99">https://anchor.fm/difusieb/episodes/039---O-serto-est-em-toda-parte-por-contadores-de-estrias-ef5a99</a>
50*	11) Vozes dos Sertões da Amazônia	Willi Bolle	23/6/2020	11:04	Refazendo a viagem dos naturalistas alemães Spix e Martius, precursores de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/050--VOZES-dos-SERTES-da-AMAZONIA-por-Willi-Bolle-efqciu">https://anchor.fm/difusieb/episodes/050--VOZES-dos-SERTES-da-AMAZONIA-por-Willi-Bolle-efqciu</a>
51	12) Dôra contadora, Dôra inventora	Socorro Mesquita e Dôra Guimarães	24/6/2020	16:05	Socorro Mesquita, da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, traça um perfil poético da contadora de estórias e mestra dos Miguilins Dôra Guimarães, que narra um trecho de “O burrinho pedrês, do livro <i>Sagarana</i> .”	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/051---Dra-contadora--Dra-inventora-por-Socorro-Mesquita-e-Dra-Guimares-efs2q7">https://anchor.fm/difusieb/episodes/051---Dra-contadora--Dra-inventora-por-Socorro-Mesquita-e-Dra-Guimares-efs2q7</a>

52	13) As astúcias de Riobaldo e Diadorim	Ana Lúcia Magela	25/6/2020	14:10	As astúcias de Diadorim e Riobaldo e a condição humana. Dois personagens de Guimarães Rosa analisados pela perspectiva da professora Ana Lúcia Magela.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/052---As-astcias-de-Riobaldo-e-Diadorim-por-Ana-Lcia-Magela-ef1j3">https://anchor.fm/difusieb/episodes/052---As-astcias-de-Riobaldo-e-Diadorim-por-Ana-Lcia-Magela-ef1j3</a>
54	14) A barquejada	Jean e Joana Garfunkel	29/6/2020	11:13	Jean Garfunkel narra “Sete de Ouros”, episódio acontecido em Três Marias durante uma barquejada pelo São Francisco na Semana de Manuelzão. E com Joana Garfunkel interpreta “O primeiro encontro”.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/054--A-barquejada-por-Jean-e-Joana-Garfunkel-eg3c2j">https://anchor.fm/difusieb/episodes/054--A-barquejada-por-Jean-e-Joana-Garfunkel-eg3c2j</a>
55	15) Museu Casa Guimarães Rosa	Ronaldo Alves de Oliveira	30/6/2020	12:58	O coordenador do Museu Casa Guimarães Rosa, Ronaldo Alves de Oliveira, fala sobre as atividades desenvolvidas num dos museus mais importantes do país, que adotou a concepção de museu vivo, espaço aberto a múltiplas atividades.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/055--Museu-Casa-Guimares-Rosa-por-Ronaldo-Alves-de-Oliveira-eg4ifm">https://anchor.fm/difusieb/episodes/055--Museu-Casa-Guimares-Rosa-por-Ronaldo-Alves-de-Oliveira-eg4ifm</a>
57	16) A morte do riachinho	Linda Yazbek Rivitti	2/7/2020	9:22	Narração do belo e comovente trecho da morte do riachinho, de “Uma estória de amor”, uma das sete novelas de <i>Corpo de baile</i> .	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/057---A-morte-do-riachinho-por-Linda-Yazbek-Rivitti-eg7c1c">https://anchor.fm/difusieb/episodes/057---A-morte-do-riachinho-por-Linda-Yazbek-Rivitti-eg7c1c</a>
58	17) A geografia roseana	Fábio Barbosa	3/7/2020	12:14	A relação de Guimarães Rosa com a geografia em texto de seu discurso de posse, em 1945, como titular da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/058---A-geografia-Roseana-por-Fabio-Barbosa-eg8n5l">https://anchor.fm/difusieb/episodes/058---A-geografia-Roseana-por-Fabio-Barbosa-eg8n5l</a>
59	18) Os olhos de Riobaldo	Leticia Calmon	6/7/2020	10:05	Narração de trecho do amor de Riobaldo por Diadorim, de <i>Grande sertão: veredas</i> .	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/059---Olhos-de-Riobaldo-por-Letcia-Calmon-egcm00">https://anchor.fm/difusieb/episodes/059---Olhos-de-Riobaldo-por-Letcia-Calmon-egcm00</a>

60	19) Um convite das receitas ao amor: Aracy Guimarães Rosa e seus manuscritos culinários	Tania Biazioli	7/7/2022	16:39	Nos cadernos de receitas de Aracy, esposa de Guimarães Rosa, que fazem parte do acervo do IEB, vemos surgir a culinária cosmopolita alemã em vez da culinária regionalista mineira. Vemos também um convite das receitas ao amor nos nomes dos doces e das bebidas.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/060---Um-convite-das-receitas-ao-amor-Aracy-Guimares-Rosa-e-seus-manuscritos-culinarios-por-Tnia-Biazioli-egdsm5/a-a2a7fos">https://anchor.fm/difusieb/episodes/060---Um-convite-das-receitas-ao-amor-Aracy-Guimares-Rosa-e-seus-manuscritos-culinarios-por-Tnia-Biazioli-egdsm5/a-a2a7fos</a>
64	20) Um leitor que se constrói	Maria Valéria	13/7/2020	12:30	Depoimento sobre a importância da Roda de Leitura e dos narradores na construção da relação leitor-autor	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/064---Um-leitor-que-se-constri-por-Maria-Valria-egma3b">https://anchor.fm/difusieb/episodes/064---Um-leitor-que-se-constri-por-Maria-Valria-egma3b</a>
67	21) A descoberta de Cordisburgo	Neli Martins	16/7/2020	16:16	A fruição da beleza, da alegria, das cores e do céu onde as estrelas brilham com mais agarre de alegria na Semana Roseana de 2019.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/067---A-descoberta-de-Cordisburgo-por-Neli-Martins-egqtq7">https://anchor.fm/difusieb/episodes/067---A-descoberta-de-Cordisburgo-por-Neli-Martins-egqtq7</a>
80	22) Iluminando Tutameia	Mônica Gama	4/8/2020	16:37	Considerações sobre <i>Tutameia</i> , o último livro publicado por Guimarães Rosa em vida, o “alforge da sua poética”, um enigma a ser decifrado.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/080--Iluminando-Tutameia-por-Mnica-Gama-ehlrj6">https://anchor.fm/difusieb/episodes/080--Iluminando-Tutameia-por-Mnica-Gama-ehlrj6</a>
83	23) Festa na Samarra	Dallena Freitas e narradores: Cláudia Araújo/ Nuely Oliveira	7/8/2020	13:24	Canção inspirada em “Uma estória de amor”, de <i>Corpo de baile</i> , e trechos narrados por contadores de estória de Três Marias	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/083--Festa-na-Samarra-por-Dallena-Freitas--Cludia-Arajo--Nuely-Oliveira--Narradores-ehql5s">https://anchor.fm/difusieb/episodes/083--Festa-na-Samarra-por-Dallena-Freitas--Cludia-Arajo--Nuely-Oliveira--Narradores-ehql5s</a>
85	24) A carta de Nhorinhá	Maristela Guedes	11/8/2020	16:43	Mais de 60 anos depois, o conteúdo da carta de Nhorinhá a Riobaldo finalmente vem a público. Um texto bem tramado por uma leitora de <i>Grande sertão: veredas</i> .	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/085---A-carta-de-Nhorinh-por-Maristela-Guedes-ei03it">https://anchor.fm/difusieb/episodes/085---A-carta-de-Nhorinh-por-Maristela-Guedes-ei03it</a>
86	25) Brasinha, o objeteiro	Regina Pereira	12/8/2020	09:59	Em Cordisburgo, a Cidade do Livro Vivo, Brasinha, o embaixador do sertão, mantém vivas as estórias que os objetos antigos contam.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/086--Brasinha-o-objeteiro-por-Regina-Pereira-ei1vkd">https://anchor.fm/difusieb/episodes/086--Brasinha-o-objeteiro-por-Regina-Pereira-ei1vkd</a>

88	26) Bordando a literatura	Maria Cristina Ferreira, Rioco Kayano e Beth Ziani	14/8/2020	15:56	As integrantes do grupo Teia de Aranha falam sobre a origem do grupo, as principais realizações e o prazer de bordar coletivamente os textos literários.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/088---Bordando-a-literatura-por-Maria-Cristina-Ferreira-Rioco-Kayano-e-Beth-Ziani-ei51bo">https://anchor.fm/difusieb/episodes/088---Bordando-a-literatura-por-Maria-Cristina-Ferreira-Rioco-Kayano-e-Beth-Ziani-ei51bo</a>
90	27) Grande Minhocão: veredas	Neli Martins	18/8/2022	15:02	Impressões de uma integrante da Oficina de Leitura sobre as atividades dentro e fora do campus.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/090---Grande-Minhoco-Veredas-por-Neli-Martins-eiaonj">https://anchor.fm/difusieb/episodes/090---Grande-Minhoco-Veredas-por-Neli-Martins-eiaonj</a>
92*	28) Participação do IEB na 32ª Semana Rosiana	Diana Vidal, Denise de Almeida e Elisabete Marin Ribas	20/8/2022	10:44	Participação do IEB na 32ª Semana Rosiana. O Acervo de João Guimarães Rosa. Edição: Paulo José de Moura.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/092--Participao-do-IEB-na-32-Semana-Rosiana-por-Diana-Vidal--Denise-de-Almeida-Silva-e-Elisabete-Marin-Ribas-eidhqv">https://anchor.fm/difusieb/episodes/092--Participao-do-IEB-na-32-Semana-Rosiana-por-Diana-Vidal--Denise-de-Almeida-Silva-e-Elisabete-Marin-Ribas-eidhqv</a>
94	29) Ser-Tão natureza	Mônica Meyer	24/8/2020	11:55	A natureza nos textos de Guimarães Rosa, não como cenário, mas como personagem marcante.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/094---Ser-To-natureza-por-Mnica-Meyer-eijc6v">https://anchor.fm/difusieb/episodes/094---Ser-To-natureza-por-Mnica-Meyer-eijc6v</a>
98	30) A redescoberta de Magma	Marise Hansen e Narradores	28/8/2022	14:54	Breve apreciação de <i>Magma</i> , livro de poemas de Guimarães Rosa, e alguns poemas por narradores diversos, mostrando a grandeza desta obra	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/098--A-redescoberta-de-Magma-por-Marise-Hansen-e-Narradores-eipjmk">https://anchor.fm/difusieb/episodes/098--A-redescoberta-de-Magma-por-Marise-Hansen-e-Narradores-eipjmk</a>
111	31) Grande sertão: narrações	Elisa Almeida e Gabriel Viana	17/9/2020	10:45	Três episódios de <i>Grande sertão</i> : “Diadorim minha neblina”, “A morte de Joca Ramiro” e “Joca Ramiro era meu pai”, narrados magistralmente por Gabriel Viana.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/111--Grande-Serto-narraes-Elisa-Almeida-e-Gabriel-Viana-ejphu3">https://anchor.fm/difusieb/episodes/111--Grande-Serto-narraes-Elisa-Almeida-e-Gabriel-Viana-ejphu3</a>

112	32) Artíficos de Rosa	Cleusa Rios P. Passos	18/9/2020	13:13	Entre os artíficos narrativos de Guimarães Rosa destaca-se o de “contar desmanchando”, no qual as estórias criadas têm, paralelamente, alguns de seus aspectos “desenredados”.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/112---Artifcios-de-Rosa-por-Cleusa-Rios-P--Passos-ejr153">https://anchor.fm/difusieb/episodes/112---Artifcios-de-Rosa-por-Cleusa-Rios-P--Passos-ejr153</a>
117	33) Zé Maria: a voz do sertão rosenao	Pedro Cândido, Brásinha e Regina Pereira	25/9/2020	11:08	Um pouco do muito que foi Zé Maria, griô e guardião da obra roseana.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/117--Z-Maria--a-voz-do-serto-roseano-por-Pedro-Cndido--Brasinha-e-Regina-Pereira-ek5hpd">https://anchor.fm/difusieb/episodes/117--Z-Maria--a-voz-do-serto-roseano-por-Pedro-Cndido--Brasinha-e-Regina-Pereira-ek5hpd</a>
118	34) Sertão alquímico	Regina Pereira	28/9/2022	11:55	Panorama geral sobre <i>Corpo de baile</i> , obra mais densamente poética de Guimarães Rosa.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/118---Serto-alquimico-por-Regina-Pereira-ek9e38">https://anchor.fm/difusieb/episodes/118---Serto-alquimico-por-Regina-Pereira-ek9e38</a>
119	35) A poesia de Campo Geral	Fernanda Yazbek Rivitti	29/9/2020	15:08	Um percurso por “Campo geral” como instância narrativa da infância ao mesmo tempo poética e cruel.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/119---A-poesia-de-Campo-Geral-por-Fernanda-Yazbek-Rivitti-ekbfk0">https://anchor.fm/difusieb/episodes/119---A-poesia-de-Campo-Geral-por-Fernanda-Yazbek-Rivitti-ekbfk0</a>
120	36) Dão Lalalão	Dôra Guimarães	30/9/2020	17:02	Narração de trechos da novela “Dão Lalalão”, de <i>Corpo de baile</i> , em recorte feito por Dôra Guimarães.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/120---Do-Lalalo-por-Dra-Guimares-ekddg5">https://anchor.fm/difusieb/episodes/120---Do-Lalalo-por-Dra-Guimares-ekddg5</a>
121	37) A festa de Manuelzão	Mônica Meyer	1/10/2020	18:22	Rico relato de um surpreendente sarau informal no quintal de Manuelzão, em Andrequicé, com a participação de Bindóia, o vaqueiro iletrado que lia com desenvoltura a palavra oral.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/121---A-festa-de-Manuelzo-por-Mnica-Meyer-ekapl4">https://anchor.fm/difusieb/episodes/121---A-festa-de-Manuelzo-por-Mnica-Meyer-ekapl4</a>
122	38) Carta de Miguel	Daniel Krasucki	2/10/2020	17:03	Diálogo ficcional com <i>Corpo de baile</i> , de Guimarães Rosa, com base em discussões surgidas nas rodas de leitura da Oficina de Leitura Guimarães Rosa.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/122---Carta-de-Miguel-por-Daniel-Krasucki-ekgdup">https://anchor.fm/difusieb/episodes/122---Carta-de-Miguel-por-Daniel-Krasucki-ekgdup</a>

139*	39) João Guimarães Rosa en-cena 1	Maira Fanton Dalalio	28/10/2020	14:07	Alguns aspectos teóricos e práticos de uma experiência cênica baseada em passagens de <i>Grande sertão: veredas</i> e intitulada “Atores da violência – atores do diálogo”.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/139--Joo-Guimares-Rosa-en-cena-1-por-Maira-Fanton-Dalalio-elmj6l">https://anchor.fm/difusieb/episodes/139--Joo-Guimares-Rosa-en-cena-1-por-Maira-Fanton-Dalalio-elmj6l</a>
140*	40) João Guimarães Rosa en-cena 2	Henrique de Toledo Groke	29/10/2020	11:40	Aproximação de alguns aspectos estéticos de <i>Grande sertão: veredas</i> , de João Guimarães Rosa, e dos ensaios de Édouard Glissant, escritor martinicano.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/140--Joo-Guimares-Rosa-en-cena-2-por-Henrique-de-Toledo-Groke-eloguq">https://anchor.fm/difusieb/episodes/140--Joo-Guimares-Rosa-en-cena-2-por-Henrique-de-Toledo-Groke-eloguq</a>
141*	41) João Guimarães Rosa en-cena 3	Cláudio Del Puente	3/11/2020	16:26	Traduzindo Guimarães Rosa em imagens. O desafio de materializar palavras mágicas e imagéticas para o palco. A dramaturgia visual, o corpo e o teatro de animação	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/141---Joo-Guimares-Rosa-en-cena-3-por-Cludio-Del-Puente-elvjcd">https://anchor.fm/difusieb/episodes/141---Joo-Guimares-Rosa-en-cena-3-por-Cludio-Del-Puente-elvjcd</a>
146	42) Conversa de bois	Júlio Cesar Bento dos Santos, Fernando Machado e Mariana Huck	10/11/2020	16:02	A estética do carro de boi na obra de Guimarães Rosa analisada por meio do conto “Conversa de bois”, de <i>Sagarana</i> .	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/146---Conversa-de-bois-por-Jlio-Cesar-Bento-dos-Santos--Fernando-Machado-e-Mariana-Huck-em9cls">https://anchor.fm/difusieb/episodes/146---Conversa-de-bois-por-Jlio-Cesar-Bento-dos-Santos--Fernando-Machado-e-Mariana-Huck-em9cls</a>
147	43) Sendas de Rosa	Sussumu Yamaguchi	11/11/2020	15:28	Atendendo a um chamado e orientado pelo <i>Itinerário de Riobaldo</i> , de Alan Viggiano, o caminhante Susumu chega ao Paredão, onde se passou a batalha final de <i>Grande sertão: veredas</i> .	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/147---Sendas-de-Rosa-por-Sussumu-Yamaguchi-emb37o">https://anchor.fm/difusieb/episodes/147---Sendas-de-Rosa-por-Sussumu-Yamaguchi-emb37o</a>
148	44) A descoberta de Guimarães Rosa	Elni Elisa Willms	12/11/2020	18:11	Como o encontro com a obra de Guimarães Rosa e a Oficina de Leitura iluminou os caminhos da educadora Elni Willms.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/148--A-descoberta-de-Guimares-Rosa-por-Elni-Elisa-Willms-emcjk3">https://anchor.fm/difusieb/episodes/148--A-descoberta-de-Guimares-Rosa-por-Elni-Elisa-Willms-emcjk3</a>

150*	45) “Fita verde”, de Guimarães Rosa, e “Chapeuzinho Vermelho”	Adélia Bezerra de Meneses	16/11/2020	20:44	Depois de uma breve reflexão sobre a função dos contos de fada, a proposta é um rápido cotejo entre os contos de Perrault e de Guimarães Rosa – a ser complementado, no podcast seguinte, com uma abordagem comparativa de “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/150--Fita-Verde-de-Guimares-Rosa-e-Chapeuzinho-Vermelho-por-Adlia-Bezerra-de-Meneses-emht5p">https://anchor.fm/difusieb/episodes/150--Fita-Verde-de-Guimares-Rosa-e-Chapeuzinho-Vermelho-por-Adlia-Bezerra-de-Meneses-emht5p</a>
151*	46) “Fita verde”, de G. Rosa, e “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque	Adélia Bezerra de Meneses	17/11/2020	19:37	Na esteira do cotejo entre Perrault e Rosa (do podcast anterior), a proposta é abordar comparativamente o texto de Chico Buarque, apontando o nível psicológico em Chapeuzinho Vermelho, o metafísico em “Fita verde no cabelo” e o poético em “Chapeuzinho Amarelo”.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/151--Fita-Verde-de-G--Rosa-e-Chapeuzinho-Amarelo-de-Chico-Buarque-por-Adlia-Bezerra-de-Meneses-emjdp6">https://anchor.fm/difusieb/episodes/151--Fita-Verde-de-G--Rosa-e-Chapeuzinho-Amarelo-de-Chico-Buarque-por-Adlia-Bezerra-de-Meneses-emjdp6</a>
153	47) Cordisburgo, a Casa da Palavra	Magna Martins e Regina Pereira	19/11/2020	12:40	Um tour poético por Cordisburgo, a Cidade do Livro Vivo, em duas narrações.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/153--Cordisburgo--a-Casa-da-Palavra-por-Magna-Martins-e-Regina-Pereira-emmaqp8">https://anchor.fm/difusieb/episodes/153--Cordisburgo--a-Casa-da-Palavra-por-Magna-Martins-e-Regina-Pereira-emmaqp8</a>
154	48) Andrequicé, passado, presente e futuro	José Vicente de Souza	23/11/2020	17:27	A rica história de Andrequicé, cenário da obra de Guimarães Rosa e polo de cultura vibrante do sertão.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/154--Andrequic--passado--presente-e-futuro-por-Jos-Vicente-de-Souza-emseje">https://anchor.fm/difusieb/episodes/154--Andrequic--passado--presente-e-futuro-por-Jos-Vicente-de-Souza-emseje</a>
155	49) Riachinho Sirimim	Marília Silveira, Tiago Goulart e Jean Garfunkel	23/11/2020	16:47	Narração do belo poema em prosa “Riachinho Sirimim”, de <i>Ave, palavra</i> , por Tiago Goulart, com música de Jean Garfunkel e apreciações de Marília Silveira.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/155--Riachinho-Sirimim-por-Marilia-Silveira--Tiago-Goulart-e-Jean-Garfunkel-emsell">https://anchor.fm/difusieb/episodes/155--Riachinho-Sirimim-por-Marilia-Silveira--Tiago-Goulart-e-Jean-Garfunkel-emsell</a>

156	50) Verde Alecrim	Elisa Almeida	24/11/2020	09:50	Narração do intrigante trecho Verde Alecrim, de <i>GSV</i> , um pequeno povoado regido pelo matriarcado.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/156--Verde-Alecrim-por-Elisa-Almeida-emu01a">https://anchor.fm/difusieb/episodes/156--Verde-Alecrim-por-Elisa-Almeida-emu01a</a>
157	51) Um Miguilim, dois narradores	Eulina Pacheco Lufti	25/11/2020	14:09	Uma análise das vozes narrativas e dos tempos verbais de “Campo geral”, a infância de um certo Miguilim.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/157--Um-Miguilim--dois-narradores-por-Eulina-Pacheco-Lufti-emvhtml">https://anchor.fm/difusieb/episodes/157--Um-Miguilim--dois-narradores-por-Eulina-Pacheco-Lufti-emvhtml</a>
165	52) Semana Roseana 2020	Alfredina Nery	7/12/2020	17:31	A festa roseana, mesmo virtualmente, deu o recado de Guimarães Rosa: narrar é resistir. Trilha sonora “Semeando Rosa”	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/165--Semana-Roseana-2020-por-Alfredina-Nery-enfrnj">https://anchor.fm/difusieb/episodes/165--Semana-Roseana-2020-por-Alfredina-Nery-enfrnj</a>
166	53) Passarins e aves do Rosa	Neli Defensor Martins	8/12/2020	15:04	Narração de texto adaptado de “Campo geral” reunindo os passarinhos do Mutum.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/166--Passarins-e-aves-do-Rosa-por-Neli-Defensor-Martins-enh919">https://anchor.fm/difusieb/episodes/166--Passarins-e-aves-do-Rosa-por-Neli-Defensor-Martins-enh919</a>
178	54) Grande sertão: entonações	Élida Marques e Wagner Dias	12/2/2021	16:47	Dois trechos de <i>Grande sertão: veredas</i> , “Manuelzinho da crôa” e “O primeiro encontro”, narrados e cantados por Élida Marques.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/178--Grande-serto-entonaes-por-lida-Marques-e-Wagner-Dias-egaa6d">https://anchor.fm/difusieb/episodes/178--Grande-serto-entonaes-por-lida-Marques-e-Wagner-Dias-egaa6d</a>
180	55) Grande sertão: narrações	Silvia Pinheiro, Regina Pereira, Dôra Guimarães e Tiago Goulart	26/2/2021	13:53	Trechos de <i>Grande sertão</i> narrados por quatro vozes. Trilha sonora de Wagner Dias	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/180--Grande-serto-narraes-por-Silvia-Pinheiro--Regina-Pereira--Dra-Guimares-e-Tiago-Goulart-er4eni">https://anchor.fm/difusieb/episodes/180--Grande-serto-narraes-por-Silvia-Pinheiro--Regina-Pereira--Dra-Guimares-e-Tiago-Goulart-er4eni</a>

181	56) Os amores de Riobaldo	Elisa Almeida, Rafael Silva e Elson Barbosa	5/3/2021	16:52	Três sensíveis narrações dos amores de Riobaldo em textos recortados de <i>Grande sertão: veredas</i> .	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/181---Os-amores-de-Riobaldo-por-Elisa-Almeida--Rafael-Silva-e-Elson-Barbosa-erlh11">https://anchor.fm/difusieb/episodes/181---Os-amores-de-Riobaldo-por-Elisa-Almeida--Rafael-Silva-e-Elson-Barbosa-erlh11</a>
186	57) Sons de festejos da Samarra	Neli Martins e Vitor Bahia	15/4/2021	15:17	Narração de trechos de “Uma estória de amor”, de <i>Corpo de baile</i> , intercalados com quadras da novela musicadas por Vitor Bahia.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/186--Sons-de-festejos-da-Samarra-por-Neli-Martins-e-Vitor-Bahia-cuva03">https://anchor.fm/difusieb/episodes/186--Sons-de-festejos-da-Samarra-por-Neli-Martins-e-Vitor-Bahia-cuva03</a>
189	58) Um ator em busca do personagem	Gilson Barros	11/6/2021	15:01	O ator de teatro Gilson Barros conta como foi o processo que o levou a encontrar o seu recorte de <i>Grande sertão: veredas</i> e o tom do Riobaldo que ele levou ao palco.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/189---Um-ator-em-busca-do-personagem-por-Gilson-Barros-e12jt78">https://anchor.fm/difusieb/episodes/189---Um-ator-em-busca-do-personagem-por-Gilson-Barros-e12jt78</a>
195	59) Urucuia, rio de amor	Neli Martins	23/8/2021	16:34	Da mescla de textos teóricos com trechos de <i>Grande sertão: veredas</i> emerge a alta dimensão do Urucuia na obra de Guimarães Rosa.	<a href="https://anchor.fm/difusieb/episodes/195--Urucuia--rio-de-amor-por-Neli-Defensor-Martins-e16bf7a">https://anchor.fm/difusieb/episodes/195--Urucuia--rio-de-amor-por-Neli-Defensor-Martins-e16bf7a</a>

TOTAL EM HORA/MINUTOS 7:07,34

SOMENTE SELO OFICINA

\*Embora oito não tenham sido produzidos no âmbito do selo dos podcasts da Oficina Guimarães Rosa, por tratar de Rosa, constam desta lista.

## TRAVESSIA IV - Ensaaios ficcionais



Bordado de Cleisa Moreno Maffei Rosa  
Foto de Alderon Costa

# A viagem do sertão aflora

Silvia De Ambrosis Pinheiro Machado<sup>1</sup>

A Roda de Leitura Guimarães Rosa é expressão de um grande giro cultural que segue por mil sertões. À flora. Ainda hoje, este movimento cultural espalha a sua seiva por vastas ramificações e folhagens: projetos literários, acadêmicos, socioeducativos, cinematográficos, dramáticos, plásticos, museológicos, expedicionários, turísticos, ecológicos, artesanais... Em São Paulo, tudo isso brotou nos meados da década de 1990, mais ou menos 30 anos após a morte do grande escritor, partindo de viagens de gente paulistana ao encontro do sertão rosiano: pessoas, lugares, paisagens, histórias e estórias. Um verdadeiro e duradouro movimento cultural que mereceria ser estudado tal como já se estudou a Semana de 22, a Bossa Nova, o Tropicalismo, o Cinema Novo, o Clube de Esquina, o Kuarup, o Bumba Meu Boi, o Carnaval, o Rap... Movimentos e manifestações culturais que engendram raízes profundas em pessoas e grupos porque são cheios de vida criativa e regenerativa. A arte viva!

A Oficina de Leitura Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, nome oficial da mencionada Roda, insere-se nesse movimento cultural e abre dutos para o fluxo da substanciosa seiva rosiana. Não à toa,

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica. Doutora em Letras pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre as canções de ninar brasileiras, sob orientação da Profa. Dra. Adélia Bezerra de Meneses. Autora do livro *Canção de ninar brasileira: aproximações*, SP: EDUSP, 2017. Coordenadora de Projetos Socioeducativos, Culturais e Puericulturais, da Estação Maylasky. Texto escrito em Maylasky-SP, janeiro-fevereiro de 2023.

a Roda, nascida no início dos anos 2000, desabrochou Rosa total em giro internacional, durante a pandemia da Covid-19, em 2020. Em reuniões virtuais, ela revitalizava os seus participantes, alimentando-os de esperanças, por ser encontro, sim, mas mais porque a literatura de Rosa é feita de perspectivas infinitas. Regenera. O que até então era um veio ligando São Paulo a Minas Gerais alastrou-se por mais lugares-mundo. Aflorou. Neste ponto brota o projeto de pós-doutorado da professora Elni Elisa Willms, da Universidade Federal de Mato Grosso, com pesquisa sobre a Oficina de Leitura. A convite dela preparei este depoimento em forma de carta de viagem, onde narrarei um fato que, revisitado agora, trouxe-me um novo sentido: creio ter sido batizada, com madrinha e tudo, na primeira viagem que fiz a Cordisburgo. Foi mesmo um marco da minha chegada, à *la paulistana séria e descrente de magia*, à Cidade do Coração.

A carta foi escrita logo que cheguei da mais recente viagem à cidade de Rosa. Antes dela, situo brevemente a minha participação na Roda.

A minha primeira experiência de leitura coletiva da obra do Rosa deu-se em 2002, em Cordisburgo. Acontecia a XIII Semana Rosiana, organizada pela Academia Cordisburguense de Letras, pelo Museu Casa Guimarães Rosa e pela recém-formada Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, e tinha como livro-base *Noites do sertão*. Paralelamente à programação oficial, um grupo de paulistas e mineiros se reunia eventualmente para ler trechos de *Grande sertão: veredas*. Na XIV Semana Rosiana, em 2003, cujo tema foi: “Primeiro Encontro – Rito de passagem, livro *Grande sertão: veredas*”, participei da Oficina de Leitura, conduzida pelas professoras Neuma Cavalcanti e Sandra Vasconcelos e pela cineasta Marily Bezerra, que se tornou uma grande amiga. O seu curta metragem *rio-de-janeiro, minas*, baseado neste trecho do *Grande sertão: veredas*, foi exibido e comentado naquela ocasião.

Pausa pequena. Marily era uma pessoa cheia de vida, reunidora de pessoas, atenta às potencialidades de cada um, de cada uma, de todos. Identificava esse dom da pessoa e o fazia germinar, brotar, florescer até que o fruto fosse compartilhado numa rede viva de divulgação da obra rosiana. Espírito vivaz, de mil iniciativas, árvore frondosa cheia de seiva literária! Ela disseminou um modo de cultivar a cultura. A Oficina de Leitura Guimarães Rosa do IEB tem suas raízes nesse tempo propício, de ares ponentes marilyzísticos.

Na mesma Semana Rosiana participei também de uma roda onde lemos, além do “Primeiro encontro entre Riobaldo e Reinaldo”, outros trechos do *Grande sertão*.

Mais uma vez foi uma atividade espontânea, movida pelo desejo de ler coletivamente esta grande obra, reunindo mineiros e paulistas. A meu ver ali principiava o movimento de formação da Roda de Leitura no IEB, porque nela já estavam Dieter Heidemann, então membro do corpo diretivo deste Instituto da USP, e Rosa Haruco Tane, ambos fundadores do que veio frutificar, no Seminário Enigma Brasil (IEB/2003), como Oficina de Leitura Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. A escolha por “oficina”, contou-me o Dieter recentemente, deu-se para sublinhar o caráter artesanal-têxtil da atividade de leitura de texto.

No Iebinho, apelido carinhoso que surgiu após a transferência do Instituto para o moderno e amplo conjunto arquitetônico no campus da Universidade de São Paulo, Espaço Brasiliana, iniciamos a leitura coletiva, de ponta a ponta, de *Grande sertão: veredas*, com a voz alemã do Riobaldo falada pelo Dieter. Era um outro som do “sertão que está em toda parte”: tão longe, tão perto! Houve até uma maratona de leitura, nesta não estive, em que os participantes viraram a noite lendo no Iebinho.

E mais vida rosiana naqueles inícios do século XXI em São Paulo: o ensaio do “Romanço do Boi Bonito” para lançar, no Museu da Casa Brasileira, a Casa da Cultura do Sertão de Morro da Garça, projeto arquitetônico de Luís Antônio Jorge e Flávia Zelenowisky, realizado na gestão municipal de José Maria de Castro Matos, coordenado pela Fátima Coelho e Castro, a “fadinha do sertão”, assim apelidada por suas tantas realizações e generosidades; o lançamento de *Correspondência de João Guimarães Rosa, Vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess – Ooó do Vovô*; a comemoração dos 50 anos de *Grande sertão: veredas* em seminário e publicação do *Dossiê Guimarães Rosa* na Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP; e as várias pesquisas e estudos das cadernetas e cadernos de Guimarães Rosa, oportunizadas pelas atenciosas zeladoras do acervo João Guimarães Rosa no Arquivo do IEB. Mais, admiradores de Rosa paulistas continuavam indo a Minas Gerais e mineiros continuamente vinham a São Paulo. A seiva literária conduzindo movimentos migratórios sazonais. Transumâncias culturais.

Outra pausa pequena. Ali no Iebinho, depois da partida da Marily, em 2007, e da ida de mudança do Nhô Dito, nome de batismo sertanejo do Dieter, para o Morro da Garça, a Oficina de Leitura foi sendo cuidadosa e perseverantemente cultivada pela Rosa Haruco Tane com sessões de leitura, de apresentação de trabalhos acadêmicos, de visitas ao arquivo do IEB, de palestras, de passeios e percursos literários por São Paulo, de programações de viagens pelo sertão, de exibição de filmes e documentários,

de encontros e conversas com diretores, de visitas dos Miguilins e de outros narradores de histórias, de audiência de músicos, poetas atuais e de contadores de causos, de divulgação incansável de trabalhos educativos, musicais, dramáticos, literários... Era a Rosa, era a boa mão da cultivadora de flores. Germinavam aquelas sementes que o vento ponente marilyzístico, feito de ares amorosos aromáticos rosianos, havia disseminado nos paulistanos.

Acompanhando os novos tempos do Instituto de Estudos Brasileiros, modernizado em tecnologia e espaço arquitetônico, a Oficina de Leitura Guimarães Rosa consolidou-se. A jardineira Rosa Haruco Tane acompanhou bem e atentamente esse tempo, formou uma equipe de coordenação, convidando para ela Linda Rivitti e Regina Pereira, e uma equipe de tecnologia, com a colaboração da Renata Ribeiro, Paula Felice e Gabriella Radoll. Essas equipes são hoje a força motriz da Oficina ou de uma usina propulsora de energias. Em São Paulo, o sertão de Rosa é também um jardim caprichosamente cultivado pela Rosa.

Relatei até aqui lembranças de acontecimentos em São Paulo, desse caudaloso movimento cultural. Lembranças compõem a história. Agora, evem a carta, já que havida uma pré-história. Tudo que aflora começa por incertos tempos... na forma de três pontinhos, três Marias, três pedrinhas... às vezes, sementinhas espalhadas por ventanias!

À carta.

São Paulo, 10 de janeiro de 2023.

Querida professora Elni,

“De tarde, como estava sendo, esfriava um pouco por pejo de vento, o que vem da Serra do Espinhaço, o vento com todas as almas.”

Ouvi recentemente esta frase de *Grande sertão: veredas*, vinda das profundas afinações de Tiago Goulart, narrador de voz inteira, com a fala de Riobaldo. Aqui, ela vem de epígrafe. Carta pode ter epígrafe? “Pão ou pães é questão de opiniões.” Sim, trechos do Rosa e alusões à sua obra entrarão aqui. Seus ares. Peço licença e a bênção ao nosso padim João. Venho te contar uma certa pré-história.

Acabei de retornar de uma rodada e tanto, viagem de 12 dias, na passagem de 2022 para 2023. Chamei-a de Viagem do Sertão Aflora. Explico-me: compadre meu, André Vallias, poeta que é, sabendo dela por fotos de flores que lhe enviei, agradeceu-me as

imagens do “sertão a flora”. Inspirada no trocadilho poético, batizei a rodada. Andei pelo centro e noroeste do estado de Minas Gerais. Percorri com uma amiga, Áurea Gil, a Serra do Espinhaço. Aquela que nos leva ao rio Jequitinhonha e que permite vislumbrar, de sua alta culminância, a bacia do rio Doce – para lá leste... ao mar; e a do São Francisco – para cá oeste... ao sertão. Sol nascente e ponente. Uma serra que abriga duas vias históricas: a Estrada Real e o Caminho dos Escravos.

Pedrinha miudinha de aruana, êh!  
Lajedo, pedrinha de aruana êh!  
(Domínio público)

Minas Gerais, todo interior, não faz face para o mar. Mas a areia da Cachoeira do Lajedo, em Milho Verde, é finíssima fofa feita da alvice de nuvem do céu! Uma praia, de lagoas d’água!

Pedrinha miudinha de aruana, êh!  
Lajedo, pedrinha de aruana êh!  
(Domínio público)

Diamante. Dia. Diá.

Diamantina, para mim, assim como Paraty, guarda o ressonar pulsante dos sofrimentos da história colonial do Brasil. Senti o ar pesar ao pisar nas pedras das ruas de Diamantina, o antigo Arraial do Tijucu, em tupi, lama negra. O mesmo pesar de ar que me envolveu quando registrei a canção de ninar de Dona Santinha, canção que ela ouvia a sua mãe “cantar como reza” e que veicula um provável desespero infanticida – traços orais doloridos da violência colonizadora e escravocrata no Brasil. Este registro ocorreu na Praia Panema, situada em uma região onde aportavam navios negreiros para desembarque dos escravizados que seriam comercializados em Paraty, cidade porto, ponto final, da Estrada Real.

Não chora menino,  
Não chora meu anjinho,  
que a faca que corta  
é um golpe sem dor,

livrando meu anjo  
daquele pavor.

(Cantadora: Dona Santinha. Praia Panema, Paraty, RJ. Setembro de 2010)

Pois! O final dessa recente viagem pelo sertão – e motivo inicial dela – foi assistir ao remate das Folias de Reis, no dia 6 de janeiro, em Cordisburgo, a convite entusiasmado do Ronaldo Alves, diretor do Museu Casa Guimarães Rosa. Recomendo muito. Folia de Reis e Pastorinhas ainda sobrevivem, graças a Deus Menino que não para de nascer. A cantiga cantada como reza pela dona Santinha começa assim:

Senhora lavava  
José estendia  
Menino chorava  
Com frio que fazia.

O filho de rico  
Em cama forrada  
E vós meu menino  
Em palha, deitado.

(Cantadora: Dona Santinha. Praia Panema, Paraty, RJ. Setembro de 2010)

Recomendo também, tecendo Minas Gerais com São Paulo, conhecer as pastorinhas visitadoras de presépios, curiosas para ver o menininho recém-nascido nas manjedouras, em São Luiz do Paraitinga, cidade paulista situada no topo da Serra do Mar. Sertãozinho cinematográfico pertinho do Oceano Atlântico.

No presépio de Belém  
Nasceu o nosso redentor  
E mostrando logo ao nascer  
Pelos homens o seu amor.  
E mostrando logo ao nascer  
Pelos homens o seu amor!

Adoremos e louvemos  
A Deus Filho encarnado.

Foi por nossa salvação  
Que nasceu tão desprezado.  
Foi por nossa salvação  
Que nasceu tão desprezado.

(Cantiga de origem desconhecida, entoada pelas Pastorinhas de São Luiz do Paraitinga, há mais de 80 anos. Em seguida ao canto, proclama-se a oração: “Sagrada Família/ abençoai esse lar./ Menino Jesus/ reinai em nossos corações./ Viva Cristo Rei!” Cantadora: Rosa Maria Antunes, Coordenadora das Pastorinhas, Dança de Fitas e Coroação de Nossa Senhora. São Luiz do Paraitinga, SP. Janeiro de 2020.)

Minas de novo. Em São Gonçalo do Rio das Pedras conheci Dona Helena, que montou um presépio permanente em sua casa. Uma sala inteirinha reservada para ele. A Vovó Izidra de Miguilim, ali presentificada. Tinha soldadinho? Tinha. Trem de ferro? Não alembro. Casinha, tinha muitas. Estrela-guia? Tinha. Boizinhos e burrinhos e ovelhas e pastores e reis, e Maria e José e o bebezinho na manjedoura? Tudo tinha. Você vê Belém e Jerusalém, rodeados de luzinhas. Sabe o quê? Cada lampadinha, uma fogueirinha de São João. E tudo se ascende e se reza!

Dona Helena, antes, escrevia cartas. Comunicava uns com os outros dos uns, os familiares que ali ficaram aguardando o retorno dos que partiram, viajantes por trabalho, para cidades capitais. Perguntei: Pastorinhas, ainda tem aqui? “Teve muito! Sabe o que acabou? Falta de união. Menina cresce vai pra escola. Escola? Sabe como é. Hum, intrigas delas. Uma xinga, briga, capora no recreio... ficam de mal. Ah! Vai ter a pastorinha? Uma já não vinha. Eu que não vou não, que eu sou de mal com ela. Pronto! Não vestem mais o avental, o lencinho...nem querem se encontrar e cantar a cantiga. Tudo é isso: a união, a educação e o respeito cabe em toda repartição” – pontuou ela, encerrando rimado o assunto. E abriu o canto.

Era uma hora  
quando o galo deu sinal  
que nasceu o menino Deus  
numa noite de Natal.

Pastorinha do deserto  
Corram todas, venham ver

A pobreza da Lapinha  
Onde Cristo quis nascer.

Ele podia nascer  
No colchão de ouro em pó.  
Pra mostrar exemplo ao mundo,  
Nasceu pobre como Jó.

Deus lhe pague a esmola  
Desse pai de família.  
Há de ser muito ajudado  
Da Virgem Santa Maria.

Deus lhe pague a esmola  
Dada pra quem está ausente.  
O milagroso São Gonçalo  
Ele traz aqui presente.”

(Cantadora: Dona Helena Siqueira Torres. São Gonçalo do Rio das Pedras,  
MG. Dezembro de 2022).

No Morro da Garça, já ao anoitecer, outra Helena, a mãe da Malu! Ela veio com a pequerrucha no colo visitar o Dieter, que tinha saído pra Rádio Ciranda. De longe, ouvíamos a cantoria dos Santos Reis em alguma visitaçào de presépio. Lá! Pros lados da Pompeia. Só ouvidos. O Morro fala os seus recados. Foi daí que a pequena viu o sapo. A escultura escondidinha musgonoverdomolenga dela, meio às pedras, no jardim encantador e perfumoso, cultivado pelo Nhô Dito. Mas não é que sapo se virou, digo, chamou um Didi verdade, que estava bem ali, na porta do pé da casa? Deus! Deu-se a cantoria do “Sapo que não lava o pé”. A gente aeioutou juntas: mãe, filha, Áurea e eu ... Às sílabas da canção: “A sapa na lava pá/ ne leve perque ne que/ ili miri li ni ligui, no lovo po, purqu nu cu. Mas qui chulé!” Em mais, já sendo hora de criança na cama, e ainda o sapo Didi verdade estava ali, entoamos baixinho o dorme nenê:

Sapo Cururu  
Na beira do Rio  
Quando o sapo

Grita – óh! maninha  
Diz que está com frio!  
(Domínio público)

Dormimos. Na manhã seguinte, chegamos ao fim, Cordisburgo, o propósito principal da viagem. Na cidade do coração, entre lindas narrações literárias das crianças do grupo Miguilim, no Museu Casa Guimarães Rosa; depois, entre narrações poéticas da Dôra Guimarães, Tiago Goulart e Duda Romanelli, no cantinho literário – agradabilíssimo – do quintal hortejado da casa da Dôra; entre tantas narrativas, ouvi também causos e histórias, como sói ser em toda parte do sertão. Foi assim que soube de um acontecizinho que me remeteu a uma passagem da minha primeira viagem à Cordisburgo, em junho de 2002. Espécie de entrada no mundo real e não ficcional de Guimarães Rosa. Quero dizer: aconteceu uma magia rosiana... de vera vereda. Paragens de ar levezável: o infortúnio virado, num instantizim de nada, em surpresa alegre. Ventos novos! Digo melhor, chegada à pulsação do mundo rosiano... e isso já era o ar a mover a Roda de ler.

Ai eu entrei na roda  
Para ver como se dança  
Eu entrei na contradança  
Eu não sei dançar.  
Lá vai uma  
Lá vão duas  
Lá vão três pela terceira  
Lá se vai o meu benzinho  
De vapor pra Cachoeira.  
(Domínio Público)

Não foi em São Paulo. Não foi em Cordisburgo. Deu-se no meio da travessia... mire e veja, no meio da travessia! Modo de floração encantada no canteiro mágico de Guimarães Rosa. Foi o caso de uma intercorrência rodoviária.

Minuto! Só uma licença de volteio. Vou contar por um outro começo. Narro o que foi que ouvi, em Cordisburgo, nesta última viagem a ver reis e arremates. Disseram-me que um sujeito, viajante, havia sido esquecido pelo motorista do ônibus intermunicipal,

na parada para o jantar. Pasmei! Porque esse é o exato começo da referida pré-história que vim te contar.

Deu-se um dia, quando eu mesma fui esquecida pelo motorista da Viação do carroleito, saído de São Paulo às 21 e 30 com destino a Belo Horizonte, em junho de 2002. Os agentes do guichê da companhia, alocados no Restaurante Lanchonete da Parada, desculpavam-se comigo, alegando que aquilo jamais acontecera antes. Confesso que preferia nem não ter ouvido aquilo, modo de que o raio do azar e infortúnio caíra só e justamente sobre a minha cabeça! Pois, 20 anos depois, na viagem recente para o Sertão Aflora, dou de ouvidos com este mesmo caso, só que agora do homem esquecido. Ôh viu... que o infortúnio sendo de todos! Um homem esquecido. Quem?! O passageiro ou o motorista?! Qual dos dois, o esquecido? Me diga! Quem? A esquecida.

Agora vai. Vai escutando aí: no instante em que voltei para o ônibus e não o avistei na vaga, um arrepio gelado, de noite fria lá fora e abandono cá dentro, atravessou-me. De cara, nem não quis acreditar e fui inventando uma história muda... na Cuca. Que o motorista, talvez, quem sabe... teria levado o ônibus para abastecer?! Já que voltava! Só podia ser, é claro!

Noite escura! Nem não! Nonada!

De então, a diverso tempo, comecei a recriminar a minha própria demora. A fila do banheiro, será? Aquele biscoito fofo, crocantinho, de polvilho amorenado, no forno quente... sabe qual, Elni? Aquele grandioso, dado a formato de encaracolados morros, serras e nuvens. Aquele, que o Tio Vicente do Rosa disse, na infância, apelidado de “ida e volta”, biscoito circunovalado. Ele, mais o pingado de café coado... teria eu, no desfrute do prazeroso saboreio, me alongado? Olhei o relógio. Ainda faltasse bons 5 minutos para a hora da repartida.

E veio a gatura! O que significava aquilo? Ineficácia da Viação? Descaso com o cliente? Falha operacional? Culpa do sistema? E eu lá com tudo isso! Devolvam a minha passagem, digo, o meu assento, ou melhor, o meu lugar... Nada! Tudo era isso, digo à senhora: impotência e desamparo numa noite fria, no meio da travessia São Paulo a Cordisburgo. Nem o atual santo convertido da minha cidade, antes Piratininga, nem o coração da outra, que sempre me atraía, em sua Vista Alegre, davam conta desse recado. O recado do meio.

Corri ao guichê da Viação, perguntei aos agentes: onde estava o ônibus das 21 e 30, saído de São Paulo com destino a Belo Horizonte? Partiu já? Mas esqueceram de mim? Não? Sim? E o agente me pediu tranquilidade. Desculpou-se perobal. Que isso nunca acontecera antes e que já tinha, logo, uma solução: – Vai chegar o próximo carro vindo de São Paulo. O das 22 e 30. A senhora nele retoma sua viagem. – O senhor não me entendeu, insisti. Em BH tenho que embarcar, cedinho da manhã, no Setealagoano para Cordisburgo. E mais, a minha mala? – Não carece de preocupação, disse ele já se impacientando. A sua bagagem desce do carro das 21 e 30, na próxima parada. Já que eu aviso a base; daí mesmo vai ser transferida para o das 22 e 30. – Iiichi! Que que é isso, gente!? desagradada falei, escaldada em desconfiança.

Biscuita agora o vento. De ar vindo, friume de cima, do longo e fino nariz alevantado, o agente confirmou: – Vai dar tempo dona! Agaranto, no fio do bigode; a senhora vai chegar na exata hora do embarque no Setealagoano. Ralutando a fala, desceu vagaroso no em, abriu foi toda a boca de ar no á, e mandou firme: O tem-po-dá! É só correr um tiquim!

Aaaaah, Elni, a senhora sabe o que é a gente se fechar em copas? Pois foi. Travei a minha boca em risco reto, modo de um travessão quieto... Onde já se viu ouviu comandar freguês correr!? Nariz dele era longo empinado? Pois o meu era menina arrebicado! O ar desconfiado entrou frio, saiu gelado! E, de súbito, de dentro, o vento forte vindo do fundo grave: Hum!!! Encarei de sobranceiras cerradas e saí de fasto. Que o jeito mesmo era um só, esperar o tal das 22 e 30.

Daí, de frio, de dó de mim, foi só rezar!

Capelinha de melão  
É de São João  
É de cravo, é de rosa  
É de manjeriçao.

São João está dormindo  
Não me acorde, não.  
Acordai, acordai,  
Acordai, João.  
(Domínio Público)

Vem agora a parte da virada, daquele mim minuto da magia encantada... os levados leves ares! Soprosos! Ventou. São João acordou e ainda chamou seu abençoado João Rosa e todos os seus carneirinhos que viessem me acudir. A senhora pode me acreditar. Sou amornada, latina e ladina! Vai ouvindo aí.

Quando o ônibus que saía de São Paulo às 22 e 30 com destino a Belo Horizonte estacionou, já me pus à porta. Ela mal se abriu, bafo morno de boca, e eu saltei de súbito para dentro. Tudo foi isso, sabe? Queria um lugar.

Busquei, na penumbra, olhos bem abertos, por entre cabeças sonolentas com seus roncões e ressonos de acordar, um assento vago. Unzinho... unzim só... pra me acomodar. Caminhei lenta pelo corredor para não esbarrar em pés erguidos, braços caídos, cabeças adormecidas no vão de passar.

À minha direita, uma mulher ajeitando os cabelos cruzou meu olhar. Esbarrei. Daí foi que muito me acanhei. Recolhi. Nem não queria mirar pessoa desconhecida se arrumando no despertar. Vergonhei. Parecia estar desnudada. E se aquela mulher soubesse, de algum incerto jeito desconhecido, que eu fora esquecida, deixada? Que eu não era dali, nem dali o meu lugar? Desconforme! Vexada, baixei meu olhar. Aguinha salgada só vinha sozinha querendo minar... Demasiada perdição. Isso lá é jeito de iniciar uma viagem dessa importância?! Primeira ida a Cordisburgo, assim, desgostosa de ruim!?

Mire veja, Elni. Com 18 anos escrevi um texto para finalizar o curso de Psicologia Analítica sobre o processo de individuação. O fio foi o conto “A hora e vez de Augusto Matraga”. Animada com a descoberta deste autor, mergulhei, nas férias, em *Grande sertão: veredas*. Entrei e quase que nunca mais saí. Sabe quanto tempo levei para conseguir ler qualquer outro romance? Dois anos. Dois anos, sim senhora. Nada me interessava mais. Ninguém escrevia bem. Nenhuma história melhor. Ar parado no pino do meio-dia, às não acontecências. Quem me salvou foi meu pai. Trouxe-me poemas de Alberto Caeiro.

Eu nunca guardei rebanhos,  
Mas é como se os guardasse.  
Minha alma é como um pastor,  
Conhece o vento e o sol  
E anda pela mão das Estações  
A seguir e a olhar.  
(Alberto Caeiro. *Guardador de Rebanhos*)

Carneirinhos e boizinhos e burrinhos e vaquinhas vieram em bando. De canto lá deles, libertaram em mim as imagens. Me a mim meu pai me mimou. Ouvi o canto do Mutum. Mire e veja, a senhora vai me dar razão: mulher feita, agora, com três filhos lindos quase criados – coruja, casa, trabalho e profissão, releve: ir à cidade do coração, tinha que ter sido essa toda confusão?

Carneirinho, carneirão  
neirão neirão  
Olhai pro céu  
Olhai pro chão  
pro chão pro chão.  
(Domínio Público)

Agora, escuta o que escutei. Veja o que vi na penumbra daquele carro das 22 e 30. O que se deu? Num miminuto, um clean plim pirilampeou na madrugada. Tudo demudou de estado. Conto a senhora conforme foi, o que no recomeço houve. Ouvi uma voz de mulher ecoando recém-acordada, mansa e pausadamente: iuvia...repetiu mais clara: siuvia. Há se houve! Agora, redizia em bom alto, tom feito para o encontrar da gente: Silvia... Olhei mais, sem fechar o rosto, apliquei o coração, abri bem os olhos, sorri pra trás. Marily! Ela, ela. Relampejo, o raio reflexo alumando tudo, todos. Vi mais: ao lado dela, o Dieter, depois a Beth e o Zé Maria, no outro assento, a Rosa, a Rioco, a Cris, a Silvinha, o Vitor, a Ciça, a Élide, a Sara, o Wagner, o Xavier, o João, o Germano, a Caetana, o Carlos Augusto, o Jean e a Joana. Todos, todinhas, todinhos! Amigos paulistanos rosianos, recentemente conhecidos na Oficina para Narradores, das mestras mineiras Dôra Guimarães e Elisa Almeida, em São Paulo, semanas antes. Pois todins, sem a gente nem saber em antes de nada, estavam no famigerado ônibus das 22 e 30, vindo de São Paulo rumo a BH. Iam que iam officinar na Semana Rosiana. Sorri. A vida traz. Pertenci de assento meu e tudo e todos. Agora era dançar!

O pião entrou na roda, o pião  
O pião entrou na roda, o pião  
Roda, se não, bambeia o pião  
Roda, se não, bambeia o pião  
(Roda Pião; versão recolhida na ciranda das cantadoras e educadoras infantis da Creche Casulo Tia Noca, Morro da Garça, MG, 2005).

Havidos assim, como esse, são a magia do Rosa. Não são? A senhora há de concordar, com toda a sua instrução. O Rosa sentia o ar do lugar, o envolvente sutil: entra-troca-sai pelas narinas das criaturas animais, entra-troca-sai pelas folhagens dos vegetais, toca-toque-ecoa nas lajes e pedras minerais. Araroma de amor. Há mais, de odor e de dor. Essência. Há ou não há? Só sendo, se for, a aragem do lugar.

E onde os lugares dos quens? No meio da travessia, sim senhora. Entre a Terra e o Céu. Ali, o meio, feito de ar, do ar pompal que sopra onde quer. Espirituoso. Santo. Sim, aprecio sua opinião, vou concordar, há os seres humanos e seus remos.

A canoa virou  
Deixaram virar  
Por causa da Chiquinha  
Que não soube remar.  
(Domínio Público)

Remo, sim. Mas, o mais é o cata-vento... volpiando! Gira e te leva. O cata-vento é revelador do ar. O mesmo ar brejeirinho que sus-susustenta o voo dos pássaros e faz acalantar.

Sussussu  
O menino o que é que tem?  
Sua mãe foi a fonte e logo vem  
Foi plantar panelinhas de vintém  
Bacalhau com azeite sabe bem.

Sai papão  
de cima do telhado  
Deixa meu menino  
dormir sono sossegado.  
(Domínio Público)

Rosa era sensível aos invisíveis do ambiente... àquilo que abraça a vida sutil da gente. Foi esse, Elni, meu batizado no mundo mágico-encantado do Guimarães Rosa. Entrei na Roda assim. Só depois, muito mais tarde, entendi coisas de alta importância. Como aquela

resposta que Rosa deu ao Günter Lorenz: “Eu não qualificaria meu conceito mágico de ‘realismo mágico’; eu o chamaria antes ‘álgebra mágica’, porque é mais indeterminada e, portanto, mais exata”. Lembra-se do que o narrador fala de Brejeirinha, em “Partida do audaz navegante”? Que “ela vivia em álgebras”. Há arrazoados nas nascentes das palavras: a etimologia de álgebra é, do árabe, Al – Gabara(t): reunião, reintegração daquilo que se quebrou, restauração de ossos fraturados. Aqui no Brasil, entre os séculos XVI e XIX, segundo o Aurélio, usava-se “álgebra” para significar a arte de restaurar ossos deslocados ou quebrados. João Guimarães Rosa foi médico e artista: aproveitou ao máximo o poder curativo, restaurador e regenerador das palavras narradas. A Oficina de Leitura João Guimarães Rosa do IEB dinamizou esse poder durante a pandemia da Covid-19. E tudo Sara! Nossa gratidão!

Um grande e afetuoso abraço,  
da amiga,  
Silvia.

P.S. Sim, talvez você estranhe a falta do acento no i. Fui batizada assim, por descendência italiana de minha mãe, sem o tal acento. Disso tirei lição: pousos ou voos, assentos ou movimentos são os pontos agudos das viagens do corpo no baile.

# A metafísica no sertão: o ontem encontrando o hoje

Maria Neli Defensor Martins<sup>1</sup>

## Introdução

Não é só para João Guimarães Rosa e seu personagem Riobaldo que maio é um mês especial. Para mim esse mês também se apresenta como peculiar, pois foi em maio de 2019 que ingressei na Oficina de Leitura Guimarães Rosa do IEB-USP, aflorando a minha porção telúrica e poética com a convivência entre rosianos, a começar pela leitura em voz alta das entranhas do Grande sertão: veredas e outras obras dele.

Em julho de 2019, estreante, fui me deliciar com a programação da 31ª Semana Rosiana em Cordisburgo, MG, tendo como tema Corpo de baile – Noites do sertão. No mesmo mês, em 2022, participei da 7ª edição do Caminho do Sertão: De Sagarana ao *Grande sertão: veredas* pelo cerrado e suas culturas, de pé!, coordenada por Almir Paraka.

Nesta travessia vivenciei uma experiência incrível...

---

<sup>1</sup> Administradora de empresas pela Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA - USP), advogada pela Pontifícia Universidade Católica PUC (SP), MBA em auditoria empresarial pela Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis Atuariais e Financeiras (FIPECAFI), pesquisadora e integrante da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa do IEB/USP, escritora de podcast e de textos rosianos, cooperadora militante pelo saneamento básico de Macaúbas (BA). E-mail: [mneli.ds@outlook.com](mailto:mneli.ds@outlook.com)

## As três bonecas

O número três, para alguns estudiosos, é o número do equilíbrio, da união e da perfeição. É revestido de uma simbologia marcante, sendo considerado sagrado, representando, entre outros, o tempo (passado, presente e futuro; princípio, meio e fim). É citado constantemente na obra e na vida de Guimarães Rosa: homem-flor, escritor, imortal.

Em 10 de julho acordamos bem cedo, ansiosos e muito felizes, o nosso primeiro dia da travessia iniciática de Sagarana ao Parque Grande sertão: veredas, na Chapada Gaúcha.



Foto 1: E assim começou a travessia iniciática

Por volta das 8h30 paramos para um delicioso lanche matinal. Fomos acolhidos carinhosamente pela anfitriã Dinalva, que vestia uma camiseta com os dizeres Casa de Milagres, trazendo ao colo a sua filha Maria.



Encontrava-se muito saudosa, pois, nas edições anteriores do Caminho do Sertão, era a sua mãe, falecida há dois anos, quem recepcionava os caminhantes. Confidenciou-me que a sua mãe havia aparecido em sonho e dito a ela para assumir o seu lugar no auxílio da travessia dos rosianos no sertão dos Gerais.

O capricho e o amor estavam presentes em cada detalhe do ambiente, a começar pelo quintal com mesa farta: café, leite, rapadura, biscoitos, água, bolo de milho, queijo fresquinho.



Foto 3: Lanche matinal na Casa de Milagres

Esta ocasião abriu-nos caminhos para aguçar o sentido de compartilhamento de sabores, cores e saberes.

O despertar de um longo convívio singular, mas ao mesmo tempo plural.

A diversidade e a inclusão imperavam.

A Casa de Milagres estava envolta em prenúncios...

A força-motriz do sertão, o cavalo, encabeçava o nosso cajado.

– O que será que me aguardava?

Havia redes, flores, e no canto direito outra mesa, decorada com frutos da natureza.



Foto 4: Abundância da natureza

Continuando a minha caminhada pelo quintal encontrei uma terceira mesa. Embaixo dela despontava um pé de rosa do deserto com beleza impressionante e singular.



Foto 5: ROSA do deserto

Fazendo companhia aos objetos antigos que ornamentavam a mesa havia uma boneca deteriorada pelo tempo, tendo cabeça, membro e tronco desmembrados. Apesar disso tudo, conservava a aparência de que tinha sido muito bonita, pois permanecia com a sua famosa chuquinha, tal qual a da boneca Meu Bebê.



Foto 6: O desmembramento de um todo

Os seus olhos azuis, da cor do céu do sertão, me atraíram de uma maneira inexplicável: Com quem ela tinha brincado quando inteira? Qual foi o seu caminho até ali? Por quais lugares esteve passeando? Será que brincou de casinha, comeu papinha, tomou banho? Ah! e os seus vestidinhos!? Os seus olhos guardavam esses mistérios... Registrei aquelas lembranças despedaçadas, que já foram em eras passadas “um todo”.



Foto 7: Os olhos azuis do sertão

Seguimos em nossa caminhada rumo ao almoço comunitário.

Encontrava-me exausta e com muito calor, razão pela qual fiz uso do carro de apoio dos bombeiros Jefferson e Kléber. Ao entrar no carro comentei que estava tudo maravilhoso e que, para ficar perfeito, era só na chegada tomar uma refrescante ducha com bastante água ou um banho de rio. Jefferson comentou do seu cotidiano com Kléber e que tudo que eles não “ansiavam” era um episódio que demandasse muita água, notadamente com final trágico. Elogiei a nobreza do trabalho deles, que envolve muita responsabilidade e estresse. Neste momento Jefferson contou sobre uma ocorrência trágica, de que havia participado quando de um resgate de corpos, provocado por um grave acidente entre carros. À época, o seu filho tinha 8 meses. Ao realizar o seu trabalho, percebeu que uma mãe morreu abraçada à sua filha bebê e que o aspecto da criança era o de uma boneca destrocada, com muito sangue envolvendo-a. Desesperadamente, lembrou-se do seu filhinho, igualmente bebê. Esvaiu-se em lágrimas.

Fiquei muito sensibilizada com o relato, que foi encerrado logo que chegamos ao local do almoço. A descrição da criança acidentada e morta remeteu-me à imagem da boneca que me atraiu enigmaticamente onde lanchamos pela manhã.



Foto 8: Os bombeiros Jefferson (à esquerda) e Kléber (à direita)

Quando da chegada ao almoço, qual não foi a surpresa de Jefferson ao abrir a porta esquerda do veículo e deparar-se com uma boneca suja de um líquido vermelho misturado com terra, tendo as partes do corpo machucadas e pisoteadas pelas pessoas.



Foto 9: A segunda boneca

Quando ele me mostrou a cena, ficamos perplexos e comentei que, talvez, fosse um sinal com reverberação do relatado por ele.

Fomos almoçar e, quando serviram a sobremesa, fui continuar a conversa com o meu mais recente amigo bombeiro, comentando que notou um dos convidados cabisbaixo e sentiu necessidade de falar com ele. Ao que foi relatado o motivo da tristeza: o seu filho encontrava-se usuário de drogas. Jefferson o consolou alegando que o seu filho havia superado esta mesma questão à custa de muita paciência e amor.

No fim ocorreu uma sincronicidade: ambos os filhos tinham o nome de Jonathan, que significa “dado por Deus”, “dádiva divina” ou “amigo inabalável”, conforme pesquisei.

À noite, sob a luz do luar, fui batizada por dois guias do Caminho do Sertão com as benditas águas do rio Urucua sobre a minha cabeça, as quais inundaram o meu corpo de forma divina me consagrando aos santos do sertão: são Francisco, são José, santo Antonio...

Ressalte-se que um dos principais objetivos da minha travessia era justamente conhecer o rio Urucuia. O batizado foi um ritual simbólico e um sublime presente.

Por causa disso fiz uma homenagem ao citado rio narrando alguns trechos de *Grande sertão: veredas* (ROSA, 1980), constantes do podcast 195: “Urucuia, rio de amor”. publicado pelo Instituto de Estudos Brasileiros IEB-USP em parceria com a Oficina de Leitura Guimarães Rosa.



Foto 10: Meu batismo no rio Urucuia

No quinto dia da caminhada, em 14 de julho, também na hora do almoço, deparei-me, logo na chegada, com o inesperado!!!

A terceira boneca.

Ela estava esquecida na poeira do sertão e iluminada por raios de sol infiltrados por entre as folhagens.

Estava toda mutilada, o seu rosto empalidecido e os olhos, que em alguma etapa refletiram o azul do sertão, agora estavam sem o seu antigo brilho. O seu olhar permanecia fixo, sem vigor.

Ela encantara-se...



Foto 11: A terceira boneca

Na sequência, inesperadamente, surgiram, em meio à natureza, três lindas sorridentes princesas: Ana Júlia, Emily Gabriela e Ana Laura. Elas vieram lindamente ao meu encontro. Foi um instante mágico de redenção! Um verdadeiro “renascimento das três bonecas”!!!



Foto 12: As três princesas: Ana Júlia (à esquerda), Emily Gabriela (ao centro) e Ana Laura (à direita)

## A cura

Enfim, havia chegado o grande dia. Tão sonhado, desejado por seu coração, planejado pelo seu espírito de menina. A caçula de três irmãs... Como estudou para alcançar ótimas notas, se esforçou para satisfazer as expectativas dos pais quanto ao comportamento tanto na escola quanto com os seus seis irmãos! O seu coração galopava dentro do peito e ansiosamente olhava pela janela à espera da chegada do seu pai. Finalmente, ele chegou carregando uma caixa de presente.

Desceu a escada rapidamente para encontrá-lo.

– Venha, minha filha. Eis aqui o prometido.

Com as mãos trêmulas, rosto afogueado, a boca seca, ela abraçava a caixa. Os minutos pareceram horas, até conseguir, com toda delicadeza, desembulhar o presente. Os seus olhos marejaram com lágrimas de contentamento, emoção, um misto de receio de que fosse ainda um sonho.

Não, não era um sonho!!! A boneca sorria, linda, perfeita, incomparável. Era a SUA boneca da Estrela. Rodopiavam, dançavam abraçadas. As férias foram aproveitadas com elas juntinhas, tal como melhores amigas. Tudo era felicidade! O seus pais tinham um consultório de enfermagem dentro da própria casa. Ficava passeando com a bonequinha por todos os lugares, orgulhosa e feliz.

Mas não há felicidade. Há, somente, momentos felizes.

Aconteceu que uma menina a viu com a boneca e começou a chorar querendo-a. Ela era de uma família sem recursos. Os pais da menina, dona da boneca, eram muito caridosos e fizeram-na doar o brinquedo dizendo que ela teria condições de ganhar outra. Os mesmos olhos que marejaram de alegria agora transbordavam lágrimas de uma dor tão intensa que lhe apertava o coração. O seu pai tomou-lhe a boneca, dizendo que a menina carecia mais dela. Como precisava mais dela!? Como viveria sem a sua inseparável amiguinha, que a conhecia sabendo de todos os seus segredos, medos, sendo a sua alma gêmea?

Assim a bonequinha se foi...

Levou consigo sentimentos, lembranças e brincadeiras fantasiosas. Nessa relação lindíssima, houve o sepultamento simbólico da sua porção lúdica. Quem é essa menina? O que ela faz hoje com essas lembranças alegres e tristes?

– Essa sou eu!

Hoje tenho clareza de raciocínio, compreendendo a atitude dos meus pais, pois conheci uma senhora muito especial durante um encontro virtual na Oficina de Leitura Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. A sua história comoveu-me enormemente, visto que se tornou órfã de mãe aos 10 anos.

Descobriu de maneira traumática a morte da sua mãe ao olhar pela janela e avistá-la na cama, segurando uma vela para que Deus iluminasse a sua travessia.

A partir daí teve que assumir a responsabilidade de cuidar de todos os seus irmãos. Tão pequena tornou-se mãe deles. Por essa razão escondeu as suas bonecas em um poço. O seu maior temor era que o irmão caçula fosse doado para algum parente criá-lo. Sempre teve muito amor para compartilhar com os seus familiares.

Apesar de toda essa luta, essa guerreira nunca deixou de procurar o seu caminho para ser feliz, mesmo quando tentou resgatar as suas bonecas no poço, encontrando-as deterioradas pelo tempo. Constituiu família, teve filhos, netos, netas. Ao tomar conhecimento desse tocante relato, lembrei-me da frase dita pelo meu pai em minha infância:

– Haverá o tempo, Maria Neli, em que não só terá condições de comprar bonecas para si como também presentear.

Foi o que fiz.

Embora não conhecendo pessoalmente tão honrada senhora, presenteei-lhe com sete bonecas, carinhosamente escolhidas por mim e enviadas pelo correio. Isso a deixou muito surpresa e feliz! Estou marcando para visitá-la em breve.

Por que sete bonecas? Descobri que a senhora Maria, a presenteada, aprecia a obra de Guimarães Rosa, autor que utilizou de maneira reiterada o número sete em sua vasta obra. Ela é Maria Nardy, filha do vaqueiro Manuelzão, que acompanhou Guimarães Rosa na afamada boiada de 1952. Tornaram-se grandes amigos, e Manuelzão transformou-se em personagem de “Uma estória de amor” (ROSA, 1976).

Há igualmente um forte motivo para eu ter presenteado aquela senhora considerando o número sete: ele simboliza também conclusão cíclica e renovação. Após essa catarse, sinto-me liberta de todo e qualquer sentimento de mágoa.

CUREI-ME!!!

## As sincronicidades da existência

Perguntava-me:

- O que fazer em São Paulo numa tarde fria?
- “Visitar uma exposição!”, gritou o meu eu interior.

Fui ao Instituto Moreira Salles e delicieei-me com reportagens, vídeos e uma explosão de cores e formas nas fotos da exposição Walter Firmo: no verbo do silêncio a síntese do grito .

As horas passaram rápidas, como um cometa! Ah! São Paulo da garoa!

A noite fria não me impedia de andar por entre as pessoas na mais agitada esquina da Paulista com a Consolação. A passos largos atravessei a rua e fiquei aguardando, no canteiro central, a abertura do segundo semáforo. Uma energia premente fez-me voltar o olhar em direção à grade de proteção do referido canteiro.

Lá estava ela: prostrada, cansada, sozinha, abandonada, imunda...



Foto 13: O ontem encontrando o hoje

A sujeira e o odor, nada agradáveis, não me impediram de carregá-la.

Se foi loucura minha, não sei... Coloquei-a em sacolas gentilmente cedidas por um atendente de uma lanchonete. Levei-a para casa. Olhava-a intrigadíssima: era ela, a boneca da Casa de Milagres!



Foto 14: As marcas do tempo

Não lhe fiz perguntas enquanto dava-lhe banho. Tinha só um olho aberto, a chuquinha com os fios loiros emaranhados, aos fiapos... As unhas das mãos e dos pés corroídas, com a pele toda rabiscada por canetas coloridas. O seu corpinho todo maltratado denotava que havia percorrido um longo e tortuoso caminho. Trazia agarrada ao seu corpinho a etiqueta da Estrela, marca esta que vincula à minha primeira boneca que ganhei do meu pai na infância.

Como carecia de cuidados, levei-a ao Hospital de Bonecas. Após um interminável período de internação, fui buscá-la. Estava linda, refeita... Os seus olhos azuis, da cor do céu do sertão, olhavam-me fixamente, com um brilho indescritível. A sua chuquinha, agora desembaraçada, estava presa por um lindo laço cor-de-rosa. Para completar, ganhou brinquinhos e sapatinhos originais.



Foto 15: A purificação

Só faltava a roupinha. Presenteei-a com um lindo vestidinho de tule vermelho. Ao apresentá-la à minha irmã Margarida, foi me dito:

– Maria Neli, você ainda não percebeu que, ao se declarar curada, o tempo generosamente restituiu-lhe a SUA boneca da infância?



Foto 16: Minha boneca descansando no jardim

Qual será o nome dela?

Respondi:

– Será Maria...

Duas Marias... “nós duas vamos saber que nunca chegaríamos tão longe uma sem a outra. Viveremos cada uma na memória da outra, e isto é a eternidade, porque o tempo não existe para além do amor” (FABRA, 2009, p. 87).

Atribuí o nome Maria à minha boneca, por três motivos:

- Em tributo à minha mamãe, que se chamava Maria.
- Em consideração à Dona Maria Nardy.
- Em homenagem a mim mesma.

Por sincronicidade, a “Estrela<sup>2</sup>” nos uniu: As três Marias...

## Considerações finais

Os ensinamentos desta travessia não foram teóricos, foram potencializados pela vivência compartilhada anteriormente com os integrantes da Roda de Leitura Guimarães Rosa do IEB-USP, de pura emoção, de uma experiência rica e intensa, aprimorando como a gente encontra, escuta e assimila os acontecimentos durante o caminhar por estes areões, por estas veredas, reunindo pessoas incríveis, histórias de vida, registros de falas, costumes, imagens, promovendo o encontro dos nossos saberes com o do território percorrido, aguçando as nossas memórias afetivas.

Deparei-me com muita poesia, beleza, mistério, sincronicidades...

Me senti o próprio Grivo a procurar o “quem das coisas”, e trouxe aos amigos rosianos “vários recados do cerrado”.

Considero-me privilegiada por ter vivenciado, no Caminho, a Metafísica do Sertão com a ressalva de que, como diz Guimarães Rosa “O sertão está em toda parte”, inclusive na esquina da Paulista com a Consolação.

---

2 Desde 1937, a Estrela está presente na memória de quem é ou foi criança, formando gerações na convivência com bonecas, carrinhos, jogos, massinha, pelúcias e outros brinquedos, se modernizando por gerações de consumidores, se reinventando, reeditando clássicos, refletindo assim usos e costumes da sociedade ao longo de décadas. <https://www.estrela.com.br/institucional/nossa-historia> acesso em 16/02/2023. A marca Estrela está atrelada também ao número sete, sendo que um dos temas de abertura do respectivo programa televisivo o mencionava: “Sete e sete são quatorze, com mais sete vinte e um, cada dia, eu não deixo de assistir ao programa Pim Pam Pum Estrela!” [https://infantv.com.br/L\\_pimpam-pum.htm](https://infantv.com.br/L_pimpam-pum.htm) e [https://www.youtube.com/watch?v=Ob8osi\\_xSzI](https://www.youtube.com/watch?v=Ob8osi_xSzI) Acesso em 16/2/2023.

Conscientizei-me que [...] “Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data”. (ROSA, 1980, p. 78)

## **Referências**

FABRA, Jordi Sierra i. **Kafka e a boneca viajante**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 14.ed. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ROSA, João Guimarães. **Uma estória de Amor in: Manuelzão e Miguilim**. 6.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

ROSA, João Guimarães. **Cara-de-Bronze in: No Urubùquaquá, no Pinhém**. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

UTÉZA, Francis. JGR: **Metafísica do Grande Sertão**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

## **Créditos das fotos**

**Fotos 1, 2, 3, 4, 10, 12, 15 e 16 – Esdras Martins**

**Fotos 5, 6, 7, 8, 9, 11 e 14 – Maria Neli Martins**

**Foto 13 – Joe Kallif**

# Oficina da roda

Miriam Lazarotti<sup>1</sup>

Cordisburgo, 2008, julho. Finalmente, eu chegara ali, na Meca roseana.

Um cipoal de gente, vinda de vários cantos do país. Lugar e momento de imersão total na obra de Guimarães Rosa e em si mesmo, já que, no caso, uma coisa leva à outra. E, também, naturalmente, de expectativas de contato e encontro com pessoas desconhecidas, mas afins.

Era a XX Edição da Semana Roseana e centenário de Guimarães Rosa. Programação extensa e variada. Então ali se destacava um pessoal de São Paulo e da USP, que, para minha surpresa, soube serem participantes de uma Oficina de Leitura Guimarães Rosa no IEB/USP, coordenada por Rosa Haruco, lá presente.

Voltando a São Paulo, tendo vivido como que um rito de passagem, fui incontinenti e decidida me dispor àquela Oficina, sendo muito bem-recebida, sem qualquer pré-condição. Encontrei uma turma amistosa e alegre, mesclada de estudantes, aposentados, acadêmicos ou não, professores e outros meros admiradores de GR, como eu, debruçados na produção roseana.

No decorrer do tempo, a Oficina passou a ser chamada de Roda, mas o seu caráter é o de oficina, pois, além da leitura dos textos de GR, incita à elaboração e à apresentação de diversos e mais amplos conteúdos artísticos e literários, relacionados

---

<sup>1</sup> Advogada em São Paulo. Leitora dos clássicos da literatura, em parceria com o escritor Daniel Krasucki, trabalha na criação de textos de ficção relacionados com a obra rosiana, entre outros.

ou inspirados na obra do escritor (teatro, filme, dança, fotografia, cantorias, culinária, crônicas, teses, contos, ensaios etc.).

Daí, nesse ambiente fértil, surgiu a minha parceria com o colega e escritor Daniel Krasucki, na profícua escrita, a quatro mãos, dos textos de ficção reunidos no livro *O manuscrito extraviado de G.R.*, lançado em 2018 (edição independente), no espaço da livraria da Edusp e honrosamente prestigiado pela Roda de Leitura. Compõem este livro os seguintes títulos: “Bem emparelhados” – Apresentação por Rosa Haruco Tane; “Carta de Miguel”; “O convite de Riobaldo Tatarana”; O manuscrito extraviado de G.R.; “La selva esmeralda”; “As criadas do Buriti Bom” (peça teatral) e o poema “Guim”.

Neste compasso, e animados, criamos o blog Poal de Sol<sup>2</sup>, onde, descompromissadamente, fazemos desaguar nossa variada produção literária, como, por exemplo, “O trem blindado”, “Quando tempos de sezaõ”, “Sanga Puytã imaginária”, “Miguilim, Dito e o Pequeno Príncipe”, ou os hai-kais roseanos, em “Hai-kairana”.

Durante a pandemia a escrita em parceria continuou a distância e logrou realizar a ousada ficção *O livro de condolências de Guimarães Rosa*, em via de ser publicado, o qual apresenta, de forma inédita, não só as condolências que teriam sido deixadas por diferentes pessoas e personalidades no velório do escritor, em 1967, na Academia Brasileira de Letras, ou no Itamaraty, como as que estariam sendo prestadas desde então, até hoje, num surpreendente livro paralelo chamado *Travessia*, que, recém-descoberto, percorre Minas Gerais, facultando um contraponto sugestivo.

Atualmente, neste fechar de 2022, em paralelo aos preparativos para a edição do novo livro, há todo um empenho para a encenação da peça *As criadas do Buriti Bom*, que já está em mãos de algumas trupes e diretores, com perspectivas de se tornar um projeto teatral.

Enfim, aqui, singelamente, no que direta e orgulhosamente me toca, um pouco do que representa a Oficina da Roda na sua pródiga sementeira e germinação intermitente.

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://poaldesol.noblogs.org/> Acesso em: 27/2/2023.

# Carta de Miguel

Daniel Krasucki<sup>1</sup>  
Miriam Lazarotti<sup>2</sup>

Minha querida Glória,  
Glorinha,

Estou voltando. Disse que voltava, suspenso e encorajado pelo seu olhar ansiado e sedento de amor. Você disse que não queria cartas e não atinei com a razão. Mas foi certo, todavia. Partir é deixar. Precisava eu de novas buscas? Esta levo comigo e lhe entregarei como um memorial das horas das minhas querências, incertezas e esperanças.

O tempo contou tempo. Como o monjolo. Sei que está em você, a seta do meu desejo. Se você me quer, é o que me inquieta. Nos seus modos, sempre vi mais: um jogo de sedução, contido, mas tenso, palpável. Dele mesmo fica preso o meeiro do Buriti Grande. Cujo sempre demonstrou. Com ele já me medi no quieto. E de igual, o moço

---

1 Escritor e livreiro. Argentino, formado em Direito pela Universidade de Buenos Aires, desde 1977 mora em São Paulo. Em 1983, publicou seu primeiro romance *Exílio da Paixão* (Ed. Alfa-Ômega) e, em 1998, *O Assassinato da Rua Maranhão* (Ed. do autor), entre outros escritos. Leitor de textos de ficção e estudioso da obra de Guimarães Rosa, participa ativamente da Roda de Leitura Guimarães Rosa no Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP, desde 2011. Em parceria com Miriam Lazarotti publicou *O Manuscrito Extraviado de G.R.*, em 2018 (Ed. do Autor), no qual se insere a “Carta de Miguel”. Como são detentores dos direitos autorais apresentam-no aqui.

2 Advogada em São Paulo. Leitora dos clássicos da literatura, em parceria com o escritor Daniel Krasucki, a partir da roda de leitura de Guimarães Rosa no Instituto de Estudos Brasileiros -UEB/USP, trabalha na criação de textos de ficção relacionados com a obra rosiana, entre outros.

caçador Bambães, que este recruzei no caminho, planeando voltar pra tentar caçar... você! Ciumei grande.

Lentos e longos são os dias de pasmaceira e resignação, do Buriti Bom.

Muito pode ter se revolvido por aí. Não sei. Se o moço caçou, se você arriscou mais alto com seu cativo... Eu, menos são, vagueei incerto pelo certo, que era, desde sempre, tê-la total para mim. Daí que nunca vou lhe perguntar nada desses dias. Quem pode com a força de um grão em potência?

E o que eu pensava, é o que penso.

Pertencerei a você completamente, sem saber se você será totalmente minha. Ou seja, escolho o tormento para sempre, consciente de que somente assim poderei me aproximar dessa tal felicidade, essa espécie de equilíbrio que nos faz pensar que a vida que temos vale a pena de ser vivida.

Já lhe falei raspando dos Gerais, Mutum, lembranças, meninice de beleza e tristeza... Saiba inteiro: deixei Mutum para morar na cidade, com o doutor José Lourenço, do Curvelo. Foi depois da morte do Dito e outros tristes acontecimentos, eu constante doentio. Chegado por lá, o doutor percebeu que eu olhava com os olhos apertados, tinha vista curta e se ofereceu para providenciar óculos e matricular-me na escola na cidade. Se minha mãe me convenceu a ir é porque sabia que também eu já queria partir.

Ah Glória, que descoberta tive com os óculos emprestados do doutor, vendo tudo direitinho, nítido, de tontear! Tudo era agora uma claridade e, na manhã seguinte, cismeiei de colocar os óculos outra vez, só para ver e gravar dentro de mim a imagem nítida de todos na despedida do Mutum.

Estava em nova família, numa cidade. Tudo era um susto.

Havia carros, ter de atravessar as ruas nas esquinas, havia ruas e gente, gente que não acabava mais. Meu quarto era grande, a casa, um casarão, o quarto, pense, só para mim. Iria a uma escola estudar com um monte de outros meninos e meninas – morria de medo. Ganhei roupas, sapatos e uniforme de escola, eu ficava desajeitado, mesmo esquisito.

Só queria que o Dito dissesse.

A vida agora tinha precisão de horários: para o almoço, ir à escola, à igreja, jantar e dormir. Passeios de domingos pela praça, visitas a parentes e amigos e missas. Numa

dessas, me alegrei demais: uma pomba entrou e pousou num ombro de São Francisco, ficando ali junto com todos aqueles passarinhos de pedra que o santo carregava. Alegrias assim eu sentia forte.

Por anos senti, nos dias de calor, o aroma materno do óleo de buriti. Por anos tive um sonho: era acordado pela minha irmã Drelina para ir tomar banho na cachoeira. Entretanto, é curioso, sonhava que acordava, mas não acordava. E sonhava doce com o Dito, amado irmão que se foi por tétano e com a minha cachorra Cuca-Pingo-de-Ouro, mas também com o tio e o pai, em pesadelos.

Conversava nas ideias com o Dito, sabido invisível, percorria a casa, tocava a campainha da porta só para ouvir de novo e enfileirava no chão os soldadinhos de chumbo, os selos, o trenzinho, presentes recebidos.

Eu estava sem meus pais, sem meus irmãos, sem a fazenda e todos os pássaros e todas as plantas deste planeta. Tudo pendurado nos lados do buraco deixado por Dito. De lá vinha a voz dele, constante:

“Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo...”

Então eu tomava força e me aprumava, por ele. Tinha novos pais, acolhedores, mas me sentia estranho em receber cuidados e carinho de [suas] presenças seguras, afetuosas, que aos poucos foram me sossegando.

E, mais que tudo, eu enxergava! Fui levado ao oculista, via com meus óculos, lupamente.

Para comemorar, levaram-me pela primeira vez ao cinema. Eu não sabia que podiam caber tantas coisas em uma vida! O cinema era formas e cores, como trocar o sertão pelo mundo e observar tudo com olhares de Deus.

Depois, ir ao cinema nas matinés de domingo com meu pai adotivo, passou a ser um hábito, como ir à missa. O que eu mais gostava, era da parte de amor nos filmes do faroeste. São as lembranças mais doces que guardo do doutor.

Ainda na infância, minha mãe me visitou duas vezes, antes de se mudar para Bahia com um alguém. Foi uma sensação estranha, como se ela fosse uma visagem, ainda dizendo “*Todo amor...*” Sim, era bela e toda amor, mas repetia palavras ouvidas, imitativa, parecendo até falso. Todos temos que sobreviver, e ela. De meu pai não falo, por razões. Na justa balança entre amor filial e o ódio pelas dores e abandonos,

predomina em mim uma melancolia cinza e fria, como certas manhãs chuvosas do inverno no sertão.

Das lembranças daqueles tempos distantes, a dos meus passarinhos saindo das gaiolas despedaçadas e o mapa mundi que desenhei com as escalas, latitude e longitude de todos os sertões deste mundo, em volta do Mutum, “lugar mais lindo”, como ouvi e corri para contar para minha mãe desacreditada e que depois demais vi, com os meus olhos em vidros.

Animo também, contar-lhe da escola: No primeiro dia, a escola parecia impossível. Todos já liam e escreviam, haviam estudado um pouco de história. As únicas que eu conhecia eram as que os vaqueiros e as mulheres contavam, na cozinha ou na roça, nas pausas do trabalho, antes de dormir ou nos dias de festa. E as histórias do Dito. Muito rapidamente descobri que aquilo havia sido criado para mim. Todos diziam que eu era muito inteligente. Em poucos meses já emparelhava com os demais. Um ano mais tarde, era um aluno bom e até brilhante, como diziam. E com um ponto forte, não a História e sim as histórias, que sabia inventar melhor do que ninguém.

Franzino sempre fui. A turma dos mais fortes me azucrinava; era chamado de “o caipira quieto”. Até que descobri que tinha algo valioso para trocar. Comecei a fazer as redações dos valentões em troca de amizade. Sus, que ninguém mais mexia comigo! Minto: Rosália me fez de gato e sapato. Meu colega João mesmo se bronqueava com isso. O que me ligou a essa menina? Por que estou ligado para sempre a você, Glorinha?

Rosália era geniosa. Me guiava de acordo com seus caprichos. Eu, retraído e quieto, obedecia. De noite, às vezes chorava. Rosália não era boa, jogava comigo como uma peteca, depois me ignorava e lá se ia com algum dos valentões – se beijavam na saída da escola. Eu sequer me atrevia a tocar nela. Por sorte, mais para frente ingressou um menino ainda mais franzino e Rosália se engraçou com ele. E a corrente libertou o elo fraco que era eu.

Nessas alturas, além de redações, eu trocava provas e trabalhos de História, sim, Geografia, Português, Matemáticas e sobretudo Biologia, em que era o melhor. Ingressei sem problemas na Universidade, no curso de Veterinária e fui um aluno bom ou quase muito bom.

Sempre senti uma verdadeira paixão por animais.

Médico veterinário, de passagem por estas bandas, cheguei aqui apresentado e vacinei o gado de seu pai, por confiança. Esse gosto por bichos é a marca do sertão, em ferros, que alto permanece em mim, todo sons.

Falar de outros amores? Acho que não tive verdadeiros.

Segui vivendo, mesmo uns namoros, até que um medo me travou quando te conheci. Medo esse? De não ser o certo momento desse encontro. Que conhecia, sei de você? Só que sonhei todo esse tempo com seus braços, riso, olhos, seu corpo solto. Sua alegria me assustava. Conversamos, perdi-me nos assuntos, sentimentos estonteantes, só um grande de letras dos Gerais pra descrever.

Quando seu pai me convidou que ali ficasse a mais de um dia, reparava naquele estilo próprio do Buriti Bom, você falando de sua gente, dos Gerais da sua avó...

Você regressava de uma cavalgada. Fazia calor. Deteve seu cavalo do meu lado. Vestia botas pretas e lustradas, sob o braço um açoite. Suas pernas rijas que uns olhos não tiravam. Uma das botas ficou muito perto da minha boca enquanto você descia do cavalo. Bebeu água, me dirigiu um olhar demorado femininamente, espicaçando.

Essa noite conversamos mais soltos e me senti feliz. Deixou-me falar muito pouco e contou da vida na fazenda, do seu período de estudos em Belo Horizonte. Habitamos a mesma cidade alguns anos, nunca nos encontramos. Jantamos.

Eu iria dormir mais essa noite como hóspede para partir no dia seguinte cedo para outra fazenda, um pouco distante. Por volta das dez da noite, seu pai partiu, como sempre, para suas misteriosas cavalgadas noturnas. Compreendi.

A casa ficou envolvida por um silêncio viscoso como meus pensamentos.

Naquela noite não dormi. Você pôde? Fantasias febris apareciam e ocupavam fugazmente meus pensamentos e as sucediam outras ainda mais agitadas. Eu estava febril e com taquicardia. Apliquei em mim, automático, o estetoscópio que uso nos cavalos. Você iria rir do estúrdio. Pensei: É preciso que me tranquilize. Saí pelo corredor penumbroso até a cozinha e bebi água. No dia seguinte, parti.

Então achei o amor – meu amor, você, minha única possibilidade de amar. A imagem das tuas botas me pisando, eu deitado de bruços no chão frio da escuridão. Minhas fantasias e as suas fantasias, todas serão.

Meses se passaram e nem precisei mais refletir. Você é a mulher da minha vida. Quero casar-me e viver com você. Chego a Buriti para declarar meu amor pessoalmente e

pedir a autorização do seu pai. Moraremos na fazenda, na minha casa de Belo Horizonte ou onde você quiser.

Quem sabe um dia conseguiremos ter um ou mais filhos e eu possa ser um pai melhor que aquele que já tive.

Enquanto vou chegando, sonho acordado que te beijo.

Teu em todos os sentidos, Miguel.

# Sempre alegre, Miguilim<sup>1</sup>

Maria Neli Defensor Martins<sup>2</sup>

## Introdução

Uma das leituras em voz alta que mais me emocionaram foi a relativa ao personagem Miguilim fortemente vinculado ao seu irmão Dito e à cachorrinha Pingo-de-Ouro.

Nunes (2016, p. 477 até 479) faz uma interessante análise das ilustrações da capa e da contracapa de *Corpo de baile*, v. 1, de 1956, contextualizando a tríade amizade entre os personagens:

---

1 Parafrazeio o conselho do personagem Dito em *Manuelzão e Miguilim* (ROSA, 1984, p.142).

2 Administradora de empresas pela Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA-USP), advogada pela Pontifícia Universidade Católica PUC-SP, MBA em Auditoria Empresarial pela Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis Atuariais e Financeiras (FIPECAFI), pesquisadora e integrante da Oficina de Leitura Guimarães Rosa do IEB/USP, escritora de podcast e de textos rosianos, cooperadora militante pelo saneamento básico de Macaúbas (BA). E-mail: [mneli.ds@outlook.com](mailto:mneli.ds@outlook.com)



Poty Lazzarotto. Capa e contracapa de *Corpo de baile*, v. 1, 1956

Na capa do primeiro volume veem-se, na seção inferior da imagem, dois meninos sentados; atrás deles, um cão que parece olhar para trás. A “janela branca” destaca o rosto dos dois meninos e o cão. A novela de abertura do volume, “Campo geral”, conta precisamente a estória (respeitando-se o termo sempre empregado por Rosa) do menino Miguilim, morador da distante localidade do Mutum, no interior de Minas Gerais. O personagem mais próximo de Miguilim é o Dito, seu irmão, caracterizado pela sabedoria e pela esperteza com que lida com todas as vicissitudes da vida, capaz de compreender a verdade por trás das coisas: O Dito era menor, mas sabia o sério, pensava ligeiro as coisas, Deus tinha dado a ele todo juízo. (ROSA, 2010, p. 22). O Dito, menor, muito mais menino, e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. Ele, Miguilim, mesmo quando sabia, espiava na dúvida, achava que podia ser errado. Até as coisas que ele pensava, precisava de contar ao Dito, para o Dito reproduzir, com aquela força séria, confirmada, para então ele acreditar mesmo que era verdade. (ROSA, 2010, p. 94)

A ilustração, assim, sintetiza a narrativa do conto por meio da representação da convivência entre Miguilim, o seu irmão Dito e a cadela Pingo-de-Ouro, aspecto fundamental do sofrido e comovente amadurecimento do protagonista. Outra referência ao texto são os olhos arregalados do menino representado em primeiro plano: ao longo do texto torna-se claro

que Miguilim é míope; no fim da estória, ele recebe óculos e a proposta de estudar em uma cidade, percebendo, finalmente, a beleza do Mutum. Em comparação com os traços mais detalhados de Miguilim, o rosto do Dito quase desaparece sob a hachura pesada, sombra que também alude ao caráter misterioso e impenetrável da criança sábia, a quem “Deus tinha dado todo juízo” (NUNES, 2016, p. 477 até 479).

À medida que ia prosseguindo na compreensão da novela, ficava cada vez mais e mais comovida e inconformada com as situações de perdas e desamparo do pequenino. No período de doença de Dito, Miguilim, para distrair o irmão, inventava várias estórias compridas, e o irmãozinho mesmo pedia para ele continuar a fabulação. Nos momentos derradeiros da sua curta existência, Ditinho pede a Miguilim para contar sobre a Cuca Pingo-de-Ouro. A leitura é envolta em lágrimas. Pura emoção!!!

Uma hora o Dito chamou Miguilim, queria ficar com Miguilim sozinho. Quase que ele não podia mais falar. – “Miguilim, e você não contou a estória da Cuca Pingo-de-Ouro...” – “Mas eu não posso, Dito, não posso! Gosto demais dela, estes dias todos...” Como é que podia inventar a estória? Miguilim soluçava. – Faz mal não, Miguilim, mesmo ceguinha mesmo, ela há de me reconhecer...” – “No céu, Dito? No Céu?!” – e Miguilim desengolia da garganta um desespero. – “Chora não, Miguilim, de quem eu gosto mais, junto com Mãe, é de você...” E o Dito também não conseguia mais falar direito, os dentes dele teimavam em ficar encostados, a boca mal abria, mas mesmo assim ele forcejou e disse tudo: – “Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!...” E o Dito quis rir para Miguilim. Mas Miguilim chorava aos gritos, sufocava, os outros vieram, puxaram Miguilim de lá. (ROSA, 1984, p. 107-108).

A encruzilhada literária de maior comoção para mim foi quando me deparei com Miguilim implorando a Mãitina que ela fizesse feitiços para que o irmãozinho não falecesse. Muita emoção, cumplicidade e afetividade entre ambos.

– “Faz um feitiço para ele não morrer, Mãitina! Faz todos os feitiços, depressa, que você sabe...” Mas aí, no voo do instante, ele sentiu uma coisinha caindo em seu coração, e adivinhou que era tarde, que nada mais adiantava. Escutou os que choravam e exclamavam, lá dentro de casa. Correu outra vez, nem soluçava mais, só sem querer dava aqueles suspiros fundos. Drelina, branca como pedra de sal, vinha saindo: – “Miguilim, o Ditinho morreu...” (ROSA, 1984, p. 108).

Tive o privilégio e a oportunidade de ler os últimos trechos da novela, mas a minha voz ficou embargada de tal maneira que não consegui por duas vezes. A querida professora Mônica Meyer fez a gentileza de fazer a leitura da finalização. Eu “[...] sentia as lágrimas quentes, maiores do que os olhos”. (ROSA, 1984, p. 109).

Após o término da leitura e da discussão acerca da citada obra, me senti inconformada com o fato de Miguilim não ter sonhado com seu irmão Ditinho, como havia pronunciado Mãitina:

[...] Ela prezava a bondade do Dito, **ensinou que ele vinha em sonhos, acenava para a gente, aceitava louvor**. Sempre que se precisava, Mãitina era pessoa para qualquer hora falar no Dito e por ele começar a chorar, junto com Miguilim. (ROSA, 1984, p. 114, grifos meus).

## Método

Livrentemente, fiz uso da ficção como maneira de auxiliar o personagem na elaboração de algumas lacunas afetivas e sociais, a exemplo da resultante da partida precoce do seu irmãozinho querido. Mediante adaptação de alguns trechos de Manuelzão e Miguilim (ROSA, 1984), viabilizei um pequeno ensaio do sonho de Miguilim com Dito.

As compensações oníricas de elaboração do luto e de ausências na etapa infantil centraram-se, principalmente, em elevar a autoestima do personagem em pauta; em o menino ter a certeza de que a Cuca Pingo-de-Ouro estava alegre e bem com o Ditinho no céu; em reforçar a lição de alegriazinha e em tornar o menino Miguilim mais confiante, para conquistar os seus desejos, a possibilidade de conhecer o mar, “mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo” (ROSA, 1984, p. 108).

No fim apresento a criança adulta: Miguel como produto da travessia de Miguilim, ainda com alguns resquícios decorrentes das suas subtrações na infância, mas buscando a alegria.

Para as referências bibliográficas inspirei-me, principalmente, em dois livros de João Guimarães Rosa (1984; 1969). Também consultei algumas teses voltadas ao assunto em pauta.

### **O sonho como mecanismo de compensação do luto e perdas afetivas e sociais**

A saudade do Dito era tanta que Miguilim foi conversar sozinho com ele debaixo do jenipapeiro, sentado ao lado do ladrilhado redondo que tapava o túmulo secreto, que construiu junto com Mãitina, com todas as coisinhas do seu saudoso irmão, conselheiro e confidente (ROSA, 1984, p. 114).

Mãitina garantiu a Miguilim que Dito viria em sonhos, que acenaria para ele e que aceitaria seu louvor saudoso e fraterno (ROSA, 1984, p. 114):

Enquanto estava chorando, parecia que a alma toda se sacudia, misturando ao vivo todas as lembranças, as mais novas e as muito antigas. [...] Queria, isso sim, se fosse um milagrezinho possível saber como Dito estava. [...] – Hoje, o que era que o Dito ia dizer, se não tivesse morrido? O quê?!... Então, chorava mais. [...] Porque o que Miguilim queria era assim como algum sinal do Dito morto ainda no Dito vivo, ou do Dito vivo mesmo no Dito morto (ROSA, 1984, p. 111-113).

Lembrava principalmente quando cavalgou com Dito... “Mas, no mais das horas, ele estava cansado” (ROSA, 1984, p. 111). “Chorou mais do que a água de três cocos” (ROSA, 1984, p. 86). Exausto, adormeceu ali mesmo, debaixo do jenipapeiro. Então, Miguilim ouviu uma vozinha iluminada lá de longe:

– Aqui é “Dito, Expedito! Dito, Expedito! Dito, Expedito!” A nossa amiguinha Cuca Pingo-de-Ouro me reconheceu no céu e brincamos toda horinha. Ela está enxergando. Ouve o latidinho dela para você ver! Estamos bem, fique alegre!!!

– Chora não, Miguilim, meu irmãozim... Você não carece mais dos meus conselhos. Mesmo mole e ferido, você ficou forte, cada vez mais forte!!! Conte mais e mais estórias...

– Nunca se esqueça da lição de alegriazinha que te ensinei: “[...] a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!...” (ROSA, 1984, p. 108)

– Prevejo que você terá dias surpreendentes e muito felizes por detrás dos montes do Mutum. A sua visão será para além da fila de formiguinhas, dos caramujinhos, das pintinhas da joaninha. Junte as suas coisinhas, calce as minhas alpercatinhas, aproveite “a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar” e quem sabe você não conhecerá o mar... (ROSA, 1984, p. 140)

– Vá ser feliz!!!

– Seja curioso. Tenha desejos como eu tinha. Não desanime. Lembra, eu queria ser fazendeiro. E você quer ser o quê? Quem sabe você conhecerá o mar. “Lance seus olhos para os ventos do futuro, tentando enxergar o amanhã.” (ROSA, 1983, p. 95)

– Sempre alegre, Miguilim... “você carece de ficar alegre, tristeza é agouria...” (ROSA, 1984, p. 137) como diz também o São Aristeu. Lembra como ele cantava para você sarar, se animar?

Ô ninho de passarim,  
ovinho de passarinhar:  
se eu não gostar de mim,  
quem é mais que vai gostar? (ROSA, 1984, p.136)

Passaram minutinhos que duraram uma noite. Miguilim desadormeceu devagarim, devagarim, devagarim e espreguiçou-se... Estava meio aéreo, pois jurava que tinha dormido embaixo do jenipapeiro. Por outro lado, sentia-se animoso. Pensou, pensou e percebeu que não mais sentia tristeza pela morte de Dito. Experimentava, sim, uma sensação nova, uma mistura de sentimento de cura com a sabedoria que fora a de Dito e muita alegriazinha... Daí perguntou: “Uai, Mãe, hoje já é amanhã?!” (ROSA, 1984, p. 112)

– Sim!

– “Mãe, mas por que é, então, para que é, que acontece tudo?!” — Miguilim, me abraça, meu filhinho, que eu te tenho tanto amor...” (ROSA, 1984, p.141)

Subitamente, eles ouviram um grito de alegria vindo da cozinha, era Rosa e os irmãozinhos dele. Todos vieram contar uma novidadezinha:

– Miguilim, Miguilim, de repente, de repente, o Papaco-o-Paco gritou: “– Dito, Expedito! Dito, Expedito, Dito, Expedito!” (ROSA, 1984, p. 115). Se o Dito estivesse aqui, ele iria ficar forte de alegria...

Miguilim lembrou-se imediatamente do sonho e seu coração começou a bater descompassadamente... Aí compreendeu que a sua evocação para acontecer um milagrezinho realmente havia ocorrido...

Não bastasse, Mãitina veio agitada anunciar para a mãe de Miguilim que havia chegado dois homens, sendo que um deles usava óculos...

Todos saíram correndo com Nhanina para saber das novidades trazidas pelos visitantes. Mas Miguilim se adiantou e segurou firme na mão da sua mãe e foram recebê-los.

- Deus te abençoe, pequenino. Como é teu nome?
- Miguilim. Eu sou irmão do Dito.
- E seu irmão Dito é o dono daqui?
- Não, meu senhor. O Ditinho está em glória (ROSA, 1984, p.139).

Mal sabia Miguilim, o prenunciado pelo Dito em sonho iria começar a acontecer devagarinho, miudinho, sem pressa nenhuma, a começar pela descoberta pelo visitante de óculos da miopia do pequenino.

Passou o tempo para Miguilim e ele, agora Miguel, foi atrás dos conselhos que Dito lhe enviara em sonho.

Conheceu o tão sonhado mar durante a sua graduação em Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Acima de tudo, tinha que buscar a alegria, “a despeito de toda coisa ruim que acontece acontecendo” (ROSA, 1984, p. 108).

Descobriu que existia “Maria da Glória, Glória, Glorinha...” (ROSA, 1969, p. 88).

Ela era filha do fazendeiro iô Liodoro.

Os olhos de Maria da Glória tinham respondido que ela o esperaria. A alegria dela transbordava deslumbrantemente.

Miguel foi-se embora sem saber se gostava suficientemente da Glorinha. Se o encantamento cada vez maior que sentia queria dizer amor. Mas prometeu voltar. O seu olhar também sinalizara a Glória que voltaria.

Miguel, sem prévio aviso, voltava àquele lugar: à fazenda Buriti Bom, alheia, longe depois de saudades e tempo. Viajava de Jeep e estava receoso. Desejava que Maria da Glória o recebesse com tanta alegria que neutralizasse a surpresa em vê-lo! Durante o trajeto, vinha pensando nela: na sua beleza, no seu sorriso, em sua forma prática, espontânea, extrovertida e leve de encarar a vida.

Glória fizera Miguel deslembrar das suas tristezas. Ele queria agora demorar perto dela.

De repente, na escuridão da noite, Miguel ouviu relinchos. Ajustou os faróis do Jeep, procurando, procurando... A luminosidade o conduziu a Glorinha montada a cavalo.

Finalmente, descobriu que ela era a alegria a qual Dito tanto lhe quis ensinar.

Ah! Maria da Glória, da ALEGRIA...

Na noite do sertão  
Meu coração só quer bater por ti  
Eu me coloco em tuas mãos  
Para sentir todo o carinho que sonhei  
Nós somos rainha e rei  
Na noite do sertão  
Olho para o céu  
Tantas estrelas dizendo da imensidão  
Do universo em nós  
A força desse amor nos invadiu  
Então Glorinha ...veio a certeza de amar você<sup>3</sup>

Quando encontrei você, Maria da Glória, aqui linda, leve, sorridente, foi como se extinguisse uma grande saudade... Miguel, finalmente, descobriu que Glória era a ALEGRIA que Dito tanto lhe quis ensinar.

---

<sup>3</sup> Música *Céu de Santo Amaro*, Letra de Flávio Venturini. Disponível em <https://www.vagalume.com.br/flavio-venturini/ceu-de-santo-amaro.html> Acesso em: 16/2/2023.

## Considerações finais

O resultado trágico que a miséria propiciou no Mutum, entre outros aspectos, resulta do encantamento precoce de Dito, como parte de mais uma denúncia das tantas outras presentes nas obras rosianas. Abruptamente, criam-se lacunas afetiva e de transmissão de sabedoria ao Miguilim diante da insuficiência de mecanismos para administrar a vivência do luto fraterno, aliada ao despreparo familiar para identificar possibilidades de reverter a situação.

Livremente, optei pela ficção e o imaginário onírico como alternativa de compensar as ausências de Miguilim. A ressurreição de Expedito em sonho permitiu que houvesse o reforço dos seus ensinamentos ao carente menino.

Fiz uma analogia da sensação pós-onírica de Miguilim com a do personagem Riobaldo em *Grande sertão: veredas*: “Dormi, nos ventos. Quando acordei, não cri: tudo o que é bonito é absurdo – Deus estável” (ROSA, 2019, p. 209).

– Dormi, aos pés do jenipapo. Quando desadormeci, não cri: tudo era animoso, não mais sentia tristeza pela morte de Dito, experimentava uma sensação nova, uma mistura de sentimento de cura com a sabedoria e muita alegriazinha...

As palavras derradeiras de Ditinho, “Sempre alegre”, nortearão a essência dos dias vindouros de seu irmão.

Quando da chegada dos visitantes, deixou a sua costumeira atitude passiva e assumiu liderança ao se adiantar, segurando firme na mão da sua mãe e foram recebê-los.

Dito em sonho diz a Miguilim para ele calçar as suas alpercatinhas, sendo que, ao herdá-las, irônica e metaforicamente, servirão de amuleto para o menino seguir a sua travessia. Este ato será praticamente uma cessão de habilidades, anseios, pragmatismo daquele que foi expedito precocemente ao céu.

Os pés de Miguilim ocuparão um espaço íntimo onde Ditinho deveria direcionar os seus próprios passos. E foi andando com os calçadinhos que ele descobriu novas perspectivas vivenciais aliadas à correção do seu olhar míope. Miguilim não sabia, mas o fato de ele, ao longo de sua tenra infância, forcejar os olhos buscando ficar mais rente às coisas o habilitou a captar “as minúcias do visível”, contornos, cores, cheiros de tudo” (ROSA, 1983, p. 48). A saída do Mutum, o uso dos óculos e o contato com novas

culturas, diferentes pessoas e os estudos permitiram-lhe alargar a sua visão de mundo. Realmente, existiam coisas muito interessantes por detrás dos montes do Mutum.

Calqui (2016) aborda uma relevante análise sobre o momento da partida de Miguilim do Mutum:

Os ciclos da narrativa e da infância de Miguilim se fecham com uma viagem indicando a abertura do mundo aos olhos infantis. Superado o luto, os óculos do doutor da cidade surgem como uma metáfora para uma nova forma de ver o mundo, ajustada às suas necessidades. Com as lentes corretoras, Miguilim será capaz de vislumbrar o horizonte que o espera e, ainda, de reconhecer por si próprio a beleza do Mutum: “O Mutum era bonito! Agora ele sabia” (ROSA, 1984, p. 142).

Miguel alcançou uma posição de destaque decorrente dos seus estudos académicos na faculdade e da respectiva prática veterinária, com muita seriedade profissional e afinco. A sua profissão permitiu preencher algumas lacunas materiais e sociais do passado.

Conseguiu ultrapassar o fato de ser filho de um carente arrendatário para se tornar “doutor” diplomado, letrado, um cidadão de direitos e deveres. Miguel buscou a rota do mar que tanto sonhara, graduando-se no Rio de Janeiro: “Porque, ele sabia, o mar e o sertão metafisicamente se conhecem, se desejam e se completam. O mar interliga as terras que separa. Ele é o grande mistério, a grande aventura” (ROSA, 1983, p. 95).

Adquiriu hábitos urbanos sem com isto abdicar do sertão, desempenhando o seu ofício assertivamente, com segurança, liderando, e os outros cumprindo, vacinando com alegria e zelo a novilhama, a vacada, os bois, a bezerrada, muitas quantidades de reses. Trouxe a modernidade ao sertão.

Conseguiu descobrir o AMOR, a ALEGRIA...

Reconheci, em contato com a obra em pauta, valores que vão para além do conto e nos ancoram para a vida: o amor das mais variadas formas – mesmo o amor sendo egoísta, a mãe do pequenino o incentivou a ir atrás de novas oportunidades e descobertas; a amizade em sentido amplo; a superação; o acreditar no porvir; a solidariedade; o estar atento a novos “olhares” sob diferentes perspectivas; a tristeza

transformada em saudade; a sensibilidade; a cura pela palavra, pela doçura do mel, pela música; a poesia no descortinar do olhar para o mundo através das lentes dos óculos e do amor:

Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãosinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. [...] Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... (ROSA, 1984, p. 140).

Como Miguilim, me refiz na vida de muitas maneiras. Sinto-me plena e feliz. Isso não é ficção!

## Referências

CALQUI, Mayara De Andrade. Travessia e elaboração das perdas em “Miguilim”, de João Guimarães Rosa. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras – Teoria e Literatura Comparada, São Paulo, 2016. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-25082016-135618/pt-br.php> Acesso em: 20/2/2023.

NUNES, Fabricio Vaz. Texto e imagem: a ilustração literária de Poty Lazzarotto. vol.2. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, Área de Estudos Literários da Universidade Federal do Paraná – UFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários. Curitiba, 2015. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/40474> Acesso em: 20/2/2023.

ROSA, João Guimarães. Manuelzão e Miguilim (Corpo de baile). Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira S/A, 1984, 16ª ed.

ROSA, João Guimarães. Noites do sertão (Corpo de baile). Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1969, 4ª ed.

ROSA, Vilma Guimarães. Relembraimentos: João Guimarães, meu pai. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, 1ª ed.

ROSA, Vilma Guimarães. Relembraimentos: João Guimarães, meu pai. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, 1ª ed.



SEMPRE ALEGRE, MIGUILIM



“Ela prezava a bondade do Dito, ensinou que ele vinha em sonhos, acenava para a gente, aceitava louvor. Sempre que se precisava, Mãitina era pessoa para qualquer hora falar no Dito e por ele começar a chorar, junto com Miguilim. O que eles dois fizeram, foi ela quem primeiro pensou. Escondido, escolheram um recanto, debaixo do jenipapeiro, ali abriram um buraco, cova pequena. De em de, camisinha e calça do Dito furtaram, para enterrar, com brinquedos dele. Mas Mãitina foi remexer em seus guardados, trouxe uns trens: boneco de barro, boneco de pau, penas pretas e brancas, pedrinhas amarradas com embira fina; [...] Tudo se enterrou, reunindo com as coisinhas do Dito. [...] Era mesma coisa se o Dito estivesse depositado ali, e não no cemiteriozinho longe, no Terentém.” (ROSA, 1984, p. 114)

A saudade de Dito era tanta que Miguilim foi conversar sozinho com ele debaixo do jenipapeiro, sentado ao lado do ladrilhado redondo que tapava o túmulo secreto, que construiu junto com Mãitina, com todas as coisinhas do seu saudoso irmão, conselheiro e confidente<sup>1</sup>.



Mãitina garantiu a Miguilim que Dito viria em sonhos, que acenaria para ele e que aceitaria seu louvor saudoso fraterno<sup>2</sup>.



“Porque o que Miguilim queria era assim como algum sinal do Dito morto ainda no Dito vivo, ou do Dito vivo mesmo no Dito morto”<sup>3</sup>.

“Queria, isso sim, se fosse um milagrezinho possível”<sup>4</sup>, saber como Dito estava<sup>5</sup>.



“— Hoje, o que era que o Dito ia dizer, se não tivesse morrido? O quê?!... Então, chorava mais”<sup>6</sup>.



“Enquanto estava chorando, parecia que a alma toda se sacudia, misturando ao vivo todas as lembranças, as mais novas e as muito antigas<sup>7</sup>. Principalmente quando cavalgou com Dito...



Mas, no mais das horas, ele estava cansado”<sup>8</sup>.

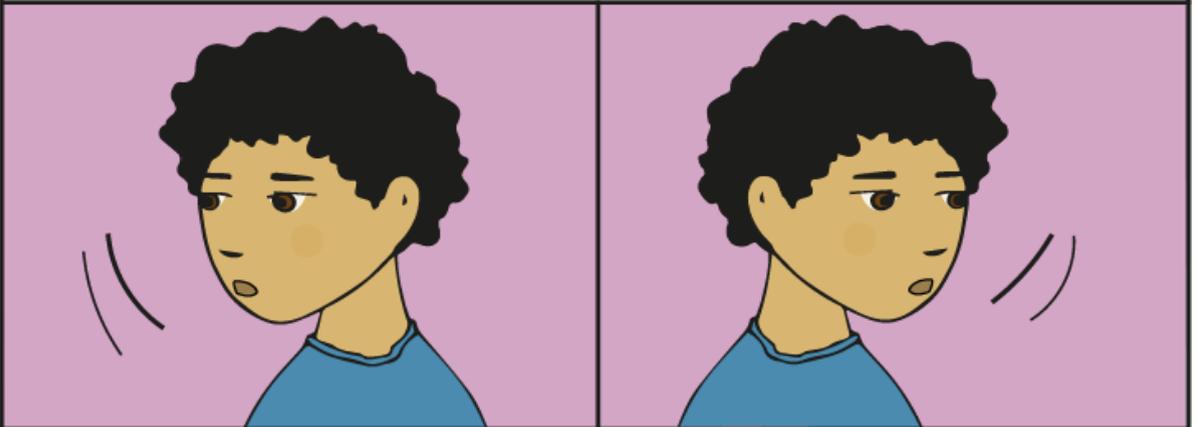


“Chorou mais do que a água de três cocos”<sup>9</sup>. Exausto, adormeceu ali mesmo, debaixo do jenipapeiro.

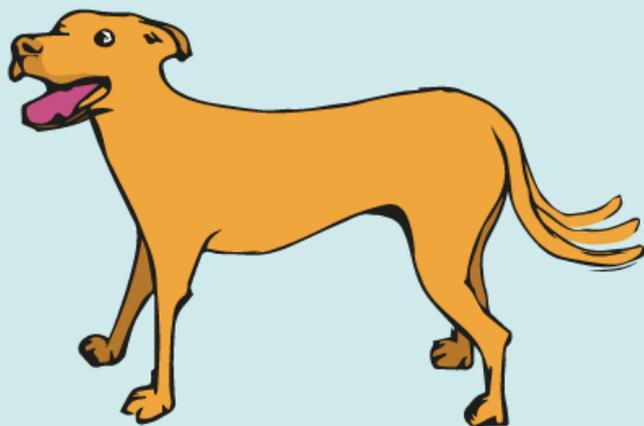


Então, Miguilim ouviu uma vozinha iluminada lá de longe:

— Aqui é “Dito, Expedito! Dito, Expedito! Dito Expedito!” A nossa amiguinha Cuca Pingo D’Ouro me reconheceu no céu e brincamos toda horinha. Ela está enxergando.



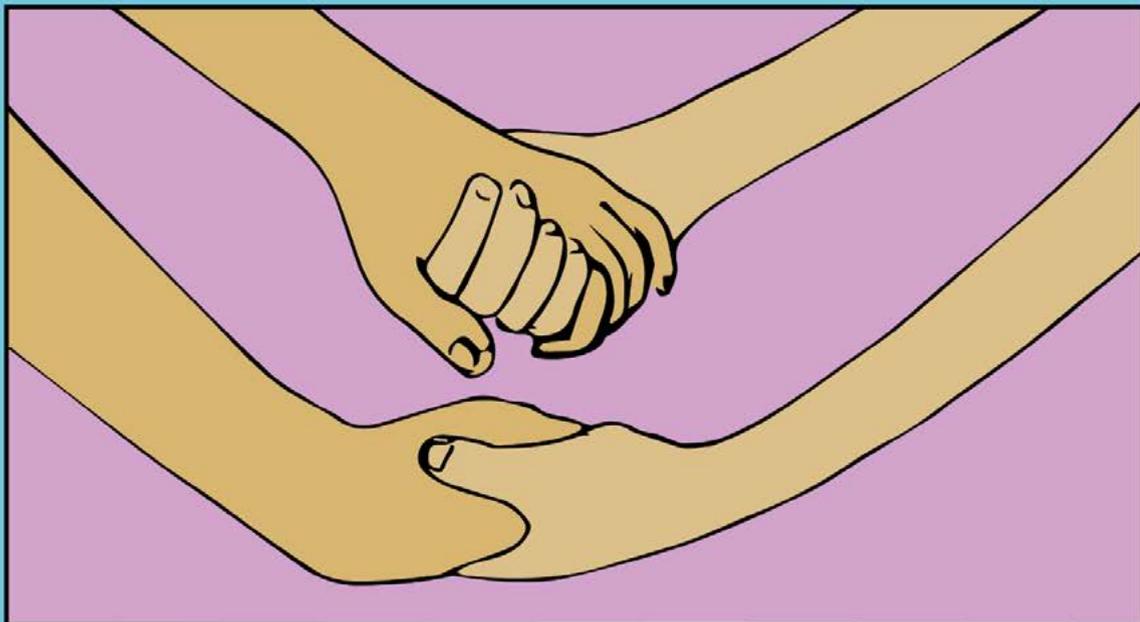
AU, AU, AU!  
AU, AU, AU!



Ouve o latidinho dela para você ver! Estamos bem, fique alegre!!!

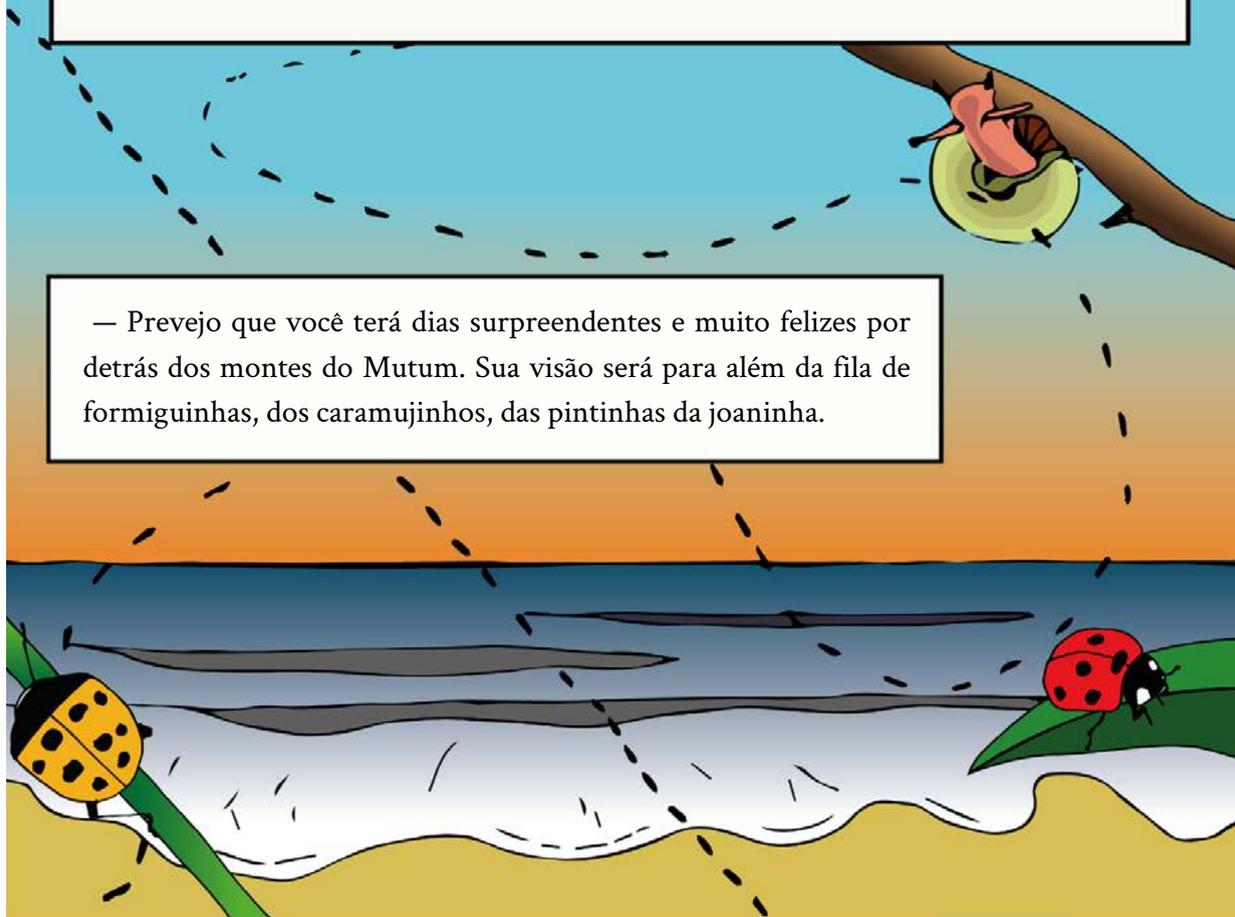
— Chora não, Miguilim, meu irmãozim... Você não carece mais dos meus conselhos. Mesmo mole judiado, você ficou forte, cada vez mais forte!!!<sup>10</sup> Conte mais e mais estórias...





— Nunca se esqueça da lição de alegriazinha que te ensinei: “[...] a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder fica então mais alegre, mais alegre, por dentro!”<sup>11</sup>...

— Prevejo que você terá dias surpreendentes e muito felizes por detrás dos montes do Mutum. Sua visão será para além da fila de formiguinhas, dos caramujinhos, das pintinhas da joaninha.



Junte as suas coisinhas, calce as minhas alpercatinhas, aproveite “a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar”<sup>12</sup> e quem sabe você não conhecerá o mar...

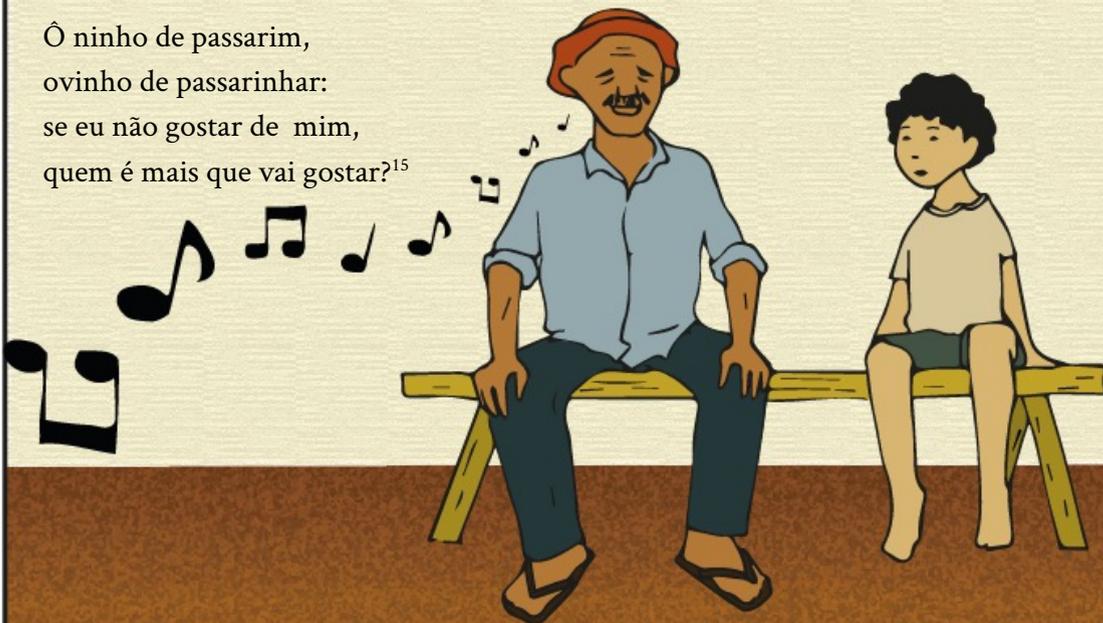


— Vá ser feliz!!!

— [...] Seja curioso. Tenha desejos como eu tinha. Não desanime. Lembra, eu queria ser fazendeiro. E você quer ser o que? “Lance seus olhos para os ventos do futuro, tentando enxergar o amanhã”<sup>13</sup>.

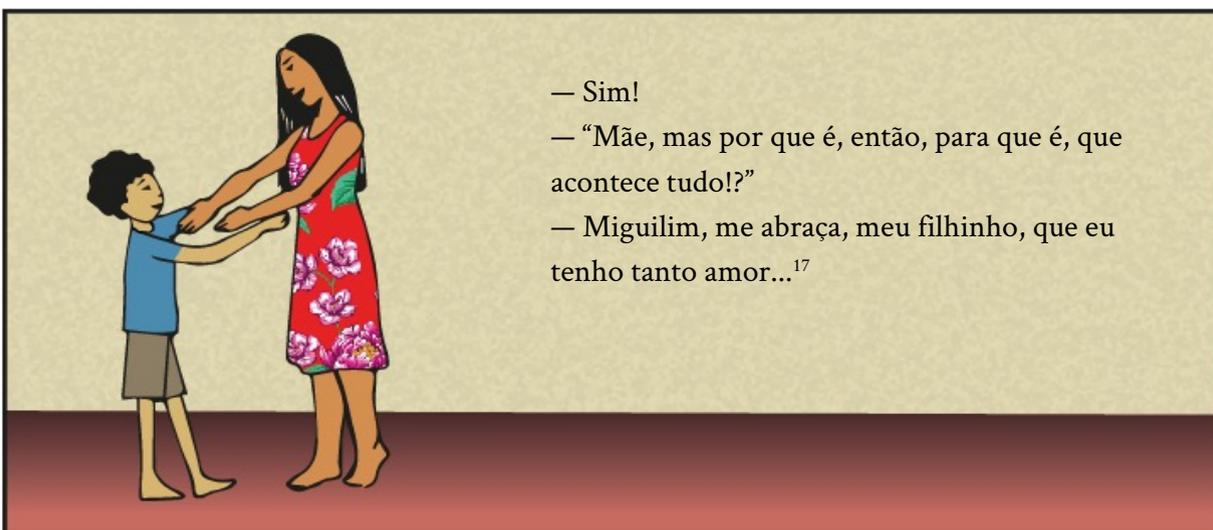
Sempre alegre Miguilim... “você carece de ficar alegre, tristeza é agouria...”<sup>14</sup> como diz também o São Aristeu. Lembra como ele cantava para você sarar, se animar?

Ô ninho de passarim,  
ovinho de passarinhar:  
se eu não gostar de mim,  
quem é mais que vai gostar?<sup>15</sup>





Passaram minutinhos que duraram uma noite... Miguilim desadormeceu devagarim, devagarim, devagarim e espreguiçou-se... Estava meio aéreo, pois jurava que tinha dormido embaixo do jenipapeiro. Por outro lado, sentia-se animoso. Pensou, pensou e percebeu que não mais sentia tristeza pela morte de Dito. Experimentava sim uma sensação nova, a qual misturava cura com a sabedoria qual fora a de Dito e muita alegriazinha... Daí perguntou: “Uai, Mãe, hoje já é amanhã?”<sup>16</sup>



- Sim!
- “Mãe, mas por que é, então, para que é, que acontece tudo!?”
- Miguilim, me abraça, meu filhinho, que eu tenho tanto amor...<sup>17</sup>

Subitamente, eles ouviram um grito de alegria vindo da cozinha, era Rosa e os irmãozinhos dele. Todos vieram contar uma novidadezinha: — Miguilim, Miguilim, de repente, de repente, o Papaco-o-Paco gritou:



— Dito, Expedito! Dito, Expedito, Dito, Expedito!<sup>18</sup>



Se o Dito estivesse aqui, ele iria ficar forte de alegria...

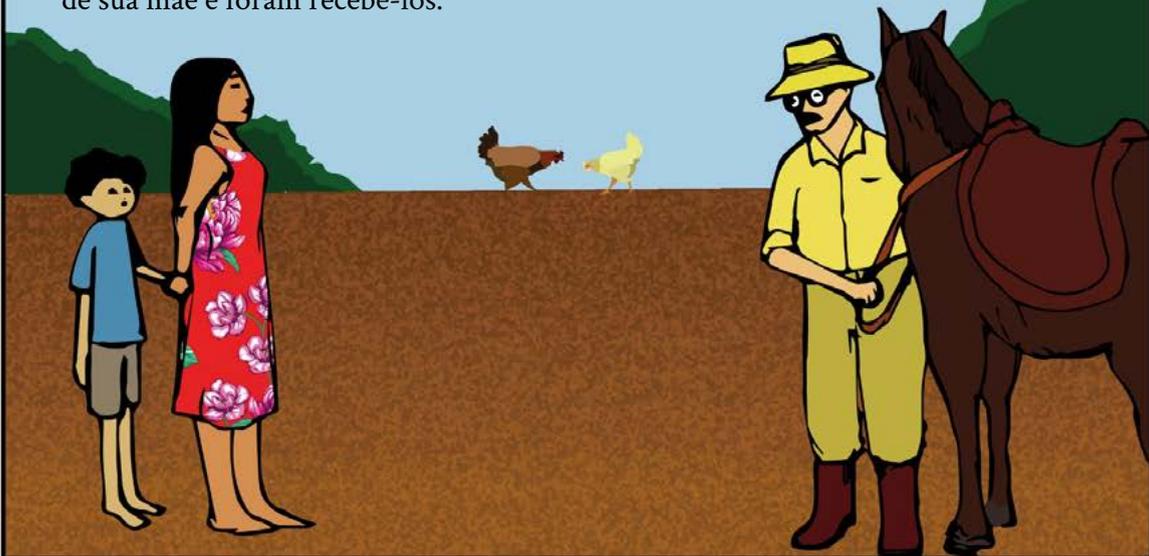


Miguilim lembrou-se imediatamente do sonho e seu coração começou a bater descompassadamente... Aí compreendeu que a sua evocação para acontecer um milagrezinho, havia ocorrido...

Não bastasse, Mãitina veio agitada anunciar para a mãe de Miguilim que havia chegado um homem. Eram dois<sup>19</sup>, sendo que um deles usava óculos...



Todos saíram correndo com Nhanina para saber das novidades trazidas pelos visitantes. Mas Miguilim se adiantou e segurou firme na mão de sua mãe e foram recebê-los.



“— Deus te abençoe, pequenino. Como é teu nome?

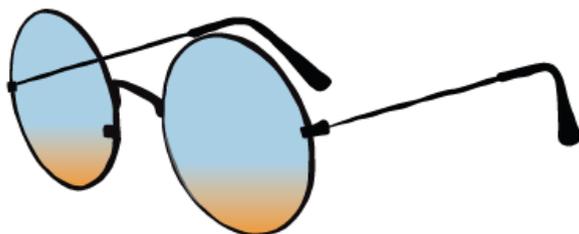
— Miguilim. Eu sou irmão do Dito.

— E seu irmão Dito é o dono daqui?

— Não, meu senhor. O Ditinho está em glória”<sup>20</sup>.



Mal sabia Miguilim... o prenunciado pelo Dito, em sonho, iria começar a acontecer devagarinho, miudinho, sem pressa nenhuma...



**Referências**

1. ROSA, João Guimarães. Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile). Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984, 16ª ed., p. 114.
2. p. 114.
3. p. 113.
4. p. 112.
5. p. 112.
6. p. 112.
7. p. 111.
8. p. 111.
9. p. 86.
10. p. 99.
11. p. 108.
12. p. 140.
13. p. 95.
14. p. 137.
15. p. 136.
16. p. 112.
17. p. 141.
18. p. 115.
19. p. 139.
20. p. 139.

## **Créditos**

### **Concepção, texto inspirado e adaptado na obra de João Guimarães Rosa\***

Maria Neli Defensor Martins

### **Ilustrações da capa, dos textos e diagramação:**

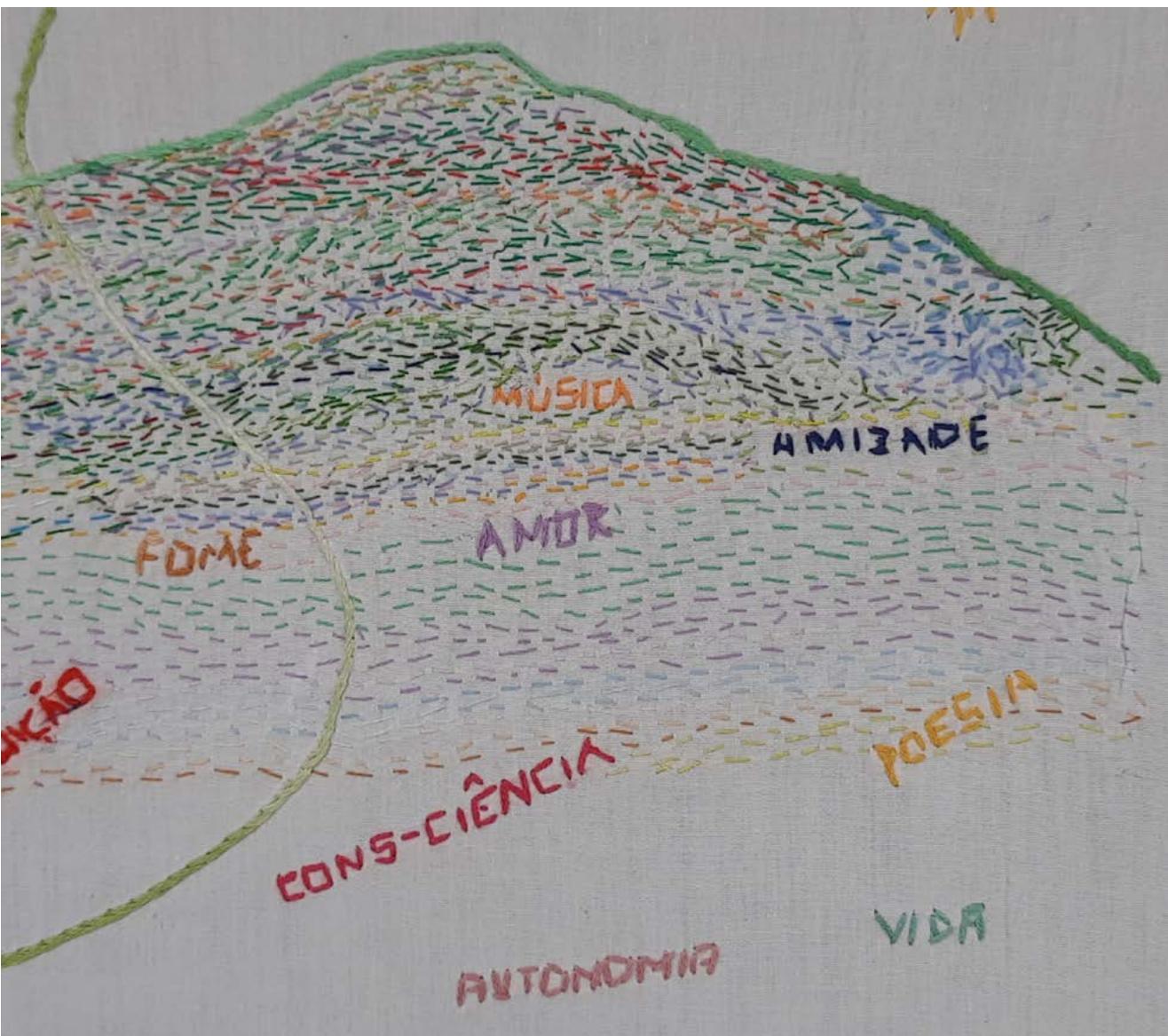
Isadora Almeida Simões

### **Orientação de estruturação do texto:**

Elisa Almeida

\*ROSA, João Guimarães. **Campo Geral**. In: Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile). Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984, 16ª ed.

# TRAVESSIA V: Cartas e outros recados



Bordado de Cleisa Moreno Maffei Rosa

Foto de Alderon Costa

# A roda em espiral

Mônica Meyer<sup>1</sup>

Querida Elni

Belo Horizonte, 8 de março de 2023  
Dia Internacional da Mulher

Manifesto satisfação em participar desta coletânea antológica sobre a Roda de Leitura recontando como abracei esta ciranda literária. Escrevo em forma de carta, estilo que perdeu terreno para as mensagens eletrônicas, e encomendo o envio não ao pombo-correio, e sim ao gavião-pé-de-serra, que do alto das montanhas pode enxergar a rota de Minas até Paris. Esta ave baila o corpo em voo poderoso e veloz como flecha, para caçar e levar as palavras tecidas neste texto e entregar o meu recado. Provavelmente, a missiva chegará em correntes de ar quente, no início da primavera que manifesta os primeiros sinais com as florzinhas brancas, brancas-flores de delicadeza e paz tão necessárias nestes tempos de guerra entre Rússia e Ucrânia.

Divido este texto-carta em três partes: como dei as mãos na Roda, as leituras e os comentários que rodam, e os desdobramentos da Roda de Leitura.

---

<sup>1</sup> Bióloga. Doutora em Ciências Sociais-Antropologia. Mestre em Educação. Professora aposentada da Faculdade de Educação da UFMG.



O encantamento pela obra rosiana, especialmente pela natureza exuberante tão estudada, anotada, conhecida, descrita, detalhada, valorizada e respeitada pelo escritor, me abriu outras perspectivas acadêmicas. Como bióloga a identidade se fez ponte, e a travessia era reaprender o mundo natural entrelaçando natureza, cultura e saber popular.

Longe de Minas viajei pelo sertão sem tirar os pés do chão. Mergulhei na leitura de *Grande sertão: veredas* pleno de criaturas como um rio que navega lótico, transborda pelas margens das páginas, vivo de graça e ritmo, suave gorjeio, grosso mormor, sussurros, sonos e sorrisos.

Desembarquei no Arquivo Guimarães Rosa, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo-USP. Debruçar sobre o acervo do escritor é deslumbrar um outro ser-tão rosiano, um céu liso e rugoso, cheio de luz e sombra. A minha rota de pesquisa fluía como água de vereda ornada de buritis, de mugidos, aboios e conversas de vaqueiros. Enfeitada com o canto da seriema kaufkaufkaufkauf... do gavião-pinhé pinhé... pinhé... da fogo-apagou, fogo-pagou... fogo-pagou... Cheirosa de flores amarelas de bate-caixa, de cheiro bom de bosta e mijo de boi. Colorida como o amarelim do cerrado. Juntei tralha: caderno, lápis de cor, caneta e comecei a ler, copiar e viajar com *A boiada*, sem assento em lombo de burro. Muitas horas sentadas em cadeira copiando os diários de viagem do escritor. *A boiada* é o título dado por Guimarães Rosa às suas anotações da viagem ao sertão de Minas em 1952, junto com uma comitiva de vaqueiros. Este trabalho de pesquisa resultou numa tese de doutorado

e num livro pioneiro sobre a natureza em Guimarães Rosa – *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*.

Esta travessia acadêmica abriu novas chegadas e partidas. A literatura, incorporada às minhas práticas educativas fora e dentro da Universidade Federal de Minas Gerais, tomou um rumo mais forte e, como as palmas de buriti que se dedeiam, entrelaçou com os programas das disciplinas de Biologia lecionadas. Decidida a levar a literatura além das quatro paredes da sala de aula, enveredei por outros caminhos e trilhas pedagógicas.

Em 2019 recebi um convite para participar de um projeto na área da saúde – *Cartas para Guimarães Rosa*, sobre o impacto da obra do escritor na vida dos leitores. Fiquei sensibilizada e emocionada, pois cartas e cartões fazem parte de uma história pessoal e familiar e não perderam espaço com o advento do e-mail. Assim, no dia 14 de julho de 2019 enviei pelos correios uma carta para o Museu Casa Guimarães Rosa, localizado em Cordisburgo, MG. Ilustrei o envelope com selos comemorativos de Guimarães Rosa e desenhos de buriti.

Com a sistematização e a análise da correspondência recebida dos participantes, as coordenadoras do projeto elaboraram um livro digital primoroso e relevante, que reforça a ideia de que *cultura é chão para ter saúde*. Reproduzo parte do prefácio desse livro que se identifica com o espírito da Roda de Leitura.

O conjunto de cartas recebidas no Projeto Cartas para Guimarães Rosa apresenta um retrato imaginário do escritor e reforça a importância e o poder da educação e da cultura para a saúde. As novelas e os contos transformam-se em companhia para espantar a solidão, a loucura, o desafeto. Mudam pensamentos, sentimentos e vidas. Mergulham nas profundezas do ser. A leitura acolhe, conforta, colore o cotidiano, estimula a imaginação, cultiva a poesia e o amor. Aumenta a autoestima. A obra literária de João Guimarães Rosa ao criar laços com o leitor incentiva-o a exercitar o olhar, a redescobrir a natureza, a rever os modos de ser e de morar, a valorizar as raízes culturais como identidade singular. Enfim, recados que trazem mais saúde.

Desta forma o conceito de saúde ultrapassa os cuidados básicos, se expande, amplia, inclui e incorpora sentimentos, ações e práticas essenciais na

arte de viver como atestam os depoimentos. *Aponta significados além do ordinário*. Engloba alegria, convivência, partilha, paz e harmonia. Exercita o respeito ao outro, igual e diferente, com acolhimento e *escuta de outras vozes* (MEYER, Mônica. IN: ARAÚJO, 2020).

No ano seguinte, para homenagear Guimarães Rosa no dia do seu aniversário de nascimento, 27 de junho, gravei em audiovisual a carta original escrita para o projeto descrito acima:

Querido Guimarães Rosa,

Ave palavra, com canto e plumagem e principalmente com força amorosa e poética você nos conduz a rever o mundo natural. Sua obra literária é um alento e traz uma abordagem ecológica e sistêmica, inovadora que entrelaça cultura, ciência e natureza. Mire e veja “Sarapalha”, conto de *Sagarana*, seu primeiro livro publicado em 1946. Ali você conta com maestria o impacto da malária num povoado ignoto, beira do rio Pará, Minas Gerais. Com a retirada dos moradores, o lugar torna-se uma tapera e o mato toma conta. Uma das mais belas e precisas descrições sobre sucessão ecológica. Você narra o sofrimento dos primos que tremem com a sezão da doença e do amor. Quanta sensibilidade e conhecimento para descrever a trilogia enfermidade, natureza e amor em ciclos que se interpenetram e confluem. Em seu arquivo pessoal, aberto à consulta no IEB-USP, e em seus livros, você deixa recados da natureza, aprender a olhar, escutar, respeitar, refletir, contemplar, meditar, agir. No corpo de baile do planeta Terra você nos leva a exercitar o olhar com acuidade além de uma abordagem antropocêntrica, utilitária, prática e imediatista. O seu recado é claro e limpo como o céu do sertão: a natureza não é recurso, mercadoria, objeto e nem cenário. A natureza traduz a epifania do ser. Na narrativa descobrimos a teia da vida fina, frágil e forte tecida com as águas, a terra, o ar e todas as criaturas. A leitura nos sacode como um vento sobre as palmas do buriti e nos convida a olhar a natureza como sujeito, personagem, gaia. Ao desvendar o sertão, reolhamos para o ser-tão e concordamos que um pouquinho de amor já é um descanso da loucura.

Com um abraço belimbeleza,  
Mônica Meyer

Após compartilhar com os amigos esta carta, ela passou de mão em mão, como brincadeira de passa anel, atingiu outras altitudes e chegou à Roda de Leitura, em São Paulo. Recebi então um telefonema das coordenadoras da Roda que me pediram para gravar um podcast para o IEB-USP e me convidaram para ingressar na leitura do livro *Corpo de baile*, que começaria em 5 de agosto de 2020, em formato online.

Como a trilogia *Corpo de baile* permite cotejar várias inserções e recriações de *A boiada* nos sete contos, achei fascinante e estimulante a ideia de ler em grupo e partilhar comentários. Assim, em plena pandemia da Covid-19, nas margens da alegria e animada com esse engajamento na leitura oral, dei as mãos na Roda e comecei a ler em grupo, acompanhando a cadência do cirandar semanal.

Ao longo da participação reafirmei a semelhança com o Projeto Cartas para Guimarães Rosa. Há um processo educativo que atravessa a Roda de Leitura como um fio que une as contas de um colar, em que o aprendizado ultrapassa a obra literária. O encontro é também um exercício de escuta, de reflexão, de partilha e de acolhimento o que proporciona mais saúde.

### **As leituras e os comentários que rodam**



A Roda de Leitura revelou de imediato um grupo que ensaiava um formato original para contornar o isolamento durante a pandemia da Covid-19. Outrora presencial e restrita a São Paulo, inaugurou uma sala virtual que permitiu a inclusão de pessoas de outras cidades. A tela do computador logo se encheu de uma cartela de retratos coloridos 3/4 e de uma pluralidade de vozes, de acentos e ritmos distintos no ato de ler.

Cada avanço na leitura do conto ou novela abre uma sessão de comentários posteriores. Contribuições e manifestações surgem de vários olhares, de diferentes experiências de vida e sensibilidades tornando aquele momento social e cultural em processo de aprendizagem prazeroso.

Com foco na leitura do dia, direciono os comentários para destacar a natureza como um sujeito animado, um personagem. A riqueza do cerrado e das veredas borbulha e transborda em descrições e metáforas recorrentes que transcendem a palavra e abrem a perspectiva de repensar a relação do ser humano com o mundo natural. Em alguns momentos é possível identificar as anotações pessoais do escritor, em particular *A boiada*, recriadas de forma magistral e impressionante em detalhes. Este cotejar revela a riqueza do arquivo Guimarães Rosa, o processo de criação do escritor em sua dimensão educativa, poética e filosófica. Exemplifico um pequeno trecho:

*Tatú galinha – funga quando cachorro pega ou quando lhe põem a faca. E chia izuis, izuis. Faz barulho de unhas no chão, quando entra no buraco.*  
(anotação de viagem do escritor em *A boiada* 26/5/1952)

Na novela “Campo geral” ele recria o comportamento do tatu-galinha e sugere que o animalzinho, criatura indefesa, clama, reza com as mãozinhas postas por Jesus. A onomatopéia izuis izuis imita a linguagem do tatu e sugere justamente o nome Jesus...

**tatu-galinha**, o que corre mais, corredor. Funga, quando cachorro pega. Pai tirava a faca, punha a faca nele, chuchava. Ele chiva: Izúis, Izúis!... Estava morrendo, ainda estava fazendo barulho de unhas no chão, como quando entram em buraco. (“Campo geral”, p. 40)

A narrativa acima se refere ao personagem Miguilim, que não concordava em caçar, prender e matar os bichos. Reproduz ainda um olhar carinhoso, cuidadoso, caridoso do menino que sofre com a morte do tatu.

Guimarães Rosa demonstra ser um naturalista estudioso, minucioso, sistemático e fabuloso que, por meio de uma acuidade sinestésica e de um conhecimento amplo e profundo, carrega, transporta e ressignifica o ser-tão natureza com sensibilidade, sentimento, respeito e responsabilidade. Nas linhas e entrelinhas, o bioma cerrado se

assenta, funda e entrelaça raízes brasileiras num sincretismo de ciência e cultura. Saber erudito e o saber popular em puras misturas resplandecem a riqueza de uma bio-sócio-diversidade que salta, descola e voa do texto. Uma trama tecida e urdida com beleza e paciência que nos tira de uma inércia mental e nos conduz a novas descobertas, aprendizados em cada releitura.

A natureza em sua amplitude e ancestralidade transcende pela obra do escritor, como sujeito corporal que tem cor, cheiro, voz, tato, gosto. Esta geofagia atravessa contos e novelas sempre de forma sinestésica, e, à medida que lemos este universo em uni-versos, a sensação é de um deslocamento imaginário inclusive para o sertão. Um sertão regido por uma orquestra cuja batuta é o calendário natural lido com sabedoria pelo sertanejo, que muitas vezes nem sabe ler a palavra.

As auroras, os crepúsculos, o céu, o ar em brisas e ventanias, a flora, a fauna, as águas, as terras desenhadas em morros, colinas e campos se entrelaçam numa epifania interativa e significativa. A vitalidade pulsa em sístole e diástole, numa pluralidade de gestos, de sons reproduzidos em centenas de onomatopeias, incorporando uma concepção de natureza viva, animada, da qual somos parte integrante. Lemos o texto e avistamos o canto das araras.

A riqueza de metáforas sinaliza que a natureza tem onipresença, se manifesta nas pequeninas coisas, na descrição do corpo planta, corpo bicho, corpo gente, corpo palmeira, corpo água, corpo vento, trazendo sempre uma concepção de mundo natural plural, singular e ambígua. Neste diapasão, seguimos a leitura na busca de desvendar o Recado dos Nomes, o Roteiro de Deus, a Raiz da Alma, o Recado do Morro, o Recado da Mata, o Recado dos Bichos, o Recado das Águas.

No fim de cada livro lido de Guimarães Rosa festejamos a obra por meio de um sarau literário, encontro virtual de manifestações artísticas do grupo. Para comemorar um ano de travessia na Roda, compartilhei o texto abaixo.

## Celebrar a vida

Mônica Meyer

Belo Horizonte, 30 de junho de 2021

Como em um passe de dança, começo a participar de um CORPO DE BAILE, que se inicia na OFICINA DE LEITURA GUIMARÃES ROSA, em 2020.

Um ano que bailamos juntos e separados em textos e contextos. Planamos pela Terra redonda, via internet, que continua a dar recados enquanto gira ao redor do Sol. No campo virtual de computadores e celulares, a leitura nos aproxima, nos conforta em tempos de pandemia e as palavras adquirem canto e plumagem.

Neste período, constato com alegria que a Oficina é de LEITURAS, uma pluralidade de olhares sobre a obra rosiana e, sobretudo, a realidade do país. A leitura se enriquece, desenha e redesenha um mapa literário com comentários, mensagens, poesias, haicais, palestras, filmes, músicas, contação de histórias.

A leitura se transforma em um manto social bordado com pessoas de diferentes lugares e formações, com acentos, ritmos e sotaques que revelam a diversidade sonora e cultural latino-americana. Uma Oficina que acolhe linhas e matizes, enlaça pessoas, borda encontros, tece narrativas, arremata ações educativas e artísticas dos grupos do sertão.

Guimarães Rosa, como um mestre iniciático, nos conduz a redescobrir a natureza como criatura animada, nos ajuda a ampliar a percepção da travessia, o transcender, a SER-TÃO.

As coordenadoras da Oficina, ao organizar essa Roda de Leitura, os grupos de WhatsApp e os podcasts, tornam as quartas-feiras momentos singulares, agradáveis de parar por prazer de enfeite e de aprender. Com carinho, muito obrigada a todos e todas.

## Desdobramentos da Roda de Leitura



A abertura da Roda para outros eventos alargou os horizontes e ampliou o ciclo de aprendizagens para o grupo. Debruçamos nas Janelas Roseanas<sup>2</sup>, participamos da Festa de Manuelzão<sup>3</sup> (Andrequicé, MG), da XXXIII Semana Rosiana (Cordisburgo, MG, 2021<sup>4</sup>), de exposições, contação de histórias, assistimos palestras e filmes, ouvimos concertos, saraus, podcasts tendo como eixo a obra rosiana neste corpo literário.

Quanto a outros percursos literários, gravei dois podcast veiculados pelo IEB-USP. O primeiro sobre a viagem de Guimarães Rosa ao sertão de Minas em 1952 – Sertão natureza<sup>5</sup>. E o segundo – A festa de Manuelzão<sup>6</sup> – sobre os vaqueiros, especificamente uma homenagem a Manuelzão e Raimundo Bindóia, que tive a honra de conhecer, conversar e gravar entrevista em 1993.

Compartilhei alguns trabalhos de pesquisa com apresentações na Roda: A natureza no sertão pelo olhar de Guimarães Rosa A boiada<sup>7</sup>; A natureza na novela “Buriti”<sup>8</sup>, com ênfase na exuberante palmeira e as suas metáforas fálicas e eróticas, e

2 Disponível em <https://www.facebook.com/janelasroseanas/> Acesso em: 17/3/2023.

3 Pode-se ver a abertura no canal do YouTube da Samarra – Andrequicé, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jc4w5zSHq70> Acesso em: 17/3/2023.

4 Disponível em <https://www.cordisnoticias.com.br/2021/07/programacao-33-semana-rosiana-2021.html> Acesso em: 17/3/2023.

5 Podcast nº número 94, disponível no acervo do IEB em <https://podcasters.spotify.com/pod/show/difusieb/episodes/094---Ser-To-natureza-por-Mnica-Meyer-eijc6v> Acesso em: 17/3/2023.

6 Podcast nº 121, disponível no acervo do IEB-USP em <https://podcasters.spotify.com/pod/show/difusieb/episodes/121---A-festa-de-Manuelzo-por-Mnica-Meyer-ekepl4> Acesso em: 17/3/2023.

7 Disponível no canal do YouTube da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP em <https://www.youtube.com/watch?v=7VoTDvgMTOc&t=2135s> Acesso em: 17/3/2023.

8 Disponível no canal do YouTube da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP em <https://www.youtube.com/watch?v=xmwwqkjegno&t=310s> Acesso em: 17/3/2023.

“Sarapalha”<sup>9</sup>, uma pequena introdução ao conto e um texto complementar sobre o amor, a doença e a malária.

Em continuação com a ideia de cartas para celebrar a passagem de aniversário de Guimarães Rosa, homenageei outra criatura de Cordisburgo, um sábio como um sabiá, amigo dos bichos e das plantas, senhor Toco do Pequi, que transcrevo:

Querido Guimarães Rosa

VIVA João Guimarães Rosa, que nasceu em 27 de junho de 1908. Faço desta carta o meu presente – uma lembrança boa e bonita como a flor de um pequi. Em sua terra natal, Cordisburgo, conheci uma pessoa um tanto especial que vou lhe contar. Uma enciclopédia ambulante de plantas medicinais do cerrado. Você escreveria uma cadernetinha inteira de anotações, somado ao prazer em caminhar em sua companhia pela redondeza.

O nome fala por si, Toco do Pequi. O nosso pequi *Cariocar brasilienses* deu apelido a este senhor altivo, como buriti, que escuta as ervas, as árvores, as palmeiras e espalha sabedoria como sementes.

Acolheu a minha filha, Luísa, e eu no quintal da sua casa rodeada de árvores frutíferas, ao lado de uma falante maritaca que pousava quietinha em sua mão.

João Vitor Felix é o seu nome completo, meio xará de você. A sua felicidade se dobra ao andar pelo sertão, lendo o livro, não escrito, da natureza. Sabe os nomes, os detalhes de cada criatura-planta, os usos e as serventias com respeito e delicadeza. Integra a Guarda União do Rosário de Maria e preserva com fervor a religiosidade das festas populares.

Na juventude teve doença de Chagas e jura que se curou com ervas. Infelizmente, o vírus da Covid-19, que se alastra pelo país desde 2019, não se resolve com chás. A saúde de Seo Toco foi definhando e, já como um toquinho de gente, se internou em Sete Lagoas. O quadro clínico se agravou, Seo Toco não resistiu e faleceu no dia 20 de junho. Mais uma perda irreparável somada às mais de 500 mil mortes. Pior do que esse vírus, Guimarães Rosa, só mesmo o presidente Jair Bolsonaro.

Mônica Meyer

Belo Horizonte, 27 de junho de 2021

---

9 Disponível no canal do YouTube da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP em <https://www.youtube.com/watch?v=VlaOS812w34&t=1s> Acesso em: 17/3/2023.

A Roda se desdobrou em outras frentes como o Seminário Canto, encanto e leveza em Guimarães Rosa, do qual tive a honra de participar. No evento de 2021<sup>10</sup>, apresentei a Natureza na obra do escritor com ênfase nos 70 anos da viagem de *A boiada*. E em 2023<sup>11</sup>, ganhou destaque o canto das aves mais citadas em *A boiada* e a sua recriação na obra.

Apenas em 2022, com o quadro vacinal avançado, foi possível um encontro presencial. Alguns participantes da Roda se inscreveram na XXXIV Semana Rosiana de Cordisburgo<sup>12</sup>. Ver os colegas-amigos de corpo inteiro, tocar, observar o brilho dos olhos, apertar as mãos com firmeza firmou e reforçou laços de amizade e afeto que devagar foram se construindo na Roda online. Durante este evento a Roda girou e marcou presença, lemos o conto “Um moço muito branco” no Museu Casa Guimarães Rosa.



Roda de Leitura marca presença no Museu Casa Guimarães Rosa, Cordisburgo, 2022. Na primeira fileira da esquerda para a direita: Pedro, Cleide, Regina, Gilson e Paulo.

Na segunda fileira: Mônica, Moisés, Linda e Marília. Foto: Ronaldo Alves.

Acervo pessoal da autora.

10 Disponível no canal do YouTube do CeTIRP Digital USP Ribeirão Preto em <https://www.youtube.com/watch?v=CkKUDvP7IU4&t=3223s> Acesso em: 17/3/2023.

11 Disponível no canal do YouTube do CeTIRP Digital USP Ribeirão Preto em <https://www.youtube.com/watch?v=fEhItxV9xLA&t=303s> Acesso em: 17/3/2023.

12 Pode-se conferir a programação em <https://www.cordisnoticias.com.br/2022/06/programacao-34-semana-rosiana-2022.html> Acesso em: 17/3/2023.

A Roda continua a girar com a Terra, rodopia como peões de madeira lançados no chão, bamboleando conhecimento e interpretações livres e soltas, movidas pela ponta do fio do ponto de leitura.

## Referências

ARAÚJO, Daniella Guimarães de; Alves, Tânia Maria de Almeida (Orgs). **Cartas para Guimarães Rosa** – encontro entre saúde e literatura. Superintendência Regional de Saúde de Sete Lagoas/SES-MG, Instituto René Rachou/Fiocruz Minas. Belo Horizonte, 2020.

MEYER, Mônica. Prefácio. In: ARAÚJO, Daniella Guimarães de; Alves, Tânia Maria de Almeida (Orgs). **Cartas para Guimarães Rosa** – encontro entre saúde e literatura. Superintendência Regional de Saúde de Sete Lagoas/SES-MG, Instituto René Rachou/Fiocruz Minas. Belo Horizonte, 2020.

MEYER, Mônica. **Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

MEYER, Mônica; Goulart, Flávio. Sarapalha, roteiro de doença, natureza e amor. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.). **Veredas de Rosa II**. Belo Horizonte - MG: Editora da PUC-MG. 1.ed., 2003, p. 575-579

MEYER, Mônica. A natureza do sertão. In: ROSA, João Guimarães. **A boiada**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira – Saraiva, 1.ed. 2011, p. 203-231.

# Roda de Leitura de Guimarães Rosa

Cleide Rovai Castellan<sup>1</sup>

[...] feito fosse aquela dansa uma arte de religião, aprendida por sempre, fora do crédito vem-vai das coisas – mar o mar.  
João Guimarães Rosa, “A estória de Lélío e Lina”, Ficção completa, 2017, p. 652.

“Roda”, como reunião, sempre me remete ao sentido e à beleza de encontros como as *dansas*<sup>2</sup> circulares. Como uma ciranda, onde se *dansa* de mãos dadas, em um movimento conjunto. Onde cada um completa o outro, conduz e é conduzido. Onde um ensina, outro aprende, todos *dansam*. Onde as diferenças se harmonizam e a música orienta, aponta o ritmo e a vida se alegra.

As estórias, as novelas, as poesias e o grande romance de Rosa são a música que conduz cada encontro das quartas-feiras no IEB – ou, agora, nas redes sociais –, desses *dansarinos* da literatura rosiana. Marcando o passo e o compasso da leitura, feitas por

---

1 Nasci em São Paulo, mas cresci a beira-mar, minha alma se fez caiçara por amor e opção. Sou socióloga e relações públicas por formação e trabalhei décadas na Editora Abril. Hoje, na idade da desflor, voltei para a minha praia, Itanhaém. Passo a vida entre o mar, a literatura, os amigos, filhos, meu companheiro querido, netos e mais amigos. Já aprendi que “viver é muito perigoso”, que o mundo dá muitas voltas, que as tristezas fazem parte da vida e que o Brasil pode ser muito melhor – e será! Mas também aprendi que não sei quase nada de nada... só desconfio de algumas coisas.

2 Guimarães Rosa escrevia “dança” e as suas variantes sempre com “s”: *dansa, dansar, dansante*. Segundo ele, o “s” com sua sinuosidade tinha mais a ver com o significado da palavra. Concordo plenamente.

todos e todas, cada um com o seu tempo, o seu sotaque, a sua entonação, a musicalidade desses encontros flui com suavidade e emoção.

Descobri a obra de Rosa tardiamente, pelas mãos de uma grande amiga. Da obra para a cidade do Rosa, Cordisburgo, e de lá para a Roda de Leitura, foi um caminho natural, onde um passo conduziu ao seguinte e ao próximo, até que o círculo da *dansa* se completou com a Roda de Leitura. No início, nos idos de 2008, a minha presença na Roda era pontual, o trabalho e a correria da vida atrapalhando o fluxo. Mas a partir de 2013 a Roda passou a fazer parte da minha rotina, com os encontros no IEB. Hoje, morando no meu sertão preferido – que, ao contrário do rosiano, tem costão, areia, conchas e muito, muito mar –, sigo *dansando* na Roda que segue desvendando o Rosa e que, desde 2020, foi ampliada e enriquecida pelos encontros virtuais.

Anos de deliciosos encontros me ensinaram muito sobre literatura, sobre Guimarães Rosa, sobre o seu processo criativo, a sua vida. Na Roda reaprendi a ler. Na Roda mergulhei fundo nas histórias mágicas, na natureza exuberante do sertão rosiano. Descobri pássaros que desconhecia e peixes nunca imaginados, flores que brotam da seca, animais com sensibilidade sutil e bois, muitos bois e o seu universo mítico e pleno de significados. Conheci personagens que passaram a fazer parte do meu imaginário, da minha vida, que andam comigo e com quem converso, nas horinhas de descuido. Rosa se fez entender para mim, cresceu, ganhou força. Um aprendizado constante, que cultivo com carinho.

As *dansas* circulares estão presentes desde sempre na história da humanidade, nas mais diversas culturas, sempre ligadas a celebrações, encontros, união e comunhão. Nos nossos encontros sinto um tanto de tudo isso, mas sinto também o encanto da descoberta dos sentidos velados que cada texto contém.

Cada encontro revela para mim algo de novo do universo de Rosa, trazido por olhares diferentes do meu, pelas pessoas estudiosas da sua obra, por outras que vivem na (ainda) pureza, ou melhor, na riqueza, do sertão rosiano, por gente de todos os cantos, pela sensibilidade ímpar de cada um ou simplesmente pela magia do encontro entre a obra e as pessoas. A Roda nos ensina a olhar com o olhar do outro, a enxergar o que só conseguimos ver com a presença do outro. Isso não é pouco. Isso é tudo.

Na Roda do Rosa, a leitura me conduz como a música nas *dansas* circulares. Com leveza, união e emoção. Com alegria. Do jeito que a vida deve ser.

# Corpo coletivo que acolhe e que alimenta

Élida de Lourdes Marques Rodrigues, em artes Élida Marques<sup>1</sup>

As quadras viviam em redor da gente, suas pessoas, sem se poder pegar, mas que nunca morriam, como as das estórias. Cada cantiga era uma estória.  
João Guimarães Rosa, *Campo geral*

Quem me conhece já sabe que eu não tenho uma boa memória para relembrar as coisas *ipsis litteris*, mas, como diz o Mestre Guima, “Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância”. Então esta frase me salva poeticamente.

Bom! A memória mais antiga que eu tenho de como foi que ouvi falar da Roda de Leitura é de quando eu estava numa festa. Eu tinha acabado de começar a fazer um projeto de incentivo à leitura, em 2003, o Ler é uma viagem<sup>2</sup>, e não sei se foi fim de 2003 ou começo de 2004, alguma coisa assim, eu estava nessa festa e uma amiga falou que tinha um grupo de pessoas estudando Guimarães Rosa. Na verdade, essa amiga se chama Caetana Brito, e ela conhecia a Marily da Cunha Bezerra, a Rosa Haruco Tane e outras pessoas. Aí eu comecei a falar para ela: “Nossa eu tô fazendo um projeto de

---

1 Atriz, leitora pública e produtora cultural. Realiza desde 2003 ações de incentivo à leitura, integrando diversas linguagens artísticas e áreas do conhecimento, por meio do Programa Ler é uma Viagem [www.lereumaviagem.com](http://www.lereumaviagem.com).

2 Além do site acima, pode-se conferir outros conteúdos no canal do YouTube: <https://www.youtube.com/@lereumaviagemoficial/featured> Acesso em: 11/4/2023.

incentivo à leitura, tenho que ler os clássicos! Eu vou encontrar esse grupo!”. E qual não foi a minha surpresa quando vi que eles já estavam fazendo – quando eu comecei a frequentar a Roda – uma homenagem para o Manuelzão, ou seja, ia ter A Festa, lá no Museu da Casa Brasileira. Pelo fato de eu ser atriz, por eu conhecer algumas pessoas, gostar de cantar e tudo o mais, eu comecei a participar dessa homenagem.

E houve também a primeira viagem que eu fiz pelo sertão. Foi para o Morro da Garça! Isso me deixa muito feliz porque foi lá que conheci o Wagner Dias, numa viagem, num passeio de ônibus lá no Morro da Garça quando a gente foi até o pé do morro, cantando com a Marily, com o Dieter, com a Rosa, a Joana, a Selma, a Beth Ziani. Nossa! Tanta gente que até hoje é tão frequente na minha vida. E foi ali no Morro da Garça, naquela viagem, que a gente se conheceu. Lembro também da Silvia Pinheiro Machado, lembro que eu, ela e a Joana dormimos no mesmo quarto na Pensão da Dona Zoé, lá no Morro da Garça. Nossa! Tinha a Pretinha, tanta gente, algumas que até já se encantaram. Como eu ia dizendo, foi nessa viagem ao Morro da Garça com o pessoal da Roda de Leitura que eu conheci o Wagner Dias e daí a gente montou o Quarteto Estúrdio<sup>3</sup>, que só compunha é só interpretava as canções do Wagner Dias e às vezes do Pedro Ribeiro e do Fernando Machado e eu como intérprete. O fato é que nós fizemos, juntos, muitos shows pelo sertão!

Bom! Até hoje eu me espanto e fico feliz em imaginar e saber que tanta gente conhece as músicas do Quarteto Estúrdio por causa dos shows que a gente fez no circo em Andrequicé, na Tenda dos Gerais, em Cordisburgo e Morro da Garça, ou seja, essas foram as três cidades em que o Quarteto Estúrdio mais participou de várias Semanas Rosianas, acho que por uns três anos seguidos, por volta de 2004 a 2006.

Nessa altura eu já estava desenvolvendo esse meu lado de produtora cultural. E, como já me sentia amante de Guimarães Rosa, eu comecei a bolar um projeto para comemorar o centenário do nascimento do Guimarães Rosa. Então nasceu o projeto Concerto de Leitura<sup>4</sup>. Em 2008 eu consegui um patrocínio, pela Lei Rouanet, da CBMM, uma empresa mineradora de Araxá – Minas Gerais, para fazer um Concerto de Leitura e levar uma equipe, em torno de dez pessoas, para Morro da Garça, Cordisburgo e

---

3 Uma pequena amostra do Quarteto Estúrdio: <https://www.facebook.com/watch/?v=1705302652918487> Acesso em: 11/4/2023.

4 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tL0lxKuRkUA> Acesso em: 11/4/2023.

Andrequicé. Então viajei para Andrequicé, por exemplo, com uma equipe, incluindo a Edith Derdyk, uma grande artista plástica paulistana que foi visitar as veredas para se inspirar e desenhar os buritis para o nosso material gráfico.

Além da Edith tinha duas pedagogas e educadoras, a professora Mônica Gama, três músicos, enfim, era um projeto assim de muito pensar e que tive a felicidade de realizar: eu estava no lugar certo, na hora certa, e foi uma felicidade poder fazer esse Concerto de Leitura que se chama “O primeiro encontro” lá no quintal do tio Guima, ou seja, lá no Museu Casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo.

Para cada apresentação convidávamos uma pessoa para fazer uma parolagem no final do espetáculo-concerto. Eu gosto de falar do Concerto de Leitura pois, como o Ler é uma Viagem, é um projeto de incentivo à leitura, e eu descobri que sou também uma leitora pública, eu queria definir um termo, dar um contorno para um conceito teatral de leitura, inspirada numa crônica do Rubem Alves.

Então um concerto de leitura é um momento, assim, quase como uma opereta, para trazer a público uma peça literária com um estudo prévio e com uma abordagem artística e poética também. Esta leitura é diferente de uma mediação de leitura ou de uma leitura em voz alta ou mesmo de uma leitura pública, que pode ter um pouco do seu formato, mas não é um concerto, algo dentro de uma caixa preta que pede um silêncio, uma atenção maior ali, pois a gente sabe que uma leitura pode ser feita no meio de barulho, crianças mexendo aqui e ali. A mediação de leitura em si pode estar inserida em diversos contextos.

Bom! Fizemos para o Concerto de Leitura “O primeiro encontro”, os sete primeiros parágrafos do *Grande sertão: veredas* e o momento do primeiro encontro editado, para dar para as pessoas a noção de como adentrar na obra ouvindo os sete primeiros parágrafos deste livro e conhecer o momento da virada, ou seja, depois das 100 primeiras páginas. A partir do primeiro encontro de Riobaldo com o menino, há uma rememoração dos acontecimentos, daí o leitor já está mais organizado ou habituado com o estilo de Guimarães Rosa. Então era este o conceito de leitura que eu tinha, com essa função de divulgar o autor e incentivar a leitura da sua obra.

Com o Concerto de Leitura e esse “Primeiro encontro” eu continuei fazendo parte da Roda de Leitura presencialmente e depois virtualmente porque eu me mudei para Itu, interior de São Paulo, em 2009, então fiquei longe dos encontros presenciais.

Entretanto, de vez em quando ia nos eventos, e quando, na pandemia, a Roda passou a acontecer de maneira online e eu ainda morava em Itu, voltei a encontrar o pessoal. E mais uma contribuição minha, é bem assim típico deste meu lado de produtora cultural.

Bom, agora em 2023, a Roda de Leitura continua online, ainda não começou presencial. Estamos em 8/4/2023, mas não estou participando atualmente porque estou com um projeto na estrada que é o Piqueniques Literários em Tapetes Voadores. São piqueniques para a primeira infância, então estamos viajando e aconteceram mudanças na minha vida. Agora tenho uma residência artística.

Então, nos tempos de pandemia, quando tinha tantos editais para ajudar os artistas, para incentivar e dar uma salvaguarda na nossa vida, num dos editais sugeri para as coordenadoras da Roda que fizessem um projeto para um dos editais. Foi assim que nasceu o Janelas Roseanas<sup>5</sup>, embora a ideia tenha nascido a partir da reunião de algumas integrantes, não é uma realização da Oficina de Leitura enquanto atividade ligada ao IEB-USP. Eu tenho um orgulho de ter cutucado o pessoal para fazer este projeto. E foi um *tour de force* para poder realizar o trabalho e muita gente participou! Foi maravilhoso, pois todo o grupo abraçou a ideia e fez muito esforço criativo justamente num momento triste em que a gente estava sofrendo com a pandemia e por isso mesmo precisava se juntar, mesmo que de maneira totalmente virtual, para continuar a ser artista. Foi muito bom ter o que fazer na pandemia e, além disso, ganhar alguns trocados.

Tenho que dizer que também me salvei na pandemia lendo *Grande sertão: veredas* no meu canal do YouTube, onde eu sabia que, justamente por causa de tantos anos convivendo com esse pessoal todo da Roda e suas rodinhas, eu teria boas reverberações. Foi o núcleo da Roda de Leitura que me ajudou. Então eu posso dizer que me alimentei da Roda e depois a Roda me alimentou. Foi uma troca, está sendo e sempre será, como um organismo que constantemente se nutre, se salva, se enreda, e é isso que nos dá vida, sinceramente!

Para a leitura do *Grande sertão: veredas* no meu canal do YouTube me inspirei em outro conceito sobre mediação de leitura, a leitura pública de que o Rubem Alves falava, uma espécie de leitura possuída, algo que li numa crônica dele. Eu me identifiquei como uma leitora possuída do *Grande sertão*. Não vou dizer que estava possuída pela obra,

---

5 Disponível no YouTube: [www.youtube.com/janelasroseanas](http://www.youtube.com/janelasroseanas) Acesso em: 10/4/2023.

porque tem coisas dele que ainda nem li, mas tenho essa sensação em mim de fazer uma leitura possuída. Então ensaiei com o tio Guima e algumas das suas obras, que a gente pode fazer a leitura possuída daquilo que a gente se possui, como no caso alguns textos da Clarice Lispector, da Raquel de Queiroz, o *Memorial de Maria Moura*. Estão lá no YouTube. São obras com as quais mais me identifico.

Então, participar da Roda de Leitura é como se eu estivesse sempre me alimentando deste universo fantástico do senhor João Guimarães Rosa e, claro, também de quem está em torno dele, que tem um pouco dessa mistura no sangue e se identifica muito rapidamente e sente necessidade de estar perto dessas pessoas. Essa comunidade de convivência e afinidade é fundamental para a gente se sentir um corpo coletivo. Essa é, um pouco, a minha vivência e o meu contato e como a Roda de Leitura me afeta e um pouco de como eu afetei a Roda, um pouco talvez como todo mundo se afeta por meio dessas palavras aí desse escritor. Como é mesmo o nome dele?

# Viva a Roda de Leitura Guimarães Rosa!

Gilson de Barros<sup>1</sup>

Vida devia de ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho.

João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*

Sou ator de teatro. Conheci a Roda em 2020, no auge da pandemia. Nesse primeiro contato, já posso dizer que a Roda me salvou de ficar louco. Eu tinha compromissos de estudos, com a Roda, eu tinha rotina e para além de ficar pensando apenas nos problemas que vieram com a pandemia, isso foi salvador, para mim! E tenho certeza, para muita gente também. Então, registro, uma primeira função, da Roda: terapêutica. Me deu oportunidade de fazer amizades com gente de tudo que é lugar desse Brasil. Isso foi uma coisa maravilhosa, dentro de uma pandemia louca, absurda!

Mas, como disse, sou um ator de teatro, e estou trabalhando com a peça *Riobaldo*, que é uma adaptação do livro *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. A Roda, com o tempo, foi ultrapassando essa camada apenas de leituras e estudos Roseanos e das relações afetivas. Em 2022, com o arrefecimento da pandemia, comecei a circular com a peça. Aí a Roda me mostrou uma segunda função: de divulgação do meu trabalho.

---

<sup>1</sup> Ator de teatro. Possui bacharelado em Artes Cênicas, pela UNIRIO. Pode-se acompanhar uma boa parte da trajetória do ator com Guimarães Rosa na sua página do Instagram: <https://instagram.com/gilsondebarrosator?igshid=YmMyMTA2M2Y=> Acesso em 10/3/2023.

Moro no Rio de Janeiro. Empreendi esforços para fazer uma temporada, na cidade de São Paulo. Daí, encontrei a Rosa Haruco Tane, que é uma das coordenadoras da Roda, numa cantina italiana lá no Bairro Bexiga, para pedir apoio. E ela foi falando: você vai no Espaço Mirabilis<sup>2</sup>, você vai no tal lugar, vai na Rabeca... E tudo que Rosa falou aconteceu. Mas não aconteceu mais ou menos, aconteceu muito além do que eu esperava! Essa a força da Roda! Por agregar as pessoas que gostam da literatura de Guimarães Rosa, nossa Roda se torna um grande dínamo de divulgação dos trabalhos de seus participantes. Os colegas da Roda foram me ver e ajudaram a reproduzir a minha divulgação, então a rede de apoio foi ampliadíssima. Isso resultou numa temporada maravilhosa no teatro Sérgio Cardoso<sup>3</sup>, em São Paulo. Todos os dias, casa cheia!

Por conta dessa força de divulgação, com a casa sempre cheia, meu trabalho chamou atenção. Então a Prefeitura de São Paulo comprou o espetáculo e fez apresentações em Centros Culturais Municipais, recebendo um bom cachê!

Também, com o apoio de Governo do Estado de São Paulo, que comprou o espetáculo para circular o interior, me apresentei em dezoito cidades do interior (Sertãozinho, São José do Rio Preto, Santos, Ilhabela, Campinas, Ribeirão Preto, Sabino, Taubaté, etc...). E foi sensacional! Em 2021, trabalhei no estado de São Paulo, profissionalmente, muito por conta da Roda.

Esse apoio da Roda, essa onda positiva veio como uma avalanche de amor, carinho, força. Certamente interferiu muito no meu trabalho de ator. Em 2023, estou indicado ao Prêmio Shell, em duas categorias: Melhor Dramaturgia e Melhor Ator. Obrigado Roda!!!

A partir dessa experiência, em São Paulo, fui para Belo Horizonte e para as cidades do interior de Minas: Cordisburgo, Andréquicé, Morro da Garça, Curvelo, onde me receberam tão bem, sempre, a partir de contatos da Roda.

Depois de Minas, fui para Brasília. Da mesma forma, todos os Roseanos me ajudando a divulgar. Então hoje eu não tenho mais medo. Vou para o nordeste, no

---

2 O Espaço Mirabilis oferece “Cursos de escrita, literatura e poesia. Um lugar de bons encontros”, conforme conta na descrição: <https://www.instagram.com/espacomirabilis/> onde também se pode ver o cartaz de divulgação d’“O julgamento de Zé Bebelo”, narrado por Gilson de Barros em 29/3/2022: <https://www.instagram.com/p/Cba61P5vwP0/> Acesso em: 10/03/2023.

3 Conforme consta no site <https://www.teatrosergiocardoso.org.br/pt-br/agenda-cultural/riobaldo/> Acesso em: 10/3/2023.

segundo semestre. Vou a Portugal. Quero ir à França... Não tenho mais medo, porque descobri, me aproximei e me reconheci com o meu público, que é o povo Roseano. Dentro desse povo, a Roda de Leitura é o tambor que bate mais forte.

Desde o início até hoje, onde eu estiver, as quartas-feiras são sagradas. São dedicadas à Roda, ao encontro com o povo Roseano. É onde amplio a compreensão da obra do autor e redimensiono meu trabalho. Andando pelo país, aos poucos, vou conhecendo, um a um, o pessoal da Roda. A gente se reconhece e fica mais amigo. Muito bom! Em Ribeirão Preto, o Paulo Sergio e o Sergio Gallembeck me trataram com uma cortesia de ficar louco. Em São Paulo, mesmo, na capital, todo mundo da Roda me tratou superbem! Linda Yazbek, Alfredina Nery, Nely Defensor, Rosa Haruco Tane, Regina Pereira, Cecilia Marks... Todo mundo. Serei injusto por esquecer os nomes de tanta gente boa. Hoje somos amigos. Belo Horizonte, Brasília, a mesma coisa...

É isso, hoje, a Roda, para mim, vai muito além das leituras e estudos Roseanos, onde apreendo Guimarães Rosa, cada vez mais. Mas é também, profissionalmente, um dínamo de multiplicação de informação. É como uma produtora cultural.

Então, grosso modo, é isso, um movimento simples que começou me ajudando na pandemia, hoje é meu porto seguro, nas leituras e estudos da obra Roseana.

Viva a Roda de Leitura Guimarães Rosa!

# Minha roda, minha história – mas é tudo verdade!

Maria Cecília Marks<sup>1</sup>

O que entendi em mim: direito como se, no reencontrando aquela hora aquele Menino-Moço, eu tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família.  
(ROSA, 2019, p. 105).

Pelas errâncias da vida, fiz um bocado de coisa, e até com divertimento! O amor por livros e pela escrita vem desde a infância. Na adolescência floresceu uma paixão por teatro. Anos de chumbo, fui estudar Ciências Sociais na USP. Abandonei para fazer Cinema. *Mas o que essa menina quer da vida?*, indagava a mãe de mais quatro filhos e uma vida familiar marcada pela instabilidade. Decidiu: *Esta vai prestar concurso pro Banco do Brasil!*

Eu tinha 20 anos, e foi na rodoviária de São Paulo, aguardando o horário do ônibus para a cidade onde comecei a carreira bancária, que adquiri o meu primeiro *Grande sertão: veredas* – décima edição, de 1976, da Editora José Olympio.

---

1 Mestre e Doutora em Letras – Teoria Literária e Literatura Comparada – pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Tem artigos publicados em periódicos acadêmicos e é coorganizadora do livro *Romance de formação – Caminhos e descaminhos do herói* (Ateliê Editorial, 2020). Mantém atuação regular como pesquisadora independente, participando de eventos em universidades e entidades culturais. Coordena e ministra a Roda Rosa Mediação de Leitura, iniciativa voltada a fomentar o acesso, a difusão e a fruição da obra de Guimarães Rosa.

Quase que nada entendi, mas desconfiei de muita coisa! Digo à senhora: o livro me sorriu e, para mim, até hoje está sorrindo! Desde então, leituras e releituras se sucedem.

Sempre com o *Grande sertão* por perto, encontrei o meu companheiro de vida, tivemos filhos; deixei o Banco do Brasil em um programa de desligamento voluntário; estudei Jornalismo e fundei uma agência de comunicação corporativa; agora já temos netos e “os dias que são passados vão indo em fila para o sertão” (ROSA, 2019, p. 225). Sim, porque o sertão é dentro da gente, e a poesia, a sonoridade, a melodia, as descobertas, as inquietações, as belezas e surpresas do *Grande sertão* são infinitas.

Tudo corria bem no trabalho como jornalista, mas tinha uma fenda, uma falha, uma falta. Àquela altura outros livros do Rosa já faziam companhia ao *Grande sertão*. As folgas eram preenchidas assistindo a palestras e cursos livres, e a estante se enchia de títulos da fortuna crítica sobre Guimarães Rosa.

Foram anos de estudos rosianos aleatórios e sem compromisso, que despertaram em mim a vontade de sistematizar aquele conhecimento. Então, em paralelo a uma jornada de trabalho intensa e estranha à literatura, iniciei o Mestrado na FFLCH-USP. Só uma certeza: Guimarães Rosa.

Uma tarde por semana eu fazia uma viagem intergaláctica para um planeta muito distante da minha rotina profissional; um planeta instigante e paradisíaco! Era assim que eu sentia esse interlúdio fecundo no cotidiano.

Na USP encontrei mestres e colegas extremamente generosos, e o aprendizado ocorria de forma prazerosa. Todo o esforço era compensado pelas descobertas. Entre elas, a de uma certa Roda de Leitura em que se lia Guimarães Rosa em voz alta! Fiquei fascinada com a notícia, apresentada por uma colega de turma e amiga, a talentosa escritora Gisele Toledo.

Na época, os encontros da Oficina de Leitura Guimarães Rosa ocorriam em sala acanhada, na antiga sede do IEB. Cheguei a ir uma vez durante a leitura e também pude assistir a uma palestra da professora Nilce Sant’Anna Martins, autora d’*O léxico de Guimarães Rosa*, por quem nutro profunda admiração. Mas o acúmulo de atividades e atribuições familiares e profissionais naquele momento não permitia que eu participasse regularmente. Guardei a vontade no quente do coração.

Ao longo de dez anos mantive vida dupla. Foi assim que conclui o Mestrado e, alguns anos depois, o Doutorado: atividade profissional exercida escrupulosamente

durante o dia; noites e fins de semana fulgurantes com páginas e páginas de Guimarães Rosa e de dezenas de estudiosas e estudiosos dessa obra tão múltipla quanto singular.

Mas chega a hora em que se tem de escolher entre o ramerrão e a paixão, e esta se impôs: eu queria Rosa o tempo inteiro e para toda a vida! E foi de papel passado, duplamente: distrato na sociedade da agência de comunicação e diploma de doutorado.

E agora? O conhecimento precisa fluir! Foi então que concebi a Roda Rosa Mediação de Leitura<sup>2</sup>. A princípio, apenas uma ideia que me possibilitaria oferecer cursos livres sobre a obra de Guimarães Rosa, proporcionando acesso, de maneira prazerosa e profunda, à arte literária desse autor extraordinário.

A recordação da Oficina de Leitura bateu forte e, ao ler no *Jornal da USP* que a atividade persistia, não tive dúvida. Eu estava à procura de força e inspiração para colocar a ideia da Roda Rosa em andamento e encontrei muito mais: acolhimento por pessoas encantadoras, rosianos amantes e conhecedores, conectados com o sertão ficcional e com o sertão real, dedicados a fazer com que a poesia do Rosa repercuta e, para isso, estimulando as mais diversas manifestações.

A epígrafe deste testemunho reflete o meu sentimento. Foi como a emoção de Riobaldo ao reencontrar o Menino-Moço Reinaldo/Diadorim: uma sensação de pertencimento, de que aquele era o meu lugar, de que nos conhecíamos desde sempre e que eu estava apenas voltando, depois de um pequeno intervalo.

Já se passaram quatro anos de convivência intensa e amorosa, de realizações conjuntas, de oportunidades. Por meio da Oficina de Leitura pude participar da edição de 2019 do Caminho do Sertão: de Sagarana ao Grande Sertão: Veredas<sup>3</sup>, experiência que dividiu minha vida, como o rio São Francisco para Riobaldo.

No Caminho do Sertão adquiri as forças necessárias para o pacto definitivo e coloquei a Roda Rosa em movimento.

Tal como ocorreu com a Oficina de Leitura, o confinamento decorrente da pandemia da Covid-19 acabou por se tornar fator positivo, pois a migração para o modelo de encontro virtual ampliou o alcance de ambas as iniciativas.

Hoje, a Roda Rosa é a minha atividade profissional remunerada, exercida com muita dedicação e afeto, e a Oficina de Leitura é o meu lazer e o meu trabalho voluntário,

---

2 Para saber mais acessar o Instagram @rodarosa.travessia e/ou o Facebook - <https://www.facebook.com/rodarosa.travessia> Acesso em: 6/3/2023.

3 Para mais informações, acessar o site <https://ocaminhodosertao.com.br/>. Acesso em: 4/3/2023.

que realizo amorosamente. A sinergia entre as duas iniciativas é constante. Assim como recebo integrantes da Oficina dispostos a ampliar os seus conhecimentos sobre a obra rosiana, encaminho participantes da Roda Rosa interessados em participar da leitura compartilhada na Oficina.

A dedicação integral aos estudos rosianos para preparar os encontros da Roda Rosa vem contribuindo para aumentar e aprofundar o meu conhecimento, o qual tenho o maior prazer em compartilhar com os amigos da Oficina de Leitura, com quem também aprendo muito. São trocas e afetos riquíssimos, em que carinho e respeito mútuo alimentam o giro dessa roda virtuosa.

Para os amigos da Oficina de Leitura fiz apresentações introdutórias ao livro *Sagarana* e à novela “Buriti”. Participei da organização de eventos e palestrei em alguns: Infinitamente Maio, Semana Roseana<sup>4</sup>, Janelas Roseanas<sup>5</sup>, Seminário Guimarães Rosa: Canto, encanto e leveza<sup>6</sup>. Além disso, pude atuar na encenação virtual da novela “Carade-Bronze”, uma experiência inédita!



Figura 1 Acervo Pessoal. Apresentação introdutória à novela “Buriti”

A partir de uma sugestão minha realizamos em 2022 o primeiro RiobalDIA (Anexo 1), por ocasião do aniversário de Guimarães Rosa, dia 27 de junho. A inspiração veio do Bloom’s Day, em que diletantes da obra de James Joyce no mundo todo homenageiam o escritor.

4 Disponíveis em <https://www.youtube.com/@oficinadeleiturguimaraesrosa>. Acesso em: 6/3/2023.

5 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KbynYgxloZo&t=2347s>. Acesso em: 6/3/2023.

6 Disponível em [https://www.youtube.com/results?search\\_query=canto+encanto+e+leveza](https://www.youtube.com/results?search_query=canto+encanto+e+leveza). Acesso em: 6/3/2023.

Organizamos o encontro RiobalDIA no Parque Villa-Lobos, reunindo aproximadamente 20 rosianos. A iniciativa despertou a atenção de agentes culturais da Biblioteca do Parque, que nos convidaram para realizar outros eventos na biblioteca. Claro! Disposição para levar a literatura de Guimarães Rosa não falta e lá estávamos nós, em outubro de 2022, promovendo uma Roda de Leitura do conto “As margens da alegria” (*Primeiras estórias*), acompanhada de apresentação sobre o autor e a obra. Em janeiro de 2023, na mesma biblioteca, aconteceu a Maratona Guimarães Rosa, que foi um sucesso! Um dia inteiro de leituras, apresentações, oficinas e atividades diversas.

Esses eventos presenciais ocorrem paralelamente aos encontros virtuais, modelo que se tornou essencial para o crescimento da Oficina de Leitura. É verdade que nós, aqui de São Paulo, sentimos falta do cafezinho antes da roda e das conversas que se esticavam depois da leitura, mas o sertão está em toda parte e nós ganhamos novos amigos rosianos, o que é muito enriquecedor.

De qualquer maneira, o espírito e a atmosfera da Oficina de Leitura mantém esta chama acesa: fazer da leitura de Guimarães Rosa uma fonte de reflexão e de alegria para qualquer pessoa que se aproxime. Para mim o que se deu foi um reencontro comigo e com os outros como se “*tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família*”.

## ANEXO 1

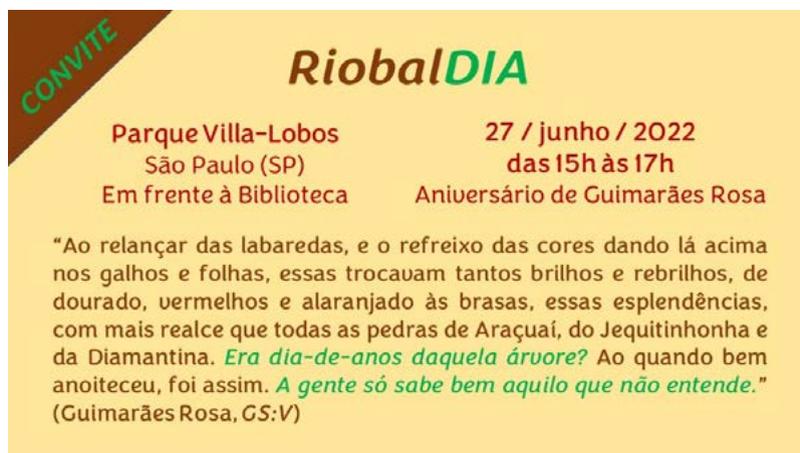


Figura 2 Acervo pessoal. Convite do **RiobalDIA** 2022

## O sertão é para sempre: registros pontuais do 1º RiobalDIA

João Guimarães Rosa, o menino Joãozito, veio ao mundo em um 27 de junho, 114 anos atrás, na pequena Cordisburgo, coração de Minas Gerais. Sorte nossa! Porque o menino cresceu e se tornou um dos mais fascinantes escritores do mundo. E ele está aqui, no coração do Brasil e no de todos nós, rosianos espalhados pelo mundo.

Com sua prosa poética original e sensível, envolvente e reveladora, Guimarães Rosa instiga mentes e toca corações. Já são alguns milhares de estudos e teses trilhando as mais diversas veredas de pensamento.

Ainda em maior quantidade e mais intensas são as emoções provocadas em leitores que aceitam o desafio de enfrentar a aridez dos chapadões para então desfrutar das belezas e dos mistérios de águas “desengolidas” e buritis “lequelequeando”.

Hoje, 27 de junho de 2022, um grupo de cerca de 20 rosianos reuniu-se para instituir o RiobalDIA. Celebramos o aniversário de Guimarães Rosa, que nos presenteia diariamente com as suas palavras, dedicando algumas horas a um encontro de afeto e poesia.

Momentos mágicos, de transcendência e mistério, como gostava o escritor: a manhã fria, nublada e cinzenta na Pauliceia transformou-se em uma agradável tarde invernal de sol.

Encontrava-se fechada a biblioteca do Parque Villa-Lobos, ponto de encontro marcado, mas um deck ao lado, coberto e com cadeiras e mesas disponíveis, se tornou o local perfeito para o nosso RiobalDIA.

O lanchinho da tarde, graças à gentileza dos participantes, foi delicioso: café, chá ou suco acompanhados de salgadinhos, bolos, queijo com goiabada e até a paçoquinha, encontrada casualmente em um supermercado, tinha a marca Guimarães!

A decoração e as atividades foram acontecendo espontaneamente. Flores confeccionadas pelo coletivo Flores pela Democracia<sup>7</sup> traziam frases de *Grande sertão*:

---

<sup>7</sup> Pode-se acessar as páginas do Coletivo Flores para a Democracia no Facebook <https://www.facebook.com/coletivoflorespelademocracia> e também no Instagram, onde se lê sobre o Coletivo: “Atuamos em várias frentes de luta democrática. Nossas armas são flores de papel crepom, cujas filipetas e seus dizeres são os nossos recados” <https://www.instagram.com/coletivoflorespelademocracia/> Acesso em: 24/2/2023.

*veredas*, as quais foram lidas pelos presentes. Tsurus foram distribuídos conduzindo nas asas saúde e bons fluidos.

Compartilhamos livros e leituras, textos e percepções, estórias e sentimentos sobre a obra de Guimarães Rosa. Acima de tudo, comungamos a alegria de termos entre nós esse escritor genial, que fala a nossa língua, sabe do nosso sertão, que nos ensina e vive conosco essa maravilhosa Riobaldia!

### **Referência**

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

# Ler com solidariedade na Roda de Leitura

## Guimarães Rosa

Maria das Graças Vieira Lins<sup>1</sup>

Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida?  
João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, 2017, p. 1102.

Sou do Recife, capital de Pernambuco. Aqui, participo de três grupos de leitura muito diferentes entre si. Um deles se chama Oficina de Criação Literária Clarice Lispector com encontros semanais para leitura de autores nacionais e estrangeiros, produção de contos, crônicas e poemas que são editados anualmente na coletânea *Escrituras*. Numa semana, fazemos leituras de contos e estudamos realmente a questão teórica, a própria teoria literária, e na semana seguinte as pessoas do grupo, três, cinco ou até seis pessoas, apresentam o que produziram, como contos, crônicas e poemas.

O outro grupo chama-se Arte e Psicanálise, orientado pelo psicanalista Everaldo Junior, então o foco e a base são a leitura da obra de Freud e a leitura de clássicos da literatura. Lemos algumas peças de Shakespeare e Sófocles. Também Kafka, Molière, e estamos agora para ler autores nacionais, como Nelson Rodrigues. O psicanalista faz as pontuações e a gente faz as discussões no grupo, então é um tipo de oficina bem específica na área da Psicanálise em diálogo com a Literatura.

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco. Especialização em Literatura Brasileira/UNICAP. Especialização em Políticas Culturais/UFPE/FUNDAJ. Mestrado em Psicanálise/UNIDERC. Professora do Curso de Pós-graduação em Literatura Brasileira/ FAFIRE/ PE.

A terceira experiência é uma roda, que é híbrida e se chama Floriterária. Há participantes de todo o Brasil virtualmente. Os encontros ocorrem em diferentes espaços, como bibliotecas públicas, livrarias, cafés etc. Este grupo presencial é só para mulheres, sendo uma parte ativistas, ou seja, participam de movimentos feministas etc. Os encontros são mensais e faz-se a leitura de um livro por mês. O último encontro foi com o debate do livro *Cem anos de solidão*, do Gabriel García Márquez. A coordenadora orienta o grupo sobre o que ler, e as mulheres vão para o encontro, discutem o livro lido. Aquelas que são sebibistas podem levar livros para vender. Também se faz convites para escritores e escritoras locais para que participem e divulguem as suas produções. É um grupo muito específico e fechado só para e com mulheres.

Quem me falou sobre a Roda de Leitura Guimarães Rosa-IEB foi o professor Aldo de Lima da Universidade Federal de Pernambuco e integrante da Cátedra da UNESCO de Leitura da PUC-RJ. Ele foi meu colega de trabalho na Secretaria de Educação, mas já nos aposentamos. Então, o que eu acho um grande diferencial da nossa Roda de Leitura do IEB é essa compreensão de que a leitura não é apenas vinculada à obra de Guimarães Rosa, mas há uma leitura da arte que se depreende ao ler Guimarães Rosa. Por que eu digo isso? Porque a gente tem colegas da Roda que escrevem poemas, haicais, outros são artistas e cantam músicas, e também entoam em forma de canção os versinhos encontrados nos próprios contos e novelas que lemos. Noto este diferencial como um respeito ao leitor, pois temos um grupo grande e muito diversificado de pessoas que participam da Roda de Leitura online. As coordenadoras incentivam todas as pessoas a ler. Ao mesmo tempo, quem não quer ler e prefere apenas acompanhar a leitura ouvindo os demais também é respeitado.

As coordenadoras da Roda de Leitura também incentivam as pessoas para se colocar, comentar e perguntar, e eu considero isso um grande respeito aos leitores dos vários estados do Brasil e até de outros países. A questão da leitura é muito diversa, pois às vezes um mesmo personagem tem uma atitude que você repreende e outra que você aplaude, e nesse sentido as coordenadoras e os demais participantes são importantes por evidenciar aspectos que às vezes a gente nem tinha percebido. Vejo, assim, uma leitura extremamente democrática.

Quero destacar a seriedade com que as coordenadoras encaminham o grupo. Toda terça-feira nós recebemos um e-mail com informações e avisos. Informam o

fragmento do texto que está sendo lido, localizando a página a partir de determinada edição, pois há várias, e cada um deve acompanhar e entrar na Roda de Leitura online já com essa informação. Isso sempre é enfatizado, e é uma forma das pessoas se organizarem com certa antecedência.

Eu percebo que é um grupo que faz circular muitas outras atividades lá em São Paulo. Como eu sou do Recife, então eu vejo, pelas mensagens no grupo, que lá eles se encontram, fazem ou têm outros movimentos, como piqueniques literários, eventos ou espetáculos com leitores da Roda, como o do ator de teatro Gilson de Barros, os shows do Jean Garfunkel, e assim bem diferenciados, que eu diria que se fortalecem ou alguns até nasceram da Roda. Então não é aquela leitura enfadonha, que você vai apenas ler e ficar parado! Não! Você lê e em seguida ouve pessoas que têm o nível da professora e bióloga Mônica Meyer, ouvimos as contribuições da professora e pesquisadora Cecilia Marks, uma especialista em Guimarães Rosa, e tem uma leitora como eu, professora de Literatura Brasileira, que apenas admira profundamente a obra, ou seja, eu não tenho a titulação que elas têm, eu tenho apenas uma compreensão sensível e amorosa da grandeza da obra de Guimarães. Esta oportunidade que a Roda de Leitura nos dá eu acho fantástica!

E outra coisa que é única e que não pode deixar faltar neste depoimento é essa forma solidária e democrática como os participantes da Roda tentam tirar dúvidas, quando a gente coloca alguma interrogação. Eu digo isso porque recentemente um colega nosso, do grupo, que fez uma viagem e passou justamente por uma paisagem de Minas Gerais que remetia ao ponto que nós estávamos lendo no conto “Minha gente”, do livro *Sagarana* (ROSA, 2017), compartilhou com o grupo:



Foto de Carlos Cordeiro, gentilmente cedida ao participante da Oficina de Leitura José Antonio Braga Barros. Foi sacada na estrada entre Gonçalves, MG, e Paraisópolis, MG.

O texto de “Minha gente”, que ele postou junto com a foto, foi esse:

E a vista se dilatara: léguas e léguas batidas, de todos os lados: colinas redondas, circinadas, contornadas por fitas de caminhos e serpentinas de trilhas de gado; convas tufadas de mato musgoso; cotilédones de outeiros verde-crisoberilo; casas de arraiais, igreja brancas; desbarrancados vermelhos; restingas de córregos; píncaros azuis, marcando no horizonte uma rosa-dos-ventos; e mais pedreiras, tabuleiros, canhões, canhadas, tremembés e itambés, chãs e rechãs (ROSA, 2017, p. 163).

A descrição desta paisagem com a sua vegetação e geografia era completamente estranha para mim, porque eu sou do Nordeste e, portanto, só conheço bem outras paisagens, então a maioria do que o Guimarães Rosa citou não é do meu ambiente, eu desconhecia. E eu coloquei isso na Roda, então, uma colega de imediato escreveu: “Quais palavras você não conhece, Graça? Talvez no grupo, entre todos, possamos lhe

ajudar”. Eu escrevi, lá no grupo do WhatsApp no dia 12/3/2023, que eu não entendi o que é “convalesses tufados de mato musgoso” e “cotilédones de outeiro verde-crisoberilo”. Francismar respondeu uma parte das minhas dúvidas: “Verde-crisoberilo é um tom específico de verde (a raiz grega ‘criso’ significa ouro, e a raiz ‘berilo’, verde). Também existem crisoberilos amarelados, mas não é o caso, no texto; outeiro parece ser um pequeno monte ou saliência de terra firme; cotilédone é uma folha primordial, uma espécie de broto, algo que está no embrião do vegetal”. Vejam só! Eu mesma poderia ter ido ao dicionário ou ao Google, mas nessa troca de mensagens acabamos por criar uma espécie de simpatia, acolhimento e ajuda mútua que de muitas formas nos aproxima e nos fortalece.

Logo em seguida a Francismar, muito gentilmente, colocou imagens de uma pedra preciosa e de um broto de feijão para ilustrar também a cor verde-crisoberilo. Seguiram-se outras contribuições de outros companheiros, pois as nossas mensagens ficam visíveis para todos do grupo e assim aprendemos juntos. No final eu escrevi: “Mil agradecimentos, colegas, por esclarecer os termos do texto que o Braga nos enviou. A imersão fantástica nos ambientes da natureza que Guimarães Rosa cria é bem diverso desse chão do Nordeste. [...] Eita, ‘Minha gente’, essas palavras incríveis do conto renderam uma boa pesquisa. Muito bom!”

Eu quis trazer só uma parte das conversas que trocamos no grupo de WhatsApp para ilustrar o que considero, na Roda de Leitura, um movimento muito solidário, e isso é uma característica fantástica, ainda mais nos tempos em que a gente está vivendo, de muito individualismo. Também tive uma dúvida em outro conto, então a Rosa Haruco Tane encaminhou a pergunta para uma pessoa e ela respondeu. Acho que foi a Neli Martins. Dessa maneira a gente sempre recebe acolhida para as dúvidas e fica com algumas respostas de pessoas que já estudaram e viram mais do que eu e do que outras pessoas que talvez até fiquem assim, envergonhadas de perguntar. Penso que com essas atitudes aprendemos a aprender, a pesquisar e a buscar as respostas – com as pessoas, nos livros e até na internet – para aquilo que não compreendemos. Uma grande lição de vida!

O que eu quero salientar, e é importante dizer, é isso, pois as coordenadoras e muitos participantes do Grupo do WhatsApp têm muito boa vontade, pois estão sempre disponíveis para compartilhar os seus conhecimentos. A gente percebe isso, e eu penso

que esse é um diferencial desta Roda de Leitura, essa solidariedade em estar disponível para tirar algumas das nossas tantas dúvidas na leitura. Porque a leitura dos textos de Guimarães Rosa é algo muito específico e requer esta dose de gosto pela pesquisa, por saber mais, para conhecer melhor o sertão que é também um pouco o que vai dentro da gente.

### **Referência bibliográfica**

ROSA, João Guimarães. Noites do sertão. In \_\_\_\_\_. **João Guimarães Rosa: ficção completa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão.

# Carta de uma leitora e professora de piano

Maria Rita Costa Bertolaccini<sup>1</sup>

Eu sou a Maria Rita, aquela que configura no grupo do WhatsApp como Casa do Piano Borda da Mata nas reuniões online da Roda. Nasci e sempre vivi no sul de Minas Gerais, numa cidadezinha chamada Borda da Mata, terra do saudoso poeta Donizete Galvão. Foi por meio de uma amiga de Donizete que tive contato com a Roda de Leitura do Rosa, a querida Regina Pereira, a Reca.

Eu e Regina temos contato pelas redes sociais e, vendo as suas viagens pelos Caminhos de Rosa e observando a sua devoção por Guimarães Rosa, fui cada vez mais me aproximando virtualmente dela, desejosa de um dia poder fazer parte daquele mundo rosiano. Foi então que ela me convidou e eu aceitei prontamente participar do grupo de leitura.

Mas toda esta atração tem raízes mais profundas. Trabalhei 30 anos como professora de Língua Portuguesa nas escolas da minha região. Na minha formação básica, Guimarães Rosa foi apenas um nome citado. Quando parti para o curso de Letras numa faculdade privada na cidade vizinha, Pouso Alegre, MG, no fim da década de 80, comprar um livro era um ato hercúleo. Vivíamos alimentados de folhas mimeografadas com trechos das obras de Rosa. Por minha sorte, uma das minhas professoras era apaixonada pela obra rosiana e nos narrava diariamente as estórias, fazendo-me uma apaixonada pela obra e pelo autor. Mas uma apaixonada sem livros. Como comprar

---

<sup>1</sup> Professora de piano, especialista em Linguística, graduada em Letras e Direito, tendo lecionado durante 30 anos em escolas particulares do sul de Minas Gerais.

livros naquele tempo de carestia? Além do mais, na região não havia livrarias, a não ser a Católica e a Jurídica. Era preciso buscar na metrópole. Um irmão que fora morar em Campinas me presenteou com *Grande sertão: veredas* que possuo até hoje. Lembro-me de a professora dizer que, “ao menos este” era preciso ter.

Tive a formação típica das faculdades privadas do interior do Brasil que se espalharam na década de 80 por todo o território nacional. E, sendo portadora de trechos copiados de seus livros, tinha o sentimento de um encontro adiado com Rosa.

Nesta época eu já dava aulas na quinta série do colégio das freiras em Borda da Mata. Para aqueles pequenos eu falava de Miguilim. E falava de Diadorim, do rio São Francisco, do Sertão, dos Geraes. E falava de Rosa, das suas palavras, da mineiridade, sem jamais imaginar a complexidade da sua obra. Mais adiante trabalhei com alunos maiores, com pré-vestibulares, e, também, com Ensino Superior, todos privados e daqui da redondeza. Por mais que a ementa não contemplasse a obra nem o autor, muitos conteúdos me lembravam Rosa e a ele me levavam. Reportagens, entrevistas, personagens, linguagem... Eu via os olhos dos meus alunos brilharem. E sabia que chegaria o dia do meu encontro real com aquela obra sobre a qual eu falava, digamos, superficialmente.

Eu adquiria os livros e ia guardando para quando tivesse tempo de ler. Mal sabia que o que faltava era a oportunidade e que ela estava por vir.

Compreendo a minha trajetória em Rosa como o caminho inverso da maioria dos participantes da Roda. Ensinei o que pouco sabia, mas ensinei com paixão. Só agora, com tempo e com livros, estou podendo, por meio da Roda de Leitura do IEB-USP, aprender e desfrutar de João Guimarães Rosa e da sua obra, que esperei por tanto tempo.

Inusitadamente, foi pela música que atravessei as portas abertas pela Roda para a leitura participativa de Rosa. Eu não imaginava que seria com o piano, o meu companheiro da vida toda, praticamente um membro da família, instrumento estudado desde os 5 anos de idade e que hoje é meu trabalho, o veículo de participação tão efetiva em nossa Roda. Foram tantos episódios lidos acendedores de sensibilidade que tomei coragem e atrevi-me a compor uma pequena Cantiga para Miguilim<sup>2</sup>, quando terminamos de ler “Campo geral”. A letra pedia para Miguilim emprestar os olhos

---

2 Sarau Corpo de baile, disponível no canal do YouTube da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP em <https://www.youtube.com/watch?v=EKIkcaR1RZg> Acesso em: 17/3/2023.

para uma visão positiva de vida. Montei também um audiovisual caseiro sobre minha horta urbana (que foi parar numa exposição da UFMG<sup>3</sup> por meio da Roda), quando terminamos “A estória de Lélío e Lina”. Fiz também uma interpretação musical das Mulheres da Cozinha associadas ao monjolo da novela “Buriti”, e sobre este mesmo conto, preparei uma interpretação de *Noites do sertão*, de Milton Nascimento e Fernando Brant, em que toquei piano, cantei, toquei tambor e flauta, tudo ao mesmo tempo, em uma montagem de vídeo. Sempre que pude participei dos saraus de encerramento e também da Semana Rosiana, com estes trabalhos singelos, feitos com apreço e gratidão a esta Roda que me abriu tantas portas para o mundo rosiano.

Hoje sinto-me inserida neste mundo místico e profundo de Rosa. Já não me sinto do lado de fora e ainda tenho imenso prazer de, a cada leitura nesta Roda, poder desbravar essa infinda travessia rosiana.

Além disso, faço girar uma roda de leitura também online, criada por mim há pouco tempo e inspirada na Roda rosiana. Trata-se de um grupo de leitura, hoje com dez leitores, alguns de Borda da Mata, outros de Pouso Alegre, que se reúnem de segunda a quinta-feira, das 21h às 21h30. Os textos são de autores variados, ainda não chegamos em Rosa, mas estamos caminhando com este intuito. No grupo já fizemos leitura completa de oito obras, entre elas: *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, e *Crônica de uma morte anunciada*, de Gabriel García Márquez. As características comuns desta nova roda com a nossa Roda-Rosa são a solidariedade, a busca pela leitura calma e respirada, a troca de sentidos e compreensões dos textos, além da riquíssima experiência da leitura oral, neste caso, num horário em que os membros-leitores já estão desacelerando o ritmo do dia em direção ao descanso. Trata-se de uma roda descontraída que prima pelo prazer de ler.

Por tanto, só posso desejar vida longa à Roda de Leitura do IEB-USP que plantou tantas sementes lindas em mim.

Minha gratidão a você, Elni, pela oportunidade de contar a minha história com a Roda.

Com carinho,  
Maria Rita.

---

<sup>3</sup> Trata-se da exposição virtual *Sertão Mundo* concebida pelo Espaço do Conhecimento da UFMG. <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/exposicaoosertaomundo/> Acesso em: 16/3/2023.

# O gosto pela leitura e pela obra de Guimarães Rosa

Moisés Sales do Nascimento<sup>1</sup>

Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive os fatos. Ou a ausência deles.  
João Guimarães Rosa, “O espelho”, *Primeiras estórias*.

Para falar da minha experiência na Roda de Leitura Guimarães Rosa é preciso fazer uma breve viagem no tempo. Para trás, é claro.

Tudo começa em 2008, quando, pela vez primeira, viajamos de São Paulo para Cordisburgo – o Burgo do Coração –, em Minas Gerais, para conhecer a Semana Rosiana. Naquele ano se comemorava o centenário do nascimento de Rosa.

Foi uma experiência que julgamos incrível. Foi lá que, durante as atividades da Semana, palestras, oficinas, exibição de filmes e contações de estórias pelos Miguilins, ficamos sabendo da existência, no IEB – Instituto de Estudos Brasileiros, na USP – Universidade de São Paulo, de uma Roda de Leitura Guimarães Rosa. Uma roda que

---

1 Nascido e criado no Rio Grande do Sul, onde aprendi, bem pequeno ainda, as primeiras letras. Cursei Letras na UFRGS, em Porto Alegre. Tive passagens ainda pela Universidade de Passo Fundo e pela Universidade de Caxias do Sul. Trabalhei em vários ramos antes de me formar e exercer o magistério por alguns anos. Mudei para São Paulo – a capital – há mais de 40 anos. Vivo hoje na praia, em Itanhaém, com Cleide, minha companheira de jornada há já quase 40 anos. Juntos cultivamos o gosto pela boa prosa, a boa comida, as leituras – que dividimos desde os primeiros momentos. Também dividimos a criação de filhos e as alegrias que nos trouxeram os netos e as netas. Passamos bastante tempo na biblioteca que temos no Vilarejo, o lugar em que moramos.

reunia – reúne até hoje, embora atualmente no formato virtual – pessoas das mais diversas áreas em torno da obra literária do escritor.

Não foi, no entanto, naquele ano de 2008, que me aproximei da Roda. Aproveitei aquele ano, a partir daquela Semana, para começar a ler toda a obra do autor, começando por *Sagarana* e terminando com *Estas estórias*, póstumo. Fiz uma leitura que, de certa forma, obedeceu à sequência de publicações de cada título. Claro que depois li também *Magma* e *Antes das Primeiras estórias*, publicados em outras datas. Além de certo número de obras críticas e estudos sobre a literatura rosiana.

Assim é que só em 2009 fui conhecer pessoalmente a Roda de Leitura. A partir do primeiro contato, passei a frequentar a Roda regularmente, o que enriqueceu muito o meu pouco conhecimento da obra e ampliou bastante o alcance das palavras já conhecidas de nossa língua e, sobretudo, o de milhares de palavras inventadas por Rosa.

O gosto pela leitura e pela obra de Guimarães Rosa só fez crescer. E me levou ao ponto de eu me dedicar a construir uma “rosiana” particular que conta hoje com mais de 200 títulos. E sei, é claro, que estes são apenas a ponta do iceberg de tudo o que se escreveu e continua a se escrever acerca do “bruxo da linguagem”, como alguém já se referiu a ele.

Os vários encontros com as pessoas na Roda de Leitura também foram importantes para que empreendêssemos algumas viagens ao sertão de Minas Gerais, em busca da geografia, do sertão rosiano que o escritor descreve de forma tão iluminada em sua obra.

Continuamos ao longo dos anos a participar das atividades das Semanas Rosianas, o que, junto com as viagens ao sertão, nos levou a conhecer pessoas incríveis e a experiências maravilhosas nos encontros com a gente mineira – e não só –, que, muitas vezes, pareciam ter saído diretamente dos textos de João Rosa.

Agora, afastado momentaneamente dos encontros semanais, continuo a manter contato com a obra de Rosa, pela leitura de livros escritos a respeito dela e também pela releitura dos seus livros, além das conversas com as pessoas com quem continuo em contato e que podemos chamar de “Devotos do Rosa”, que têm sempre alguma novidade ou descoberta para contar a respeito de um trecho lido ou lembrado em ocasiões de celebração.

A Roda de Leitura, um espaço aberto à participação de quem quer que queira um contato mais de perto com a literatura de Guimarães Rosa, tanto para quem conhece quanto para quem não conhece a obra e tem medo de se aproximar dela, oferece muitas oportunidades e ensina de forma magistral aquilo que Mia Couto diz a respeito da insurgência de Rosa “contra a hegemonia da lógica racionalista como modo único e exclusivo de nos apropriarmos do real”. Mia Couto, em um dos seus livros escreve que:

A realidade é tão múltipla e dinâmica que pede o concurso de inúmeras visões. Em resposta ao *to be or not to be* de Hamlet, [Rosa] avança outra postura: ‘Tudo é e não é’. O que ele sugere é a aceitação da possibilidade de todas as possibilidades: o desabrochar das muitas pétalas, cada uma sendo o todo da flor<sup>2</sup>.

É isto, a meu ver, que a Roda de Leitura oferece a cada um dos seus participantes: a possibilidade da visão desta multiplicidade e deste dinamismo da realidade. Tanto é que em inúmeros encontros as várias pessoas presentes trazem à luz múltiplas interpretações do que o autor diz em certos trechos, abrindo um leque de informações que, na maioria das vezes, não se mostra numa primeira leitura.

---

<sup>2</sup> COUTO, Mia. Encontros e encantos – Guimarães Rosa. *In: E se Obama fosse africano?* e outras interinvenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 115-6.

# RODA, roda, RODA, roda, ROSA...

Paulo Sérgio da Silva<sup>1</sup>

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro ele não figurava mais estúrdio nem mais triste que os outros. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa (ROSA, *Primeiras estórias*, 2ª ed, 1964, José Olympio, p. 32).

O que eu vou contar aqui é um caso acontecido, no real, tirado do duro do pau da peroba. Conheci Guimarães Rosa numa manhã ensolarada do ano de 2019, quando ainda nada se sabia do aparecimento de um vírus que faria resultar, nos anos que se seguiram, numa das maiores pandemias que já assolaram a humanidade

Foi então que se deu um fato curioso, ganhei de presente o livro *Primeiras estórias* de minha esposa e companheira, que é sabida das coisas e das aflições dos humanos, e comecei a ler, aleatoriamente, o conto “A terceira margem do rio”. Durante o percurso da leitura senti calafrios de frio, em dado momento percebi lágrimas escorrerem, embora estivesse numa praia, com sol escaldante de quase 40 graus, notando, de imediato, que algo de novo estava acontecendo, ou estava por acontecer, mas ainda não sabia exatamente o que era, nem o que viria a ser. Mais tarde foi que me dei conta,

---

<sup>1</sup> Morador da cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, é estudioso da obra de João Guimarães Rosa e frequentador assíduo da Roda de Leitura do IEB da USP-SP desde meados do ano de 2020.

depois de muito pensar, que Rosa estava ali presente ao meu lado, tentando me ajudar a compreender melhor a minha história, por meio da sua estória, da terceira margem.

Pois bem, durante a leitura, que reclamava fala alta e bem postada, comecei a lembrar do meu pai, que em outubro de 1958, ano em que Rosa já havia retornado ao Brasil, depois da conhecida experiência diplomática como vice-cônsul na embaixada brasileira em Hamburgo, e dois anos após a publicação de *Corpo de baile e Grande sertão: veredas*, numa manhã do dia 5 de outubro, quando eu contava com 2 anos de idade, saiu de casa, sem olhar para trás, num domingo, rumo ao rio Sapucaí (que faz divisa com os municípios de Guará e São Joaquim da Barra, cidades localizadas ao norte do estado de São Paulo) e nunca mais voltou. Foi para o sem fim, para o nunca mais.

Acho que ele saiu em busca da terceira margem, aquela terceira margem incognoscível, estranha, desconhecida, que a gente sempre busca, mas nunca sabe se irá encontrar. Aquele lugar, aquele entrelugar, aquele quase lugar, que a gente nunca que sabe onde fica, nem nunca sabe encontrado. Aquele texto, que veio até mim, profundo, sem margem, depois de passados aproximadamente 60 anos de meu nascimento, me fez refletir a respeito das coincidências.

Rosa, nascido em 1908, contava, em 1958, com 50 anos de idade. Eu, naquele momento, em 2019, com 63. Meu pai, nascido em 1926, tinha 32 anos quando se foi para não mais voltar. Rosa publica, em 1962, isto é, aos 54 anos de idade, o conto que falava de mim, que nasci no ano de 1956. Ou seja, parece que em 1962 ele falava sobre a minha estória, quando eu contava com exatamente 6 anos de idade.

Fiquei pensando que ele pode ter tido tempo para conhecer esta estória, antes de escrevê-la, que passei a acreditar não ter sido simplesmente por ele inventada, obra do acaso. Isto por causa de um dado curioso: meu pai veio de Cláudio, cidadezinha do estado de Minas Gerais, lugar certamente conhecido de Rosa, que a ele se refere em “Sarapalha”, novela de *Sagarana*, publicado em 1946, quando ele narra as suas experiências pelo interior de Minas como médico. Eu sempre soube que meu pai viera de Cláudio, trazendo com ele a sua família pobre, por volta do ano de 1938, sete anos antes da publicação de *Sagarana*, em 1946, fugindo da maleita, que, segundo se diz, dizimou muitas pessoas e comunidades inteiras do interior de Minas.

Rubem Alves, mineiro, de Boa Esperança, que sempre se faz presente em momentos de boa prosa, dizia que não existem coincidências e que quem acredita nelas é porque não conhece o avesso de uma tapeçaria. Foi assim que, refletindo sobre

esta cronologia de datas e fatos, sobre todos aqueles nozinhos do avesso da tapeçaria, me enchi de curiosidade para conhecer melhor aquele autor mineiro, de riso fácil, ligeiramente debochado, com ar de criança matreira e que em sua infância gostava de pássaros, bichos e de brincar com vaquinhas e cavalinhos, feitos de madeira, no quintal da sua casa em Cordisburgo, onde nasceu, em 27 de junho de 1908, ainda sob o clima das festas em louvor a São João, lugar trás montanhas, lugar com muitas vistas alegres.

Foi assim que, ao ler “Terceira margem”, senti que ele falava da minha história. Que ele conhecia as minhas aflições, os meus medos, as minhas dúvidas, sabia da minha angústia por não saber a resposta pela causa da ida do meu pai ao rio, por aquela ida sem volta, pela ida para o nunca mais. Esta leitura veio ao encontro das minhas muitas perguntas não respondidas, as minhas muitas dúvidas.

Até hoje me pergunto por que ele não me levou junto, apesar dos meus insistentes pedidos. Terá sido porque eu não coubesse naquela canoinha, feita de pau de vinhático, madeirinha levezinha, flutuável? Não sei, fiquei sem saber, porque ele nunca respondeu às minhas perguntas, do porquê de ele não ter vindo para o casamento da minha irmã, do meu irmão, para o batizado dos netos. Fiquei sem saber por que ele nunca quis trocar de lugar comigo, embora eu tenha feito esse pedido a ele, várias vezes. Ainda hoje penso em qual teria sido a decepção dele comigo, conosco, com a minha mãe, para que ele tenha se decidido rumar para o rio, por onde continua navegando até hoje, de alto a baixo, de lado a lado, às vezes até o sopé da cachoeira do Diamantino, quem sabe em busca da sua, das nossas terceiras margens... Purgo ainda, resquício de sensação de culpa, pela dúvida causada pela falta dessas respostas. Assim, penso, envelhecerei também e morrerei, um dia, sem saber.

*Primeiras estórias* foi, assim, o ponto de partida, para uma viagem só de ida, uma viagem para o sem fim da literatura rosiana, a exemplo do que se dá com a busca pela terceira margem. Isso também se dá quando se lê *Grande sertão*, ou mesmo outro texto de Rosa, pela primeira ou pela segunda vez: quando se pensa que já se conhece a estória, tudo de novo acontece, há sempre ali pronta, desafiadora, uma nova estória, uma nova forma de ver e de entender a história contada por Rosa, do homem simples dos Gerais da sua época e dos dias de hoje, do sertão real, do sertão metafísico, que existe dentro de cada um de nós. Rosa assim respondeu à sua filha Vilma, ao ser indagado por ela do porquê ele escrevia sobre o sertão, que ele não conhecia, estando em Paris, ao que ele teria apontado para a sua cabeça e respondido: o sertão mora é aqui, dentro da cabeça da gente.

Foi assim que conheci João Guimarães Rosa, foi assim que ele me levou para dentro do mundo rosiano, pelas suas mãos e pela porta da frente. Mais recentemente, conheci o embaixador Lauro Moreira, que conviveu com Rosa no Itamaraty quando ele se achava à frente do posto de chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras, nova relação de amizade que muito me enriqueceu com as estórias de Rosa por ele contadas. Conheci o professor Murilo Moschetta, de Londrina, estado do Paraná, que passou por Ribeirão Preto e aqui conheceu um grupo de estudos de Guimarães Rosa. Com ele participei de encontros virtuais para estudo de *Primeiras estórias*, em sua série chamada 4 Contos, de sua autoria e iniciativa. Depois, participei de uma leitura de GSV guiada pela competente atriz e narradora pública Élide Marques, chegando, finalmente, a alguns cursos e ciclos de estudos sobre GSV, também a distância, com as queridíssimas professoras Cecília Marks, Fernanda Yazbek Rivitti e com o professor José Miguel Wisnik, pessoas por quem passei a ter dívida eterna de gratidão pelo compartilhamento dos seus elevados conhecimentos sobre a literatura rosiana.

Em meados de 2020 conheci a Roda de Leitura do IEB, a quem escrevi pedindo para participar do grupo, recebendo acolhimento pronto, festivo e amoroso das coordenadoras Rosa Haruco Tane, Regina Pereira e Linda Yazbek Rivitti, trio de amigas, seguras condutoras de uma Roda de Leitura que neste ano comemora 20 anos de existência, pessoas estudiosas e persistentes, por quem tenho respeito e elevada admiração.

Sou, assim, novo na Roda de Leitura Guimarães Rosa, pois dela comecei a participar durante a pandemia, em meados do ano 2020. Como eu moro em Ribeirão Preto, no interior do estado de São Paulo, e como antes a Roda de Leitura era presencial, por causa da pandemia criou-se a possibilidade de pessoas distantes, de diferentes localidades, participarem de eventos a distância. Nesta condição, isto é, a distância, comecei a participar semanalmente da Roda de Leitura, sem faltar a esses encontros de escuta e partilha, pois como se sabe é muito difícil encontrar, hoje, pessoas com disposição para estudos, trocas e reflexão.

No ano passado, em 2022, participei da 34ª Semana Rosiana, em Cordisburgo, terra natal de João Guimarães Rosa. Quando voltei fiz uma apresentação na ARL - Academia Ribeirãopretrana de Letras, em conjunto com a ALAGUARA – Academia de Letras e Artes de Guará, compartilhando um pouco da experiência desta viagem, feita ao mundo real de Guimarães Rosa. Tentei transmitir às pessoas daqui da minha

região um pouco do que aconteceu durante a última Semana Rosiana, especialmente dedicada aos eventos comemorativos dos 60 anos de publicação de *Primeiras estórias* e 70 anos da viagem *A Boiada*, feita por Rosa em 1952. Conheci a Gruta do Maquiné, o Museu Casa Guimarães Rosa, estive nos cômodos da casa onde Rosa nasceu e morou até os seus 9 anos de idade, o quintal onde ele brincou, ainda míope, local em que ele veio a receber as suas primeiras aulas de francês, as primeiras lições do seu professor, mestre Candinho.

A Roda de Leitura é isso, uma grande roda gigante que gira, toda quarta-feira, com a presença de pessoas de vários recantos do país e do exterior, que sobe e desce pelos meandros da literatura de Rosa, levantando-nos a aprender com Rosa, a compartilhar, a ouvir, a falar, a sentir e a expandir a literatura rosiana para outros mundos e cantos. A mim Rosa me ensinou a ser mais humano, mais menino, na medida em que percorremos o seu universo interior, rico em alegorias e encantos. Rosa nos leva tanto para o reencontro com as nossas memórias afetivas da infância quanto para o transcendente, para o que nos faz pensar e penar sobre os dilemas da mortalidade e da imortalidade.

A Roda está cada vez mais viva e pulsante. Sobrevive do esforço individual de cada um, das mãos firmes e seguras das suas dirigentes já nomeadas, que trabalham voluntariamente, sem nada exigir em troca, e exercem papel fundamental no comando de um grupo de difusão da literatura, deste que é sem sombra de dúvidas o maior escritor brasileiro de todos os tempos, especialmente do século 20.

A despeito da importância do papel que a Roda de Leitura assumiu na minha vida pessoal, que me conforta e me anima a prosseguir no mundo da leitura e da cultura, sem o qual não há salvação, considero importante destacar o trabalho da Roda, que nos últimos dois anos promoveu dois seminários – Canto, encanto e leveza<sup>2</sup> – compostos de ciclos de cinco dias de estudos da literatura rosiana, tendo eu participado, neste ano, como mediador do dia dedicado ao elemento da natureza “AR”, dentro da temática da obra rosiana.

---

2 Curso coordenado pelo professor Sérgio Emanuel Galembeck, do Departamento de Química da FFCLRP-USP, organizado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) e pela Oficina de Leitura Guimarães Rosa do IEB-USP. Teve duas edições, ambas com os diferentes temas, disponíveis no canal do YouTube conforme links a seguir. Uma em 2021 <https://www.youtube.com/watch?v=rRsKuM8EaQ8> e a outra em janeiro de 2023 <https://www.youtube.com/watch?v=fEhItxV9xLA&t=2010s> Acesso em: 26/3/2023.

Destaco que somente o seminário deste ano contou com quase 3 mil inscritos, tendo o evento sido assistido, pelo mundo todo, por quase 10 mil pessoas, interessadas na literatura de Guimarães Rosa, sem que se tenha registro de uma crítica contra o trabalho criativo dos seus dirigentes, colaboradores e demais participantes, sendo este também motivo de orgulho em poder fazer parte deste grupo, que tem por finalidade fundamental divulgar a obra e a vida de João Guimarães Rosa.

Viva Rosa, viva a Roda de Leitura, viva o sertão rosiano, viva aquele que aos 59 anos de idade, em 19 de novembro de 1967, ascendeu aos céus, levado por um clarão de luz vindo das plêiades, fato registrado em foto tirada exatamente no momento em que o seu corpo era levado, de sua residência à sede da ABL, onde o seu corpo foi velado, depois sepultado e hoje descansa em paz, principalmente por assistir e acompanhar de longe o resultado da sua vida e obra, que se espera, sobreviva por mais de 700 (setecentos) anos, numa referência a Setestrêlo:

“A quase metade do céu tinha suas estrelas, descobertas entre os enuveados para chuva. O **setestrêlo**, no poente, a uma braça: devia de regular umas nove horas” (ROSA, 2017, p. 1279, citação feita pelo professor Marcelo Marinho, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, em trabalho apresentado no seminário Guimarães Rosa: Canto, encanto e leveza – Tema: Travessia<sup>3</sup>).

Para finalizar quero registrar que, ao empreender a travessia do sertão místico de Rosa, por meio dos seus variados e valorosos escritos, pude finalmente compreender que o meu pai, Pedro, que se encantou em 1958, aos 32 anos de idade, quatro anos antes de Rosa publicar, em 1962, *Primeiras histórias*, o sexto conto deste livro, “A terceira margem”, teve participação fundamental na minha compreensão, para eu poder melhor entender, por meio da intersecção dessas histórias, o papel fundamental do pai, do meu pai, que muito cedo ascendeu aos céus, talvez para não nos deixar esquecer o que Guimarães Rosa proferiu no final de seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, ou seja, que a “gente morre é para provar que viveu<sup>4</sup>”. Esta pode ter sido uma, senão a maior, das grandes mensagens da “Terceira margem do rio”. Será?

---

3 O conteúdo pode ser consultado dos 10:30 aos 30:22 minutos, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-NVZhjPhwAM&t=637s> Acesso em: 27/3/2023.

4 Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse> Acesso em: 3/4/2023.

**Referência bibliográfica**

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão. Volume 2: Grande sertão: veredas; Primeiras estórias; Tutameia (Terceiras estórias); Estas estórias; Ave, palavra!

# Nossa Roda de Leitura, um perdurável era uma vez<sup>1</sup>

Eulina Pacheco Lutfi<sup>2</sup>

A Oficina de Leitura do IEB-USP, com existência desde o início dos anos 2000, está a merecer estudos aprofundados, o que ocorre, em momento oportuno, no pós-doutorado da professora Elni Elisa Willms.

Acredito que o relato aqui apresentado possa ser fonte à pesquisa da professora. Deixará, certamente, de abranger a compreensão ampla da Oficina, fato extraordinário como grupo de entretenimento e estudo. Porém espero que possa ajudar a entender, no contexto brasileiro dos nossos dias, enquanto reveladora de exigências da vida cotidiana. Interrogo as razões do seu sentido em sua longa existência, nesta sociedade do efêmero, da praticidade, do imediatismo, do poder de controle sobre ações e o

---

1 Texto escrito para narrar um pouco da minha experiência com a Roda de Leitura online do IEB-USP. 15/11/2022.

2 Bacharel e Licenciada em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras-USP. Doutora em Didática e Metodologia do Ensino de Português pela Faculdade de Educação-USP. Pós-doutorado pela Faculdade de Educação da USP, com pesquisa sobre currículo escolar de leitura. Pesquisadora, durante um ano, no *Institut National de Recherches Pédagogiques*, em Paris, sobre redação escolar e escritas cotidianas. Professora efetiva de Português para o Ensino Médio do Estado de São Paulo, lecionou, durante 30 anos, preferencialmente em escola pública. Atuou como professora de Português em faculdades privadas em cursos de especialização, Jornalismo e Publicidade. Trabalhou, durante 18 anos, como pesquisadora e professora convidada do Laboratório de Pesquisa em Ensino e Ciências Humanas da Faculdade de Educação-USP, em formação continuada de professores de municípios do estado de São Paulo e Rondônia, e, pela PUC-SP, em três cursos para pescadores e professores, no Amazonas. Tem publicações em livro, capítulos de livros e revistas (nacionais e francesas).

tempo, considerado produtivo, bem como de tantas outras características de relações pouco perceptíveis, econômico e sociopolíticas, no mundo contemporâneo.

### **Livro, cidades e o movimento incessante de vida**

Era um alvorecer de 2009, quando entrei na sala da Pousada das Flores, em Cordisburgo, Minas Gerais. Uma estante, iluminada de sol nascente, apresentava-me, orgulhosa, os seus livros. Entre eles a surpresa: *O poder da palavra*, de Adélia Bezerra de Meneses (1995). Quem, naquelas distâncias, dividiria com forasteiros o prazer de ler um livro escrito por minha estimada colega do curso de Letras dos tumultuados anos 60, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo? Havia ali mistério... É um livro que me encanta e tem-me sido bibliografia em preparações de aulas. Distinguiu-se dos seus companheiros de prateleira. Provocou-me curiosidade a mais sobre a cidade de meu autor favorito. Saí a desvendar os seus segredos.

Eu fora a Cordisburgo apenas desejosa de caminhar pelas ruas por onde andaram personagens de Guimarães Rosa e rever riachos do menino João em águas de quintal. Comecei a caminhar observando pessoas, traçados das ruas e estrada de ferro até ir atrás de músicas criadas na região que me contassem emoções dos moradores. Por aqui, por acolá, dei num lugar inusitado: espécie de bazar do Senhor Brasinha. Foi como penetrar no mundo encantado da memória de todos os tempos da gente do lugar, na voz de Brasinha, povoada de casos, mais ou menos reais ou delirantes, de Miguilins, bordadeiras, músicos e amigos preciosos e leitores de Rosa.

Alguns meses depois, dia 19 de novembro de 2010, no inesquecível espetáculo, preparado pelos amigos de Adélia Bezerra de Meneses no lançamento do seu livro *Cores de Rosa* (2010), fui convidada por Rosa Haruco Tane a participar da Roda de Leitura no Instituto de Estudo Brasileiros da USP. A minha integração a esse grupo, desde o início, compõe os acontecimentos, assinalados como importantes em minha trajetória, importantes porque transformadores em termos de libertação.

Os meus amigos, desde criança, foram fundamentais ao meu *ser pessoa*. Acrescentavam-se a meus amores familiares e, por anos afora, na vida particular ou profissional, têm sido imprescindíveis. Estiveram e estão nos grupos dos quais tenho participado, em afã de auxiliar na melhora do mundo.

Porém, houve uma época, após a aposentadoria, que, se me devolveu o direito de me dispor do tempo, isolou-me da convivência quase diária com pessoas queridas. Senti falta. Perdia algo indefinível e sentido, em um claro-escuro que me retirava antigas alegrias, sem favorecer outras. A saúde parecia se ressentir e as tentativas de encontrar pessoas, em grupos atuantes na cidade, foram insatisfatórias.

No início de março de 2011, numa quarta-feira, em cadeiras escolares no Edifício das Colmeias, Cidade Universitária da USP, finalmente encontrava o lugar desejado: ingressava na Oficina de Leitura. Era uma sensação de que estivera sempre com aquelas pessoas; um sentimento de afinidade me chegava por gestos amorosos, de respeito à palavra do outro, pela liberdade de expressão e por uma amizade que iluminava a sala.

A Oficina de Leitura apresentou-se a mim como espaço de encantamento pela leitura, troca de ideias, sensibilidade e busca de aprofundamento, na descoberta dos tesouros escondidos atrás de letras, sons e significados primeiros. Aquele grupo, sem dúvida, era bem diferente dos que eu havia conhecido. Estaria ali e daquela maneira por uma história especial, com pessoas empenhadas em sua existência, no interior da universidade. Diferenciava-se de reuniões acadêmicas, de debates literários entre especialistas. Não se exigia titulação, nem prova de conhecimento, pagamento, comprovação de presença ou promessa de certificado. Que histórias teriam as suas origens e os seus tantos anos de existência?

## **A universidade e o desafio de abrangência**

A origem da Roda de Leitura leva-nos aos anos 2004, quando o vice-diretor do IEB, professor, Heinz Dieter Heidemann junto com a professora Marily da Cunha Bezerra e outros professores da USP, alguns amigos e Rosa Haruco Tane, parece ter compreendido que, sob burocracias massificantes e rotineiras das cidades e universidades, restam, obliterados, atos criativos interrompidos e ideias importantes descartadas. Porém esses descartes não morrem e podem germinar, conforme aprendi sobre a teoria dos resíduos (LEFEBVRE, 1965). São exemplos as concepções da universidade e a sua necessidade de se interessar por conhecimentos além dela e que devem ser propósito de estudo da cultura de um país.

Dieter Heidemann e o seu grupo desgostavam-se de Guimarães Rosa apenas em bibliotecas inacessíveis ao grande público, inclusive àquele que lhe fora inspiração:

o povo do cerrado brasileiro. Procurou, por isso, concretizar um projeto simples, de poucos recursos financeiros, para o qual não seriam necessários senão o entusiasmo pelo conhecimento da obra do autor, livros em mãos, pequeno espaço no imenso campo da Cidade Universitária, 2 horas por semana, tempo de prazer, sem obsessão por controle de metas. O não tempo do relógio, o tempo da vida.

O que buscavam perdura e se vivifica até hoje, 20 anos depois. No grupo eu entrei para deslumbramentos. Conheci, desde os primeiros encontros, por meio da Rosa Haruco Tane, o professor Dieter Heideman, Cristina Mira, Beth Ziani, Cleide Rovai, Moisés Sales do Nascimento, Regina Pereira, Roberto Soares, Maria do Socorro Mesquita, Linda Yazbek Rivitti, sua mãe Norma Burihan e sua filha Fernanda Yazbek Rivitti, Daniel Krasucki. Depois outros amigos, entre os quais Renata Ribeiro e os jovens estudantes que rejuvenescem esse grupo de senhores e senhoras. E vieram a Semana Roseana de Cordisburgo, que celebra obra a de Rosa; a Festa de Manuelzão, de Andrequicé e o encontro de arte e cultura ao Pé da Pirâmide do Sertão, em Morro da Garça:

Camilo se descobria, dobrava sua palidez, diferido. Sem ser forte, mas com voz reconhecível, ele também cantava. (ROSA, 1976, p. 128)

É que “a festa fornece meios de entrar temporariamente num universo utópico como aquele do Boi Bonito”, ou seja, “Revestia o mundo oficial com as suas formas próprias, temas, elementos diferentes, rituais particulares, histórias antigas e folclore local” (BAKHTIN, 1996, p. 69-70). Por isso “A festa tinha que ser de muitas mãos”. (ROSA, 1976, p. 108). Com Dôra Guimarães, Elisa Almeida, Fábio Barbosa, José Osvaldo dos Santos, o Brasinha, bordadeiras, músicos, artesãos-artistas, dramaturgos, quituteiros e quituteiras, contadores de causos, sommeliers, mateiros da medicina de plantas, os inimagináveis Miguilins, todas pessoas que reafirmam o seu papel no mundo enquanto se modificam e transformam os lugares, ampliam o gosto pela obra fundamental do contrterrâneo e região, nosso Rosa; trocam saberes entre os da universidade e os do povo, habitante do Brasil profundo; Compartem a ciência e o poético do estar no mundo.

## **Finitude de grupos humanos e longevidade da roda de leitura**

Os estudos antropológicos e sociológicos sobre grupos humanos evidenciam que foram, desde o início da sua formação, um modo de os homens se porem juntos uns com os outros para dar conta da sobrevivência, nas relações com a mata e os animais. A urgência de alimentação, abrigo e defesa manifestava a necessidade imperiosa de ação conjunta para extrair alimentos da natureza, plantar, construir cabanas, defender-se de animais ou de grupos invasores. Exigia-se união (CANDIDO, 1979). A sobrevivência de grupos humanos, desde as origens, depende fundamentalmente de que haja necessidade material e emocional, motivação, cooperação e parceria, características que subsistem historicamente. Todavia são insuficientes para explicar a transitoriedade da maior parte dos grupos que se organizam no sentido de vida espiritual-material aprazível e nem a longevidade da Oficina de Leitura do IEB-USP.

A utopia das pessoas que iniciaram a Oficina pôde contar com a motivação advinda do incontornável entusiasmo pela obra de Guimarães Rosa e com o pôr-se à disposição para que o projeto se concretizasse. Porém são insuficientes para justificar tal duração.

A reflexão sobre a constância dos seus integrantes leva a ponderar a respeito da minha própria participação. Desde o ingresso, em 2011, o que me envolve, me causa um desejo de permanência sem término, de raras e belas descobertas, nas leituras e nos comentários; com uma espécie de encantamento e mãos entrelaçadas que curam o meu coração muitas vezes aflito, é a espontaneidade na solidariedade, no atender quem pede ajuda intelectual ou não, a gentileza em divergências, a transversalidade das relações que me lembra sonhos de sociedades igualitárias, concebidas pelos anarquistas e a luz do afeto que perpassa as presenças no grupo.

Na Oficina de Leitura os participantes são estimulados a realizar pesquisas sobre os diversos assuntos advindos da obra e registrar as críticas literárias que acontecem durante as sessões de leitura. Alguns desses trabalhos compartilhados estão guardados no acervo do YouTube da Oficina de Leitura e nos podcasts do IEB. Os meus têm-me proporcionado crescimento e alegria. *A estada de Guimarães Rosa em Paris, por meio das suas cadernetas*; Narração do conto “Substância” a partir de curso feito com a narradora Elisa; *Paternidade na infância de Miguilim*; *Cara-de-Bronze: poesia na voz de vaqueiros*;

*Ponderações sobre onomatopeia, a partir da novela “Buriti”.* Dificilmente teria me dedicado a estes estudos não fossem a Oficina e o acolhimento que nela encontramos.

### **Um caso de acolhimento vivido na Roda de Leitura, entre tantos outros, compõe as reflexões, aqui postas**

Durante meses, por volta de 2014, decidi, imensamente triste, deixar o grupo. Estava com um problema na coluna lombar que me impedia de andar e dirigir. Era inquestionável abandonar momentos preciosos, que tanto buscara e tanta força me dava em horas de difíceis enfrentamentos. Conversei com a Rosa H. Tane. Ficaram em mim, todos os fins de tarde, aquecidos ou frios e chuvosos em que a Rosa, para que eu pudesse continuar, levava-me, em seu carro, para a USP e me trazia à noite para casa. Quantas conversas animadoras, reflexões, lembranças, planos, alegrias e risos foram trocados, nessas idas e vindas!

Encorajada, submeti-me à cirurgia, no início de 2015. Sarei e voltei engrandecida, por ter podido viver o acolhimento, profundamente amoroso, que transparece no modo de ser da Rosa H. Tane e que, tenho certeza, constitui-se, unido à sua competência sobre a obra de Guimarães Rosa e de lidar com pessoas tão diferentes, o principal pilar sustentador e duradouro de nossa amada Oficina de Leitura. Oficina que nos permite o que fazem os poetas: trilhar, no possível, o impossível.

### **Referências bibliográficas**

- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: Edunb/Hucitec, 1996.
- Candido, Antonio. **Parceiros do Rio Bonito.** São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- LEFEBVRE, Henri. **Méthaphilosophie.** Paris : Seuil, 1965.
- MENESES, Adélia Bezerra de. **O poder da palavra:** ensaios de literatura e psicanálise. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- MENESES, Adélia Bezerra de. **Cores de Rosa:** ensaios sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- ROSA, João Guimarães. Festa de Manuelzão. In: ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim.** Rio de Janeiro: Editora Global, 1976.

# Nunca es tarde...

Susana Hughes Supervielle <sup>1</sup>

## Carta de introdução

Aqui se conta a aventura de uma jovem de 85 anos, Não nativa no idioma português do Brasil, ao se engajar na Travessia Encantada da obra de João Guimarães Rosa. Um Desafio e tanto, não é?

Saboroso depoimento, temperado a tropeções e gratificações muitas!...

Tive o prazer, querida professora Elni, de ter provocado e estimulado a amiga Susana a aceitar o seu convite para “Recheiar o livro”. E nem lhe conto o novo prazer que senti ao ler o texto final, tão autêntico, tão transparente, tão carregado de carinho e sabor de Aventura.

Susana me pediu que a auxiliasse na formatação e no envio, que espero estejam a contento. E, mais que isso, exigiu que eu firmasse essas linhas para você.

Com amizade e carinho,

Sergio Vieira, amigo de Susana, participante dos cursos de Cecilia Marks e por algum tempo da Oficina de Leitura.

---

<sup>1</sup> Susana Hughes Supervielle; professora no Uruguai; residente no Brasil desde 1976; participante da Roda de Leitura/Oficina de Leitura IEB-USP; E-mail: [09susana@gmail.com](mailto:09susana@gmail.com)



Susana H. Supervielle. Acervo pessoal da autora

### **NUNCA ES TARDE...**

Yo, Susana Hughes Supervielle, uruguaya de nacimiento, brasileira de corazón, caí perdidamente apasionada por Guimarães Rosa.

Todo empezó cuando mi amigo Sergio Vieira me regaló, por Navidad 2020, un libro, *Grande sertão: veredas*, y me dijo que le gustaría que yo conociera un poco el “Brasil Profundo”: “seus sertões, suas gentes, suas lendas, suas tradições e, especialmente, uma Literatura de Primeira Grandeza”.

En ese momento, con mucha novelería, me puse a leerlo y ¡Oh! ¡Problema! No entendí nada de nada!

## Clases de Maria Cecilia Marks

Pasaron varias semanas y el libro seguía en el estante... Hasta que un día una compañera de las Contadoras de Histórias, grupo voluntario del cual yo participo hace más de diez años, comentó que estaba entusiasmada con las clases de Cecilia sobre *Grande sertão: veredas*. Se me prendió la lamparita y resolví apuntarme en ese grupo para empezar a descifrar Guimarães Rosa. No voy a decir que conseguí – simplemente me iluminó y, con la invaluable enseñanza de Cecilia, de a poquitito me fui encantando con la lectura de ese libro maravilloso. Nunca lo hubiese conseguido sola. Y mi ejemplo hasta le sirvió a Sergio, que también se sumó al grupo.

No fue solamente el estudio que me movilizó y encantó, pero también la oportunidad de conocer a los compañeros del grupo, personas de profundos conocimientos intelectuales y humanos que, a pesar de mis limitaciones, me recibieron fantásticamente.

Pero esta historia no se acabó ahí.

## Roda de Leitura – Oficina de Leitura IEB-USP

Exactamente no me acuerdo como fue que pasó, pero el hecho es que supe por Sergio que había otro grupo que “leía” a Guimarães Rosa, todos los miércoles, y a esa altura pensé que sería para mí una oportunidad única para profundizarme más en Rosa.

Ese grupo lo llamamos “Roda de Leitura”, y es dirigido por: Regina Pereira, Rosa Haruco y Linda Yazbek Rivetti.

El objetivo, en aquel momento, era leer en voz alta “Burity”. El primer día que tuve que leer en voz alta me dió un poco de vergüenza pensando que mi “sotaque” podría incomodar, pero las coordinadoras me tranquilizaron, me acordé de mis años de profesorado y a partir de ese momento lo acepté con tranquilidad – y empecé a disfrutar ese momento de leer en voz alta a Guimarães Rosa.

Pero esas actividades no acabaron ahí. Empezaron a llegar las invitaciones para otros eventos vinculados al escritor y el primero fue la presentación del excelente actor Gilson de Barros, que tuvo una temporada presencial en San Pablo con el monólogo *Riobaldo*, cosechando grandes aplausos.

De a poquito me fui “contaminando” con la obra de Rosa, teniendo el respaldo de la “Roda de Leitura” y las clases de Cecilia Marks.

Aparecieron videos con la musica y poesia de Jean Garfunkel, las canciones de Sergio Vieira, las intervenciones de varios de los colegas, como la de Elni Elisa Willms, convidándonos a participar de su pos-doctorado, las de Neli Defensor Martins, con sus lindos sombreros engalanando sus intervenciones, las de Monica Meyer, generosamente repartiendo sabiduría sobre la Naturaleza, y tantas otras que ni puedo nombrar con el temor de olvidarme de alguien.

Pero estaba por llegar la invitación mágica que recibí a principio de mayo – y ese será otro tema.

### **Mi viaje a Cordisburgo**

Eran las 5 de la mañana del miércoles 4 de mayo de 2022, cuando Rosa Haruco me vino a buscar a la puerta de mi casa, camino a lo de Cecilia Marks, con quien juntas viajaríamos desde São Paulo.

Destino: ¡Cordisburgo!

Con esas dos maravillosas choferes, disfrutando de los distintos verdes del paisaje y los juegos de las nubes iluminando el cielo, de repente vi un cartel que decía: Circuito Guimarães Rosa.

¡Y no conseguía creer que ya habían pasado 10 horas de nuestra salida de São Paulo!

En Cordisburgo fuimos cariñosamente recibidas por la pareja Paulo y Dôra Guimarães. Ya mis compañeras me habían contado que Dôra, juntamente con Elisa Almeida, eran las responsables por la dirección y formación de los nuevos miembros del Grupo de Contadores de Estórias Miguilim. Estos jóvenes procuran integrar arte, literatura, desenvolvimiento personal y comunitario a través de la narración de historias de Guimarães Rosa.

### **Coloquio internacional “Primeiras Estorias - 60 anos”**

Con el entusiasmo de hablar de nuestra llegada a Cordisburgo, ¡cometi el gran error de no explicar el motivo de nuestro viaje!

Era para asistir a la conferencia de abertura del Coloquio Internacional<sup>2</sup> que sería nada menos que proferida por el Dr. Michel Riaudel, profesor de la Facultad de Letras/ Instituto de Estudios Ibéricos y Latinoamericanos de la Sorbonne-Paris que, en un admirable portugués, encantó a toda la audiencia. Yo tuve el placer de tener un pequeño diálogo, cuando terminó la conferencia, con el destacado palestrante.

De tarde llegó el momento especial. La visita al Museo Casa Guimarães Rosa.

Y quien nos recibió no fue nada menos que el coordinador del museo, profesor Ronaldo Alves de Oliveira. Me quedé maravillada y emocionada con lo que vi. Para mi, iniciante del mágico universo sertanejo, tener la oportunidad de conocer el ambiente en que Rosa nació y se formó, así como su biografía posterior, fue el salto que necesitaba para navegar su obra.

Me encantaron especialmente las frases de Rosa repartidas en las paredes, y también la copia en tamaño natural de una antigua capa de vaquero en los colores del “sertão”, bordada por doscientas manos, como parte del proyecto “Memória Viva do Sertão”, idealizado y coordinado por la profesora Beth Ziani.

## **Morro da Garça**

Aprovechamos a visitar la Gruta de Maquiné, cuna de la paleontología brasilera, con bellísimas formas esculpidas por el agua durante miles de años. No fue fácil para mi, que me resbalé en algún momento y tuve que pedir prestado a un bastón humano que me ayudara.

Nos despedimos de Cordisburgo y emprendimos el camino para el próximo destino, no sin antes hacer una visita encantada al museo casero de Brasinha, con sus mil recuerdos de Rosa, que el cuida como si fueran sus tesoros, así como las historias que acompañan cada recuerdo. Seguimos primero fue Curvelo, ciudad más importante, origen de Manuelzão,

De repente apareció al frente de nuestros ojos el “morro” que da el nombre a ese lugar y, listo, estábamos entrando al pequeño poblado de casas coloridas que parecían salidas de un libro infantil y cuya posada tenía nombre encantado de:

---

2 Más información disponible em <https://siruiz.com.br/primeiras-estorias/> Acceso en: 26/2/2023.

## Sol e lua do sertão

Quién nos recibió fue Fátima, con los mejores honores del lugar y toda una agenda preparada festejando en gran estilo los 70 años de la “Boiada”, cuando Guimarães Rosa, con una libretita colgada al pescuezo, acompañó a los vaqueros durante diez días.

Ya en el hall de entrada estaban expuestos varios óleos, uno más lindo que el otro, de escenas de *Grande sertão: veredas* retratadas por el artista local Adriano Alves. Me quedé enamorada de unos de sus cuadros pero eso lo cuento más adelante.

De tarde fuimos en auto a conocer el árbol famoso llamado “pau d’alho” y por el camino yo trataba de ver algún buriti pero solo veía eucaliptos maltratando la tierra.

Nos sentamos sobre las raíces inmensas que servían de bancos bajo el frescor de la copa para oír a Dôra contar esplendidamente el “Burrinho pedrês”, que nos llenó los ojos de lágrimas.

De noche otro momento especial, la presentación brillante de *Riobaldo*, por nuestro amigo Gilson de Barros en el jardín de la posada.

A continuación visitamos la exposición de Adriano junto a la escultura de Manuelzão, obra admirable realizada por Wagner, otro artista de la región. Y un grupo de chicas, “Contadores de estórias do Morro da Graça, nos deleitaron con sus narraciones.

Y fue entonces que encargué al artista Adriano que me hiciera un cuadro de la “Estória de Lélío e Lina”, del libro *Corpo de baile*, que me había fascinado.

Es la historia de un vaquero joven que llega a la estancia de Pinhém buscando trabajo y emociones amorosas y conoce a Dona Rosalina, que tenía edad para ser su abuela y le decía “meu mocinho”, agregando que ella había nacido antes de tiempo o él, tarde de más... Al final del cuento, Rosa nos emociona, y acompañamos a Lélío yéndose con Lina, con su nuevo nombre, a un paraje llamado Peixe Manso.

Ahora tengo ese cuadro que adorna mi sala. Cuando el barullo de la ciudad me incomoda, observo a Lina yéndose con Lélío, recuerdo la historia de Rosa y me vuelve la paz.

## Otras actividades

Como dije al principio, no fue solo la lectura de la “Roda de Leitura” que me llenó el corazón. Tuvimos actividades varias que me enriquecieron y con el temor de olvidar alguna importante, voy solo a mencionar unas pocas, como por ejemplo los videos de Jean Garfunkel<sup>3</sup> un domingo por mes al fin del día.

El 27 de junio conmemoramos en una fiesta festiva, en el Parque Villa-Lobos, el día del nacimiento de Guimarães Rosa, RiobalDIA, al estilo del Bloomsday, pero festejando al autor y no al personaje.

Tuvimos también varios encuentros para bordados y hacer origamis, y reconozco mi total incapacidad de hacer esos origamis... Con el bordado me defendiendo...

El 15 de julio la coordinación de la “Roda de Leitura”, junto a la dirección del IEB-USP, consiguió una autorización especial para ver el acervo de Guimarães Rosa. Lamentablemente tuve un pequeño accidente y no pude participar.

El 4 de noviembre tuvimos la visita de Dôra Guimarães y Tiago Goulart, que vinieron directamente de Cordisburgo para hacer una presentación sobre *Soropita*.

Y poco tiempo después fue la vez de los Miguilins con la profesora Sonia que nos alegraron con sus recitados en el Museu da Língua Portuguesa y en un almuerzo comunitario.

Terminamos el año con un “sarau”, una velada en la versión híbrida presencial y on-line, pero se decidió que por el momento vamos a continuar con nuestras lecturas de *Sagarana* on-line, el 1 de marzo.

Empezó el año 2023 con nuevas actividades. Primero un maratón GR el 21 de enero en la Biblioteca Villa-Lobos con una propuesta de actividades variadas que nos entusiasmaron y, entre 23 y 27 de enero, la segunda edición del seminario organizado impecablemente por la “Roda de Leitura” de la USP-Ribeirão Preto. Se llamó *GR: Canto, encanto e leveza*<sup>4</sup> y nos propuso una travesía abordando los cuatro elementos de la naturaleza: tierra, fuego, agua y aire.

Todos los palestrantes nos ofrecieron impecables presentaciones y yo sentí que fue un aprendizaje de vida.

---

3 Más información disponible em <https://www.youtube.com/@jeangarfunkeloficial/videos> Acceso en: 26/2/2023.

4 Guimarães Rosa: Canto, encanto e leveza - Tema: FOGO. Disponible <https://www.youtube.com/watch?v=8L6PCPhNw5Y> Acceso en: 26/2/2023.

## Consideraciones finales

Voy a seguir insistiendo en descifrar Guimarães Rosa, ese “Brasil profundo, seus sertões, suas gentes, suas lendas, suas tradições e, especialmente, sua literatura de primeira grandeza”. Siempre e indispensablemente con las clases de Cecilia Marks y con el grupo de “Roda de Leitura.” Voy caminando despacito pero sin perder la fé en la riqueza de esa literatura que tanto me ha enriquecido. Pienso en el Montevideo que me vió nacer en 1938 y lo comparo con el mismo año en que Guimarães Rosa fue enviado a Alemania. ¡Qué mundo diferente estamos viviendo hoy!

Me sigue impresionando la actualidad de sus escritos, sólo una mente privilegiada pudo producir esa “literatura de primera grandeza”.

Agradezco mucho la oportunidad tan inesperada de haber entrado en ese mundo mágico. Y también agradezco a Elni Elisa Willms el ofrecimiento de “recheiar” o libro da Roda de Leitura.

Como el propio Guimarães Rosa dijo: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

São Paulo, 24 de Febrero de 2023  
Susana Hughes Supervielle

# TRAVESSIA VI - Poesias



Bordado de Cleisa Moreno Maffei Rosa  
Foto de Alderon Costa

# Do espírito da palavra: haiku, haikai, haiga – aproximações

Rosa Haruco Tane, Susumu Yamaguchi, Rioco Kayano  
e Elni Elisa Willms<sup>1</sup>

O mesmo grande poeta [Bashô] que cultivou este vácuo, entre o desejo e a fatalidade:

*dia de finados  
do jeito que estão  
dedico as flores*

Na festa do Ulambamma, os japoneses homenageiam os mortos. Nesse dia, todos colhem flores para levar aos que já se foram. Bashô, também: é um budista, articulado com os ritos da tribo. No haikai, porém, a subversão súbita: as flores que vê, Bashô as oferece aos defuntos, sem tirá-las do pé. Uma afirmação de vida: um sim para a poesia (LEMINSKI, 2013, p. 65).

Na Roda de Leitura há pessoas de várias procedências e muitas experiências com as mais diversas formas de leituras e linguagens. Neste texto estão reunidos três participantes da Oficina de Leitura que têm ascendência japonesa. Nenhum é especialista em haiku, haiga ou haikai, mas os três vivenciam a língua japonesa como

---

<sup>1</sup> Participantes da Oficina de Leitura Guimarães Rosa - IEB-USP. Texto escrito a oito mãos e alguns olhares, na viagem de áudios e textos de WhatsApp, trocados sensorialmente entre os autores, de São Paulo a Paris e vai e vem e volta em arabescos aqui dispostos.

língua materna e/ou dos antepassados, além de terem feito alguns cursos ou assistido a palestras com diferentes mestres sobre diferentes artes orientais. Portanto, o que se apresenta aqui são olhares, percepções e algumas compreensões sobre a arte japonesa de representar os fenômenos do mundo de forma poética, ou seja, por meio de haikais.

Susumu Yamaguchi, após ter assistido a uma palestra de Madoka Mayuzumi (2021), uma das principais haikaístas contemporâneas do Japão, e a partir da percepção de três anos de olhar com atenção para a poesia, coisa que ele nunca tinha feito antes na vida, de maneira livre, nos inicia nessa arte:

O espírito da palavra dança no espaço sem fim entre letras e fonemas, além do aquém. O espírito do haikai fala também além do tempo corrente, feito verbo que se não conjuga.

...

No raso miúdo em que vivemos uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

No Sertão em que vige o haikai uma coisa é uma coisa, outra coisa é a mesma coisa.

Como ocidentais, adentramos um mundo novo e vamos tateando com a intenção de ler e compreender essa nova forma de expressão. As mesmas palavras que em geral nos ajudam a compreender sentidos, ao mesmo tempo nos abandonam para que, quem sabe, possamos nos surpreender com uma nova possibilidade de apreensão do real. Susumu Yamaguchi começa a nos despertar para algo que à maioria dos ocidentais não é comum: o espírito da palavra. E, ainda mais, ele afirma que esse espírito dança no espaço sem fim, entre letras e fonemas, algo que ultrapassa, de pronto, nossa compreensão apenas racional. Eis aí uma pista para dar os primeiros passos na leitura dos haikais: não basta apenas a racionalidade. Susumu também deixa um espaço demarcado por reticências para expressar que há mais, há um vazio, que talvez ele não saiba ou não queira simplesmente escrever. Mas continua o exercício e brinca com as palavras para afirmar e negar coisas comuns do cotidiano e do sertão.

De alguma forma começamos acessar os meandros dessa arte japonesa, como anunciado desde a epígrafe: poesia como afirmação da vida, sabedoria de longa tradição que brota de diferentes inspirações: “Confucionismo, pintura, arte do chá: teatro nô,

zen. Todos os rios de signos do Oriente correm e concorrem para fazer das poucas sílabas do haikai de Bashô, sempre, uma obra-prima de humor, poesia, vida e significado” (LEMINSKI, 2013, p. 72).

Madoka Mayuzumi (2021) intitula a sua palestra como “Aquilo que permeia esse espaço vazio” e começa por esclarecer que no Brasil, em vez de haiku, as pessoas costumam se referir a essa construção como haikai. Ela afirma que quando mencionar a palavra haiku, a mesma deve ser entendida como haikai:

O haikai é formado por 17 sílabas, sendo o poema mais curto do mundo e é uma literatura única do Japão. Nesses versos breves está implícita a visão dos japoneses sobre natureza, filosofia, pensamento, afeto e senso estético. Porém, as palavras utilizadas não são expressões diretas, pois o encanto sugestivo e a imaginação permeiam o espaço entre as palavras. No haikai não se expressam sentimentos ou pensamentos de maneira crua, mas fazemos isso por meio da descrição das coisas e de cenários da natureza. O importante é omitir, subtrair e diminuir (MAYUZUMI, 2021, 0:50min a 1:30min).

De maneira bastante simplificada, o sentido pretendido é fazer como se fosse uma brincadeira com palavras ou brincadeira com poemas, reduzindo ao máximo as palavras, com a intenção de concentrar no haikai o sentido da cultura japonesa, herdeira do budismo em suas diferentes manifestações.

Rosa Haruco Tane lembra que a origem dos haikais está ligada às mulheres da corte chinesa que faziam uma espécie de repente na hora de suas folgas para brincar e contar os acontecimentos que presenciavam. Igualmente de maneira livre, a partir de sua cultura japonesa, Tane aponta para uma possível diferença: haiku é a composição que a pessoa faz sozinha, mas quando essa composição é apresentada para um grupo, torna-se haikai, ou seja, haikai é uma composição compartilhada que as pessoas leem, falam o que entenderam ou não entenderam, gostam e se admiram, fazem suas observações.

Rioco Kayano partiu dos escritos de Guimarães Rosa como um convite para extração de imagens poéticas e também pictóricas, fruto de uma técnica utilizada pelo professor Michinori Inagaki<sup>2</sup>. Ele faz duas propostas que podem combinar entre si ou

---

2 Para saber mais sobre o artista: <https://galeriandre.com.br/artistas-interna/142/michinori-inagaki/>  
Acesso em: 3/3/2023.

não: primeiro faz-se uma pintura ou um desenho e em seguida faz-se o haiku, ou vice-versa – faz-se o haiku por escrito e em seguida pode-se fazer uma ilustração. Trata-se de uma experiência livre deste professor e não do uso mais tradicional japonês da forma de fazer haikais. Lembramos que “Bashô, um japonês que abandonou a classe samurai para se dedicar apenas à poesia, é considerado o pai do haikai” (LEMINSKI, 2013, p. 6). Assim, ao longo da leitura coletiva de *Corpo de Baile*<sup>3</sup>, na Roda de Leitura on-line, Rioco Kayano passou a elaborar haikus a partir de palavras escolhidas em cada novela.

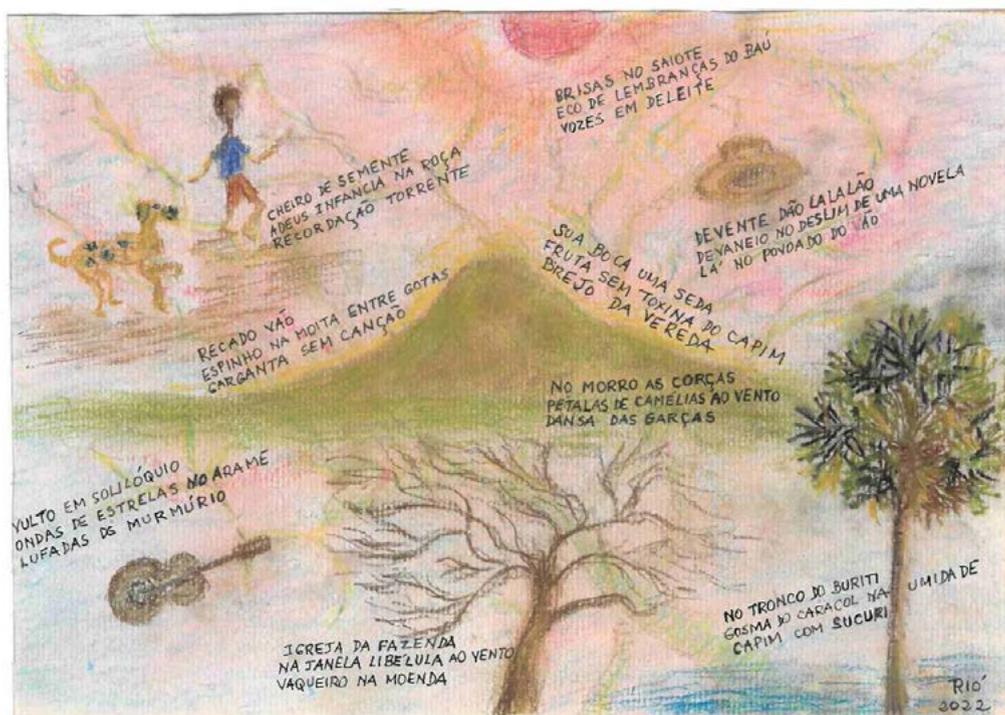


Figura 1 Desenhos a giz pastel e haikais, ambos feitos por Rioco Kayano. Acervo pessoal da autora.

<sup>3</sup> *Corpo de Baile* é um livro de novelas publicado pela primeira vez em 1956 por João Guimarães Rosa, composto de dois volumes e sete novelas. Posteriormente foi desmembrado em três livros: *Manuelzão e Miguilim*, com as novelas “Campo geral” e “Uma estória de amor”; *No Urubuquaquá, no Pinhém*, com as novelas “O recado do morro”, “Cara-de-Bronze” e “A estória de Lélío e Lina”; *Noites do sertão*, com as novelas “Dão-Lalalão” (O devente) e “Buriti”.

O que se vê é um quadro-síntese compondo haikus com imagens de pinturas feitas a giz pastel que podem ser chamadas de “*haiga*”. *Haiga*, na acepção desse professor, é uma expressão visual para ampliar o sentimento e a sensação que emerge no haiku. Paulo Leminski (2013) confirma a complexidade da arte do *haiga*:

Por exemplo, a radioatividade dessa entidade artística chamada *hai-ga*. Não se pode falar do haikai sem falar em *hai-ga*: grande número dos melhores haikais dos grandes haikaisistas (*haiku-jin*, em japonês) são apenas a parcela verbal de um *hai-ga* (ou *zen-ga*), misto de desenho e texto-haikai. O *hai-ga* é uma unidade intersemiótica, de natureza verbi-voco-visual (palavra-som-imagem, num só gesto) (p. 79).

Rioco Kayano nos ensina que o ideograma japonês *Hai* pode ser traduzido como brincadeira, coisa lúdica. Assim, Haiku é uma criação individual, um jogo de palavras montado a partir de algumas regras usadas por ela, não como regras universais, mas como algo que a conduziu nesse processo criativo, tais como: a) a construção é reversiva, isto é, a poesia é feita de baixo para cima, da direita para a esquerda, ou seja, de “cabeça para baixo”, para desconstituir a ideia preconcebida, a racionalidade, o pensamento linear; b) o uso obrigatório da rima para forçar um deslocamento; c) uso de apenas sete palavras em três frases – considerando-se que os conectores não são palavras; essas palavras não incluem verbos e não incluem palavras conectivas, portanto essas sete palavras são basicamente substantivos –, além de outras regras que variam de acordo com a região do autor etc.

Continuando a explicação do *Hai*, o HaikAI é a reunião de pessoas onde os haikus são lidos para um grupo com a finalidade de serem validados e apreciados por esse público. Nesse sentido, quando Rioco Kayano lê o haiku para o grupo de pessoas da Roda de Leitura, esse espaço de compartilhamento também pode ser visto como um haikai. O quadro de pintura apresentado acima, é, portanto, um HaiGA – um desenho – ou, um haiku ilustrado, expressão pictórica do sentimento e sensação capturados poeticamente nos poemets feitos com palavras escolhidas nas novelas do *Corpo de baile*.

Tatiane de Aguiar Sousa (2007) em sua dissertação de mestrado assim define essa forma poética que sobrevive há milhares de anos no Japão, tendo se espalhado pelos quatro cantos do mundo para onde foram os habitantes desse país oriental:

Poema breve de 17 sílabas, o haikai é organizado em três versos, sendo o primeiro composto de cinco sílabas, o segundo de sete e o terceiro de cinco. Não há título, nem seus versos possuem rima. Sua forma é bastante simples. Essa simplicidade, característica marcante da poesia, da arte e da vida japonesa de uma forma geral, não significa pobreza, mas é sinônimo de serenidade, tranquilidade e despojamento. É o simples repleto de subjetivismo, com rica mensagem e reflexão. Cabe a nós, leitores, inferir o que está nas entrelinhas, nos jogos de palavras. (SOUSA, 2007, p. 11).

Iniciamos este pequeno texto em forma de preâmbulo, afirmando que não somos especialistas nesse tema, somos leitores “amadores” no sentido de que amamos ler a literatura de Guimarães Rosa e os haikais da cultura japonesa e somos também amadores, aqueles que amam construir, quase que de maneira artesanal os haikais, partindo de diferentes orientações e escolas. Da mesma forma que, quando se vai fazer a tradução de uma para outra língua, não se trata de algo nada simples traduzir a mentalidade cultural japonesa e o sentido dos haikais para a língua portuguesa:

Em poucos casos, o problema da tradução de poesia se apresenta tão dramático quanto na transladação do haikai do original para outra língua, abertura da tumba de Osíris para os rituais da ressurreição. Começo de conversa: um haikai, no original, nunca é poema isolado no centro da página, composto em abecedários gutenberguianos, como são os poemas no Ocidente. Pensado numa língua aglutinante, escrito a pincel num sistema gráfico misto de ideograma chinês com silabário, sempre parte integrante de um diário ou de uma pintura, nenhum tipo de poema é mais traído na tradução do que um haikai japonês. O Ocidente (fenícios, gregos, romanos, nós) escreve da esquerda para a direita, o Oriente da direita para a esquerda (chineses, japoneses, hebreus, árabes): influência dos movimentos do Sol? Os sistemas de escrita japoneses (*kanji*, *hirakaná*), mais as deformações da caligrafia, dão infinita possibilidade plástica de grafia aos haikais, que nossos insossos ABCs nem de longe alcançam, em sua mecânica uniformidade horizontal (LEMINSKI, 2013, p. 74).

Há palavras para nós nativos que não necessitam de explicação, mas se um estrangeiro tiver contato com essa palavra, possivelmente terá dificuldade para

aprender o seu sentido. No caso da língua japonesa, que é ideográfica, o ideograma é um desenho que “fala” por si, a imagem visual tem sentido em si mesma, assim, a contagem das palavras é diferente e a sonoridade também é.

Sua cultura [do Japão] foi historicamente influenciada pelas culturas continentais da Ásia, sobretudo da China, de quem importou a escrita e o budismo. À medida que a prática de leitura e escrita foi avançando, a escrita chinesa foi sendo adaptada à língua japonesa e assumida como própria pelo povo japonês, levando-os a uma produção literária bastante atuante durante esse processo. O *Kanji*, ou escrita chinesa, foi introduzido no Japão a partir do século V, juntamente com o budismo (que entrou oficialmente em 538) e elementos da cultura chinesa. Os japoneses adotaram os *kanji*, que conhecemos como ideogramas chineses, utilizando o mesmo caractere para representar um objeto ou uma determinada ideia, mas conservando a pronúncia japonesa. [...] A escrita da língua japonesa é composta por dois sistemas: um ideográfico (*kanji* - de origem chinesa) e outro fonossilábico, que se subdivide em dois: o *hiragana* e o *katakana* - (usados na escrita cursiva em combinação com os *kanji*). Os *kanji* se desenvolveram há muito tempo, a partir de desenhos usados pelos chineses para representar o mundo ao redor deles. Alguns tipos de *kanji* conservam suas formas pictográficas e se parecem com os objetos que representam (SOUSA, 2007, p. 17-18).

Alice Ruiz, na apresentação do livro *Vida*, de Paulo Leminski (2013), nos mostra outra faceta de Bashô, mestre japonês do haikai na forma de apreensão da vida como arte, no dia a dia, como viagem:

Semelhante marginalidade norteou o mestre Bashô em suas *Sendas de Ôku*. Viagem como vida, vida como viagem. A mochila na mão e o próximo haikai na cabeça. Seu grande projeto zen: transformar a vida em arte. A fórmula: fazer de sua vida o único alimento dessa arte. Ex-samurai (um tipo muito especial de militar), Bashô optou pela estrada da poesia na metade da vida, e caminhou a segunda metade com o desaparego, o desprendimento, a interiorização e a concretude de um monge zen. Esse pai do haikai, que se recusava a dar aulas de poesia, deixava em cada verso e em cada gesto um

ensinamento. Porque é assim que o zen é. Realiza-se e transmite-se através da prática (Alice Ruiz em LEMINSKI, 2013, p. 7).

Guimarães Rosa, em algumas situações, no conjunto de seus livros, apresenta escritas que se aproximam muito do conceito de haikai, sem dizer ou apontar que está fazendo uso dessa forma poética oriental, muitas vezes fugindo do jeito comum de fazer poesia e de fazer literatura. Os seus leitores que têm algum conhecimento da cultura japonesa conseguem enxergar e perceber elementos, sentimentos e também a espiritualidade da cultura japonesa e oriental, colocadas em palavras sertanejas e quase sob a forma de haikais ou traços deles, pela forma como escreve – num piscar de olhos Guimarães Rosa surpreende o leitor com algo inusitado: o brilho leve da passagem de uma borboleta num campo de batalha, o som do orvalho, um perfume de uma flor à porta de uma casa, e eis que o leitor é convidado ou levado a observar a natureza da vida e a experimentar outras sensações.

A escrita japonesa dos haikais tende para o estado gasoso, a rarefação, a dissolução da matéria, sempre a um terço do ponto onde se fixa, mas não se define. As frases/linhas do texto se aproximam da fumaça, com um dinamismo norte-sul (do céu ao inferno, do inferno ao céu), distinto da horizontal orientação oeste-leste da escrita ocidental de extração semita (LEMINSKI, 2013, p. 74).

Essa passagem de uma leitura prosaica para o poética parece ser esse espaço entre as palavras onde o espírito do haikai habita e muitas vezes surpreende e desperta o leitor. Da mesma forma, e por exemplo, um leitor alemão ou italiano de Guimarães Rosa enxerga e percebe traços dessas culturas na obra roseana, para além das referências da nossa tão rica língua portuguesa.

### **Arremates: baixar o belo de outras esferas para cá**

Arrematamos essa nossa escrita a oito mãos que não quer definir ou explicar o que é haikai, mas apresentar aquilo que para nós é uma certa influência oriental na obra roseana.

A poesia de Guimarães Rosa aparece em sua prosa sob as mais diversas formas: dísticos, tercetos, quadras e mesmo cordéis. E se encontra também, sem corpo presente, em insuspeitadas linhas que se multiplicam, e muitas vezes ela passa despercebida nas primeiras leituras.

Essa poesia amorfa surge repentinamente, ora em meio a ações desenfreadas, ora em descuidados não fazeres contemplativos, sorrateiramente, quase como um não ser, que por instantes nos cancela o tempo corrente. Depois, tudo prossegue.

Mas ali, na Fazenda dos Tucanos, o que seguiu ao que se viu, que foi? O que se viu: “...uma borboleta vistosa veio voando, antes entrada janelas adentro, quando junto com as balas, que o couro de boi levantavam...” (ROSA, 2017, p. 1121). O que seguiu: a brutalidade da matança dos cavalos, como ofensa fosse a presença da beleza em seu “vo de reverências (...) Ela era quase a paz” (Ibidem).

Nem sempre sucede assim, sendo ela anunciada como um aviso de inquietação, como no conto “Espelho”: “Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo” (ROSA, 2017, p. 1352). Acontece, amiúde, não vermos o que há atrás do espelho assim como não vemos o espírito de todas as coisas que vemos, especialmente o da palavra.

Não vemos nem ouvimos, mas sentimos gestos que falam de afetos, como quando Diadorim faz ver a Riobaldo, por inúmeras vezes, a natureza movente em seus seres. Ou quando Cara-de-Bronze, meticulosamente, articula a viagem de Grivo em busca do que se não consegue, sem desmerecer palavra, dizer. Ou ainda quando, durante uma chuva delongada, no conto “Minha gente”, no livro *Sagarana*: “[...] quase que o dia inteiro, um sapo, sentado no barro, se perguntava como foi feito o mundo” (ROSA, 2017, p. 178). Algumas linhas abaixo desta mesma citação, Guimarães Rosa faz quase uma confissão do que aqui estamos a tatear:

Chove. Chuva. Moles massas. Tudo macio e escorregoso. Com o que proferiu Gotama Buddha, o pastor dos insones, sob outras bananeiras<sup>4</sup> e mangueiras outras, longínquas:

---

4 Após a escrita a oito mãos estar quase pronta, Susumu Yamaguchi envia-nos o livro *Vida*, de Paulo Leminski (2013). Da leitura emergiram presentes em forma de pirilampos e nesgas de luz que precisávamos para arrematar o texto, tal como essa descoberta: “Matsuó Bashô (*bashô*, em japonês, quer dizer “bananeira”, um pseudônimo poético, a bananeira sendo a planta que achava mais bonita)” (LEMINSKI, 2013, p. 64).

*“Aprende do rolar dos rios,  
dos regatos monteses, da queda das cascatas:  
tagarelante, ondeia o seu caudal —  
só o oceano é silêncio”* (ROSA, 2017, p. 178).

Indagações cruciais, feridas e contradições, intuições e uma sensibilidade apurada pelo alargamento da sensorialidade emergem desses poemas incorpóreos, como a quase fatal questão proposta ao cego Borrromeu, em *Grande sertão: veredas*: “Você é o Sertão?!” (ROSA, 2017, p. 1294), conseguida a custo somente após o gaguejo sem pejo do S... de “... Satanão! Sujo!... [...] - S... - Sertão... Sertão...” (Ibidem). O pior do imaginável, o próprio Mal, era um logro, um igual, um insignificante Satanás, um borrado ou quase como a confessar um borrão meu, como se o suposto erro do cego – pelo fato de não ver – fosse um erro, ou um erro meu – Borrromeu. Foi aí que Riobaldo estarreceu: o Sertão, mais que o mundo, era o próprio Absoluto – que o assaltava.

Guimarães Rosa confessa: “Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse ‘traduzindo’, de algum alto original, existente alhures, no mundo astral ou no ‘plano das ideias’, dos arquétipos, por exemplo” (BIZARRI, 2003, p. 99). E ele o faz baixando o belo sem as peias das rígidas formas, deixando-o manifestar-se livremente, contraindo e expandindo feito alento universal. O pulo do gato no salto do sapo em busca do espírito da palavra.

Em uma parábola budista, conta-se, estamos em uma margem do rio e não vemos a outra, oculta pela névoa. O barqueiro nos conduz rio adentro até a outra margem e não vemos a primeira, desaparecida na névoa. No meio da travessia, a primeira margem já não há e a segunda ainda não existe, imersas na densa névoa. Elas não são reais, não existem, nunca existiram: alcançamos a terceira margem.

À poesia, em sua prosa, com palavras, ou ausência delas, Guimarães Rosa nos dispõe linhas, agulhas, alinhavos. Nós bordejamos.

Como um sumo, é assim que Susumu Yamaguchi sintetiza: o haikai, assim como outras percepções humanas, encontra-se no reino do Absoluto, ao passo que nós vivemos no mundo relativo. Guimarães Rosa é um dos que possuem o condão de baixar (remetendo a Bashô) o belo de outras esferas para cá.

## Referências

BIZARRI, Edoardo. **João Guimarães Rosa**: correspondência com seu tradutor italiano. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

LEMINSKI, Paulo. **Vida**: Cruz e Sousa, Bashô, Jesus e Trótski - 4 Biografias. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MAYUZUMI, Madoka. Palestra da haicaísta japonesa ministrada no Consulado do Japão em São Paulo, em 28/7/2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rXfNlfS-qBI> Acesso em: 25/2/2022.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. 1. ed. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão. Volume 2: Grande sertão: veredas; Primeiras estórias; Tutameia (Terceiras estórias); Estas estórias; Ave, palavra! Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SOUSA, Tatiane de Aguiar. **Haikais de Bashô**: o Oriente traduzido no Ocidente. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2007. Disponível em <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-36777/haihais-de-basho--o-oriente-traduzido-no-ocidente> Acesso em: 27/2/2023.

# Três graças do Rosa

Cecilia Marks<sup>1</sup>

São três graças  
Sempre em roda  
Três moças  
Bem animadas

Doce Linda  
E elegante  
Mansamente  
A nós atende

Régia e forte  
É a Regina  
Sol de fogo  
Vento e asas  
Com imagens  
Nos anima

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutora em Letras – Teoria Literária e Literatura Comparada – pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Tem artigos publicados em periódicos acadêmicos e é coorganizadora do livro *Romance de formação – Caminhos e descaminhos do herói* (Ateliê Editorial, 2020). Mantém atuação regular como pesquisadora independente, participando de eventos em universidades e entidades culturais. Coordena e ministra a Roda Rosa Mediação de Leitura, iniciativa voltada a fomentar o acesso, a difusão e a fruição da obra de Guimarães Rosa.

E a Rosa, generosa,  
Japonesa sertaneja  
Tsurus nos buritis  
Cerejeira do sertão

Às graças agradecemos  
Toda a dedicação  
E também a Renata,  
Gabriella e Paula  
Que ficam atrás da tela  
Trabalhando com atenção

Graças a essas graças  
Estamos aqui reunidos  
Toda semana, sem falta  
Em poesia e prosa  
E sintonia bem alta  
Pra ler Guimarães Rosa

# Eu entrei na roda

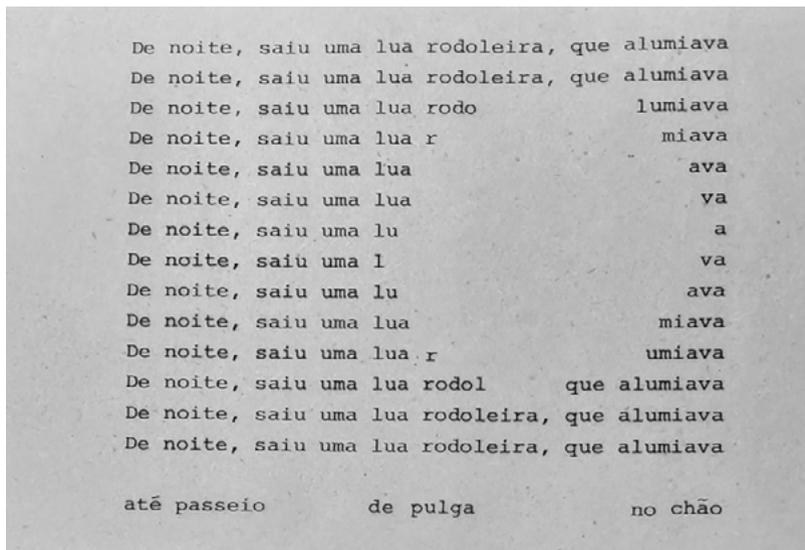
José Antonio Braga Barros<sup>1</sup>

Ah! Eu entrei na roda,  
Eu entrei na roda dança,  
Eu entrei na contradança,  
Eu não sei dançar...

Primeiro foi a própria leitura de *Sagarana*, com as frases de Guimarães Rosa não se contentando em ficar no livro e saltando em minha mente em mil imagens, paisagens, formas e sons. Bem mais tarde Nádia Maria Silva e Pedro Cândido contando de maneira tão entusiasmada sobre uma viagem a Cordisburgo para uma longínqua Semana Rosiana. Na década passada a minha própria ida a Cordisburgo. As narrações, as caminhadas, os encontros com os Devotos do Rosa.

---

<sup>1</sup> Professor, poeta e jornalista.



Poema concreto elaborado por José Antonio Braga Barros. Acervo pessoal.

Voltando a Paraisópolis – a cidade onde resido –, já contagiado pela magia da literatura, a realização de sete caminhadas poéticas com outro ícone das letras: Tinha um Drummond no Meio do Caminho. Sete livros, um por ano. Apresentados cronologicamente, por ordem de publicação, pelo Grupo de Teatro Amador Toque de Arte<sup>2</sup>. Algumas com a presença de rosianos.

Vieram outras Semanas Rosianas nos fazendo rodar o sertão, subir o Morro da Garça. Aí veio a pandemia, o pânico. E a Roda de Leitura. impossibilitada do encontro presencial, afetivo, semanal abre os braços virtuais. Vai agregando leitores de todas as partes. De norte a sul e até do exterior. O sertão é o mundo.

Foi aí que entrei na Roda. Aqui mesmo da minha pequena Paraisópolis, no sul de Minas. Fui apresentando no Grupo de WhatsApp da Roda de Leitura os meus poemas concretos, idealizados a partir das frases dos contos de *Sagarana*. Extraídas com cuidados milimétricos, com se manuseasse um bisturi, e colocadas sobre uma bancada, muito iluminada para, sobre lentes de microscópios poéticos, ver aquilo que ainda não tinha sido visto por outros leitores, conhecedores da obra, apaixonados, estudiosos, teóricos e sonhadores.

<sup>2</sup> Conforme página no Facebook: <https://www.facebook.com/GrupoDeTeatroAmadorToqueDeArte/>  
Acesso em: 22/7/2023.

Hê-boi!  
 Hê boi! Hê boi-hê  
 boi-hê boi!... Eêêê,  
 Hê boi! Hê boi-hê boi-hê!  
 bô-ôi!... Eh, boi lá!... Eh-ê  
 Eêêê, bô-ôi!... Eh, boi lá!...  
 Eh-ê-ê-eh, boi!... tou! tou! tou..  
 Eh, boôôi!... E-ê-ê-ê-ê-ê, boi  
 Eh, boi-vaca! tchou! tchou! tchou!  
 Ei! Ei!... cou! cou! Tou! Tou!...  
 Oô-ah!... Beleza de gado!... tchou!  
 Ei! Ei!... cou! cou! Tou! Tou!... Oô  
 ah!... Beleza de gado!... tchou  
 tchou! tchou! tchou!...  
 Hê boi! Hê boi-hê ...  
 boi-hê! Eêêê, bô-ôi  
 Eh, boi-vaca! tchou  
 tchou! Ei! Ei!...  
 cou! cou!

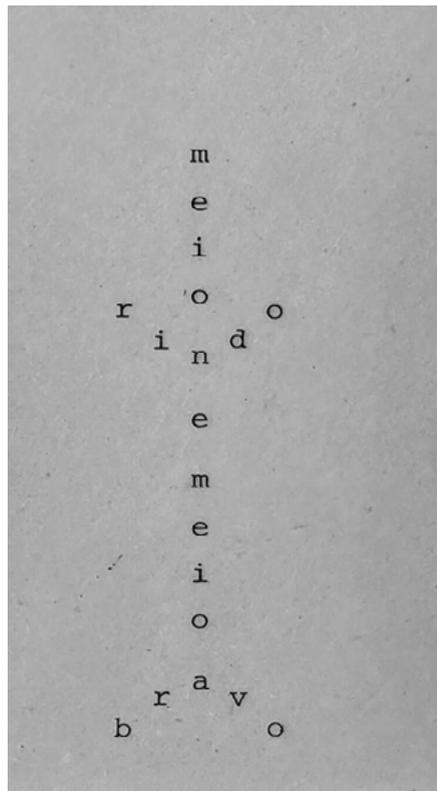
Poema concreto elaborado por José Antonio Braga Barros. Acervo pessoal.

Fui ganhando muito conhecimento com a diversificada participação de pessoas, com os seus tons de voz, ritmos e comentários no fim de cada leitura coletiva. Sempre com os cuidados e os informes da Rosa Haruco, da Linda Rivitti, da Regina Pereira e da equipe técnica, que fica escondida atrás da telinha.

A  
 boiada  
 boiada  
 A boiada vai , A boiada vai  
 A boiada vai A boiada vai  
 Boiada vai Boiada vai  
 Boiada vai Boiada  
 como um navio

Poema concreto elaborado por José Antonio Braga Barros. Acervo pessoal.

A cada Roda a leitura foi crescendo em espiral a partir do texto de João Guimarães Rosa, crescendo em valores positivos, desenrolando novos planos, apontando o infinito, como tão bem registrou o bordado de Nádia que ocupa a capa deste trabalho.



Poema concreto elaborado por José Antonio Braga Barros. Acervo pessoal.

# A certa roda

Susumu Yamaguchi<sup>1</sup>

Minha estória com a Roda  
De Leitura começou  
Pelo fim, no Paredão,  
Que indagou quem é que sou  
Pra andar tão desnorteado  
Pelo que aqui se passou

Me imergiu no rio do Sono  
Calmo até meu despertar  
E mais disse, me afagando,  
Que voltasse ao me lembrar,  
E assoprou-me pro levante:  
Paredão, meu claro alar!

De Corinto a Cordisburgo  
Me furtando a certo zelo,  
Pés no chão medi sertão  
Pelo Morro e por Curvelo,

---

<sup>1</sup> Participante da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP desde agosto de 2020. E-mail: [sussayam@gmail.com](mailto:sussayam@gmail.com)

Sem saber do assinalado  
Alcancei meu vago apelo

Em esquina de sertão,  
Pela Loja do Brasinha  
Deu-se o encontro com a Roda  
Por relato que eu lhe tinha  
Enviado em tempos idos  
E ele por mister retinha

Do alumbrar hebdomadário  
Da Oficina de Leitura  
Trago em mim tão só três anos,  
E me embasbaca a abertura  
De horizontes de além ver  
Em que assoma essa cultura

Larga e transcendente sempre:  
Da traição amorosa  
À miração metafísica,  
Da forma a mais saborosa  
Que nos envolve, sutil,  
E nos canta o ver de Rosa

Traições em tão sertões  
Que desvelam danação  
Em duelo e Piedade;  
Tiro em nuca a cada irmão,  
De Turíbio todo Euclides  
Honras de sangrar nação

Corpos e insanos espíritos  
Varrem campos de batalhas  
E nos tangem a almejar  
O alto, a custo de falhas,  
Por infindos Paredões,  
Muito além de vis mortalthas

Sempre a bem ouvir Garfunkel  
Me encharquei de Laudelim  
Procurando em suas formas  
Inspirações para mim;  
Por poetas populares  
Ao cordel cheguei assim

Tanta altura vale a prosa  
E a sextilha ensaia um fim  
Em cordel diverso adentro,  
Veraz corolário a mim  
Do aprender no andar da Roda,  
Que apresento agora enfim:

*Todavia, recordando-se de seu sonho, Drupada contou a todos que lhe nascera um varão, e em tudo tratava sua filha como um menino.*

MAHABHARATA, 1995, p. 235

*No fim de um Kalpa, todos os seres e todas as coisas refluem em minha natureza imaterial e, no princípio de outro Kalpa, torno a emanar de Mim todas as coisas e todos os seres.*

BHAGAVAD GITA, 1993, p. 102

*– Isto é um deserto de pó.  
– Não, é um futuro campo de batalha que  
abrirá caminho para o céu.*

MAHABHARATA, 1995, p. 283

Em batalha que se cumpre,  
Qual rei cego ao seu destino,  
No sertão, um cego atroz  
Mira um rei no olhar sem tino  
De um estranho catrumano,  
Borromeu de ver divino

Ele errava nas veredas  
Qual menino Guirigó  
E o jagunço Riobaldo  
O arrastou ungido em pó,  
Pois cordeiro em sacrifício,  
Para a guerra mais sem dó

Era a justa de vingança  
Por um Joca em Diadorim,  
Que correu grandes gerais  
Em batalhas sem enfim  
E acabou no rio do Sono  
A acordá-lo em sangue afim

A mulher do cão Hermógenes  
Lhe tomaram pra atrair  
Dito Judas para a luta,  
Por astúcia de seguir  
Por um Liso, o Sussuarão,  
E ele teve de assentir

De três centos de jagunços  
Pro arraial do Paredão,  
Corrutela liça estreita,  
Se esquipou população,  
Restou tudo em tão silêncio  
Só se ouvia o coração

De se não morrer de véspera  
Foram horas de bobice,  
E entre dois, na noite funda,  
Diadorim cismou diguice  
Murmurante em Riobaldo;  
Morte alava, pra quem visse

Deu-se então carnificina  
Lado a lado do arruado,  
Clavinote, fé e facão  
Xingação pra todo lado,  
Ás de mira Riobaldo  
Sobranceiro no sobrado

Demo pôs razão em fel  
Tudo em ódio se infectou  
Rebanhando morte em vão,  
Paredão se encarniçou  
Lancetando purulentos  
Nem sobrou quem destilou

Feito sombra de assombrar  
Borromeu se apareceu  
Ao grão chefe em agonia,  
Cuja arma se perdeu  
De seu corpo rebelado  
Cuja alma estremeceu

Ao sentir Satã zombar  
Sorrateiro no sobrado,  
Lhe negando a valentia  
Pelo olhar desencarnado  
De seu cego Borromeu,  
Se estacou horrorizado

Borro meu: “Você é o Sertão?!<sup>2</sup>”  
Em ser tão princípio e fim  
Tão cabal no Imanifesto  
Tudo e um sou eu em mim,  
Borromeu o cego eu sou  
Que te insana em Diadorim

Apeado de rompante  
Chefe rei se viu desnudo,  
Satanás era pequeno  
Não passava de um chifrudo,  
O seu pacto não valia  
O Sertão é que era o tudo

Diadorim buscou seu Judas  
Redemunho acautelou,  
Cessou tempo que virá  
Do ilusório se apartou,  
Se cumpriu fatal desdita  
Riobaldo soçobrou

Finda a transversia em senda  
Rude, não mais, vida em não;  
“A Deus dada. Pobrezinha...”<sup>3</sup>

---

2 ROSA, 1978, p. 448.

3 Ibidem. p. 453.

À almejada vastidão,  
Sacros campos desvelados  
Verdes veres, meu sertão

\*

E em seu ver de vinte anos  
Viva a Roda segue em frente  
Com Regina, Linda, Rosa,  
Dieter Nhô Dito presente,  
Mais Gabi, Renata, Paula,  
A encantar a toda gente

No girar da Roda o olhar  
Se desvela a si também;  
Qual Pê-Boi, que se dá conta  
Da batalha sem vintém  
Que lhe conta uma canção,  
Se espelha no mais além:

O Jagunço que fincou  
O Judas no Paredão  
Cavalga a Rosa dos Ventos  
No girar do Coração,  
E arrasta a Roda do Tempo  
A si: o áspero Perdão.

**Referências bibliográficas**

BHAGAVAD GITA: A mensagem do mestre. São Paulo: Editora Pensamento, 1993.

MAHABHARATA: Recontado por William Buck. 10.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 12.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.

# Do pó após boiada

Susumu Yamaguchi<sup>1</sup>

“A boiada vai sair!”<sup>2</sup>  
Finda a estória Boi Bonito  
Manuelzão se deu aboio,  
Junto ao mestre-cuca Zito  
Berganhou com certo João  
Seu atalho pro infinito

Se somaram seis vaqueiros  
Da mais firme decisão,  
Que se deram combinados  
De tanger gado em sertão,  
Em tropel de trovoadas  
Bordejando a criação

Adeus com Deus, boiadeiros  
De ir me dá vontade, até!  
Mas daqui não saio, não

---

<sup>1</sup> Participante da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP desde agosto de 2020. E-mail: [sussayam@gmail.com](mailto:sussayam@gmail.com)

<sup>2</sup> ROSA, 1984, p. 258.

Que se adiante quem quiser,  
Pois refém do amor no ão  
Me enovelo a Andrequicé

E a vereda São José?  
Dentre todas a mais bela  
De ancho resfriado túrgido,  
No sertão se fez tramela  
De alegrias tão vertentes,  
Que a encantar-nos se desvela

Que fazenda que se esquece  
Sendo a Santa Catarina?  
Doutor João excogitava  
Em mirada paulatina,  
Casa-comigo e me ensina  
Ou liroliro a mim, sina?

O pernoite em assoalho  
Um monjolo a noite inteira  
Lamparina em meio à mesa,  
Vaga a noite sorrateira  
A inventariar palavras:  
Pré-primal à derradeira

Fausta leva de viventes  
A marchar em precisão  
Entre albores e crepúsculos,  
E em conversas de olhação  
Por alegres e baixios  
Gente e cria em procissão

Se mandou recado ao Morro  
Assoprado em surdo arrulho,  
A boiada está passando...  
Se avistou então Gorgulho,  
Tão oblíquo ao escaleno,  
Todo ira a um vil barulho

Comitiva em seus dez dias  
Por fazendas norteou,  
Desde a Sirga a São Francisco  
Fogo ardor não se apagou  
Nem o encanto de João Rosa:  
E a boiada já chegou!

Passou tempo, passou gente  
Passou o que se não sabia  
Passou bicho de água, ar, terra  
Passou planta que extasia,  
Passou mundo ao natural  
Passou vida em galhardia

“Adeus Dr. João Rosa”<sup>3</sup>  
Zito ao dito após proezas;  
Do forjado em quatro anos  
Das notas de cadernetas  
Desceram *Corpo de baile*  
E *Grande sertão: veredas*

---

3 Alusão a um dos versos do poema escrito pelo “guieiro” Zito, que também era cozinheiro e poeta nas noites, quando da viagem de Guimarães Rosa acompanhando uma boiada pelo sertão de Minas Gerais, conforme consta em ROSA, 2011, p. 237.

Se hoje passam, por boiada,  
A mentira e crueldade,  
Da nação vergada em cinzas  
Brotará, do pó, a verdade;  
Boiada, setenta anos:  
Salve a festa à dignidade!

\*\*\*

### Referências

ROSA, João Guimarães. **A boiada**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

ROSA, João Guimarães. Uma estória de amor, *in*: **Manuelzão e Miguilim**. 9.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

# A roda engendra

Jean Garfunkel<sup>1</sup>

A roda engendra  
Em seu engenho de sinapses  
Gira a moenda  
Acende as lendas e os quixotes  
O vento inventa  
Novas glosas  
Outros motes  
E cataventa  
A flor do Rosa  
no estandarte  
Pétalas d'alma  
Cirandando  
nas palavras

---

<sup>1</sup> Poeta, cantor e compositor, tem quatro álbuns, dois livros e canções gravadas por grandes vozes da música brasileira entre elas: Elis Regina, Zizi Possi, Maria Rita e Renato Braz <https://www.youtube.com/@jeangarfunkeloficial>). Criador do Projeto Canto Livro de Música e Literatura com Joana Garfunkel (<https://www.youtube.com/@CantoLivro>) que sensibiliza e incentiva a leitura por meio de shows temáticos com grandes autores. Rosiano de carteirinha e grande entusiasta da Roda de Leitura. Chegou a criar, em parceria com seu irmão Paulo Garfunkel, uma sinopse cantada do romance *Grande sertão: veredas*.

Circunavegam o São Francisco  
eterno e velho  
Enquanto lemos e relemos  
de mãos dadas  
Com nossos remos  
Nos rendemos ao mistério

As veredas do sertão  
Desenredam nosso enredo  
Somos da seiva do chão  
Frutos do mesmo segredo  
Foi um tal chamado João  
Que enlaçou nosso destino  
No tear da imaginação  
Pra clarear a escuridão  
Botou os óculos no menino

# Haikais para “Buriti”

Rioco Kayano<sup>1</sup>

Sem sono nem tramela  
pio da coruja chiados  
sussurro na janela

Noite na cama  
dobra do lençol sob candeeiro  
neblina entre chama

Vulto em solilóquio  
ondas de estrelas no arame  
lufadas de murmúrio

Sua boca uma seda  
fruta sem toxina no capim  
brejo da vereda

---

<sup>1</sup> Trabalhou na área de Saúde Mental desenvolvendo atividades educativas, terapêuticas e grupais no Centro de Saúde-Escola do Butantã, da Faculdade de Medicina da USP. Após se aposentar dedica-se à arte da pintura e do bordado criando vários grupos de bordado e desenvolvendo oficinas de bordado em instituições e comunidades. Como integrante do grupo Teia de Aranha interage com várias ações e eventos culturais em São Paulo e Minas Gerais. Haikais feitos após a leitura a novela “Buriti”, de João Guimarães Rosa.

# Haikais para “Burrinho pedrês”

Rioco Kayano

Com baba o focinho  
Marca de coração no quarto  
Lengalenga do burrinho

Caduco o burro  
nas orelhas a aragem do perigo  
sem pressa nem urro

Rabo do burrinho  
qual corda no tumulto da enchente  
repouso num cantinho

Toada das águas  
rugido gorgolejo remoinho  
entre gritos e mágoas

# Haikais para a Roda de Leitura

Rioco Kayano

Roda de leitura  
mistura de sotaques e ritmos  
texto sem rasura

Na poeira do sertão  
encontro de sabores e saberes  
sarau com canção

Vôo de fada  
dia de viagem ao sertão  
vozes na roda



# Homenagem infinita em forma de versos

Susumu Yamaguchi<sup>1</sup>

Sobre o bordado de Nádia:

A riscar as tantas Rodas  
tanto atreves em tecê-las;  
redemunho em sete voltas,  
entre letras, te alça a estrelas.

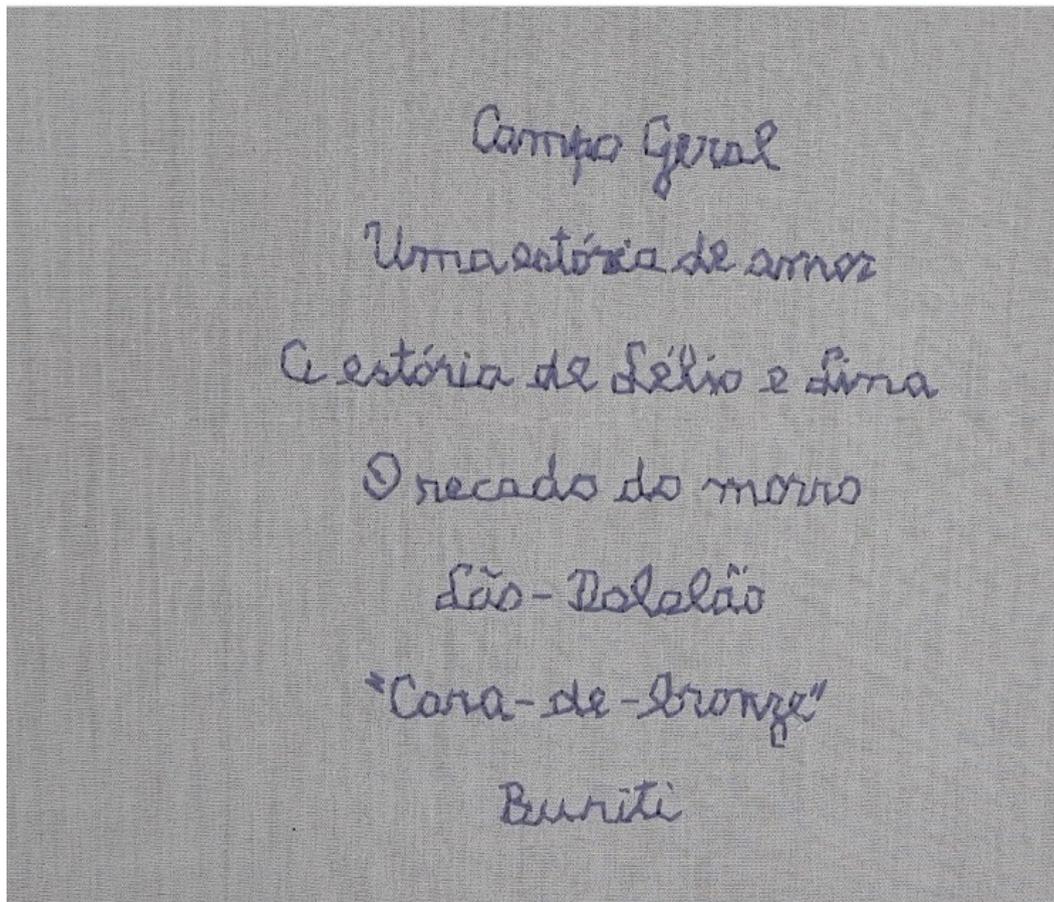


---

<sup>1</sup> Participante da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP desde agosto de 2020. Susumu, de maneira poética, quis demonstrar sua homenagem a todo o movimento coletivo para a escrita deste livro. E assim, com alguns nomes, homenageia a todas as pessoas (Nota dos organizadores).

Sobre os bordados de Cleisa:

Quem sereia na vereda,  
como a vir do além de fasto?  
Quem foi lá, abordar vida,  
e tecer seu fio tão gasto?



Sobre o texto belíssimo de Neli ao mencionar a Roda de Andrequicé:

Rezei só o primeiro terço,  
mas Neli me assoprou  
o rosário pleno que roda  
a Roda de Andrequicé,  
até ao seu mais derradeiro  
e tão mais dileto prato

Grato pelo belo trato,  
à palavra e ao afeto.

Por ocasião do aniversário de 60 anos de Elni em 25/05/2023:

Se outonas e frutificas  
na primavera em Paris,  
Senhora do Tempo Willms,  
teu tempo te quis feliz!

Para Mônica Meyer, após assistir sua palestra num vídeo<sup>2</sup>:

Natureza plena harmônica  
gesta Rosa em sopros éticos;  
alteRosa vige em Mônica,  
Criação em cantos mântricos.

---

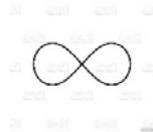
<sup>2</sup> “Giros Narrativos: Mônica Meyer fala sobre Guimarães Rosa - Instituto Rosa e Sertão”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UTQpAj-F4zY&feature=youtu.be> Acesso em: 14/9/2023.

Sobre a palavra, matéria-prima da Roda de Leitura:

Vale o escrito, reza aquela  
voz no verbo que a si cria;  
mas às letras não dei trela  
sem saber que as cantaria.

Sobre o mesmo e quase sempre tema, surgido ontem, 13/09/2013, após leitura de “A hora e vez de Augusto Matraga”:

Palavras que grassam  
em leituras de alegria,  
de afetos se engraçam.



## Organizadores

**Elni Elisa Willms** se constituiu professora nos diferentes níveis de ensino, a partir da formação em Pedagogia em 1984, na UFMT, onde também fez o mestrado em Educação, em 2000. Concluiu o doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, em 2013. Foi durante a estadia em São Paulo que conheceu a Roda de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP. Com a pandemia, através do formato online, pode voltar a participar da Roda, toda quarta-feira, das 17 às 19h do horário de Cuiabá-MT, cidade onde reside e atua como professora no curso de Pedagogia da UFMT e no PPGEDU da Universidade Federal de Rondonópolis.



Este livro organizado com Rogério de Almeida e Michel Riaudel é um dos frutos de seu estágio pós-doutoral, sob supervisão do professor Michel Riaudel, junto à Sorbonne Université, onde esteve como professora visitante vinculada ao CRIMIC (Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les mondes ibero americains et contemporains), de setembro de 2022 a julho de 2023, em Paris-França.

É mãe de dois filhos - Otávio e Augusto - e avó do Miguel e do Heitor.

**Rogério de Almeida** é Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Coordena o Lab\_Arte (Laboratório Experimental de Arte-Educação & Cultura) e o GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura). Atualmente é Chefe do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação (EDA) e Editor Colaborador da Revista Machado de Assis em Linha e atuou como Editor da Revista Educação e Pesquisa (FEUSP) (2017-2021). Bacharel em Letras (1997), Doutor em Educação (2005) e Livre-Docente em Cultura e Educação, todos os títulos pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutoramento na Universidade do Minho (2016). Trabalha com temas ligados a Cinema, Literatura, Filosofia da Educação e Imaginário.





**Michel Riaudel** é Titular da “agrégation” de Letras na França, fez doutorado em literatura comparada (Paris X) e é hoje professor responsável do departamento de estudos lusófonos e diretor da UFR de Estudos ibéricos e latino-americanos de Sorbonne Université. Membro do CRIMIC, publicou em 2017 um livro sobre os avatares históricos, míticos e literários da figura de Caramuru: *Caramuru, un héros brésilien entre mythe et histoire*, Paris, Petra, 2017 (2ª ed. revista). Com Laura de Mello e Souza, Cláudia Damasceno e Antonella Romano, coorganizou *Le Moment 1816 des sciences et des arts. Auguste de Saint-Hilaire, Ferdinand Denis et le Brésil*, Paris,

Sorbonne Université Presses, 2022. Sua pesquisa volta-se para a literatura brasileira, as circulações literárias, questões de intertextualidade, recepção, transferência, tradução e regimes de conhecimento. Traduziu também Ana Cristina Cesar, Modesto Carone, José Almino, Milton Hatoum, João Guimarães Rosa, entre outros autores.

Este livro utilizou as fontes tipográficas  
Crimson Text e DIN Next LT Pro,  
e foi terminado em setembro de 2023,  
em São Paulo.

*Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa*  
*IEB-USP – Livro I*, além de celebrar os 20 anos da Oficina, é uma obra que dialoga intensamente, de um lado, com a obra de Guimarães Rosa, e, de outro, com a própria dinâmica da Oficina, com as suas criações e recriações, como memórias desses viajantes que atravessaram a fina folha que nos separa do mundo rosiano, o seu sertão imaginário que vive como um pedaço de Brasil, entre tantos Brasis possíveis.

